

OFÍCIOS DE UMA MESTRA

Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e o campo da Comunicação



Organização

Clarice **Greco** • Richard **Romancini** • Ana Carolina Damboriarena **Escosteguy**

OFÍCIOS DE UMA MESTRA

Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e o campo da Comunicação

ORGANIZAÇÃO

Clarice Greco

Richard Romancini

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy



CONSELHO EDITORIAL DA INTERCOM

Presidente do Conselho

Juliano Domingues (Unicap)

Allysson Viana Martins (Unir)
Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS)
Ana Regina Barros Rego Leal (UFPI)
Ana Sílvia Lopes D. Médola (Unesp)
Antonio Carlos Hohlfeldt (PUCRS)
Bruno Guimarães Martins (UFMG)
Cicilia M. Krohling Peruzzo (Uerj)
Dario Brito Rocha Júnior (Unicap)
Erick Felinto de Oliveira (Uerj)
Fernando Oliveira Paulino (UnB)
Iluska M. da Silva Coutinho (UFJF)
Joaquim Paulo Serra (UBI, Por.)
Laura Loguercio Cânepa (Unip)
Luiz Claudio Martino (UnB)
Margarida M. Krohling Kunsch (USP)
Margarita Ledo Andión (USC, Gal.)
Maria Ataíde Malcher (UFPA)
Maria Cristina Gobbi (Unesp)
Maria Érica de Oliveira Lima (UFC)
Maria Immacolata V. de Lopes (USP)
Marialva Carlos Barbosa (UFRJ)
Nair Prata Moreira Martins (Ufop)
Nélia Rodrigues Del Bianco (UnB)
Pablo Moreno Fernandes (PUC Minas)
Patrícia Gonçalves Saldanha (UFF)
Pedro Gilberto Gomes (Unisinós)
Raquel Paiva de A. Soares (UFRJ)
Raúl Fuentes Navarro (Iteso, Mex)
Roseli Fígaro Paulino (USP)
Sandra L. A. de Assis Reimão (USP)
Sérgio Augusto S. Mattos (UFRB)
Sônia Caldas Pessoa (UFMG)
Vanessa Cardozo Brandão (UFMG)

DIRETORIA EXECUTIVA INTERCOM 2023–2027

Presidente

Juliano Domingues

Vice-Presidente

Ariane Carla Pereira

Diretora Financeira

Daniela Cristiane Ota

Diretor Administrativo

Fernando Ferreira de Almeida

Diretora Editorial

Nara Lya Cabral Scabin

Diretor de Relações Internacionais

Eneus T. Barreto Filho

Diretora Cultural

Márcia Guena dos Santos

Diretora de Documentação

Ivanise Hilbig de Andrade

Diretor de Projetos

Paulo Victor Purificação Melo

Diretora Científica

Iluska Maria da Silva Coutinho

Diretor Regional Norte

José Tarcísio S. Oliveira Filho

Diretora Regional Nordeste

Michelly Santos de Carvalho

Diretor Regional Centro-Oeste

Luân José Vaz Chagas

Diretora Regional Sul

Camila Garcia Kieling

OFÍCIOS DE UMA MESTRA

Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e o campo da Comunicação

ORGANIZAÇÃO

Clarice Greco

Richard Romancini

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy



Ofícios de uma mestra:

Maria Immacolata Vassallo de Lopes e o campo da Comunicação

ORGANIZAÇÃO

Clarice Greco

Richard Romancini

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Nara Lya Cabral Scabin

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Jota Bosco

CAPA

Luciano Guimarães

FOTO DA CAPA

Frame do vídeo “CCA 50 Anos – Entrevista Profa. Maria Immacolata Vassallo de Lopes” (Labidecom-ECA, produção de Kelly Sinhorini, imagem de João Carlos Megale)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ofícios de uma mestra [livro eletrônico] : Maria Immacolata Vassallo de Lopes e o campo da comunicação / organização Clarice Greco, Richard Romancini, Ana Carolina Damboriarena Escosteguy. -- São Paulo : Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2025.
PDF

Vários autores.

ISBN 978-85-8208-147-1

1. Comunicação - Pesquisa 2. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de 3. Pesquisadores - Brasil - Biografia 4. Professoras universitárias - Brasil - Biografia I. Greco, Clarice. II. Romancini, Richard. III. Escosteguy, Ana Carolina Damboriarena.

25-301081.0

CDD-302.2092

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesquisadores : Comunicação : Biografia e obra
302.2092

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Sumário

Prefácio: Sobre força, intelectualidade e estilo	12
<i>Clotilde Perez</i>	
Notas sobre a organização	24
Apresentação	26
Entre telas e teorias: a narrativa de uma imigrante na América Latina	28
<i>Clarice Greco</i>	
Um testemunho de reconhecimento	37
<i>Adilson Citelli</i>	
Maria Immacolata Vassallo de Lopes y los estudios de comunicación en América Latina	39
<i>Raúl Fuentes Navarro</i>	
I – O ofício epistemológico	52
Maria Immacolata e a formação do campo da Comunicação no Brasil	54
<i>Vera Veiga França</i>	
Trajetórias transmetodológicas de confluência epistemológica: aventuras investigativas no contexto latino-americano	65
<i>A. Efendy Maldonado G.</i>	
Epistemologia na pesquisa em comunicação de massa: sobre <i>O rádio dos pobres</i>	76
<i>Francisco Rüdiger</i>	
Maria Immacolata e o diálogo com Martín-Barbero	82
<i>Nilda Jacks e Veneza Mayora Ronsini</i>	
Uma intelectual pesquisadora	92
<i>Juremir Machado da Silva</i>	
Immacolata, para além do Lattes	100
<i>José Luiz Braga</i>	

II - O ofício investigativo	106
De “narrativa sobre a nação” a “narrativa da nação”: a consolidação dos estudos de telenovela no Brasil <i>Clarice Greco e Lucas Martins Néia</i>	108
Estudos de recepção da telenovela em Portugal: o papel de Maria Immacolata Vassallo de Lopes <i>Isabel Ferin e Fernanda Castilho</i>	123
Contribuições metodológicas à pesquisa de recepção: a experiência e os aprendizados do projeto “Recepção de telenovela: uma exploração metodológica” <i>Jiani Adriana Bonin</i>	141
Internationalizing Brazilian media and communication research <i>Thomas Tufte</i>	154
Abram alas! Ela vai renovar o campo de estudos da telenovela no Brasil <i>Maria Carmen Jacob de Souza</i>	156
Memories of Immacolata <i>Joseph D. Straubhaar</i>	159
III – O ofício pedagógico	162
A mestra de gerações: esboço de estudo sobre um legado pedagógico <i>Richard Romancini</i>	164
As travessias na pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP: o protagonismo de Maria Immacolata <i>Roseli Figaro e Maria Cristina Palma Mungioli</i>	185
Carta de uma orientanda <i>Ana Carolina Damboriarena Escosteguy</i>	191
Lembranças do campo metodológico <i>Christa Berger</i>	199
Uma caminhada empolgante <i>Cláudia Peixoto de Moura</i>	201

Narradora de uma nação de pesquisadores <i>João Alfredo Alineri Ramos, Marcel Antonio Verrumo e Renata Pinheiro Loyola</i>	203
IV – O ofício da pesquisa em rede	208
Cultivando heranças e deixando legados: a dedicação à Intercom <i>Francisco de Assis</i>	210
O legado da Rede OBITEL Brasil para o campo de estudos da ficção televisiva brasileira <i>Ana Paula Goulart Ribeiro, Gabriela Borges e Rogério Ferraraz</i>	224
O Centro de Estudos de Telenovela (CETVN) <i>Ligia Prezja Lemos</i>	233
A televisão em rede como fenómeno transnacional: o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva <i>Catarina Burnay</i>	244
A Matriz <i>Luciano Guimarães e Wagner Souza e Silva</i>	248
Tribute to Immacolata <i>Milly Buonanno</i>	256
El trabajo desde y sobre la Comunicación en América Latina <i>Guillermo Orozco Gómez</i>	258
Guerreiras de tantas jornadas <i>Margarida M. Krohling Kunsch</i>	260
Sobre autoras e autores	270

IM
MA
CO
LA
TA



Prefácio:

Sobre força, intelectualidade e estilo

Clotilde Perez

Normalmente um prefácio é um texto conciso que pretende apresentar o conteúdo de uma obra literária. Traz o contexto em que a obra surge, a biografia do autor, apresenta os objetivos e analisa os processos criativos ou metodológicos explorados nos conteúdos que a obra contém.

Nesse sentido, o contexto do livro intitulado *Ofícios de uma mestra: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e o campo da Comunicação* marca a celebração dos 80 anos da professora e pesquisadora Maria Immacolata Vassallo de Lopes, momento de festa e reflexão sobre os caminhos percorridos e as inspirações que ela traz para o futuro. A biografia da autora é reveladora de uma trajetória dedicada ao ensino na graduação e na pós-graduação, às orientações de iniciação científica, mestrados e doutorados, supervisão de pós-doutorados, editoria de revista científica e tantas outras dimensões da sua atuação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, por mais de cinco décadas. Pesquisadora da Comunicação, com ênfase na epistemologia, na construção do campo e na metodologia da pesquisa, é figura proeminente nas políticas científicas e uma empreendedora institucional incansável. Das agências de avaliação e fomento, como CAPES, FAPESP e CNPq, às entidades científicas, como Intercom, Compós, Ibercom e Socicom, Immacolata participou da gestão, contribuiu com a criação e atuou com toda a dedicação de uma professora-pesquisadora-gestora-inovadora comprometida com a formação de pesquisadores e profissionais da Comunicação implicados com a sociedade, com a melhoria da vida de todos, com o Brasil, com a América Latina e com o mundo. Aliás, ainda me lembro de uma pergunta sua em uma qualificação de um orientando meu: “Você deve sempre se perguntar: como a pesquisa que você está fazendo contribui com o seu país”. Este pequeno exemplo diz muito sobre seu envolvimento como pesquisadora e professora que faz a diferença na vida de muitos, guiada por fins coletivos e públicos.

Já o conteúdo de cada texto que integra este livro é a expressão máxima do que chamo de uma vida com sentido. Cada um dos autores, ex-

-alunos, professores e pesquisadores brasileiros e estrangeiros, percorrem a trajetória de Immacolata revelando momentos memoráveis e conquistas importantes, como o livro *Pesquisa em Comunicação* (1990, 1ª edição), leitura obrigatória para todos os cursos de Comunicação e para os pesquisadores; a criação da rede de pesquisa Obitel – Observatório Latino-americano de Ficção Televisiva, em 2005, que integra mais de 100 pesquisadores em 12 países; a vinda de Jesús Martín-Barbero como professor visitante em 2008 à ECA-USP; a sua diretoria científica e posteriormente a presidência da Intercom, responsável que foi pela internacionalização da pesquisa com a criação dos colóquios internacionais, fazendo o Brasil e os pesquisadores brasileiros tornarem-se produtores de conhecimento em diálogo com outros países, sem submissão; as premiações e homenagens recebidas no Brasil e no exterior. Mas o que mais chama a atenção são os aspectos particulares, os relatos pessoais, as memórias de diferentes tempos vividos com Immacolata. E sobre momentos especiais quero destacar alguns muito presentes na minha memória e, por isso, na minha vida.

Começo minha trajetória na Escola de Comunicações e Artes da USP em setembro de 2002, com a disciplina de Planejamento Publicitário, no curso de Publicidade. Com doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC SP, apresento meu plano de trabalho e pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – PPGCom, já em 2003, sendo aceito de imediato. E, para a minha surpresa, fui convidada para participar do seminário idealizado pela Immacolata, então coordenadora, para apresentar e discutir a nova estrutura do programa, repensada após o rebaixamento da nota e da avalanche de críticas feitas pelo então coordenador da área de Comunicação e Informação na CAPES, algumas pertinentes e tantas outras absolutamente descabidas, mas que foram interpretadas com a competência de uma gestora-pesquisadora-uspiana, para a nossa salvação. Me lembro de que um dos aspectos apontados como críticos era a endogenia na formação dos docentes, o que de fato era excessivo, ainda que compreensível, sendo o PPGCom o primeiro programa de pós-graduação em Comunicação do país e da América Latina. Eu, formada na PUC SP, passei a ter um reconhecimento adicional, ainda que minha base epistêmica e teórica não estivesse alinhada ao predomínio sociológico dos docentes e das linhas de pesquisa do PPGCom; fui a primeira professora de semiótica peirceana da ECA-USP, o que me traz imenso orgulho. Immacolata não apenas aceitou minha pesquisa e minha proposta de disciplina, como valorizou a inserção

de uma nova perspectiva teórica no programa, mostra de sua capacidade visionária de construir e reconhecer novos e bons caminhos para o avanço da pesquisa, sem preconceitos. Mas a minha memória deste momento me leva ao contexto em que Immacolata assume a missão da reestruturação do programa. Com 103 docentes, cada um com sua disciplina, linhas de pesquisa e grupos completamente desagregados, produção científica com características incompatíveis com o entendimento da CAPES, era necessária uma ação drástica de gestão acadêmica e científica. E Immacolata não se eximiu. Fez o que deveria ser feito, mediante o estabelecimento de critérios à luz das recomendações da área de avaliação da CAPES. Transformou linhas de pesquisa, agregou os grupos e suas produções, estabelecendo um novo PP-GCom, agora com 33 professores produtivos e dispostos ao desafio de levar adiante o legado do primeiro programa de pós-graduação em Comunicação, buscando conexões também com o futuro do campo. Aí está a imensa força de Immacolata. Ninguém senão ela teria feito o que era necessário para salvar o programa e dar a ele a possibilidade de um novo caminho, sabendo das pesadas consequências pessoais e institucionais. Se temos hoje um PPGCom forte, protagonista e comprometido com a pesquisa consequente e inovadora, devemos muito, muito mesmo, quicá tudo, à Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

Outro momento fixado na minha memória e que encontra ecos anteriores, aconteceu durante o congresso da Compós, realizado em Niterói, em junho de 2024. Eu, participante do GT Consumos e Processos de Comunicação, e Immacolata, participante do GT Estudos de Televisão. Como viajamos juntas e estávamos no mesmo hotel, combinamos de nos encontrar ao final das atividades do congresso, na companhia do Bruno Pompeu. Eu, saindo do meu GT, me dirigi à sala do GT de Estudos de Televisão e espiei pela janela, para saber se as atividades estavam finalizando, e a cena foi notável: Immacolata estava lá, sentada, atenta, com textos nas mãos, anotando suas reflexões, comentários, talvez dúvidas... A cena me marcou muito porque era a repetição do que já havia visto dezenas de outras vezes em congressos da Compós, Intercom, Ibercom, Seminários Procad, Midiaticom etc.etc. Immacolata, uma mulher que tem tanto a dizer, estava ali, diante de um coletivo de pesquisadores, todos muito mais jovens e inexperientes, e ela, humildemente anotando, na posição, como dizia Rubem Alves, de quem, de repente, aprende. Immacolata, já com seus quase 80 anos, professora titular aposentada da USP, com uma carreira consolidada e reconhecida, assume uma

postura de profundo respeito diante do outro e da certeza da transitoriedade e da infinidade do conhecimento, posto que, assim como nós, é falível. Me veio à memória uma conversa que tivemos em um descontraído almoço no Sweden em que ela se lembrava da infância, quando chegou ao Brasil, e dos primeiros momentos na escola; uma posição sempre verde, como diria Gilberto Freyre, experimental, aberta ao aprendizado constante; uma cena-memória construída e reconstruída em uma elipse reveladora da menina imigrante que insiste em se manter humilde diante do conhecimento, ativa diante da vida. Neste momento, desejei ser Immacolata, ainda desejo.

Se a força é uma identidade marcante, a dedicação à vida intelectual, incluindo o rigor da pesquisa, é outra característica. Todos os meus orientandos assistem e participam ativamente da disciplina Metodologia da Pesquisa em Comunicação, oferecida anualmente pela Immacolata, no PPG-Com, e ali eles vivenciam a determinação da professora-pesquisadora na compreensão da pesquisa, do lugar do pesquisador, das relações teoria-método-técnica, dos paradigmas científicos, enfim, aprendem o que é estar na pós-graduação, fazer pesquisa bem-feita e com significados valorosos, sem rodeios. Em meio a histórias memoráveis sempre saborosas de tempos vividos cursando a disciplina, vez por outra revividas em contextos de descontração, os alunos aprendem sobre as dificuldades e potencialidades do campo da Comunicação, da Universidade e do país, certamente, um contexto que exige força, dedicação e abertura. Não é para os fracos. Ser aluno da Immacolata na pós-graduação é inesquecível, quer pelo conteúdo determinante das melhores reflexões, quer pela forma expressiva e contundente de suas aulas e reflexões. Felizmente, um privilégio de muitos.

Immacolata é uma uspiana raiz. E o que isso significa? Significa que é professora-pesquisadora da Comunicação, comprometida com o ensino e a pesquisa com fins públicos, conectada com o Brasil, de renome internacional, consciente desse lugar privilegiado, mas juntamente com isso, que já é muito, é uma intelectual e, como tal, capaz de nos oferecer uma percepção sofisticada da realidade nos projetando ao futuro, observando características e tensões, mas, principalmente, identificando as brechas, forçando as aberturas ou construindo as nesgas, por onde podemos criar, atuar e transformar. Immacolata, uma uspiana raiz, que emociona e nos inspira. E é bom que se diga, fez tudo isso sendo mulher, mãe, dona de casa, inclusive no exterior, durante seu pós-doutorado na Itália.

Mulher-mãe-professora-pesquisadora-intelectual e, faltou dizer, fashionista! Immacolata tem um estilo próprio muito especial. Gosta de moda, incluindo bolsas – sempre grandes – e acessórios impactantes que combinam com sua presença imanente. Usa brilhos, dourados e prateados sem pudores ou minimalismos. Brinca com cores, formas e estampas, imprimindo alegria, feminilidade e elegância. Cabelo impecavelmente bem arrumado, motivo de muitas inquietações entre os alunos, principalmente aqueles que vão para os congressos e esperam vê-lo desarrumado em uma conferência matinal, o que nunca acontece. Immacolata imprime uma forte identidade estético-intelectual, contrariando qualquer crença de que o descuido com a aparência é sinal de intelectualidade. Sofisticação intelectual com estilo é muito melhor.

Neste momento, quero agradecer aos colegas Clarice Greco, Richard Romancini e Ana Carolina Damboriarena Escosteguy pela ideia, pela organização deste livro-homenagem e pelo honroso convite para prefaciá-lo. E a cada autor, pois foi um prazer ler seus textos, escritos com generosidade, reconhecimento e compromisso. Me junto a vocês para celebrar os 80 anos da querida Immacolata, desta mulher que mistura escuta atenta e disposição permanente ao debate, maestria no ensino e humildade na aprendizagem, força da imigrante italiana mais brasileira que muitas e leveza de quem não precisa provar nada, apenas seguir sendo. Parabéns, Immacolata! Você, você sabe, tem minha profunda admiração e sempre minha gratidão pela amizade partilhada.



Immacolata com Jesús Martín-Barbero durante sua estada como professor visitante no PPGCom ECA USP, em 2008, a seu convite. Foto de Boris Kossoy, gentilmente cedida para esta obra.



Aula de Jesús Martín-Barbero a um grupo de docentes do PPGCom ECA USP, em 2008 (Immacolata ao lado de JMB e na sequência: Vinicius Romanini, Irene Machado, Maria Aparecida Baccega, Beth Saad, Rosana Lima, Ferdinando Martins, Cristina Mungioli, Roseli Fígaro, Waldomiro Vergueiro e Ismar Soares). Foto de Boris Kossoy, gentilmente cedida para esta obra.



Mesa de abertura do 13º. Congresso Ibercom, com Immacolata, então presidente da entidade e Carlos Scolari, Universitat Pompeu Fabra, em Santiago de Compostela, Espanha, 2013. Fotos de Bruno Pompeu.



Immacolata com Carlos
Scolari e Guilherme Orozco
Gómez, durante 13º.
Congresso Ibercom, Santiago
de Compostela, Espanha,
2013. Foto de Bruno Pompeu.



Clotilde Perez, Eneus
Trindade e Immacolata
durante banca de doutorado
de Bruno Pompeu, PPGCom
ECA USP, 2013.





Immacolata durante conferência de abertura do II Seminário Procad CAPES USP/UFRN/UFMS, na UFRN, Natal, 2019



Participantes do II Seminário Procad CAPES, na UFRN, Natal 2019. Immacolata ao centro.



Eneus Trindade, Immacolata, Clotilde Perez, Adilson Citelli, Margarida Kunsch e Bruno Pompeu, durante congresso Ibercom, outubro de 2022, na cidade do Porto, Portugal.



Homenagem da coordenação do PPGCom aos coordenadores anteriores Eneus Trindade, Immacolata e Roseli Fígaro, durante a 32ª. Compós, realizada na ECA USP, em 2023.



Discurso da Immacolata por ocasião da Homenagem recebida da Asociación Española de Investigación en Comunicación – AEIC, como Personalidad Latinoamericana de Comunicación, durante o IX Congresso, realizado em Murcia, Espanha.

Foto: Clotilde Perez



Com Maria Ogécia Drigo, coordenadora do PPG em Comunicação da Uniso, Pedro Hellín, decano da Universidad de Murcia, Maria Immacolatta e Clotilde Perez, durante homenagem da IAEC. Foto 11: Immacolata recebendo a homenagem pelas mãos de Rosa Franquet, presidente da IAEC e docente da Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha. Foto: Clotilde Perez



Immacolata com a medalha Signo Latino, concedida pela FELS – Federación Latino-americana de Semiótica, durante seu X congresso realizado na ECA USP, 1º a 4 de julho de 2024. Honraria destinada aos pesquisadores latino-americanos de destaque.
Foto: Rafael Orlandini.



Bruno Pompeu, Clotilde Perez e Immacolata, durante 33º. Congresso Compós, em Niterói, junho de 2024.

Notas sobre a organização

Clarice Greco

Richard Romancini

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy

Esta obra consolida um projeto de homenagem a Maria Immacolata Vassallo de Lopes, no marco de seu octogésimo aniversário. A rede de trabalho e afetos que a possibilitou teve início com a equipe de organização, composta por duas ex-orientandas (ambas de mestrado e doutorado) e um ex-orientando (de doutorado) de diferentes gerações da homenageada. A ideia logo teve a acolhida da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), para a edição do trabalho, e de mais de 30 pesquisadoras e pesquisadores. A adesão significativa de tantas pessoas, a quem expressamos nosso profundo agradecimento, de diferentes instituições nacionais e internacionais atesta, por si só, a relevância de Immacolata.

A organização do volume a partir de diferentes “ofícios” foi uma opção para abarcar a trajetória multifacetada e dinâmica da homenageada. Desse modo, após a Apresentação, que destaca aspectos biográficos e contribuições gerais ao campo da Comunicação, no Brasil e na América Latina, seguem-se seções, compostas por textos sobre os ofícios epistemológico, investigativo, pedagógico e de pesquisa em rede desenvolvidos por Immacolata. Cada seção mescla textos de reflexão teórica sobre o pensamento de Immacolata, relatos de memórias sobre redes e grupos liderados por ela e depoimentos pessoais que constataam a convivência e admiração de quem a acompanhou.

Essas dimensões não são estanques e se articulam em circunstâncias e contextos distintos, como os próprios textos indicam, compondo a rica e complexa personalidade acadêmica da mestra Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Tal vitalidade e inquietude incessante incluem rigor, firmeza e afeto, sem abrir mão da crítica. É isso que conforma uma mestra de obras que, além do gosto pela construção – do campo da Comunicação (Parte I), de pesquisas (Parte II), do magistério (Parte III) e de coletividades (Parte IV) – também cultiva o gosto pela desconstrução, porém, sempre para reconstruir, com um horizonte no futuro.



A
PRE
SEN
TA
ÇÃO



Apresentação

Entre telas e teorias: a narrativa de uma imigrante na América Latina¹

Clarice Greco

Maria Immacolata Vassallo de Lopes nasceu na Itália, na pequena cidade de Laurito, na região de Campania e província de Salerno. Foi uma criança dinâmica, puxava a reza em latim na igreja e na escola era convidada pela professora a auxiliar na classe, em estratégia pela qual a professora tenta conter a bagunça com ajuda da aluna mais levada.

Por ocasião do pós-guerra, seu pai Francesco, que havia prestado serviço militar na Etiópia, imigrou para o Brasil quando ainda era recém-nascida. Após a instalação de Francesco em São Paulo, ele fez o chamado ato de *chiamata* para a vinda de sua esposa, Caterina, e seus três filhos, dos quais Immacolata era caçula. Inicia-se então o processo de imigração, que Immacolata chama de primeiro grande marco da sua vida.

A família Vassallo chegou ao Brasil em 1952, mas a euforia da criança de sete anos de idade não foi prontamente compartilhada por toda sua família, que levou mais tempo para adaptação. Pela pouca idade, interessava-se pelas novidades e teve de ser realfabetizada, o que, segundo ela, a fez perder o sotaque. Instalaram-se na Bela Vista, na região hoje conhecida como Bixiga, famosa pela colônia italiana que lá se formou.

De um sobrado na Rua Major Diogo, Immacolata teve seu primeiro contato com o universo da cultura e do audiovisual, quando assistia a gravações de filmes do Mazzaropi nessa rua, que era também onde ficava o Teatro Brasileiro de Comédia. Mais tarde, quando foi morar na Rua dos Ingleses, teve como vizinhos o Teatro Ruth Escobar e o Teatro Oficina. Quando fazia o secundário e depois a USP da Maria Antônia, frequentou o cine Bijou, onde conheceu obras de Bergman e Fellini. A televisão, que futuramente se tornaria um dos seus principais objetos de estudo, era

¹ Versão reduzida e adaptada deste texto será publicada em Jacks, Nilda; Sifuentes, Lirian; Libardi, Guilherme. *Mulheres na Comunicação: região Sudeste*. Ed. Friedrich Ebert Stiftung. FÊS Comunicacón. (no prelo).

ainda vista com ressalvas durante sua juventude (especialmente quando do início da formação intelectual frankfurtiana), mas a exibição da tele-novela *Redenção* na sala de casa não passava despercebida.

Cursou o secundário no Colégio Frederico Ozanan, que então ficava na Praça Roosevelt – instituição na qual, anos mais tarde e em outro endereço, Immacolata lecionou suas primeiras aulas de sociologia. Ela foi também a primeira da família a obter um diploma universitário – considerado por ela o segundo grande marco de sua vida. Fez cursinho no bairro da Liberdade, período ao qual atribui o início de seu círculo de amizades e de ‘tomada de consciência’ para uma mentalidade progressista. Formou-se em Ciências Sociais na FFLCH-USP, que ficava na Rua Maria Antônia. Durante o curso, foi muitas vezes para a faculdade em um fusca verde claro, o primeiro carro da família, comprado por seu irmão, e que foi levado à igreja para ser abençoado porque símbolo de melhoria de vida. Talvez os trajetos no carro abençoado tenham colaborado para bendizer também sua trajetória acadêmica.

O terceiro marco de sua trajetória pessoal e profissional se deu quando, já cursando Ciências Sociais na USP, Immacolata se depara com o dilema da escolha profissional. Frente à necessidade de um emprego fixo para ajudar a família, ela encara a pressão por decidir se seguiria dando aulas esporádicas ou em emprego estável num banco, com chances de progressão de carreira. Para a fortuna do campo acadêmico, ela opta pela continuidade na atuação como professora de sociologia no Colégio Frederico Ozanan, que então se situava na Rua Augusta. A escolha foi profícua. Ainda que fosse mais nova que muitos alunos – em maioria homens – ela lecionou aulas críticas em plena ditadura, criou um cine-clube com projeção de filmes alugados seguido de debates, e conheceu o professor de filosofia, também da USP, e que se tornaria seu marido, João Aloisio Lopes, com quem teria duas filhas: Maira e Nadia.

Immacolata e João Aloisio, além da parceria pessoal, tiveram atuações profissionais alinhadas. Recém-casados, moraram por pouco tempo em Itu para dar aulas, antes de arriscarem investimento em uma boutique na badalada Rua Augusta e em uma fábrica de roupas (na qual Immacolata se arriscou até como estilista!). Posteriormente, retornaram à USP para pós-graduação e docência, onde se fixaram.

Da sociologia à comunicação: trajetória acadêmica e intelectual

A inserção de Immacolata na Comunicação se inicia pelo mestrado. Após se formar em Ciências Sociais, o plano era seguir com a pós-graduação em sociologia, com orientação de Octavio Ianni, com quem mantinha bom diálogo teórico, especialmente no interesse por questões de classe e na abordagem de Gramsci. No entanto, Ianni fez parte do grupo de professores que foram demitidos compulsoriamente do Departamento de Sociologia nos anos 1970, pela ditadura militar. Com a saída de seus principais mestres da FFLCH, Immacolata vai para a Escola de Comunicação e Artes, estimulada pelo gosto adquirido pela disciplina de sociologia da comunicação, que havia cursado com Gabriel Cohn.

Na ECA, Immacolata desenvolveu seu mestrado sob orientação de Nelly de Camargo. Seu interesse inicial já era pela televisão – ou melhor, por aquilo que fosse popular. O objeto de pesquisa mudou quando, além de notar a dificuldade de acesso a materiais para análise, como videotapes, Immacolata ouve de Ruth Cardoso, em um curso, que seria impossível falar sobre TV no Brasil sem antes estudar o rádio. Surge, assim, a pesquisa de mestrado que gerou sua obra *O Rádio dos Pobres. Comunicação de Massa, Ideologia e Marginalidade Social*, defendida em 1983 e publicada pela editora Loyola em 1988 (LOPES, 1988).

Na pesquisa, Immacolata aponta os preconceitos e as distinções de classe que acometem o rádio enquanto meio de comunicação de massa. A “rádio dos pobres” seria nada mais do que a rádio que entretém, que ‘distrai’, que diverte. O termo é colocado em oposição a uma suposta “rádio dos ricos”, que deveria informar e gerar conhecimento. A perspectiva de ruptura que Immacolata traz sobre o entretenimento popular se associa à sua própria experiência, de uma família imigrante italiana que se fascinou pelo rádio, pela música e pela radionovela. Esta última seria o pontapé inicial para o longo apreço que sustenta pela dramaturgia e pelas telenovelas até hoje.

Após o mestrado, seguiu para o doutorado, também na ECA, sob orientação de Sarah Chucid da Viá, especialista em metodologia quantitativa. O projeto inicial propunha desenvolver uma metainvestigação

por meio do levantamento das teses e dissertações sobre o popular defendidas na ECA. No entanto, por razões de volume de material e de anonimato dos autores das pesquisas, Immacolata optou apresentar como tese o modelo metodológico criado para e usado na desconstrução dos trabalhos. O resultado é um dos livros mais utilizados no campo da comunicação: *Pesquisa em Comunicação*, lançado em 1990 pela editora Loyola (LOPES, 1990). Derivado de sua tese de doutorado defendida em 1988, seu modelo metodológico se tornou bibliografia básica em disciplinas de metodologia em universidades de todos os estados do Brasil, chegando à sua 12ª edição em 2014.

Seguindo o percurso da metodologia, Immacolata passa a integrar um grupo de pesquisa que se dedicava a mapear alunos egressos dos cursos de comunicação social, ainda com dados quantitativos. A pesquisa, de alcance nacional, propôs modelo metodológico de categorização e base de dados do mercado de trabalho da comunicação, e se tornou sua tese de Livre Docência, concluída em 1998 e intitulada *Mercado de Trabalho dos Egressos dos Cursos de Comunicação Social no Brasil*.

Paralelamente, Immacolata, que nunca se afastou de seu interesse pelo popular, começa a se aproximar dos estudos de televisão e da telenovela. Esses estudos na ECA, conforme Immacolata já contou em diversas entrevistas, resultaram da gestão de José Marques de Melo como diretor, que marcou época como um grande incentivador intelectual de objetos empíricos “periféricos” ou pouco usuais, como telenovela e quadrinhos. O primeiro grande estudo sobre telenovela foi chamado “projeto” e tinha coordenação geral de Maria Aparecida Baccega, com quem Immacolata manteve grande amizade e parceria intelectual. Na equipe estava Ana Maria Fadul, que foi a primeira coordenadora do Núcleo de Estudos de Telenovela – NPTN – e que mais tarde mudaria para CETVN – Centro de Estudos de Telenovela – e teria Immacolata como coordenadora.

Porém, a adoção da telenovela como objeto de estudo pela vida afora veio por meio do que Martín-Barbero chamou de “calafrio epistemológico”, que provoca ruptura da cognição a partir do afeto – no caso, advindo de sua identificação e encantamento pela cultura popular. Tal calafrio se une à convocação do próprio Martín-Barbero para que os pesquisadores

latino-americanos estudassem seu principal produto cultural: a telenovela. Dessa convocação, surge outra produção que certamente se insere entre as mais importantes contribuições para o campo dos estudos de recepção na comunicação: o livro *Vivendo com a Telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*, de 2002 (LOPES, 2002).

Essa pesquisa interdisciplinar e interinstitucional foi desenvolvida com Silvia Borelli (PUC-SP) e Vera da Rocha Resende (UNESP), além de outros pesquisadores parceiros, pós-graduandos e estudantes de graduação. O grupo acompanhou quatro famílias de diferentes estratos sociais na assistência da telenovela *A Indomada* (Globo, 1997). A vivência etnográfica no espaço doméstico foi, segundo Immacolata, uma novidade metodológica e um pioneirismo nas pesquisas em comunicação. O projeto foi, também, o primeiro encontro de vários objetos de seu afeto, por unir o popular, a telenovela, as mediações de Martín-Barbero, a América Latina, a recepção e a experimentação metodológica.

Desde então, a telenovela passa a ser um dos objetos que nunca mais saíam do escopo de pesquisas de Immacolata, assim como a epistemologia. Suas pesquisas não mais se desvincilharam desse binômio com o qual celebrou inúmeras conquistas e superou obstáculos. Um desses foi o incêndio que atingiu a ECA, em 2001, que eliminou grande parte do acervo sobre teledramaturgia reunido ao longo de anos. Sem mídias digitais para propagar o clamor, foi lançada uma campanha “SOS Telenovela” para angariar materiais para recompor um novo acervo. A resposta da população ao bem-amado produto foi massiva e emocionante.

Assim, entre desafios e esforços, a menina que escrevia intensivamente cartas que cruzavam o oceano para chegar aos familiares italianos se tornou autora de mais de 200 textos acadêmicos (entre artigos e capítulos de livro), além de quase 80 livros organizados. Entre suas proposições conceituais mais relevantes estão a telenovela como *narrativa da nação* (LOPES, 2003) – noção pela qual evidenciou como a telenovela, ao acionar mecanismos de conversação, de compartilhamento e de participação promove um imaginário e identidade nacionais – e a telenovela como *recurso comunicativo* (LOPES, 2009), por sua capacidade de fomentar a discussão de temáticas sociais e alavancar ações concretas na realidade cultural, social e política.

Uma pesquisadora dedicada ao coletivo: articulações e redes

Por meio da ficção televisiva (assim chamada por englobar também séries, minisséries e outros formatos televisivos ficcionais), Immacolata conseguiu reunir inúmeros pesquisadores em diálogos nacionais e internacionais, especialmente a partir da criação do Observatório Iberoamericano de Ficção Televisiva, o OBITEL. O Observatório deriva de seu pós-doutorado na Universidade de Florença, Itália, onde foi buscar inspiração no grupo de pesquisa Eurofiction, coordenado por Milly Buonanno.

A rede internacional OBITEL merece destaque por muitos aspectos, mas vale iniciar com uma reverência à sua consistência teórico-metodológica. Além do processo de monitoramento anual de formatos de ficção televisiva, a rede produziu trocas teóricas e inferências analíticas por mais de 15 anos entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Tendo como base um protocolo metodológico unificado, os diversos grupos ibero-americanos mantêm o alinhamento intelectual e o rigor nos métodos de pesquisa. Depois da criação do Observatório, em 2005, Immacolata fundou a rede OBITEL BRASIL, braço nacional do OBITEL cujos membros pesquisam, em projetos bienais, uma temática conjunta sobre ficção televisiva brasileira. As duas redes publicaram mais de 20 livros até o momento – 16 da rede internacional, com pesquisadores de países da América Latina, além de Estados Unidos (hispânico), Portugal e Espanha e 07 da rede nacional, com grupos de pesquisa de universidades brasileiras, das diferentes regiões.

A coordenação de Immacolata – aqui, peço licença para trazer percepções pessoais, como alguém que a acompanhou por 10 anos – é fortemente pautada no estímulo ao pensamento inovador, crítico, original e criterioso. Isso conduz a outro ponto de destaque: a permanente vigília a temas correntes e instigantes. A atenção aos acontecimentos de destaque, de rupturas ou novidades tecnológicas, sociais ou teóricas é uma marca latente em Immacolata. A cada ano, o Anuário OBITEL traz dados sobre o panorama da ficção televisiva iberoamericana e aponta para temáticas que chamam atenção, por meio do ‘tema do ano’. Igualmente, a cada biênio, a rede OBITEL BRASIL produz pesquisas com olhar sobre temas atuais e emergentes no audiovisual nacional. Por fim, destaca-se no OBITEL uma característica importante e não tão comum: o diálogo entre o campo acadêmico e o mercado audiovisu-

al. Por meio das parcerias com a Kantar Ibope Media e com a Globo, a rede rompeu fronteiras necessárias ao avanço não só da pesquisa em comunicação, mas da sociedade, da arte e da cultura.

Todas essas contribuições, teóricas e empíricas, simbólicas ou concretas, foram acompanhadas por uma constante preocupação com o campo da comunicação e suas instituições. A perspectiva de Bourdieu sobre o campo acadêmico e suas lutas são perceptíveis na dedicação de Immacolata para ajudar a desenhar o campo da comunicação no Brasil, assumindo importantes cargos de gestão. Em âmbito nacional, foi presidente da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), de 1995 a 1997 e Representante da Área de Comunicação no Comitê Assessor CA-AC do CNPq, de 2004 a 2007. No plano interno da USP, coordenou o PPGCOM-USP (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo), de 2001 a 2012. Atualmente, é coordenadora do CETVN-ECA-USP (Centro de Estudos de Telenovela da ECA-USP) e é diretora da Revista MATRIZES (Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP) pertencente ao mais alto estrato de classificação de periódicos da CAPES (Qualis A1).

No âmbito internacional, foi presidente da ASSIBERCOM (Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação), de 2015-2019. Nessa época, eu já convivía com Immacolata e me recordo do dia em que a questioneei, abertamente, por que ela queria assumir um compromisso tão árduo se já tinha enorme volume de compromissos, já era reconhecida no campo e que deveria diminuir o ritmo de trabalho. Ela me respondeu, com um suspiro, que a Associação estava em um momento difícil e ela acreditava que poderia contribuir. Não havia em seu olhar qualquer traço egocêntrico, apenas uma genuína preocupação com as importantes instituições e um compromisso, que ela parecia ter consigo mesma, de se dedicar a preservar tudo o que foi construído em anos de luta pelo campo da comunicação.

Atualmente, na esteira dos projetos colaborativos que marcam o CETVN, Immacolata se dedica a dois projetos. O primeiro, em parceria com pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba, propõe o mapeamento, a exploração empírica e o debate sobre a produção audiovisual independente no Brasil. Novamente, o diálogo entre academia e o mercado permeia as pesquisas nas quais ela se envolve. O segundo projeto, mais conectado ao pano-

rama teórico-social das pesquisas teleficcionais já desenvolvidas pelo Obitel Brasil, pretende apontar e explorar a longa conexão da telenovela como recurso para a construção da cidadania. Espera-se um profícuo diálogo entre a academia e as instituições políticas do país.

Apesar da trajetória meritosa, do nome respeitado e da mais alta titulação em pesquisa – pesquisadora 1A do CNPq – Immacolata mantém uma empolgação quase juvenil sobre suas conquistas e sobre os assuntos de seu domínio. Ela celebra cada resumo aceito em congresso; responde com brilho nos olhos a cada aluno de graduação que faça uma pergunta sobre sociologia básica; leciona com júbilo cada aula de metodologia; aciona um olhar de curiosidade infantil sobre novos objetos de pesquisa, e por vezes se perde nas conversas sobre novela em reuniões do CETVN. Ela adora se envolver em discussões sobre seus assuntos de interesse, seja com bolsistas iniciantes na pesquisa, em entrevistas sobre telenovela a veículos da mídia ou com grandes nomes da televisão, como quando esteve recentemente junto a autores renomados de telenovela na mesa de debate no lançamento do livro de Rosane Svartman, ao lado de Walcyr Carrasco.

Como ela mesma afirmou em recente entrevista sobre os 30 anos do CETVN e que foi publicada em *MATRIZES*: “a trajetória intelectual está dentro da história de vida da pessoa, são as nossas marcas pessoais” (VERRUMO, SILVA e LOYOLA, 2023). Se é assim, em sua robusta trajetória, Immacolata transparece vários excertos de si: a pesquisadora, a professora, a socióloga, a orientadora, a epistemóloga. Mais do que isso, ela contorna uma observadora curiosa, uma pensadora inquieta, uma imigrante, uma noveleira e uma aca-fã.

Referências

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Rádio dos pobres**: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo: Loyola, 1988.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. 1ª edição. São Paulo: Loyola, 1990.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de.; Borelli, Silvia Helena Simões; Resen-

de, Vera R. **Vivendo com a telenovela**: medições, recepção, teleficionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. A Telenovela Brasileira: uma Narrativa Sobre a Nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 26, jan./abr, p. 17-34, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469> Acesso em 14 ago 2023.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, v. 3, n. 1, p. 21-47, 2009. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v3i1p21-47>. Acesso em: 21 jul. 2023.

Verrumo, Marcel A., Silva, Lourdes, & Loyola, Renata. Maria Immacolata Vassallo de Lopes e os 30 anos do Centro de Estudos de Telenovela da USP: uma jornada narrada pela teleficção. **MATRIZES**, 17(1), 2023, p. 103-112. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v17i1p103-112> Acesso em 03 jul 2025.

Um testemunho de reconhecimento

Adilson Citelli

Caríssima Immacolata,

Gostaria de prestar um testemunho de reconhecimento sobre a sua trajetória em nosso Departamento de Comunicações e Artes (CCA) e na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

Tive os primeiros contatos contigo por volta de 1986, quando ingressei na ECA. Entretanto, alguns anos antes, já havia lido o seu *O rádio dos pobres: estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade*. O trabalho, um exercício de ajustes metodológicos vindos do marxismo, da análise discursiva e da semiologia, tinha como objeto os então chamados comunicadores popularescos, sobretudo aqueles com atuação no rádio, a exemplo de Zé Bétio, Gil Gomes e Sílvio Santos. Além disso, fornecia uma instigante linha de pesquisa, até então deixada um pouco à margem pelos estudos sociológicos tradicionais, que não viam com os melhores olhos a chamada cultura de massa.

A tentativa de situar questões postas no âmbito da recepção, e mesmo de uma certa antropologia das audiências, fusionada aos problemas especificamente comunicacionais, conforme sua ordem discursiva e cenográfica, requeria, da parte dos interessados nos estudos de mídia, uma visagem e uma atenção singular para um fenômeno emergente. Vale dizer: os estudos envolvendo sistemas e processos de comunicação, naquelas passagens dos anos 1980, encontram clara expressão em *O rádio dos pobres*. E, nesse aspecto, a monografia/livro registra um elemento de inovação no âmbito dos estudos acadêmicos que tratavam, em termos amplos e próprios da época, da cultura submetida à lógica industrial.

O que se vê, subsequentemente, são os trabalhos dirigidos de forma mais sistemática aos desafios metodológicos suscitados pela pesquisa em comunicação. Em mais de um artigo e mesmo em livros, foi se firmando o que passou a ser conhecido como o “modelo metodológico proposto pela Immacolata”, o que, por si só, indica efetiva relevância de um projeto acadêmico.

É preciso aduzir, contudo, que a nossa homenageada, a quem preferi considerar tributária de reconhecimento, desenvolveu e prossegue nesta jornada que inclui a pesquisa, a articulação associativa, a presença nos debates envolvendo o nosso âmbito de estudos e que, livremente, chamaria de militância de campo. Para materializar esses três pontos: a operosidade investigativa, com seus nexos nacionais e internacionais, além da agregação dos mestrands, doutorandos e pós-doutores, pode ser acompanhada nos estudos relativos à ficção televisiva e à metodologia da pesquisa em comunicação.

O segundo elemento desta trajetória reside na incansável articulação associativa e na agregação de grupos de pesquisa, cujos exemplos podem ser encontrados nos postos diretivos que ocupou junto à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom) e Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação (Alaic), ou na coordenação do PPGCOM-ECA-USP, onde realizou importante trabalho de reformulação do programa. Cabe, aqui, destacar a iniciativa de coordenar o Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva (Obitel) e o Centro de Estudos da Tele-novela (CETVN-ECA-USP), nucleações que realizam uma das mais profícuas atividades de acompanhamento transnacional da ficção televisiva.

Por fim, mas não menos importante, ressalto sua decisiva presença nos debates afeitos ao nosso âmbito de estudos, que chamei, genericamente, de “militância de campo”. Aqui se encontram tanto os projetos de pesquisa já mencionados, como a riqueza e força dos debates que dizem respeito ao amadurecimento e expansão da área da comunicação. O espaço para o exercício dessa militância é, também, o dos congressos, grupos de trabalho e entidades associativas, para não alongar a lista. Nestes ambientes de circulação de conhecimento, a professora Immacolata pontua com o seu estilo inquieto, sempre atento às inovações, momentos nos quais o tom combativo e acalorado pontifica na defesa de teses, perspectivas e pontos de vista.

Ao manifestar a amizade e o respeito que forjamos durante quase três décadas de convivência, não poderia deixar de fazer este singelo testemunho, sendo ele, sobretudo, o reconhecimento da relevante contribuição da professora doutora Maria Immacolata Vassallo de Lopes para os estudos seja no âmbito do CCA-ECA-USP seja para o campo mais abrangente da reflexão e pesquisa em comunicação.

Maria Immacolata Vassallo de Lopes y los estudios de comunicación en América Latina

Raúl Fuentes Navarro

A la profesora doctora María Immacolata Vassallo de Lopes se le han expresado públicamente reconocimiento, admiración y afecto en muy diversas ocasiones y lugares, y sin embargo suele quedar la sensación de que algún aspecto de su trabajo o de su vida ha quedado menos destacado que lo que merecería. Varias veces, a lo largo de casi cuatro décadas que tengo de conocerla y trabajar con ella, la he visto agradecer con sencillez elogios que me han parecido cortos, e ignorar otros que quizá ella ha considerado desmesurados o fuera de lugar. Al aceptar la honrosa invitación de escribir estas páginas en homenaje a su trayectoria, intentaré señalar algunos de sus aportes más valiosos a nuestro campo académico latinoamericano, y expresar mi respeto y agradecimiento por su trabajo reduciendo lo más posible el uso de adjetivos.

Coordenadas biográficas

Immacolata, como la conocemos afectuosamente, estudió Ciencias Sociales, con maestría, doctorado y *livre-docência* en Ciencias de la Comunicación en la Universidad de São Paulo, e hizo un posdoctorado en la Universidad de Florencia. Es Profesora Titular de la Escuela de Comunicaciones y Artes (ECA-USP), y coordinó ahí el posgrado en Ciencias de la Comunicación durante más de diez años. Es directora fundadora de *MATRIZES*, la revista de este programa de posgrado, que mantiene la calificación más alta entre las revistas académicas brasileñas del área. Como investigadora, tiene la categoría máxima y ha sido representante del área de comunicación en el comité asesor del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq). Ha sido presidenta de la Sociedad Brasileña de Estudios Interdisciplinarios de Comunicación (INTERCOM) (1995-1997) y de la Asociación Iberoamericana de Investigadores de la Comunicación (AssIBERCOM) (2015-2019).

Entre otras contribuciones a la institucionalización y la internacionalización de los estudios sobre la comunicación, en la ECA creó y coordinó dos centros de estudios, uno, el CECOM, sobre el campo de la comunicación, y el otro, CETVN, sobre la telenovela, dos vertientes temáticas y referenciales, trabajadas con el mismo espíritu académico, comprometido y crítico, que Immacolata comparte incansablemente con colegas, estudiantes y becarios de todos los niveles, en todos los lugares donde participa. Como consta en su *curriculum vitae* en la Plataforma Lattes (<https://lattes.cnpq.br/consulta> 12/06/2025), Immacolata resume en esos dos grandes campos sus líneas de investigación.

Coordenadas académicas

La primera de estas líneas, “Epistemología, Teoría y Metodología de la Comunicación”, incluye como objetivos el estudio del campo de la comunicación como producción teórica e inter y transdisciplinar; la reflexión epistemológica y metodológica sobre el discurso comunicacional; el análisis de la comunicación como concepto y como proceso social e intersubjetivo históricamente comprendido; la investigación sobre su estructura lógica e implicaciones éticas, filosóficas y sociológicas; la crítica de los paradigmas, modelos, teorías, métodos y técnicas a través de los cuales son estudiados los objetos de comunicación; la crítica metodológica en comunicación, incluyendo metodologías cuantitativas y cualitativas, métodos y técnicas de investigación empírica, tales como la etnografía, la historiografía y la historia oral en comunicación, métodos y técnicas de análisis del discurso mediático.

La enumeración es amplia, pero prácticamente en cada uno de esos aspectos Immacolata ha propuesto, demostrado y difundido aportes extensamente debatidos y reconocidos, nacional e internacionalmente. Entre las más de 6700 citas registradas a su nombre en *Google Scholar* (consulta 12/06/2025), su tesis doctoral registra más de 330 como tal; el libro derivado (Lopes, 1990a), más de 1100 citas de su edición en portugués, más otras 24 de su traducción al español en México (Lopes, 2003a), que realmente circuló muy poco; pero un artículo sintético, publicado en la revista *Diálogos de la Comunicación*, también en español (Lopes, 1999), ha alcanzado más de 220 citas, más otras 85 en su versión en portugués (Lopes, 2004a).

El otro campo principal de investigación de Immacolata tiene que ver con la investigación sobre “Comunicación y Ficción Televisiva”, que incluye como objetivos el análisis de la construcción de la teleficción como género y narrativa popular; el desarrollo de los formatos de teleficción en Brasil; la producción, distribución y recepción de la telenovela; y las transformaciones de la ficción televisiva en la época del *streaming*. Tres de sus publicaciones en esta línea sobrepasan las 350 citas cada una, según *Google Scholar* (consulta 12/06/2025). Sobre estas temáticas, además de reconocer y admirar el trabajo de Immacolata en Brasil (2002; 2011) y en el “espacio iberoamericano” (2004b, 2017) mediante los seminarios, proyectos y publicaciones del Observatorio Iberoamericano de la Ficción Televisiva (OBITEL) durante los veinte años más recientes, podrían recordarse las palabras con las que Raymond Williams cerraba su libro clásico de 1974, *Televisión: tecnología y forma cultural*: en función de las decisiones que habría que tomar en la “batalla por las comunicaciones libres”, las “primeras condiciones” son “la información, el análisis, la educación y la discusión”, tareas a las que OBITEL ha contribuido con múltiples aportes en Iberoamérica, que cada vez adquieren mayor valor, conforme la “televisión” se transforma.

Coordenadas geográficas

En una de mis intervenciones en algún congreso internacional, para ubicar la experiencia de colaboración entre mexicanos y brasileños, utilicé la metáfora de los trópicos (de Cáncer y de Capricornio) para ilustrar la escala geográfica de América Latina (Fuentes, 2009), y la repetí más recientemente en la conferencia de apertura (en línea) del Encuentro de COMPÓS en Campo Grande (Fuentes, 2020) y este año en un seminario en Londres (Fuentes, 2025). La figura imaginaria de los trópicos, que atraviesa los territorios de México y de Brasil y que delimita la llamada zona intertropical del mundo, ayuda a ubicar algunos procesos físicos y ecológicos influyentes en los entornos globales, regionales y locales, que a su vez determinan los contextos socioculturales de las prácticas de comunicación y de su estudio, cuyas historias nacionales y regionales intentamos comprender, como algunos otros colegas, Immacolata desde Brasil y yo desde México.

La colaboración académica Brasil-México

El primer contacto lo propició José Marques de Melo, quien en 1988, para el *Análisis Comparativo de los Sistemas de Comunicación de Brasil y México*, nos propuso a Immacolata y a mí como responsables del “subsistema Investigación de la Comunicación” (Marques de Melo, 1988). Dada mi experiencia como encargado del Centro CONEICC de Documentación sobre Comunicación en México, y haber elaborado poco antes la primera *Sistematización Documental (1956-1986)* de la investigación académica de la comunicación en México (Fuentes, 1988), fue relativamente fácil cubrir la fase “descriptiva” del análisis en mi país. La documentación en Brasil estaba aún más avanzada que en México, gracias a INTERCOM, y contenía un conjunto de referencias ya entonces mucho mayor que el mexicano, y además, la experiencia de la tesis doctoral de Immacolata (1988) le había dado mayor interés por la metodología que por las temáticas o las instituciones (Lopes, 1990a). No obstante, los dos documentos entregados por ella en el segundo coloquio binacional (São Paulo, junio de 1990), aportaron precisiones conceptuales y estratégicas de gran valor en ese momento y los posteriores.

Immacolata identificó en el marco del proyecto “al menos dos sentidos” del “subsistema Investigación de la Comunicación”: uno específico, cuyo objeto sería el “*Metadiscurso de la Comunicación*, corpus de reflexiones de una ciencia sobre sí misma”; y otro general, sobre los otros subsistemas considerados, para analizar “las orientaciones temáticas, teóricas y metodológicas de la investigación de la comunicación en Brasil”. La “nota final” del documento subraya la importancia del trabajo de sistematización documental, para fortalecer la escasa tradición reflexiva sobre la investigación que se hace y “traducir los cuestionamientos epistemológicos y teóricos de la producción de conocimiento para toda la comunidad de investigadores”, para promover el avance “en la calidad de la investigación en comunicación, buscando hacerla crítica y pluralista dentro del exigido rigor científico” (Lopes, 1990b).

Con ese espíritu compartido pudimos avanzar hacia la etapa comparativa binacional del proyecto, algo que solo algunos de los otros nueve equipos formados para abarcar los temas previstos consiguieron alcanzar y exponer en los coloquios México-Brasil realizados en 1988, 1990 y 1992 y nuestra colaboración en los foros e iniciativas académicas de alcance latinoamericano

e iberoamericano se hizo constante. En ese mismo 1992, coincidimos en presentar avances sobre aspectos de nuestros respectivos campos académicos nacionales en una sesión internacional del congreso de la IAMCR en Guarujá, y mi primer acercamiento al análisis comparativo binacional se publicó en la revista de Intercom (Fuentes, 1994) y el mismo año en México, en el Anuario CONEICC de Investigación de la Comunicación. El correspondiente a Brasil, se publicó en un libro coordinado por Immacolata (Lopes, 1997). Más adelante, en el contexto de una revisión internacional del desarrollo de este campo académico en el mundo, coordinado por estadounidenses, Immacolata (con Richard Romancini, 2016) y yo publicamos sendos capítulos sobre Brasil y México, en representación de América Latina (Fuentes, 2016).

El fortalecimiento de nexos latinoamericanos

Y seguimos, en otro escenario latinoamericano propiciado también por Marques de Melo, el de la reconstitución de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), donde se adoptaron los GTs (grupos de trabajo) de INTERCOM a la escala regional. Yo diseñé la primera organización desde la directiva y Maria Immacolata fue la primera coordinadora del grupo de “Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación”, a partir de 1986 y hasta 2010. El segundo fui yo, de 2011 a 2018. Después del congreso de 2000, seleccionamos algunas de las ponencias presentadas en el GT y compusimos un libro: *Comunicación, campo y objeto de estudio* (Lopes y Fuentes, 2001), que hizo circular, en español, propuestas y resultados de investigación de autores colombianos, brasileños, argentinos, venezolanos y mexicanos y tuvo que ser reeditado en 2005.

Poco después, en 2002 en São Paulo, Immacolata convocó y coordinó el III Seminario Interprogramas de Posgrado en Comunicación de COMPÓS, donde fui invitado a pronunciar la ponencia inaugural, y a escuchar a los veinte investigadores brasileños que debatieron sobre la *Epistemología de la Comunicación* (Lopes, 2003b). Unos años después, con la participación de doce autores brasileños, la mitad de los cuales había participado en aquel seminario, Immacolata convocó y coordinó otro, en la misma Universidad de São Paulo, donde se pudo “verificar el notable crecimiento de los análisis crítico-reflexivos sobre las prácticas de investigación y los estudios en el área”, ahora en coincidencia con el Congreso IBERCOM 2015. La particulari-

dad de este segundo seminario fue el abordaje desde la autorreflexión de los participantes sobre sus trabajos epistemológicos en comunicación (Lopes, 2016). No tengo evidencias de que se haya organizado un encuentro de esas características en otro país latinoamericano, aunque podría ser interesante constatarlo, dado que la atención al debate epistemológico ha sido realmente limitada en la región.

Otro espacio compartido de trabajo y creación de redes de colaboración académica internacional fue el del equipo coordinador de la División Temática Ibercom (DTI), de Epistemología, Teoría y Metodología de la Comunicación a partir de 2013, una innovación en el formato de las coordinaciones de Grupos de Trabajo que introdujo Immacolata en la Asociación Iberoamericana y que sigue vigente para los congresos de esa asociación.

El desarrollo del campo académico y su internacionalización desintegrada

Los contactos establecidos durante las décadas de los ochenta y los noventa entre investigadores de varios países latinoamericanos y, crecientemente, también de España y Portugal, fueron convirtiéndose en referencia de proyectos académicos e intereses comunes, al mismo tiempo que crecía y se fortalecía la institucionalización del campo académico de la comunicación en el espacio latinoamericano e iberoamericano. Las asociaciones y sus encuentros y congresos, así como las revistas científicas del campo, impulsaron el desarrollo de vínculos que, paradójicamente, generaron tanto procesos de internacionalización como de fragmentación y desintegración (Fuentes, 2014), al tiempo que los referentes socioculturales de las teorías, las prácticas y las políticas de comunicación evolucionaban en todas partes, pero no a la misma velocidad ni con los mismos resultados.

Desde la Confederación Iberoamericana de las Asociaciones Científicas y Académicas de Comunicación (CONFIBERCOM), otro organismo internacional promovido por José Marques de Melo, participé con Immacolata y otros colegas en los proyectos y acciones que confluyeron en 2011 y 2012 en el *Foro Iberoamericano de Posgrado en Comunicación* para discutir los informes de cinco comisiones sub-regionales encargadas de hacer un recuento actualizado de los programas de posgrado en comunicación existentes en Iberoamérica.

El conjunto de la información generada dejó claras, al menos, tres condiciones: primero, el notable crecimiento de la oferta de posgrado en Comunicación, pues el inventario sistematizado rebasó los 450 programas en total (maestrías y doctorados), situados en 21 países, una alta proporción de ellos fundados en la última década. Por otra parte, la dificultad de homologar los sistemas nacionales que regulan la creación, el desarrollo y la evaluación de estos programas, a pesar de las coincidencias detectadas en el nivel de las políticas. Finalmente, quedó clara también la oportunidad de consolidación de los estudios de comunicación como área académica, que la cooperación internacional ofrece a las instituciones y asociaciones nacionales y regionales, mediante la articulación de esfuerzos y recursos invertidos en la formación universitaria de alto nivel (Lopes, 2012).

La colaboración internacional en y mediante el trabajo editorial

La revista *MATRIZES* del Posgrado de la Escuela de Comunicaciones y Artes de la Universidad de São Paulo, fundada en 2007 por iniciativa de Immacolata, que continúa siendo su directora, me incluyó desde entonces en su Consejo Científico, pero en 2019 me invitó a incorporarme a la “Editoria Científica”, el órgano colegiado que toma las decisiones editoriales en la revista, lo cual es evidentemente un honor al que trato de corresponder con trabajo muy serio, dado el compromiso que representa en términos de campo académico. Y así, entre otras actividades, pude coordinar, junto a Immacolata, un número especial de la revista, el 17(3), para

contribuir a la difusión e intercambio de algunos de los esfuerzos más significativos en el análisis histórico de la constitución del campo académico de la comunicación en distintos tiempos y lugares, con especial énfasis en América Latina, pero con clara conciencia de los esfuerzos de articulación y diálogo en la misma dirección que provienen de otras regiones del continente y del mundo (Lopes y Fuentes, 2023, p. 7).

Un precedente relevante para esta edición tuvo lugar en 2021 y 2022, por iniciativa de los colegas estadounidenses Dave Park, Jeff Pooley y Pete Simonson, editores de la revista *History of Media Studies* (<https://hms.me->

diastudies.press/), en la forma de una “Pre-conferencia” en línea, sobre *Exclusions in the History and Historiography of Communication Studies*, con traducciones simultáneas al inglés y al español, y una “Round Table”, también en línea y con traducciones simultáneas, sobre la *Historia de los Estudios de Comunicación en las Américas*. Esta Mesa Redonda fue convocada y organizada conjuntamente por *History of Media Studies* y las revistas latinoamericanas *MATRIZes*, de la Universidad de São Paulo, y *Comunicación y Sociedad*, de la Universidad de Guadalajara. Por acuerdo entre los editores de las tres revistas, los participantes que aceptaron convertir sus presentaciones en artículos académicos formales fueron invitados a hacerlo en secciones temáticas especiales de cada una de las tres revistas. Tres de los textos incluidos en este número de *MATRIZes* proceden de esta iniciativa. Sin embargo, el Comité Científico Editorial decidió ampliar esta sección a un número especial completo sobre el tema, invitando a otros colaboradores, que aceptaron con interés y generosidad, añadiendo visiones diversas pero muy cualificadas a una propuesta editorial cuyo sentido general todos compartían. La invitación definió tres “ejes” o dimensiones a problematizar o analizar dentro del tema general *Historias de la internacionalización del campo de los estudios de comunicación*, y cada autor eligió libremente el que prefería enfatizar desde su punto de vista: a) *Estructuras teórico-metodológicas, diversificación y dispersión*; b) *Programas y asociaciones académicos como soportes institucionales para la internacionalización del campo*; c) *Internacionalización, desigualdades y retos futuros*. Los autores de los 14 artículos publicados, 3 provenientes de Brasil y 6 de otros países latinoamericanos, dos de Estados Unidos y tres de países europeos, propusieron análisis reflexivos y del más alto nivel para contribuir a informar más sólidamente los propósitos declarados por los convocantes.

Homenajes y reconocimientos

Entre los múltiples actos de reconocimiento a la trayectoria de Maria Immacolata Vassallo de Lopes, pueden destacarse, desde un punto de vista particular tres muy recientes: uno, el que los colegas mexicanos y latinoamericanos asociados en la red OBITEL le ofrecieron a Immacolata y a Guillermo Orozco en Guadalajara en septiembre de 2024 y que en nombre de las comunidades académicas del ITESO y la Universidad de Guadalajara me pidieron que presentara; otro, el de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación (AE-IC) en su congreso de Murcia, mayo de 2024,

como investigadora iberoamericana (<https://aeicmurcia2024.org/homenajes/>), con *Laudatio* de Xosé López García; y uno que resulta de un proyecto de investigación, español también (Sánchez, García y Rodrigo, 2025) cuya metodología y premisas quizá Immacolata discutiría, pero cuyo resultado no es insignificante, puesto que más de la mitad de los “expertos” consideraron a Immacolata, más que a nadie, como la “principal figura femenina iberoamericana” en la investigación de la comunicación:

(...) los resultados del Delphi muestran la dificultad de los expertos participantes en consensuar referentes y aportes femeninos en Iberoamérica. Con esto queremos decir que el canon es androcéntrico (Birdsall & Carmi, 2021) también en el sur global, una circunstancia que ha quedado reflejada en la gran dispersión de mujeres y de obras, mostrando principalmente tres nombres – Immacolata Vassallo de Lopes (Brasil), María Cristina Matta (Chile) [SIC] y Rossana Reguillo (México) y tres obras – *Mujeres e industrias culturales*, de Michèle Mattelart (Chile), *Pesquisa em Comunicação*, de Immacolata Vassallo de Lopes, y *Los nuevos horizontes de la participación política de la mujer*, de Rosa María Alfaro (Perú) (Sánchez, García y Rodrigo, 2025, p. 200).

Referencias

Fuentes Navarro, Raúl. **La Investigación de Comunicación en México**. Sistematización Documental 1956-1986. México: Ediciones de Comunicación, 1988.

Fuentes Navarro, Raúl. La institucionalización del campo académico de la comunicación en México y en Brasil: un primer acercamiento comparativo. **Intercom – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 10-32, 1994.

Fuentes Navarro, Raúl. From the Tropic of Cancer to the Tropic of Capricorn: a comparative and cooperative meta-analysis of graduate programs in communication in Mexico and Brazil, paper presented at the **IAMCR Conference on Human Rights and Communication**, México, July 2009.

Fuentes Navarro, Raúl. La investigación de la comunicación en América La-

tina. Una internacionalización desintegrada. **Oficios Terrestres**, La Plata, n. 31, p. 11-22, 2014.

Fuentes Navarro, Raúl. Institutionalization and Internationalization of the Field of Communication Studies in Mexico and Latin America, In: Simonson, Peter; Park, David W. (Eds.). **The International History of Communication Study**. New York; London: Routledge, 2016. p. 325-345.

Fuentes Navarro, Raúl. **Comunicação e fronteiras: Geografias e espaços simbólicos das práticas comunicativas na América Latina**. Conferência de abertura do 29º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), Campo Grande, MS, 2020.

Fuentes Navarro, Raúl. On the history of the Latin American Academic Field for Communication Studies. Paper presented at the **International Seminar on Histories, Presents and Futures of Media and Communication**, CAMRI University of Westminster, London, 2025.

Lopes, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação**. Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990a.

Lopes, Maria Immacolata V. Pesquisa de Comunicação no Brasil / Pesquisas sobre a pesquisa de Comunicação no Brasil (sistematização bibliográfica), Documentos de Trabalho. **II Colóquio Brasil-México de Pesquisa da Comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 1990b.

Lopes, Maria Immacolata V. O estado da pesquisa de comunicação no Brasil. In: Lopes, Maria Immacolata V. (Org.). **Temas contemporâneos em Comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 1997. p. 13-27.

Lopes, Maria Immacolata V. La investigación de la comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas. **Diá-logos de la Comunicación**, n. 56, p. 13-27, 1999.

Lopes, Maria Immacolata V. **Investigación en comunicación**. Formulación de un modelo metodológico. México: Esfinge, 2003a.

Lopes, Maria Immacolata V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Pau-

lo: Loyola, 2003b.

Lopes, Maria Immacolata V. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 13–39, 2004a.

Lopes, Maria Immacolata V. (Org.). **Telenovela**. Internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004b.

Lopes, Maria Immacolata V. (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Lopes, Maria Immacolata V. (Coord.). **Posgrados en comunicación en Iberoamérica: políticas nacionales e internacionales**. São Paulo: Confibercom; PPGCOM-USP, 2012.

Lopes, Maria Immacolata V. (Org.). **Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016.

Lopes, Maria Immacolata V.; Borelli, Silvia H. Simões; Resende, Vera de Rocha. **Vivendo com a telenovela**. Mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

Lopes, Maria Immacolata V.; Fuentes Navarro, Raúl (Comps.). **Comunicación, campo y objeto de estudio**. Perspectivas reflexivas latinoamericanas. Guadalajara: ITESO/UAA/UCOL/UdeG, 2001.

Lopes, Maria Immacolata V.; Fuentes Navarro, Raúl. Editorial: Histories of the Internationalization of the field of Communication Studies. **MATRIZES**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 5–16, 2023.

Lopes, Maria Immacolata V.; Orozco Gómez, Guillermo (Orgs.). **Uma década de ficção televisiva na Ibero-América**. Análise de dez anos do OBITEL (2007–2016) / **Una década de ficción televisiva en Iberoamérica**. Análisis de diez años de OBITEL (2007–2016). Porto Alegre: Sulina, 2017.

Lopes, Maria Immacolata V.; Romancini, Richard. History of Communication

Study in Brazil: The Institutionalization of an Interdisciplinary Field. In: Simonson, Peter; Park, David W. (Eds.). **The International History of Communication Study**. New York; London: Routledge, 2016. p. 346-366.

Marques de Melo, José. **Estudo comparativo dos Sistemas de Comunicação Social no Brasil e no México**. Documento de Trabalho, 1988.

Sánchez-Soriano, Juan José, García-Jiménez, Leonarda; Rodrigo-Alsina, Miquel. La comunidad científica ante el espejo: investigadoras iberoamericanas de la comunicación. **Cuadernos.info**, Santiago, n. 61, p. 185-207, 2025.

Williams, Raymond. **Television: technology and cultural form**. London; New York: Routledge, 1974.a



Maria Aparecida Baccega, Immacolata e Adilson Citelli no lançamento do livro *Dicionário de Comunicação* (2014). Foto: Nelson Peixoto. Fonte: Pinterest do fotógrafo.



Arlindo Machado, Immacolata, Clarice Greco e Isabel Orofino (2011). Fonte: acervo pessoal Clarice Greco.



Immacolata, ao lado de Raúl Fuentes Navarro, em mesa com outros pesquisadores, no Congresso da International Association for Media and Communication Research (IAMCR), no Guarujá, Brasil, 1992. Fonte: acervo pessoal Raúl Fuentes Navarro.

PARTIE





O ofício epistemológico

Maria Immacolata e a formação do campo da Comunicação no Brasil

Vera Veiga França

Convidada a participar deste livro de homenagem-resgate do papel de Maria Immacolata para o campo da Comunicação no Brasil, identifiquei-me prontamente com a ideia da proposta, porém tive dúvidas sobre como poderia efetivamente contribuir, para além de testemunhar sua presença significativa na área da Comunicação ao longo de muitos anos. Acompanhei sua atuação em várias frentes: autora de várias obras, formadora de importantes pesquisadores/as que se espalham pelo Brasil todo, pesquisadora engajada na institucionalização do campo, interlocutora de vários fóruns internacionais. Se suas intervenções são amplamente conhecidas e reconhecidas, o que a mais eu poderia falar e desenvolver?

De uma forma talvez esquemática, diria que o trabalho de Immacolata orienta-se em duas direções: o debate epistemológico, os estudos televisivos. Afeita às reflexões epistemológicas e ao processo de constituição da ciência, ela tanto estuda as práticas televisivas como analisa as condições em que se produz e se estuda a televisão. E em seu diálogo com autores/as latino-americanos/as, é responsável direta pela introdução do pensamento de Jesús Martín-Barbero na comunidade brasileira de pesquisadores/as em Comunicação.

Dentro do quadro geral de suas contribuições, optei por um aspecto que me é mais familiar, resgatando uma questão talvez menos candente nos dias atuais, porém definidora do que somos hoje. Trata-se do percurso e embates que deram origem à constituição do campo da Comunicação no Brasil, e nos quais Immacolata teve participação ativa.

Nesta mesma direção, irei também resgatar as diretrizes que ela aponta no trabalho de pesquisa em comunicação.

A pesquisadora e o campo

A Sociologia do Conhecimento e o pensamento de Bourdieu, destacando a importância de atentar para as condições de produção da ciência, estão sempre presentes nos textos de caráter mais epistemológicos de Immacolata; tais referências podem ser pensadas também como pano de fundo para falar de seu próprio trabalho. Como ela lembra sempre, todo conhecimento é contextualizado, e dialoga tanto com o contexto discursivo disponível naquele momento como com o contexto sócio-histórico do/a pesquisador/a. A formação e o percurso de Immacolata refletem momentos políticos, debates científicos, mudanças no cenário comunicativo e na dinâmica das relações mundiais. Eles tanto falam desses momentos como foram influenciados por eles.

Maria Immacolata inicia sua formação cursando Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo no final dos anos 1960, momento de intensas batalhas políticas e ideológicas dentro e fora da FFCL-USP. A ditadura militar no Brasil, implantada pelo golpe de 1964, enfrenta resistências, sobretudo por parte do movimento estudantil, e passa para sua fase mais violenta; a Passeata dos Cem mil, a morte do estudante Edson Luís, a batalha da rua Maria Antônia, a promulgação do Ato Institucional nº 5 (o famigerado AI-5) marcam o emblemático ano de 1968. Na USP, a chamada “escola paulista de Sociologia”, entrelaça o marxismo não ortodoxo de Florestan Fernandes com autores europeus e norte-americanos do estruturo-funcionalismo. Lutas contra a ditadura, debates epistemológicos, transgressões teóricas compõem um cenário efervescente e estimulante.

Sem nunca perder suas raízes nas Ciências Sociais, o percurso acadêmico de Immacolata, num segundo momento, se encaminha para a área da Comunicação, onde inicia seu trabalho docente na ECA-USP em 1979, ao mesmo tempo que sua formação pós-graduada. No mestrado e doutorado, sua dissertação (*O rádio dos pobres. Comunicação de massa, ideologia e marginalidade*, 1982) e tese (*Pesquisa em Comunicação. Formulação de um modelo metodológico*, 1988) vão delinear as duas vertentes que irão acompanhar toda sua trajetória: a cultura popular (e a marginalidade social) e as reflexões epistemológicas.

A Comunicação como área acadêmica apenas iniciava seu processo de institucionalização no Brasil. Os cursos de graduação em Comunicação, cobrindo diversas habilitações, são criados no Brasil pela Reforma de Ensino de 1969. Pouco tempo depois inauguram-se os primeiros programas de pós-graduação na área: na PUC-SP, em 1971; na USP, em 1972; na UFRJ, em 1973. Enquanto os cursos de graduação proliferam pelo país, o quadro da pós-graduação permanece quase inalterado até os anos 1990, início do ano 2000, quando tem início um grande crescimento do número de programas, abrangendo as várias regiões.

Nesse mesmo período, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação do Ministério da Educação voltada para a expansão e consolidação da pós-graduação no país, impulsiona um movimento mais intenso em busca da excelência, imprimindo processos mais cuidadosos e exigentes de avaliação. O crescimento dos programas, a importância político-acadêmica da pós-graduação e o crivo da CAPES ensejam um caloroso debate sobre a própria área, que começa a se repensar na sua especificidade e enquanto campo. Posições divergentes se enfrentam, contrapondo uma concepção alargada de estudos comunicacionais (onde tudo cabia) a um afunilamento restrito ao estudo da mídia.

Interessante lembrar que as últimas décadas do século XX assistem também a um debate mais amplo dentro da própria ciência, com a chamada “crise dos paradigmas”. Um movimento inverso ao paradigma da ciência moderna, de objetivação e especialização do conhecimento, visa resgatar a multiplicidade e multidimensionalidade das realidades estudadas. Edgar Morin, fazendo a crítica à perspectiva redutora e simplificadora da ciência moderna, defende sua substituição pelo paradigma da complexidade, um “conjunto de princípios de inteligibilidade que, ligados uns aos outros, poderiam determinar as condições de uma visão complexa do universo físico, biológico, antropológico” (Morin, 1986, p. 246, apud Lopes, 2004).

Essa ideia de totalidade da vida social é a tônica do questionamento trazido pelo relatório da Comissão Gulbenkian, presidida por Immanuel Wallerstein, em torno dos processos de disciplinarização das ciências sociais¹.

¹ Relatório da Comissão Gulbenkian para a reestruturação das Ciências Sociais, presidida por Immanuel Wallerstein, intitulado *Abrir as Ciências Sociais* (1996),

Wallerstein, registra Immacolata, critica a artificialidade das fronteiras estabelecidas entre as quatro disciplinas criadas no séc. XIX (Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Economia), uma clivagem orientada pelo paradigma da ciência do séc. XIX e baseada muito mais em decisões institucionais do que em fundamentos epistemológicos (Lopes, 2005; 2006).

É nesse contexto que a discussão sobre a área e a própria noção de Comunicação se intensifica, e é onde Immacolata marca uma presença importante, pensando a constituição da área enquanto “campo”, conforme a matriz bourdieusiana por ela adotada. A pós-graduação enseja a formação de um terreno de disputas de sentido em torno do que a constitui. Um campo, define Bourdieu, é um espaço social estruturado, marcado por lutas e tensões; “cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias” (Bourdieu, 1997, p. 57, apud Lopes, 2001). Esse é o cenário em que ocorrem as disputas sobre a identidade de nossa área, e os esforços de sua implantação. A presença e importância crescente dos meios de comunicação vão torná-los objeto de interesse de várias disciplinas. A comunicação seria então, e apenas, um dado sensível de nossa realidade, uma empiria convocando diferentes olhares e abordagens científicas? Seria de fato a Comunicação um domínio autônomo de conhecimento? Por outro lado, e no momento mesmo em que se critica a departamentalização da ciência e a artificialidade das fronteiras entre as diversas disciplinas, teria sentido um movimento de demarcação de área?

A inserção de Immacolata neste debate traz aspectos interessantes (2001a; 2004), apontando as dinâmicas internas e externas à própria área que marcaram a implantação da comunicação enquanto um campo específico. Dentro da perspectiva que enfatiza as condições de produção da ciência, ela destaca os três contextos em que a produção do conhecimento em comunicação vem se dando: sócio-histórico, institucional e discursivo. Sobre o contexto social, ou histórico-cultural, sobressai, no crepúsculo do século XX, a globalização, com suas tensões e ambiguidades, e o papel central da comunicação no sistema organizativo desse novo mundo, com a expansão da lógica neoliberal e de novas formas de dominação.

Quanto ao contexto institucional, Immacolata destaca o pequeno esforço reflexivo que lhe tem sido dedicado, e se dedica, em alguns de seus

trabalhos, a desenhar um panorama da penetração e legitimidade crescentes que a comunicação veio adquirindo nas instituições universitárias (cursos de graduação e pós-graduação), nas agências de avaliação e fomento (CAPES, CNPq, fundações estaduais de pesquisa), na criação de associações de pesquisadores/as (Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom e inúmeras outras), realização de eventos, cooperação internacional.

O terceiro contexto, discursivo, diz respeito ao percurso dos estudos, às tradições e tendências de investigação. Diversidade teórica, historicidade do objeto empírico, debates sobre a disciplinarização, crise dos paradigmas, cruzamento de referências e abordagens problematizam a consolidação de nosso campo.

Um olhar histórico de nossa área vai constatar que a comunicação enquanto tema de estudo tem origem interdisciplinar; os primeiros estudos sobre os meios de comunicação e seu processo de influência são feitos por pesquisadores da sociologia, da psicologia, da ciência política, até mesmo da biologia. Seria então um terreno interdisciplinar? Poderia a Comunicação enquanto domínio científico, apoiando-se em conceitos e metodologias de áreas vizinhas, almejar constituir-se como um campo autônomo?

As controvérsias são muitas. A ideia de terreno interdisciplinar é problemática, pois não constitui efetivamente um lugar de troca; as pesquisas permanecem em seu nicho de origem, e as respectivas áreas permanecem intocadas. A ideia de interdisciplinaridade não questiona a compartimentalização dos saberes, nem aponta a criação de conhecimentos novos.

Nesse quadro de disputas de sentido, Immacolata defende o estatuto transdisciplinar do campo, de forma a dar conta da multidimensionalidade de que se revestem os processos comunicativos e sua crescente importância nas nossas sociedades. A transdisciplinaridade, argumenta Martín-Barbero, citado por ela,

de modo algum significa a dissolução dos problemas objeto do campo da comunicação nos de outras disciplinas sociais, mas a construção de articulações – intertextualidades –

que fazem possível pensar os meios e as demais indústrias culturais como matrizes de desorganização e reorganização da experiência social e da nova trama de atores e de estratégias de poder. (Martín-Barbero, 1996, p. 62, apud Lopes, 2005)

Assim é que podemos perceber, nas reflexões de Immacolata sobre o processo de constituição dos estudos da comunicação no Brasil, em primeiro lugar, o quanto seu percurso acadêmico, os debates e as questões teóricas disponíveis no momento, e sua inserção num dado contexto sociopolítico e cultural incidiram nas escolhas que fez, nos autores e tipo de abordagem que adotou. Há um viés histórico e político em sua abordagem, ao adotar o conceito bourdieusiano de campo, ao situar a comunicação no vértice das tensões sobre o processo de disciplinarização, ao resgatar a complexidade e multidimensionalidade dos processos comunicativos e adotar como perspectiva um movimento transdisciplinar – para além das disciplinas e fronteiras constituídas. Em segundo lugar, é importante salientar o quanto ela tem sido fiel à ideia de que só podemos fazer uma reflexão epistemológica de um saber levando em conta as suas condições de produção, buscando delinear, em seus estudos, o contexto mais amplo das questões analisadas.

É a partir dessa compreensão do campo e da natureza da comunicação que Immacolata desenvolveu, em textos e nos projetos que orientou e dos quais participou, um modelo metodológico que conjuga sustentação teórica e sensibilidade empírica.

A pesquisa como movimento reflexivo

Ao falar sobre as contribuições de Immacolata na formação de pesquisadores/as da área, duas questões merecem ser abordadas: a apresentação de uma matriz metodológica; a ênfase em uma postura engajada e dialogal do/a pesquisador/a.

Seu livro *Pesquisa em Comunicação - Formulação de um modelo metodológico*, publicado pela primeira vez em 1990, está em sua 12ª edição, o que, por si só, indica o papel que vem cumprindo na área.

Dois princípios básicos devem ser levados em conta pelo/a pesquisa-

dor/a, ela enuncia. Primeiramente, a metodologia não pode ser pensada no abstrato, independente da aplicação que terá; a escolha do método se dá em acordo com a investigação em que será operado. O segundo princípio diz da importância da reflexão epistemológica para criar e consolidar a atitude consciente do/a pesquisador/a, interiorizar a disciplina e espírito crítico que devem orientá-lo/a. Temos assim a articulação entre a teoria e sua aplicação, levada a cabo pelo sujeito em permanente atenção ao seu fazer.

O modelo metodológico apresentado por Immacolata é sustentado em dois eixos: um eixo vertical (ou paradigmático) e um eixo horizontal (sin-tagmático); cada um se desdobra em níveis e fases. O eixo vertical implica fazer escolhas dentro de uma tradição, uma dada concepção epistemológica, um quadro teórico-conceitual, um conjunto de técnicas disponíveis. O eixo horizontal diz respeito às etapas e a uma sequência temporal requeridas pela investigação, que vai da construção do objeto até a interpretação dos dados e conclusão da pesquisa. A pedra de toque, ela diz, é “a responsabilidade intransferível do autor pela montagem de uma estratégia metodológica de sua pesquisa, o que impõe que as opções sejam tomadas com consciência e explicitadas enquanto tal: *uma opção específica para uma particular pesquisa em ato*” (Lopes, 2023, p. 194, grifo meu).

A montagem da pesquisa e o desenvolvimento da investigação requerem cuidados em todas as suas fases. No que diz respeito ao eixo vertical, é necessário clareza quanto à inserção do projeto dentro do campo da Comunicação; a base teórica que sustenta a construção e análise do problema deve ser sólida; a articulação e integração entre os dois eixos deve ser garantida por um permanente trabalho de autocrítica. No que diz respeito ao eixo horizontal, é necessário que as escolhas operacionais estejam em sintonia (e sejam um desdobramento) de sua base teórica; deve-se atentar para o bom encadeamento entre as diferentes fases do processo investigativo; métodos e técnicas devem estar integrados. Abordagens quantitativa e qualitativa devem estar em harmonia, e o tratamento de dados, passando pela fase da descrição da empiria, devem culminar num processo de interpretação. A pesquisa em comunicação, mais do que um registro e uma fotografia da realidade, deve alcançar a compreensão dos diferentes aspectos e dinâmicas que animam o real.

Tais cuidados, que visam propiciar a superação das dificuldades inerentes a todo processo de leitura da realidade, devem se valer da disciplina

e postura do/a pesquisador/a. Em reflexões mais recentes, Immacolata vem falando em reflexividade e relacionismo. A que vem esses conceitos, e o que eles têm a ver com a transdisciplinaridade do campo?

“Pedra angular da epistemologia, a reflexividade tem sido, desde sempre, entendida como crítica da ciência, ciência da ciência, ou metadiscurso científico” (Lopes, 2018, p. 14). O caráter reflexivo da prática da pesquisa é indispensável para criar a atitude consciente e crítica por parte do/a pesquisador/a em todas as fases da investigação.

No pensamento da filosofia clássica, reflexividade era tomada quase como sinônimo de razão. Immacolata esboça o percurso do conceito até nossos dias, e de como ele foi sendo transmutado para abarcar a multidimensionalidade dos fenômenos da vida social e suas articulações com os processos mentais e subjetivos individuais.

Ela apresenta dois atos de reflexividade epistêmica que sustentam o próprio processo de pesquisa. O primeiro deles é a ruptura epistemológica, que marca a distância entre o objeto real e o objeto da ciência:

A reflexividade epistêmica alerta para a ilusão de transparência do real, fixa o plano da ciência como plano conceitual (que exige o trabalho dos e com os conceitos) e, principalmente, revela que o objeto não se deixa apreender facilmente, uma vez que é regido por uma complexidade constitutiva que o torna opaco e exige operações intelectuais propriamente epistemológicas e teóricas para a sua explicação (Idem, p. 18).

O segundo ato de reflexividade epistêmica diz respeito à construção do objeto de pesquisa, que não é dado, mas construído. Não se trata do objeto “natural”, recortado do mundo empírico, mas de um conjunto de relações objetivadas pelo/a pesquisador/a, em um processo de interrogação de aspectos da realidade, com base em um conjunto de problemas teóricos e práticos que demandam conhecimento.

Por esse caminho, Immacolata chega assim a uma outra configuração das relações de conhecimento que não se resumem, como nas abordagens epistemológicas tradicionais, à relação entre objeto e conheci-

mento, mas trata das relações entre Sujeito (investigador/a) e Objeto (investigado). Apoiando-se mais uma vez em Bourdieu, e na abordagem “relacionista” que ele defende, chega-se não a uma, mas a três relações interconectadas: a relação entre o sujeito (coletivo) e o conhecimento (campo); a relação epistêmica entre o conhecimento (campo) e o objeto (estudo); e a relação objetivada entre o sujeito (coletivo) e o objeto (estudo) (Idem, p. 21).

Essa reflexão é complexa, passa sobretudo pela “objetivação da relação objetivada” do sujeito e objeto (Bourdieu), que não é o caso de ser retomada no âmbito deste texto. Aqui, interessa resgatar o relacionismo de Bourdieu conforme apropriado por Immacolata, enfatizando a interconexão Sujeito / Objeto / Conhecimento e, sobretudo, a dimensão coletiva do Sujeito e do Conhecimento. O Sujeito não é um ser individual que conduz a pesquisa, e o Conhecimento não é uma teoria acabada, mas ambos constituem um empreendimento coletivo conduzido dentro de um campo científico, com suas dinâmicas e enfrentamentos, que se reproduz e se renova numa relação de reflexividade com o objeto que busca ser apreendido.

A pesquisa em Comunicação, portanto, tem uma natureza relacional e reflexiva; somos pesquisadores/as em interação com objetos e com nosso campo científico. Retomo então a questão colocada acima – o que a reflexividade e o relacionismo têm a ver com a transdisciplinaridade do campo. O “trans” da palavra significa movimento; trata-se de um “para além das disciplinas”, e que apenas é alcançado quando coletivos pensantes, em constante apropriação e interconexão de conhecimentos, buscam novas formas de entender e dialogar com nossa realidade, com vistas inclusive a transformá-la.

Immacolata conclui esta reflexão sobre reflexividade e relacionismo (2014, 2018) evocando, junto com Martín-Barbero, as “utopias fundantes” dos estudos de Comunicação na América Latina. Embora sem se reportar diretamente aos recentes estudos chamados “decoloniais”, ela convoca a se promover o deslocamento dos modos exógenos de pensar pelas “novas ideias fora do lugar”, reafirmando o princípio renovador e comprometido com mudanças sociais que, já na década de 1970, inspirou os primeiros estudos latino-americanos de Comunicação.

Bibliografia

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação** – Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. O campo da Comunicação: institucionalização e transdisciplinaridade. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Frau-Meiges, D.; Santos, M. S. T. (Orgs.). **Comunicação e Informação: identidades e fronteiras**. São Paulo/Recife: Intercom/Edições Bagaço, 2000. p. 41-56.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. O campo da Comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, v. 48, p. 46-57, 2001.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Por um paradigma transdisciplinar para o campo da comunicação. In: Dowbor, Ladislau; Ianni, Octavio. (Org.). **Os desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001a. p. 112-116.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003a. p. 277-293.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista INTERCOM**, v. XXVII, nº 1, p. 24-38, 2004.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. As fronteiras entre as ciências sociais vistas da Comunicação: uma aproximação aos estudos sociais das ciências. **E-Compós**, v. 1, n.1, p. 01-19, 2005.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Revista FAMECOS**, v. 1, p. 16-30, 2006.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. La investigación en comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas. **Diálogos de la Comu-**

nicación, v. 74, p. 3, 2007.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Braga, José Luiz; Martino, Luiz Cláudio (Orgs.). **Pesquisa Empírica em Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Reflexividad y relacionismo como cuestiones epistemológicas en la investigación empírica en Comunicación. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 9, nº 16, p. 12-25, 2014.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Moura, Cláudia (Orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Proposta de um modelo metodológico para o ensino da pesquisa em comunicação. In: Lopes, M. I. V.; Moura, C. (Orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016a. p. 99-107.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016b.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Reflexividade epistêmica na pesquisa empírica em Comunicação. In: Fígaro, Roseli Gomes, Mayra Rodrigues (Org.). **Conexão pós: diálogos e intersecções na pesquisa discente**. São Paulo: ECA-USP, 2018. p. 12-26.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Um percurso epistemológico para a pesquisa de comunicação. In: Perez, Clotilde; Trindade, Eneus; Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Olhson, Márcia Pinheiro (Org.). **PPGCOM-USP 50 ANOS: entre o passado e o futuro, nosso percurso**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2023. p. 97-114.

Trajetórias transmetodológicas de confluência epistemológica: aventuras investigativas no contexto latino-americano

A. Efendy Maldonado G.

O encontro germinal

O 18 de março de 1991 no voo da Varig procedente de Quito-Ecuador, aproximadamente às 7h00 da manhã, com escala prévia no Rio de Janeiro, pousei em Guarulhos-SP para iniciar uma aventura intelectual que inicialmente estava restrita à realização de um curso de mestrado, previsto para um ano e meio, dois anos como máximo, dados os compromissos familiares, políticos e de trabalho no país de origem. Na terça 19 de março, no período da tarde, tivemos nosso primeiro encontro de orientação, que foi possível porque Immacolata, sem conhecimento prévio de nenhum tipo, nem informação referente a minha pessoa, me selecionou para orientação na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) pela proposta investigativa-acadêmica, em formato de pré-projeto sinóptico, que tinha enviado meses antes via consulado do Brasil em Quito.

Para que essa seleção fosse possível confluíram temas de pesquisa de interesse comum, entre os principais a *produção teórica crítica na América Latina*; a *formulação de metodologias latino-americanas* para o campo da comunicação; e as *propostas transdisciplinares* para trabalhar a problematização teórica das pesquisas. Nesse processo de aproximação e de conhecimento mútuo, que serviu para ir construindo cumplicidades investigativas e conceituais, compartilhei a minha pesquisa de *licenciatura em comunicação sobre GEOPOLÍTICA DA DIFUSÃO TRANSNACIONAL: o caso centro-americano: estudo sobre o tratamento das informações internacionais em sete grandes jornais do Equador*. Essa tese mostrou para Immacolata meu perfil e competências investigativas, concretizados em um trabalho sistemático de fôlego, realizado mediante uma pesquisa que combinou os métodos de análise de discurso, economia-política da informação, pesquisa histórica documental sistemá-

tica, sociopolítica da comunicação e sistematização estatística da produção jornalística. Essa produção intelectual foi uma carta de apresentação investigativa/acadêmica que provocou um reconhecimento e uma valorização importante do novo orientando alienígena selecionado por Immacolata; esse conhecimento inicial, nos aproximou mais e serviu para ir construindo um estado psicológico menos estressante nas inter-relações institucionais.

Cabe mencionar, em termos contextuais, que a imersão na USP e na ECA nos primeiros meses de vida paulistana foram bastante difíceis; dado que eu era um estrangeiro com origem no “quarto mundo”, cujo país a maioria dos colegas não tinha noção de sua situação no planeta. Uma pessoa ainda em processo de imersão na comunidade lusofalante, com poucas referências na comunidade acadêmica da USP e do Brasil. Esse primeiro estranhamento, intenso e decisivo, fez com que a Immacolata exigisse relatórios semanais de trabalho em português acadêmico, cada vez mais lapidados e sistemáticos. Foi esse exercício de produção de informações sistemáticas sobre meu processo de inserção no mestrado, nas disciplinas, no conjunto das atividades acadêmicas, na vida na cidade universitária, que provocou uma aprendizagem dinâmica, organizada e socializada para a realização do mestrado. Há já alguns anos que agradeço a minha orientadora por essas exigências extras, que fizeram possível um processo de imersão/lapidação qualificado e acelerado na vida acadêmica e sociocultural paulistana.

Essa visão estratégica sensível e rigorosa de Immacolata, colocou-me em contato com professoras e professores da USP, da ECA, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM), do Instituto de Estudos Avançados (IEA), de diversas comunidades acadêmicas da USP, que ofereciam excelentes seminários, cursos, disciplinas e experiências de produção de conhecimento, que tornaram possível meu processo de *desconstrução* e *reconstrução intelectual* de modo consistente, denso e gratificante.

Foi a orientação epistemológica aberta, multidisciplinar, flexível e democrática da professora Immacolata que fez possível entrar em contato, aprender, conhecer, apropriar-se e desconstruir várias vertentes, escolas, modelos e processos acadêmicos e investigativos. A bondade intelectual de Immacolata percebeu, desde os primeiros tempos, que eu teria potencial, fôlego e consistência para trilhar por caminhos exigentes, renovadores, crí-

ticos, transformadores e transdisciplinares. É importante destacar que essas orientações, e decisões, não se restringiam a determinada tendência, postura, escola ou posicionamento filosófico político. Efetivamente, flexibilidade e abertura intelectual aprendi de maneira convincente no Brasil graças a Immacolata e à cultura acadêmica na qual me inseriu com outras mestras e mestres, que me desestabilizaram e problematizaram, nutrindo a invenção do meu caminho intelectual brasileiro.

Foi crucial nessas trilhas, encruzilhadas e bifurcações a mediação de Immacolata para entrar em contato e conhecer o grande mestre João Aloísio Lopes, referência ética, filosófica, existencial e crítica durante meus primeiros anos no Brasil. Nosso encontro fluiu com vigor, intensidade e problematizações importantes, dado seu amor pela filosofia, a física, o futebol e a América Latina. Sua sabedoria e conhecimentos estavam embasados numa formação acadêmica de excelência, combinada com uma existência exploradora, aventureira e criativa pelos caminhos de *Nossa América*. Na sua vida juvenil, tinha vivenciado modos de vida, solidariedades e desafios em percursos paralelos a Ernesto Guevara de la Serna na busca de maiores compreensões sobre *nosso lugar no mundo*. Seu ser, profundamente agradecido pelas vivências e fraternidades recebidas em nossos países latino-americanos, brindava solidariedade, parceria e afetos de maneira fluida, desinteressada e intensa. Aconteceu que, ao informar-se sobre a situação econômica precária do autor deste texto, tomou decisões concretas de apoio, que fizeram possível ter acesso a bens intelectuais e socioculturais da vida paulistana, dos quais estaria excluído. Meu eterno agradecimento pela sua amorosidade, orientações e apoios.

A minha temporalidade subjetiva, lógica e existencial era aceleradíssima, dados os desafios intelectuais e investigativos que o processo formativo na pós-graduação demandava; como, também, meus objetivos pessoais de finalizar o mestrado em um tempo muito menor que o previsto pelas agências como limite para a época. Sendo que as problemáticas familiares me exigiam novos compromissos, dados os problemas de saúde do meu filho Rafael. Nessa conjuntura instável, Immacolata, não obstante sua preferência por um processo mais extenso, foi solidária e apoiou a aceleração do processo e conseguiu realizar o exame de qualificação com sucesso em tempo prudencial. O grande problema que emergiu no exame, que constituiu uma bela vitória para minha orientadora e para mim, foi que a comissão exami-

nadora considerou que minha pesquisa estava em nível de doutorado, e que por conseguinte o Programa e o colegiado da ECA deveria aprovar minha promoção ao curso de doutorado pela qualificação decidida da banca. Assim o exame de qualificação do curso de mestrado transformou-se em finalização do curso de mestrado e meu ingresso no doutorado. Essa decisão fortaleceu os reconhecimentos por mim alcançados, e em termos investigativos tornou possível ampliar e aprofundar a pesquisa no nível de doutoramento; em todo esse processo Immacolata foi uma excelente parceira.

E a professora/pesquisadora, orientadora, Immacolata teria uma outra dimensão da existência na qual mostrou sua grandeza, abertura e espírito democrático. O fato foi que, este escritor/orientando quando arribou ao Brasil já tinha 15 anos de trajetória militante no seu país de origem e em vários países da América Latina. Seu trabalho político/comunicacional/educativo e cultural nas comunas indígenas, nos sindicatos, nas associações de bairro, nos quilombos, no movimento estudantil, nos cineclubes, nas rádios populares, no teatro popular e nos jornais alternativos fortaleceram seu espírito crítico, amadureceram seus comportamentos multicontextuais, e formaram-no em combinações científico acadêmicas e sabedorias populares de modo sensível e consistente. Contudo, nesses processos, as problemáticas e os objetivos não incluíam sua sobrevivência pessoal e familiar. Em São Paulo essa condição mudou radicalmente, e teve que participar na luta pela moradia para ter um teto para morar. Essa luta implicou enfrentamentos com a burocracia universitária e institucional, que pedia suspensões, exclusões, sanções para o mestrando e depois doutorando. Esses absurdos anacrônicos foram impedidos e rejeitados de maneira firme pela postura fraterna, solidária e corajosa de Immacolata, que destacava nos documentos de resposta a qualidade dos trabalhos investigativos realizados pelo seu orientando.

O projeto integrado transdisciplinar e multimetodológico

Em meados dos anos noventa do século passado, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) estava exercendo uma pressão significativa para qualificar e fortalecer os Grupos de Pesquisa dos PPGs em todo o Brasil. O fato curioso é que até essa época era permitida a existência de grupos individuais, constituídos por um único pesquisador que, em numerosos casos, continuava produzindo textos como um *livre pen-*

sador sem maiores requerimentos organizativos, investigativos, coletivos e produtivos. Nesse contexto, a destacada direção da professora Maria Aparecida Baccega no Departamento de Comunicação da ECA, gerou um processo dinâmico de reorganização, colaboração, articulação de estratégias entre grupos de pesquisa, que se concretizou num projeto integrado multidisciplinar e multimetodológico focado na *Ficção seriada brasileira*. Esse desenho e premissas fizeram possível que a visão epistemológica de Immacolata fosse provocada para estruturar um projeto transdisciplinar e multimetodológico sobre telenovela; no qual concretizou uma perspectiva metodológica vigorosa, definida tanto pela vertente gramsciana quanto (indiretamente) pelas perspectivas de José Carlos Mariátegui, Eli de Gortari, Pablo González Casanova, Leopoldo Sea, Arturo Andrés Roig, Rodolfo Mario Agoglia, Orlando Fals Borda e Enrique Dussel na América Latina sobre a necessidade de gerar, trabalhar, pesquisar e problematizar o *sentipensamento*. Sem referir-se diretamente a esses mestres, a valorização dos afetos, das emoções e da razão científica confluíram nesse projeto integrado de modo esplêndido. E atualizaram essa imbricação entre o amor, o conhecimento, a paixão, a alegria e o pensamento de maneira enriquecedora.

De fato, o livro de socialização desse projeto levou o título: *Vivendo com a telenovela* (Lopes, 2002), que expressou muito bem nosso trabalho de vários anos em favela, bairro popular, prédio de classe média e condomínio de luxo. Nessa investigação, as orientações de Milton Santos e Octavio Ianni sobre *espaço urbano, formação econômica social, temporalidades sociais, classes sociais*; e as contribuições epistemológicas de Edgar Morin, Pierre Bourdieu, Henri Lefebvre, Lucien Goldmann, Armand e Michèle Mattelart; confluíram com as propostas socioculturais-históricas de Raymond Williams, Edward P. Thompson, Richard Hoggart, Stuart Hall; e, a vertente crítica latino-americana articulada em Jesús Martín-Barbero, Renato Ortiz, Néstor García, Aníbal Ford, Carlos Monsiváis, Maria Teresa Quiroz, Mabel Piccini, Regina Festa, Ariel Dorfman, Héctor Schmucler, entre as e os principais interlocutores, mestres e orientadoras(es) de nossa práxis intelectual.

A pesquisa de telenovela coordenada pela professora Immacolata articulou a participação de três grupos de pesquisa da USP, PUC-SP e UNESP; concretizou e operacionalizou um desenho transdisciplinar a partir da *comunicação*, da *antropologia urbana*, e da *psicologia* para problematizar mediante uma estratégia renovadora *multimetodológica* a telenovela *A Indomada*

da rede Globo. Para isso, se desenhou em uma primeira fase uma pesquisa teórica, na qual participaram de modo coletivo colaborativo os integrantes dos três GPs, o que tornou possível um exercício de reflexão, troca, intercâmbio e reconstrução conceitual transdisciplinar, que gerou importantes ensinamentos e argumentações mediante a imbricação produtiva das três áreas do conhecimento participantes.

De modo simultâneo, fomos ensaiando, explorando, testando e reformulando propostas, desenhos e procedimentos metodológicos que incorporaram conhecimentos, componentes e procedimentos dos três campos participantes. Exercício instigante, desafiador e gratificante que fez possível formular as *Histórias de Vida Comunicacionais*; *Midiografias sistematizadoras da telenovela*; *Registros de Palimpsestos Tecnológicos*; *Mediações Comunicacionais Plurais*; *Etnografias de Inter-relação com a telenovela*; *Entrevistas Comunicacionais em Profundidade* e *Pesquisa participante existencial crítica*. Esse conjunto de realizações investigativas foi refletido, avaliado, acompanhado e formalizado de maneira coletiva sob a direção inspiradora da professora Immacolata.

A pesquisa sobre a telenovela *A Indomada* nos aproximou epistemologicamente de modo decisivo com a professora Immacolata, porque nela compartilhamos vivências, desafios, invenções, obstáculos, afetos, inter-relações e dinâmicas que transcenderam a formalidade acadêmica, e nos inseriram em processos socioinvestigativos concretos em vários territórios; e permitiram conhecer, compartilhar e produzir com colegas de várias universidades procedimentos, reflexões, táticas, experimentações e desenhos, que mostraram a potência das *sabedorias populares* para nutrir a pesquisa acadêmica, e desconstruíram formalismos metodológicos *positivistas* mostrando suas limitações e limites.

Essa pesquisa gerou vários processos e condições para a posterior estruturação da vertente *transmetodológica* (Maldonado, 2024a), que aproveitou os conhecimentos, experiências e experimentações realizadas nela, para produzir diálogos com uma pesquisa teórica-epistemológica doutoral deste escritor sobre as *teorias latino-americanas da comunicação*. Nessas trilhas investigativas produziu um conjunto de premissas, lógicas, estratégias, procedimentos e desenhos de caráter *transmetodológico*; como uma corrente epistemológica focada na problematização dos métodos de investigação, e no desenho de estratégias de pesquisa complexas para abordar a *multidi-*

mensionalidade e a multicontextualidade das realidades comunicacionais.

A inter-relação desafiadora com a professora Immacolata foi um aspecto central nesses movimentos e transformações. É preciso também mencionar que os conselhos e orientações de Immacolata foram decisivos para assumir a atividade profissional de professor universitário no Brasil. De fato, em meados dos anos noventa meu distanciamento da Cátedra universitária já levava algum tempo, e a oportunidade e confiança de me permitir um estágio docente nas disciplinas de Metodologia e de Teorias na ECA-USP foram importantes para recuperar a práxis do ensino, e fortalecer a posterior docência nas universidades brasileiras.

Hoje, passadas várias décadas, é instigante constatar como os processos em grupos de pesquisa e a imersão acadêmica em várias culturas e realidades disciplinares fortaleceu minha formação pedagógica, e as perspectivas e competências de coordenação e orientação de pesquisas. Nesse sentido, é bom lembrar a abertura e consideração de Immacolata ao delegar, confiar, ouvir, considerar e valorizar a atuação da colega Jiani Adriana Bonin e a minha nas pesquisas em São Paulo. Os exercícios metodológicos foram tão bons que “naturalmente” me transformei em um *orientador informal de colegas* que realizavam seus cursos de pós-graduação, e tinham dificuldades de orientação e formação metodológica, foi assim que colaborei com vários colegas que conseguiram finalizar seus projetos em parceria com nossas orientações voluntárias. Esse processo fez com que, quando assumi oficialmente minhas orientações na pós-graduação, já tivesse vários anos frutíferos de orientação no mestrado e no doutorado.

No mundo das associações científicas, a relação com Immacolata foi muito generosa e produtiva; ampliei a minha presença, relações, conhecimentos e projetos no contexto brasileiro e latino-americano nos anos noventa em parceria com ela. Minha inserção na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) e na Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIIC) aconteceu em parceria produtiva, foram processos importantes e gratificantes. A década dos anos 90, do século passado, foi o espaço/tempo de aquisição de uma cidadania acadêmico/científica brasileira para mim, construída numa parceria produtiva que articulou pesquisa, ensino e projeção internacional de modo dinâmico e respeitoso.

Ensinaamentos cruciais em nossas inter-relações intelectuais

Um primeiro componente epistemológico cultivado sob a orientação da professora Immacolata foi o exercício, aprendizagem e domínio da *desconstrução de pesquisas*; essa linha de trabalho que possibilitou o nosso conhecimento em profundidade de investigações relevantes no campo da comunicação, e das ciências sociais, foi um passo fulcral para ir estruturando nossa concepção e formulação *transmetodológica* da *pesquisa-da-pesquisa*, que consideramos um processo indispensável em toda investigação acadêmico científica relevante. Foi o trabalho de vários semestres desconstruindo e reconstruindo pesquisas que foi cimentando nossa compreensão da necessidade ineludível de entrar nas premissas, nas concepções, na lógica, nas estratégias, nos desenhos, nos procedimentos, nas definições e nas estruturas das pesquisas. Hoje depois de 26 anos ensinando, orientando e estruturando pesquisas no PPGCC-UNISINOS, constatamos como essa orientação estratégica inspirou e contribuiu para que nosso programa alcançasse a excelência acadêmica de nível internacional CAPES com sua nota 7.

Um segundo componente epistemológico relevante de nosso encontro intelectual com Immacolata foi seu compromisso investigativo com as *culturas populares* (Lopes, 2020), fator que nos vinculou e inter-relacionou profundamente. Sua pesquisa de mestrado sobre *O rádio dos pobres* (Lopes, 1983), a linha de trabalho com o referencial de Gramsci e sua concepção estratégica sobre a *literatura popular*; a *pesquisa empírica* focada na problematização de produtos comunicacionais midiáticos, configurados com a participação de *gêneros populares* e *matrizes comunicacionais culturais* de profunda e ampla presença nos públicos brasileiros e latino-americanos fortaleceu e aprofundou nossas parcerias. O trabalho sob a orientação de Immacolata nos permitiu aprofundar, compreender melhor, ampliar e fortalecer nossa compreensão da inter-relação de classes subalternas/sistemas midiáticos; e a presença de gêneros e matrizes populares na programação de ficção televisiva e midiática.

O terceiro componente estratégico de nossa parceria foi a *América Latina*, como território de produção de conhecimento em ciências da comunicação importante. De fato, Immacolata incorporou na sua trajetória investigativa referências bibliográficas de um conjunto valioso de autoras e autores la-

tino-americanos que problematizam a comunicação, e estabeleceu parcerias estratégicas com pesquisadores relevantes como Jesús Martín-Barbero (hispano-colombiano) (Lopes, 2018) e Raúl Fuentes Navarro (mexicano), que lhe permitiram ter uma visualização vigorosa dos processos e as comunidades acadêmicas da região. Essa orientação confluiu com o meu interesse em aprofundar, sistematizar e socializar conhecimentos sobre *produção teórica estratégica em comunicação na América Latina*, e se fez realidade na pesquisa de doutoramento que gerou um conjunto valioso de conhecimentos sobre as vertentes teóricas Verón, Mattelart e Jesús Martín-Barbero (Maldonado, 2015, 2024b). Nesse processo, Immacolata foi extremamente generosa convidando esses autores para realizar seminários, palestras, encontros, e possibilitando a realização de entrevistas teóricas em profundidade que enriqueceram significativamente a produção da tese.

O quarto componente epistemológico estratégico de nossa cumplicidade é o foco na problematização dos *métodos de investigação*; nesse aspecto, minha trajetória histórica de rejeição ao autoritarismo metodológico, principalmente o *positivista* anglo-saxônico, contribuiu para de maneira dinâmica compartilhar argumentos e trabalhar na perspectiva da necessidade de gerar estratégias multimetodológicas para cada processo, projeto, pesquisa. Immacolata brindava relevantes conhecimentos das ciências sociais críticas brasileiras e mundiais, e nós chegávamos com uma trajetória de construções metodológicas próprias a partir do pensamento crítico revolucionário estratégico latino-americano e mundial. Ter a orientação de uma *pensadora das metodologias* (Lopes, 2014), como Immacolata, foi um privilégio que potencializou e deu continuidade à nossa perspectiva epistemológica latino-americana.

O quinto componente estratégico de nosso encontro histórico foi a compreensão e valorização que Immacolata concretizava na *produção coletiva de conhecimento*, sua dedicação, capacidade e eficiência na organização, gestão e orientação de projetos integrados; como também, na articulação e gestão de associações científicas nos brindou uma oportunidade valiosa para aprender e criar alternativas de trabalho coletivo científico, que se concretizaram no GP-PROCESSOCOM-PPGCC-UNISINOS (2002- 2025), na construção, coordenação e funcionamento da Rede AMLAT (Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Chile, Equador, Peru, Uruguai, Venezuela) (2009- 2025), e na direção da Cátedra Michèle e Armand Mattelart do Centro Internacional de Estudos

Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL) (2016– 2025), núcleos de excelência acadêmica que têm-se nutrido de nossas experiências dos anos noventa com Immacolata na ECA– USP.

Um sexto componente epistemológico de compreensão e valorização investigativa, acadêmica e profissional é o cultivo do *rigor científico*, como premissa, valor e exercício que garante produções consistentes, éticas, relevantes e responsáveis (Lopes, 2003, 2016). Reconstruímos com Immacolata uma compreensão vigorosa e flexível de confluência da ciência, da arte, da vida e dos compromissos cidadãos com a produção de conhecimento. O *rigor*, assim, não é um decreto formal, é *multidimensional*, se constrói, exercita e concretiza numa práxis comprometida com a sociedade, as instituições, a comunidade acadêmica, os saberes ancestrais e diversos, e a existência que nos demanda transformações.

Estes apontamentos históricos procuram expressar partes que consideramos pertinentes para homenagear uma trajetória acadêmica brilhante, que nos tem afetado de modo fraternal, sábio e transcendente. Obrigado Maria Immacolata Vassallo de Lopes, grande mestra, orientadora e construtora estratégica do campo das ciências da comunicação no Brasil.

Referências

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Rádio dos pobres**: estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. 1983. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de et. al. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção e teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Ed.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Ed.). **Epistemologia da Comunicação**

no Brasil: trajetórias autorreflexivas. São Paulo: ECA-USP, 2016.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39–63, 2018. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Maria Immacolata Vassallo de Lopes: os sentidos do popular. Entrevista a Clóvis Teixeira Filho. **Revista Uninter de Comunicação**, Curitiba, v. 8, n. 15, p. 151–158, 2020. doi: <https://doi.org/10.21882/ruc.v8i15.848>

Maldonado, A. Efendy. **Epistemología de la Comunicación**: análisis de la vertiente Mattelart en América Latina. Quito: Ediciones CIESPAL, 2015.

Maldonado, A. Efendy. **Transmetodología**: visualizaciones epistemológicas en ciencias de la comunicación. 2 ed. Quito: Ediciones CIESPAL, 2024a.

Maldonado, A. Efendy. **Teorias da comunicação na América Latina**: enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón. (Coleção perspectivas transmetodológicas da comunicação v.3) 2. ed. Campina Grande/PB: EDUEPB, 2024b.

Epistemologia na pesquisa em comunicação de massa: sobre *O rádio dos pobres*

Francisco Rüdiger

São Paulo, manhã de sexta-feira, 28/02/1986: último dia do Curso de Aperfeiçoamento em Teoria da Comunicação, realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Laurindo Leal Filho mal iniciara os trabalhos de seu módulo, quando, esbaforido, chega atrasado e solta a bomba. José Sarney fora à televisão e dera o anúncio de que, naquele dia, os bancos não abririam, o governo lançava o Plano Cruzado. Hoje, vale dizer que virtualmente não houve mais aula, só se falou no assunto durante o resto do expediente.

Retornando de ônibus para Porto Alegre, à noite, alguns passageiros seguiam o noticiário pelo rádio, podia se escutar as conversas de corredor sobre o futuro da economia nacional. Mas também me ocupava a mente a lembrança das duas semanas de aulas em tempo integral – e o que ficara de melhor do Curso: a II Unidade, intitulada “Pesquisa em Comunicação: Métodos e Técnicas”, ministrada pela Professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes, da Universidade de São Paulo.

Para a época e um ex-althusseriano, como eu, não fora pouco poder discutir, com quem sabia do assunto, sobre o alcance da análise do discurso de Eliseo Verón e as vantagens ou desvantagens dessa abordagem em comparação com a análise sociológica de corte bourdieusiano da comunicação de massa proposta no Brasil por Sérgio Miceli. Apesar de, naquela altura, já ser professor universitário, eu nunca vira ou desfrutara de discussão semelhante vinda de gente inserida na área, jamais testemunhara manifestações tão exigentes e críticas dirigidas aos trabalhos feitos por nossos colegas.

Talvez por isso, assim foi que, dois anos depois, saindo o primeiro livro de Immacolata, *O rádio dos pobres: estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade social* (1988), creio que, em Porto Alegre, fui eu um dos primeiros, dos poucos a comprá-lo – porque, até onde sei, sequer os colegas da especialidade revelaram interesse. Defendida como dissertação de mestrado em 1983, a obra, por detrás de análise do rádio popular na cidade de São Paulo, propôs-se a nada

menos que abordar “a problemática da comunicação a partir de uma visão integral”, considerando “cada uma das dimensões constitutivas do processo, a saber: a produção, circulação e recepção” (Baccega; Orofino, 2014, p. 296).

Visto serem muitos os amigos, admiradores e ex-alunos a tratar nesta polianteia de outros aspectos da sua vida e carreira, é a respeito desta obra importante, mas em parte esquecida, que gostaria de falar nesta breve homenagem aos 80 anos da grande acadêmica e incentivadora que, para mim, sempre foi Maria Immacolata.

Se cientistas, pensadores e literatos, como uma vez ouvi, só devem respeito e gratidão de verdade à leitura atenta e ao ajuizamento criterioso de seus trabalhos – é disso que pretendo dar sinal neste tributo à mestra de mais de uma geração de acadêmicos da área de comunicação. Inobstante sabedor da relevância, deixarei de lado seus projetos de pesquisa posteriores, seu papel na formação de gerações de pesquisadores, seus trabalhos de integração acadêmica em nível nacional, a obra institucional (a revista *MATRIZES*, o Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva – Obitel, etc), as pontes que ela ajudou a construir entre a comunidade acadêmica de nosso país e as de tantos outros da América Latina.

Quem acompanhou tudo isso mais de perto falará com a propriedade e o conhecimento que, no caso, me faltam – fora o assunto já ter sido explorado (cf. dossiê organizado por Francisco de Assis, 2014). Opto pois, nesta oportunidade, por chamar atenção para o papel pioneiro e a relevância, talvez pouco notada, do seu primeiro livro. Aplicação dos princípios que seriam explicitados em *Pesquisa em Comunicação*, de 1988/1990 (cf. Romancini, 2014), *O rádio dos pobres* (1983/1988) representa com ele, em meu juízo, a chegada à maturidade da consciência metodológica da pesquisa em comunicação no Brasil.

Para começar, Immacolata esboça uma metateoria da comunicação que não deveria passar em branco por qualquer um que se interesse pelo problema da fundação do saber na pesquisa em comunicação de massa. Para ela, a pesquisa é função metodológica da teoria, mas esta, ainda incapaz de obter unidade, na comunicação propende à variedade e se origina de vários saberes.

Área socada em meio às disciplinas estabelecidas, a comunicação resiste à identificação como objeto de estudo coerente e unificado. Ainda que, em princípio, o almejem, seus estudiosos, até hoje, não conseguiram desenvolver uma concepção

integradora, muito menos um método que lhe seria próprio. Assistemático, o objeto se apresentaria neste âmbito de forma multifacetada, aberta a várias problematizações e, por isso, necessariamente interdisciplinar, como nota a autora em sua tese de doutorado (Lopes, [1988] 1990, p. 92).

Por outro lado, observar-se-á que, embora ainda não tenha um objeto claro e distinto, a área, como um todo, pelo menos possui um viés ou “enfoque” (Lopes, [1983] 1988, p. 189) para poder ser o que é. A comunicação, em última análise, coincide com a circulação dos sinais, símbolos e discursos: é este aspecto que, mais propriamente, define menos o “fenômeno”, como diz a autora (p. 90-95), de o que se poderia chamar de “perspectiva comunicacional”. A comunicação não é um objeto, mas um viés, noção essencialmente formal; significa conexão, exigindo análise concreta desde um sistema teórico exógeno, para fazer sentido material, tornar-se eloquente nas ciências – e, em certa medida, para qualquer sujeito social.

Immacolata intui isso, primeiro, arguindo que, consideradas as origens e contexto da área, mais a singularidade do seu desenvolvimento institucional, o foco da pesquisa, ao menos em nosso país, deve ser a comunicação de massa (Lopes, [1988] 1990, p. 11-12). Depois, chamando atenção para o fato de que esse fenômeno não se dá em abstrato, se encontra sempre em contexto determinado, como mostra sua pesquisa sobre os programas populares de emissoras de rádio de São Paulo.

À pesquisa em comunicação de massa necessariamente falta autonomia: ela é obrigada a colaborar com outras, tem, por exemplo, de acionar a análise sociológica da produção, circulação e consumo dos discursos, se quiser esclarecer como as significações ideológicas se tornam correntes em meio a um grupo por intermédio daquele primeiro processo. A contextualização histórica e sociológica e a pesquisa institucional, porém, não são o momento comunicacional: no caso em referência, esse coincide com a análise empírica, eventualmente comparada, dos discursos veiculados para e entre as audiências por três radialistas paulistanos.

A pesquisa em comunicação de massa é, repetindo, função metodológica de uma teoria, e se a teoria é o marxismo, como defende a autora na obra em foco, segue daí que o processo agencia a ideologia e, em última análise, reproduz o modo de produção dominante (Lopes, [1983] 1988, p. 7-9). A pesquisa objetiva integrar em estudo de caso concreto o modo como os vários fatores objetivos inte-

ragem com o sistema simbólico no plano comunicacional; analisa o discurso, forma de comunicação, de acordo com os princípios da teoria marxista da ideologia.

John Thompson (1995, p. 396-401) se referiu ao trabalho de Janice Radway (1984) sobre a indústria e a leitura de romances ligeiros como exemplo, parcialmente baseado em estudo etnográfico de recepção, do que ele chama de análise da ideologia na comunicação de massas. Tivesse lido a obra, por certo diria o mesmo de *O rádio dos pobres* ([1983]1988), provavelmente a mencionaria como exemplo de outra fórmula para chegar ao mesmo conhecimento. Apesar de o relato ser um pouco mais duro na análise da recepção, devido ao emprego de pesquisa social empírica, não era outro o objetivo de Immacolata. Também ali o propósito é abordar as “inter-relações entre significado e poder na comunicação de massa” (Thompson, 1995, p. 410), através de estudo de caso.

A obra, é certo, tem seus problemas, há, por exemplo, incoerência metodológica. A pesquisa sobre os programas radiofônicos deveria incluir o levantamento da opinião dos produtores. A leitura do material transacionada pela autora por certo não é a mesma dos seus criadores. Os criadores, porém, não são, no caso, menos populares do que as audiências – como e em que termos suas opiniões convergem ou não com as delas?

Ainda hoje é regra nos estudos de comunicação de massa o pesquisador tirar conclusões sobre o fenômeno em análise arbitrando o sentido dos materiais, não importa a fonte, com base em teorias supostamente apodícticas. Immacolata se inclina nessa direção ao endossar acriticamente a teoria marxista do modo de produção e, em particular, da ideologia. Todavia, evita o pior, ao entrever, como viria a se tornar ressalva de muitos mais tarde, a competência interpretativa que pode se manifestar entre os sujeitos em meio aos processos de comunicação de massa ([1983] 1988, p. 154).

Apesar de se guiar por teoria da ideologia muito rígida, estrutural, a autora não apenas nos mostra que ela se reproduz por meio de mecanismos discursivos singulares e distintos, mas que esses não estão blindados à transformação, visto não passarem sem a colaboração dos sujeitos. “O consumo das mensagens de massa não é um processo passivo, implicando um novo investimento de sentido integrado no conjunto das condições concretas de existência [da população marginalizada]”. A pesquisa não tem por isso que se surpreender com a descoberta de que, às vezes, “as operações de reconhecimento do discurso radiofônico popular

constituem-se em nova produção de sentido por parte dos receptores desse discurso” (p. 189).

Immacolata defendeu com pioneirismo no Brasil que a área deve criar e manter um espaço para discutir a estrutura e sentido das teorias, métodos e técnicas de pesquisa, para estudar como as teorias e o conhecimento são elaborados, pois só a partir deste nível que as investigações podem ser apreendidas com resultados duradouros, no limite seriam construídos o objeto e a teoria na comunicação ([1988] 1990, p. 91).

A homenagem que lhe presto nesta rápida intervenção, creio, só lhe é infiel no tocante à última oração: em breve fará um século que os ciberneticistas esclaresceram o objeto e a teoria da comunicação, à luz do pensamento mais avançado de nosso tempo. A tarefa, há muito, não é mais pois desenvolver a teoria mas, sim, a crítica da comunicação, seja como área, seja como chave para entender o presente. A cibernetização, sentido objetivo da coisa, avança, mas isso deveria ser visto, em parte ao menos, como problema, em vez de pressuposto de nossos estudos, se é para mantermos minimamente livre o pensamento. A pesquisa em comunicação também está no seu direito quando insere o assunto noutro marco da experiência, explora o que há nele de histórico e, portanto, de temporário e aberto à discussão, como não deixaram de me ajudar a ver as aulas de Immacolata num agora distante final de fevereiro de 1986.

Programa do Curso de Aperfeiçoamento em Teoria da Comunicação realizado pela INTERCOM.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM TEORIA DA COMUNICAÇÃO PARTICIPANTES: Professores, pesquisadores e profissionais da área de Comunicação Social CARGA HORÁRIA: 60 horas LOCAL: Sede da Intercom PERÍODO: 17 a 28 de fevereiro de 1986 HORÁRIO: 08 às 12 horas 14 às 18 horas PROGRAMA MODULOS 1. Correntes Teóricas no Campo da Comunicação 1.1. Laxwell e o funcionalismo norteamericano 1.2. Adorno e a escola de Frankfurt 1.3. O marxismo: Gramsci, Althusser e Enzenberger 1.4. Mattelart e a militância política latino-americana 1.5. Paulo Freire e a comunicação libertadora Marcos Teóricos • Mestre em Rádio-Televisão - ECA/USP • Doutorando em Ciências da Comunicação - ECA/USP • Professor dos Cursos de Pós-Graduação e Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMES) de São Bernardo do Campo • Professor do Curso de Rádio e TV da ECA/USP 17 a 21 de fevereiro de 1986 — 14 às 18 horas	2. Pesquisa em Comunicação: Métodos e Técnicas 2.1. Método científico e pesquisa em Comunicação 2.2. O objeto de pesquisa em Comunicação 2.3. A observação na pesquisa em Comunicação 2.4. A análise na pesquisa em Comunicação 2.5. O relatório de pesquisa e o problema da aplicação Maria Immacolata Vassallo de Lopes • Mestre em Ciências da Comunicação - ECA/USP (Comunicação de Massa e Ideologia) • Doutoranda em Ciências da Comunicação ("Teoria e Pesquisa em Comunicação Popular no Brasil" — Tese de Doutorado) • Licenciada em Ciências Sociais — FFLCH/USP • Prof. de Teoria da Comunicação — Metodologia da Pesquisa em Comunicação — ECA/USP 17 a 21 de fevereiro de 1986 — 08 às 12 horas 3. Indústria Cultural no Brasil 3.1. Surgimento, consolidação e desenvolvimento da indústria cultural no Brasil. • A centralização do poder e da comunicação no período 30-45 • O papel da comunicação no projeto nacional-desenvolvimentista e o populismo: período 45-64 • Autoritarismo, capitalismo associado e comunicação: o período pós-64 3.2. A pesquisa da indústria cultural no Brasil • Análise de pesquisas realizadas sobre diferentes ramos da indústria cultural no Brasil: rádio, televisão, cinema, jornais e propaganda. • Discussão de aspectos da indústria cultural passíveis de análise científica.	Lauro de Faria Filho • Sociólogo e jornalista • Professor de Sociologia da Comunicação na FFLCH/USP e de Realidade Sócio-Econômica e Política do Brasil na ECA/USP • Ex-editor do jornalismo da Rede Globo, de Rádio e Televisão Cultura e da Rede Bandeirantes de Televisão, onde foi editor-chefe do jornal Bandeirantes • Pesquisa atualmente as relações entre o Estado e a Televisão no Brasil 24 a 28 de fevereiro de 1986 — 08 às 12 horas 4. Dimensão da Comunicação Humana 4.1. Dimensão filosófica (O "mito" da comunicação) 4.2. Dimensão matemática (Teoria da Informação) 4.3. Dimensão semiótica (Ciência dos signos) 4.4. Dimensão pragmática (Crítica do poder) Isaac Epstein • Professor Titular de Teoria da Comunicação e Teoria da Informação nas Faculdades de Comunicação e Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado • Engenheiro Civil pela Escola Politécnica - USP (1950) • Mestre em Filosofia pela FFLCH/USP (1963) • Trabalhos publicados: — "O signo", Ed. Atica, 1985 — "Teoria da Informação", Ed. Atica, 1985 — "Cibernética", Ed. Atica (no prelo) — "Subdeterminação das Revoluções Científicas" (no prelo). (Trabalho vencedor do concurso de teses universitárias instituído pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo no setor de Filosofia em 1965). 24 a 28 de fevereiro de 1986 — 14 às 18 horas
--	--	---

Referências

Assis, Francisco de. Maria Immacolata Vassallo de Lopes. In: Morais, Osvaldo J. de; Aragão, Iury Parente; Laurindo, Roseméri; Vaz, Tyciane Cronemberger Viana (Orgs.). **Fortuna crítica da Intercom**. Baluartes. vol. 6. São Paulo: Intercom, 2014. p. 271-289.

Baccega, Maria Aparecida; Orofino, Maria Isabel. Olhar precursor sobre as audiências populares. In: Morais, Osvaldo J. de; Aragão, Iury Parente; Laurindo, Roseméri; Vaz, Tyciane Cronemberger Viana (Orgs.). **Fortuna crítica da Intercom**. Baluartes. vol. 6. São Paulo: Intercom, 2014. p. 290-296.

Lopes, Maria Immacolata V. de. **O rádio dos pobres**: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo: Loyola, 1988.

Lopes, Maria Immacolata V. de. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

Romancini, Richard. Obra pioneira e matricial nos estudos em Comunicação. In: Morais, Osvaldo J. de; Aragão, Iury Parente; Laurindo, Roseméri; Vaz, Tyciane Cronemberger Viana (Orgs.). **Fortuna crítica da Intercom**. Baluartes. vol. 6. São Paulo: Intercom, 2014. p. 297-309.

Thompson, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

Maria Immacolata e o diálogo com Martín-Barbero

Nilda Jacks
Veneza Mayora Ronsini

Introdução

O objetivo do texto é apresentar o percurso de Maria Immacolata Vassallo de Lopes no diálogo com a obra de Jesús Martín-Barbero (JMB), especialmente destacar sua relevância para os estudos de consumo e recepção brasileiros. Apresentamos suas pesquisas iniciais e as referências à obra do autor para, na sequência, destacar suas publicações dedicadas a interpretar os mapas das mediações.

Neste interregno, Maria Immacolata tomou para si a coordenação de um ambicioso projeto de pesquisa, brasileiro e latino-americano (Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva – Obitel), cuja implicação para o campo da comunicação não é objeto de nosso escrutínio, por entendermos que ele possui uma diversidade de investigações que extrapola em muito a vinculação da autora com a obra de JMB. Nas suas diferentes fases de produção científica, ela sempre mobilizou grupos de pesquisadores em torno de projetos coletivos com foco na realidade e na experiência autóctone.

A vasta produção de Maria Immacolata começa com sua primeira publicação registrada na Plataforma Lattes, em 1985, com o artigo “A narrativa policial de Gil Gomes”, que antecede a publicação do livro resultante de sua dissertação de mestrado *O rádio dos pobres – Comunicação de massa, ideologia e marginalidade social* em 1988¹. A pauta para a análise do popular estava dada, embora tenha adotado uma abordagem pautada pelos estudos de efeitos da ideologia. Sua próxima publicação, na *Revista Intercom*, deixou muito claro seu interesse pelo popular como indica o texto “O popular nas pesquisas de

¹ Publicou anteriormente “Programa policial e populações marginais”. In: Ismar de Oliveira Soares. (Org.). *A comunicação na construção da paz*. São Paulo: Paulinas /UCBC, 1987, p. 98-106.

comunicação”², de 1989. Esse tema perpassou sua vasta produção e foi um vínculo fundamental com a obra de JMB.

Até o encontro com o pensamento do autor ela explorou vários temas e problemas que giram em torno da educação, cultura, identidade, produção midiática, da pesquisa em comunicação propriamente dita, entre outros, questões muito caras para ele também. Sobre a pesquisa na área, em 1990 publica *Pesquisa em Comunicação. Formulação de um modelo metodológico*, resultado de sua tese de doutorado defendida em 1988. Livro referência em toda a América Latina, uma vez que foi publicado também em espanhol, nele aparecem as primeiras referências a JMB em quatro textos, três deles mimeografados, pois assim circularam seus primeiros textos no Brasil: “Comunicación, pueblo y cultura en el tiempo de las transnacionales” (1983), “Desafios à pesquisa em comunicação na América Latina” (1984), “Pueblo y masa en la cultura: de los debates y los combates” (1985a) e “La comunicación desde la cultura: crisis de lo nacional y emergencia de lo popular” (1985b).

Essas referências apoiam, nos dois primeiros capítulos do livro, a discussão da autora sobre a pesquisa em comunicação tanto em relação ao mercado cultural no Brasil, quanto em relação aos paradigmas teórico-metodológicos. Especificamente, JMB é adotado para pontuar – no debate sobre a cultura de massa e a relação com as classes populares – os preconceitos dos intelectuais para analisar essas instâncias. Ele também apoia a discussão empreendida por ela sobre a dependência científica latino-americana e sobre a questão da cultura popular de cunho gramsciano, onde ele é citado como exemplo de intelectual que teoriza sobre o massivo e o popular no campo da comunicação.

JMB paulatinamente começa a constituir a reflexão da autora de modo mais central a partir de suas publicações sobre a pesquisa de recepção, a exemplo do artigo “Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção” de 1993, onde ela apresenta um balanço sobre a pesquisa brasileira da área e a compara com a situação na América Latina, nos Estados Unidos e na Europa. Nesse contexto as contribuições de JMB surgem ao lado de outros teóricos latino-americanos e a teoria das mediações é citada como um fator impor-

2 O texto foi apresentado originalmente no XV Congresso Brasileiro de Comunicação Social, promovido pela UCBC/ IMS.

tante de renovação metodológica.

De forma contundente, em artigo de 1995, “Recepção dos meios, classe, poder e estrutura” critica a incapacidade dos estudos qualitativos de recepção “para transcender o marco de uma defesa liberal da cultura de massa, o que faz com que a crítica cultural e política não seja suficientemente retida nesses estudos” (Lopes, 1995, p. 101). Para tal, discute três aspectos: a inserção da Teoria das Mediações nas [então] recentes teorias das classes sociais, o “princípio estrutural básico” como operador de articulação das mediações no Enfoque das Multimediações e a ambiência culturalista que tende a dissociar-se das questões do poder. Ou seja, toma a teorização de Guillermo Orozco e de JMB – a qual chama genericamente de “modelo das mediações” – como centrais para exercer sua crítica teórico-metodológica em busca de um modelo mais acabado.

Em sua crítica, considera que não se trata de uma ruptura teórica, pois ambos se contrapõem a duas teorias de cunhos funcionalista e marxista, sendo que as pesquisas realizadas na época se reapropriaram de conceitos de ambas as tradições. No que se refere ao culturalismo, aponta que o deslocamento da preocupação com a dominação política e ideológica para o eixo da cultura e da subjetividade mostra claramente a passagem da sociologia e da semiótica para o domínio da antropologia e da psicologia, que alijam a análise do poder dos meios de comunicação nas práticas cotidianas. É na questão de classe, entretanto, que a autora centra sua crítica mais forte ao modelo das mediações, especificamente o das Multimediações de autoria de Orozco³, pois considera que ele dispensa um tratamento funcionalista às diferenças sociais, trabalhando com estratificação social.

Mais adiante, no ano de 1997, em publicação resultante do I Colóquio Brasil-Dinamarca promovido pela INTERCOM, ela escreve sobre sua pesquisa em andamento “Recepção de telenovela: uma exploração metodológica (1996-1998)”, apresentando suas principais linhas teórico-metodológicas. Assim, o texto “Explorações metodológicas num estudo de recepção de telenovela” anuncia o que se tornará um estudo referência a partir da publicação do livro *Vivendo com a telenovela* (2002). Nesse livro, Maria Immacolata e uma

3 Em 1994, publica “Reflexiones metodológicas sobre la investigación de recepción” e, em 1996, “Pesquisas de recepção e educação para os meios”, onde retoma o Modelo das Multimediações para propor estratégias para educação para os meios.

equipe multidisciplinar promovem uma exploração multimetodológica da teoria latino-americana das mediações em busca de estratégias metodológicas, em um estudo compreensivo de recepção, firmando uma perspectiva teórica integradora dos processos de produção, do produto e da audiência. Para tal, foram eleitas quatro mediações: cotidiano familiar, subjetividade, gênero ficcional e videotécnica.

O objetivo da pesquisa foi implementar a operacionalização das propostas e hipóteses teóricas das mediações para torná-las metodologicamente manejáveis. Partem teoricamente da noção de mediação proposta por JMB para inspirar uma estratégia metodológica, incorporando reflexões de Orozco sobre o processo e a relação entre receptores e os meios de comunicação. Adotam o Modelo das Multimediações realizando “uma releitura da tipologia proposta por Orozco” (Lopes, 2002, p. 43) com o objetivo de alcançar “uma maior adequação metodológica à concepção de Martín- Barbero” (idem).

As mediações contidas no modelo de Orozco – videotecnológica, individual, estrutural e institucional – pautaram a identificação do lugar específico de cada mediação no processo de comunicação. Dessa forma, foi na articulação entre os dois autores que trataram de mediações para estudar a recepção no âmbito latino-americano, cada um a seu modo, que a equipe construiu as bases teórico-metodológicas para o estudo da telenovela *A Indomada* (Globo, 1997). Esse esforço para colocá-los em relação também pode ser identificado na combinação das quatro mediações que pesquisaram. De JMB foram adotadas a cotidianidade familiar e o gênero ficcional, de Orozco, a videotecnológica e a individual (que corresponde à subjetividade), combinando-as para contemplar o objeto de estudo e os objetivos da pesquisa.

A interpretação dos mapas barberianos

Maria Immacolata foi uma das protagonistas na divulgação da obra de JMB, contribuindo para sua disseminação no campo de estudos de recepção e nos seus recentes desdobramentos no tratamento de objetos relacionados aos meios digitais. Entretanto, ela afirma que a teoria do filósofo não se limita a uma teoria da recepção ou das mediações, o que o tempo das redes sociais digitais parece confirmar, visto que as categorias teóricas desenvol-

vidas nos mapas são aplicáveis (e tensionam) a objetos empíricos que não dizem respeito exclusivamente às relações entre meios e audiências.

Nesse contexto, a avaliação que ela produz, a partir do final da segunda década dos anos 2000, sobre os mapas concebidos por JMB, é largamente utilizada em teses e dissertações brasileiras, desde as primeiras mediações que aparecem em *De los Medios a las mediaciones* (1987), até a sequência de quatro mapas desenvolvidos ao longo da carreira do autor, em busca por um modo de conhecimento atento a novos itinerários de pesquisa e às temáticas e objetos comunicacionais como questão de cultura.

Exemplos bem sucedidos dessa vitalidade encontramos em duas teses bem distintas onde os mapas foram utilizados: uma com foco nas mediações das identidades e das tecnicidades da internet no processo do trabalho criativo (Costa, 2022), outra, orientada pela própria Maria Immacolata, a qual explora a recepção dentro do contexto transmídia caracterizado por mutações na produção e na recepção de conteúdos comunicacionais na contemporaneidade (Pereira, 2020). Indo além, concordamos com Escosteguy e Carrijo (2024) sobre a potência de JMB para os novos objetos das tecnologias digitais e a mediação de algoritmos, ainda que ela esteja atualmente sendo desconsiderada, como mostram os diagnósticos a respeito da pesquisa sobre tecnologias de comunicação e as culturas digitais.

De onde vem essa potência da teoria de JMB? Lida através dos apontamentos de Maria Immacolata (2018a, 2018b), ela diz respeito a recursos intelectuais heterodoxos que o autor carrega em sua bagagem e aos inúmeros objetos que vai incluindo (telenovela, jovens, educação, cidade, políticas culturais, mídias, entre outros) na composição de uma teoria viva em estreito diálogo com as transformações do seu contexto que é a América Latina inserida no mundo. Os mapas são, neste sentido, uma orientação teórica que podem se constituir em eixos para balizar a construção teórica e empírica de uma investigação.

Maria Immacolata (2018a) apresenta, explica, compara e interpreta os quatro mapas metodológicos das mediações – Mapa das Mediações Culturais da Comunicação (1987), Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura (1998), Mapa das Mutações Comunicativas e Culturais (2010), Mapa das Mutações Culturais e Comunicativas Contemporâneas (2017) – para concluir

que “um não substitui o anterior, mas se apropria, o reinterpreta e o acrescenta, em um processo que exige um pensamento de maior complexidade” (Lopes, 2018a, p. 60).

Ela já havia apresentado três dos quatro mapas em um dossiê da revista *Intexto* (2018b), onde vários autores refletem sobre as mediações, na forma de descrições, interpretações ou aplicações em estudos empíricos. Maria Immacolata, por sua vez, destaca os variados modos de definir mediações, que são inspiradoras para as pesquisas atuais, a depender de quais mediações são mobilizadas para nortear a investigação: a) como processo que configura e reconfigura tanto a lógica da produção quanto a dos usos, no Mapa das Mediações Culturais da Comunicação (mapa 1); b) como espaço que coloca em relação dialética a produção e o consumo, os formatos industriais e as matrizes culturais, no Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura (mapa 2); c) como processos e materialidades da comunicação em um contexto social e cultural, no Mapa das Mutações Comunicativas e Culturais Contemporâneas (mapa 3).

Por outro lado, considera que os eixos são também categorias de mediação, pois ao comentá-los no segundo mapa (matrizes culturais e formatos industriais; lógicas de produção e competências de recepção) afirma que “constituem quatro mediações básicas (de mais intensidade) que estão articuladas através de uma espécie de ‘submediações’ (de menos intensidade), todas articuladas como múltiplas mediações” (Lopes, 2018b, p. 20). Também chama a atenção sobre o adensamento da tecnicidade e da sensorialidade como características das reflexões do autor sobre as mutações dos novos tempos. A sensorialidade, para JMB, é um novo modo de experimentar e dar sentido à experiência, diferente do tempo no qual dominava a escrita, o racionalismo ilustrado, a modernidade, atualmente “digital, fluida, hipertextual, caótica” (Martín-Barbero; Rincón, 2019, p. 17). E se a cultura e a política, arte e a estética se transformam pela intervenção da técnica e dos meios de massa, a mediação que estrutura esse processo é a tecnicidade, a linguagem com a qual compreendemos o mundo (Martín-Barbero; Rincón, 2019, p. 21). Na nova forma de experiência encetada pela tecnicidade digital, que transforma o regime do sensível – a percepção e o afeto, a palavra e o pensamento – ele vislumbra, assim como já fez em relação aos meios massivos, possibilidades de emancipação social (Bonin; Morigi, 2019).

Considerações finais

Maria Immacolata aproximou-se, paulatinamente, da obra de JMB em vários momentos e fases. Inicialmente de maneira complementar às discussões que estava implementando no âmbito da cultura popular e da pesquisa em comunicação. Em um segundo momento, tratou de analisar e tecer críticas ao modelo das mediações, interessada nas pesquisas de recepção e consumo midiático. Mais adiante, apropriou-se do modelo em um estudo empírico de recepção em busca do desenvolvimento de estratégias metodológicas para pesquisar a recepção de telenovelas. Finalmente dedicou-se a analisar, comparar e interpretar as sequências de mapas apresentados por ele em momentos distintos de sua reflexão.

Pode-se afirmar que o projeto intelectual de JMB e de Maria Immacolata têm em comum muitos elementos, entre eles, a origem do trabalho de ambos, na dedicação à cultura popular frente à crescente presença da cultura midiática. Também compartilham a preocupação sociológica com a categoria da experiência, traduzida pela autora em pesquisas com temas sobre telenovela no cotidiano do brasileiro. É a experiência de comunidades e de pessoas central para entender o que é comunicação. Ou, como diz Rincón (2018), uma comunicação feita mais de gente do que de tecnologias ou meios porque as mutações tecnológicas só se realizam através dos sentidos que receptores e consumidores produzem, circulam e questionam.

Nesse âmbito, a contribuição de ambos para o campo da Comunicação é muito importante posto que propuseram investigações que tratam das questões midiáticas vinculadas ao modo como os atores sociais realizam os modelos culturais, tanto em termos de reprodução social como em descontinuidade com as condições políticas e culturais hegemônicas.

Quanto ao diálogo de Maria Immacolata com a obra de JMB, não seria exagero afirmar que a autora deu uma contribuição relevante para a discussão e tensionamento dos mapas das mediações, dando sua interpretação à proposta do autor, o que se estendeu tanto no âmbito das teses e dissertações como orientadora, tanto como cartógrafa do cartógrafo que, como ele, emigrou da Europa para sua aventura em prol de uma teoria mestiça da cultura para apreender a verdade cultural de nossos países, que combina memória e imaginários eletrônicos e digitais.

Referências

Bonin, Jiani; Morigi, Valdir J. Ciudadanía en las interrelaciones entre comunicación, medios y culturas. In: Jacks, Nilda; Schmitz, Daniela; Wottrich, Laura (Orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019. p. 215-240.

Costa, Nathália Drey. **Mediações comunicativas do trabalho “criativo”**: novos caminhos, mapas antigos. 2022. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). PPGCOM, UFSM, 2022.

Escosteguy, Ana Carolina; Carrijo, Ana Julia de F. Algoritmos e cultura digital: interlocuções com a pesquisa latino-americana. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 31, p. 1-15, jan.-dez. 2024.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. A narrativa policial de Gil Gomes. **Cadernos Intercom**, São Paulo, n. 8, p. 25-36, 1985.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Programa policial e populações marginais. In: Soares, Ismar de Oliveira (Org.). **A comunicação na construção da paz**. São Paulo: Paulinas /UCBC, 1987. p. 98-106.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **O rádio dos pobres**. Comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo: Loyola, 1988.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. O popular nas pesquisas de comunicação. **INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 12, n. 61, p. 146-150, 1989.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. Formulação de um Modelo Metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. **INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 78-186, 1993.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Reflexiones metodológicas sobre la investigación de recepción. In: Fuentes Navarro, Raúl; Reguillo, Rossana

(Orgs.). **Investigar la comunicación** – propuestas iberoamericanas. México: Universidad de Guadalajara, 1994.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Recepção dos meios, classe, poder e estrutura. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 23, p. 100–110, 1995.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisas de recepção e educação para os meios. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 6, p. 41–46, 1996.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Explorações metodológicas num estudo de recepção de telenovela. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Temas contemporâneos em comunicação**. São Paulo: EDICON/INTERCOM, 1997.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de et al. **Vivendo com a telenovela**. Mediações, recepção, teleficcionalidade, São Paulo. Summus Editorial, 2002.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39–63, Jan./abr. 2018a.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **InTexto**, Porto Alegre, v. 43, p. 14–23, set./dez., 2018b.

Martín-Barbero, Jesús. Comunicación, pueblo y cultura en el tiempo de las transnacionales. **2º Seminário de CLACSO**. Buenos Aires, 1983 (mimeo).

Martín-Barbero, Jesús. Desafios à pesquisa em comunicação na América Latina. **Boletim INTERCOM**, São Paulo, n. 49/50, p. 18–32, 1984.

Martín-Barbero, Jesús. Pueblo y masa en la cultura: de los debates y los combates. **Conferencia sobre cultura popular en America Latina**. Columbia University. Nova Iorque, 1985a (mimeo).

Martín-Barbero, Jesús. La comunicación desde la cultura: crisis de lo nacional y emergencia de lo popular. **Conferencia**. Universidad de Cali, Colombia, 1985b (mimeo).

Martín-Barbero, Jesús. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

Martín-Barbero, Jesús. Desencuentros de la socialidad y reencantamientos de la identidad. **Anàlisi**, n. 29, p. 45-62, 2002.

Martín-Barbero, Jesús; Rincón, Omar. Mapa insone 2017. Ensayos sobre el sensorium contemporáneo, un mapa para investigar la mutación cultural. In: Jacks, Nilda; Schmitz, Daniela; Wottrich, Laura (Orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019. p. 17-24.

Pereira, Tissiana Nogueira. **Navegando com a telenovela?** Mediações, recepção e ficção televisiva em tempos transmídia. 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Rincón, Omar. Mutações bastardas da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2018.

Uma intelectual pesquisadora

Juremir Machado da Silva

Missão do intelectual

Longa tem sido a discussão sobre o conceito e o papel do intelectual nas sociedades ocidentais. O termo consagrou-se na França a partir do grito do escritor Émile Zola, em 13 de janeiro de 1898, denunciando a injustiça tramada e cometida contra o oficial judeu Alfred Dreyfus, acusado injustamente de traição em favor da Alemanha. Ao publicar no jornal *L'Aurore* o seu libelo intitulado “Eu acuso”, Zola saiu da sua zona de conforto de romancista consagrado e adulado para enfrentar no espaço público a ira de parte de uma nação devastada pelo antissemitismo. Nada o obrigava a manifestar-se, nada exigia dele tamanho esforço de intervenção social. Mesmo assim, ele interpelou do presidente da República aos peritos envolvidos na trama contra Dreyfus. Era o tempo de uma postura aberta ao universalismo, que se revelaria, mais tarde, abstrato ou vetor de propagação das ideias e crenças europeias. Zola, contudo, cumpriu rigorosamente o papel de colocar a verdade e a justiça acima de tudo.

O filósofo Bernard-Henri Lévy, em *Les aventures de la liberté: une histoire subjective des intellectuels* (1991), assegura que a palavra intelectual não existia no vocabulário corrente francês antes do “caso Dreyfus”. Ou apenas como adjetivo. Zola teve a ousadia de sair do seu espaço de especialização, a literatura, para defender posições em terreno geral, de jornalistas, advogados, políticos, cidadãos. Para Lévy, foi com essa atitude que a inteligência se pôs a serviço do justo, proclamando-se intermediária “entre o mundo e o universal” (1991, p. 11). Um feito.

Jean-Paul Sartre encarnaria, no século XX, como ninguém o papel do intelectual com pretensões ao universal. Ele seria um pouco de tudo, filósofo, romancista, pensador, dramaturgo, midiático, antes desse termo entrar em cena, revolucionário de gabinetes e cafés parisienses, jornalista, na acepção ampla que a palavra pode tomar na França, amigo dos que se dedicavam a mudar o mundo, crítico dos conformismos e conformidades. Seria rei no seu tempo. Nada, porém, dura para sempre. Aos poucos, a ideia de intelectual universal, consciência

da humanidade, porta-voz dos desvalidos, foi esmaecendo. O conceito, porém, nunca se perdeu. Apenas ganhou novos conteúdos, mais delimitados, recortados, definidos, precisos. Michel Foucault, como se pode constatar em *A microfísica do poder* (2011, p. 71), em conversa com Gilles Deleuze, destaca que uma “teoria é como uma caixa de ferramentas” e que “o papel do intelectual não é mais o de se colocar ‘um pouco na frente ou um pouco de lado’ para dizer a muda verdade de todos”. É o que então? Desnudar o poder nos campos do saber.

O intelectual não será o “grande escritor”, mas o profissional que atua em lugares específicos como o professor ou pesquisador no seu laboratório, na sua universidade, no seu campo de produção de saber. Para Foucault (2011, p. 13), o intelectual ganha uma nova dimensão:

O intelectual não tem mais que desempenhar o papel daquele que dá conselhos. Cabe àqueles que se batem e se debatem encontrar, eles mesmos, o projeto, as táticas, os alvos de que necessitam. O que o intelectual pode fazer é fornecer os instrumentos de análise, e é este hoje, essencialmente, o papel do historiador. Trata-se, com efeito, de ter do presente uma percepção densa, de longo alcance, que permita localizar onde estão os pontos frágeis, onde estão os pontos fortes, a que estão ligados os poderes – segundo uma organização que já tem cento e cinquenta anos – onde eles se implantaram. Em outros termos, fazer um sumário topográfico e geológico da batalha... Eis aí o papel do intelectual. Mas de maneira alguma dizer: eis o que vocês devem fazer!

Desse fragmento a passagem realmente a destacar é esta: “O que o intelectual pode fazer é fornecer os instrumentos de análise”. Michel Foucault (2011, p. 9) vai então usar a expressão “intelectual específico” em oposição ao “intelectual universal”: “Um novo modo de ‘ligação entre teoria e prática’ foi estabelecido. Os intelectuais se habituaram a trabalhar não no ‘universal’, no ‘exemplar’, no ‘justo-e-verdadeiro-para-todos’, mas em setores determinados”. Quais? “A moradia, o hospital, o asilo, o laboratório, a universidade, as relações familiares ou sexuais”. Esse salto da ideia narcisista de “consciência do mundo” para a de “permutadores” de conhecimento caracteriza uma nova realidade a ser admitida na qual cresce “com o desenvolvimento das estruturas técnico-científicas na sociedade contemporânea a importância adquirida pelo intelectual específico há algumas dezenas de anos” (Foucault, 2011, p. 11). O “intelectual específico” joga no seu campo e com as suas competências.

Foucault invalida por antecipação o contra-argumento de que se trataria de especialista abordando o que “não interessa à massa”. Para ele, as “massas” não são alienadas nem precisam que se fale em nome delas. Na conversa já citada com Gilles Deleuze, este se refere à “indignidade de falar pelos outros” (2011, p. 72). A contribuição do “intelectual específico” desloca-se então para esse “fornecer instrumentos de análise”.

Noutra perspectiva, muito atual, em termos de publicação, Edgar Morin, em *Só um instante* (2025, p. 26), define a “missão do intelectual”.

Cabe ao intelectual, portanto, a tarefa mais difícil da história da cultura: resistir a todas as forças que degradam a reflexão e ser capaz de pensar sobre as contribuições capitais das ciências contemporâneas a fim de tentar compreender o mundo, a vida, o ser humano, a sociedade.

Esse intelectual contemporâneo na visão de um pensador centenário como Morin tem papel relevante se não se perder na abstração do universal nem nos particularismos do concreto. A sua missão é a da reflexão e da autorreflexão críticas: “Ser intelectual é se autoinstituir como tal, ou seja, dar-se uma missão: uma missão de cultura, uma missão contra o erro, uma missão de consciência pela humanidade” (Morin, 2025, p. 29).

Pode-se, considerando esses pressupostos, conceber a ideia de intelectual pesquisador. No âmbito do campo da Comunicação no Brasil, Maria Immacolata Vassallo de Lopes preenche todos os requisitos possíveis para ser vista como tal. É o que se sustentará nas próximas páginas deste texto.

Percurso acadêmico

A trajetória profissional de Maria Immacolata Vassallo de Lopes é exemplar. Uma caminhada irretocável do ponto de partida ao ponto atual. Há fontes que parecem não ter legitimidade por definição para uso em artigos acadêmicos. Contudo, podem trazer informações relevantes

quando se quer identificar um caminho na visão do caminhante. Vale, então, ver como Immacolata, como é chamada por todos, resume no Lat-tes o seu percurso:

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo; Mestrado e Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Pós-Doutorado na Universidade de Florença, Itália. Professora titular da Escola de Comunicações e Artes da USP. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Epistemologia da Comunicação, Teoria da Comunicação e Metodologia da Pesquisa em Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: campo da comunicação, metodologia da comunicação, estudos de recepção, ficção televisiva, streaming. Coordena o Centro de Estudos de Telenovela da USP (CETVN) e o Centro de Estudos do Campo da Comunicação da USP (CECOM). Criadora e coordenadora da rede internacional de pesquisa OBITEL (Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva) e do OBITEL BRASIL (Rede Brasileira de Pesquisadores de Ficção Televisiva). Diretora de MATRIZES, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Presidente de IBERCOM – Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação (2015–2019). Presidente da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (1995–1997) e é Vice-presidente do Conselho Curador da entidade (2015). Presidente da Comissão de Pós-Graduação da ECA-USP (2001–2008) e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (2001–2012). Representante da Área de Comunicação no Comitê Assessor CA-AC do CNPq (2004–2007). Membro de Conselho Científico de periódicos nacionais e internacionais. Publica artigos e livros no país e no exterior em suas especialidades. É pesquisadora 1A do CNPq.

O que se vê nessa síntese de uma vida acadêmica? Immacolata por ela mesma em todas as suas expressões: professora, pesquisadora, gestora, autora, diretora de revista científica (a revista A do Qualis da área da Comunicação), representante de área em comitê assessor do CNPq, criadora do OBITEL, um observatório de vanguarda voltado para um dos temas mais caros à população brasileira, as novelas de televisão, membro de associações científicas e de instituições de articulação da vida universitária.

Entre tantas facetas, três conseguem ficar acima das outras, embora em todas se expresse a competência e a dedicação da intelectual em questão: a representante da Comunicação no CNPq, a diretora da revista *MATRIZES* e a criadora e coordenadora do OBITEL. Nada obrigava Maria Immacolata Vassallo de Lopes a dedicar tanto do seu tempo e da sua energia a esses três empreendimentos. Ela poderia ter feito a sua carreira sem passar por esses nós da rede de atividades acadêmicas. No CNPq, entre 2005 e 2007, num comitê que contou com pesquisadores importantes como José Luiz Braga e Antônio Fausto Neto, Immacolata mostrou a sua capacidade de análise, o senso de justiça, a determinação para examinar de modo minucioso cada processo e, acima de tudo, um forte sentimento de justiça, buscando de todos os modos compreender as propostas nas suas singularidades e distribuir recursos sempre insuficientes com equilíbrio e respeito ao mérito. Não se tratava de um trabalho meramente de avaliador, hierarquizando qualidades mensuráveis, mas de uma missão de intelectual com vistas a entrar nas virtudes exibidas por proponentes e seus projetos e, em paralelo, contemplar as necessidades da área, do país, da sociedade.

Quem conviveu com ela naqueles anos, caso do autor deste artigo, ficou marcado pela sua franqueza sem agressividade, pelo seu rigor e pela sua visão de conjunto das questões epistemológicas envolvidas em cada parecer. A atividade não se resumia a distribuir recursos públicos sob a forma de bolsas e auxílios, mas contemplava visões da comunicação capazes de realmente ampliar o conhecimento sobre esse campo naquele momento. A intelectual “específica”, conforme a expressão de Michel Foucault, ou com a missão compreensiva defendida por Edgar Morin, prevalecia sobre as demais faces da pessoa complexa que é Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

A sua generosidade intelectual encontraria no OBITEL o modo mais consequente de ser, possibilitando a pesquisa de novelas sem os pré-conceitos e pre-conceitos percebidos por Edgar Morin nos intelectuais elitistas diante de gostos populares ou de produtos da cultura de massa. Edgar Morin, em conversas com estudantes da Sorbonne, em 1995, observava que intelectuais brasileiros costumavam desdenhar novelas de televisão. Ele via *Dona Beja*, com Maitê Proença, na televisão francesa, e encontrava complexidade na personagem. Sugeriu que não se desperdiçasse a possibilidade de compreender esse universo multifacetado, entre indústria, criatividade e capacidade de despertar o interesse de camadas sociais diferentes. Maria Immacolata Vassallo de Lopes sistematizou no OBITEL esse tipo de perspectiva, sem ranço nem arrogância, sem um dever-ser

endereçado ao público das novelas: estudar, compreender, não dizer o que fazer.

Na revista *MATRIZES* tudo isso ganharia continuidade, estabilidade e fluxo. Uma publicação não apenas para desovar a produção acadêmica represada e em busca de pontos para as avaliações da Capes, mas um veículo de reflexão intelectual sobre o Brasil e sobre as grandes mutações desta época. Enxerga-se pela *MATRIZES* as transformações do mundo atual.

Olhar generoso

Maria Immacolata Vassallo de Lopes encaixa-se perfeitamente na definição mais precisa do intelectual segundo Michel Foucault: “(...) fornecer os instrumentos de análise”. É isso que dizem seus ex-alunos, que indicam seus textos acadêmicos e que confirmam as suas diferentes atuações no espaço público da área da Comunicação. É isso que se lê no seu artigo “O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar”, publicado na *Revista USP* no começo deste século XXI de revolução tecnológica: “A produção da ciência depende intrinsecamente das suas condições de produção. Estas são dadas pelo contexto discursivo que define as condições epistêmicas de produção do conhecimento e pelo contexto social que define as condições institucionais e sociopolíticas dessa produção” (Lopes, 2000–2001, p. 48).

Olhar crítico, olhar movediço, olhar para o movimento permanente do saber, que se modifica com as suas novas condições de produção:

Como vimos, a crítica da ciência não é nova. Qualquer estudo é sempre feito dentro dos quadros de referência herdados do passado de uma ciência, do que é sua história ou sua tradição. Porém, os objetos de estudo, por seu caráter histórico, dinâmico e mutável, colocam permanentemente em xeque essa tradição no sentido de sua renovação e revisão. A tradição é vista como um ponto de partida, na qual enraíza-se a identidade de uma ciência, porém, nunca no sentido de fechar um saber, mas de abri-lo para dar continuidade à sua construção, pois um saber não é, em essência, nem estático, nem definitivo. É sobre a tensão constante entre a tradição e a mudança no campo científico que reside a base do surgimento de estudos e diagnósticos que buscam sua reestruturação. (Lopes, 2000–2001, p. 50)

Sem dogmatismos, a intelectual pesquisadora busca referência em Pierre Bourdieu, como no texto citado acima, ou em autores diversos abertos para a escuta do popular. Em entrevista para a *Revista Uninter de Comunicação*, em 2020, Immacolata explicou o popular no seu imaginário:

O popular estava em mim pela condição de imigrante. Nasci na Itália e ter feito esse deslocamento cultural dá uma riqueza; novas visões. As pessoas saíam de lá nos anos 1960 por falta de condições. Eu venho de classe popular, essas são minhas raízes. A minha pequena cidade era rural-urbana, não era como a cidade grande que São Paulo sempre foi. Morei no bairro da Bela Vista, em São Paulo, para depois, como todos, dispersar pela cidade. Então essa questão do popular está em mim até hoje. As primeiras referências que alguém vê no meu trabalho são essas raízes. Primeiro, Antônio Gramsci, depois passo – sem dúvida – por Octavio Ianni e Ruth Cardoso, que fez com que eu trabalhasse com o rádio e não com a televisão, minha primeira opção. Na época também, não havia metodologia como hoje para o audiovisual. As pesquisas na década de 1970 e 1980 eram sobre roteiros escritos em detrimento da análise da imagem. Tinha essa dificuldade de abordar o objeto audiovisual. Na pesquisa de mestrado – *Rádio dos pobres* – os meus casos eram os apresentadores Zé Bettio, Gil Gomes e Silvio Santos. (Lopes, 2020, p. 152)

Vale destacar esta frase: “Na época também, não havia metodologia como hoje para o audiovisual”. A intelectual pesquisadora ajudaria a produzir e “fornecer os instrumentos de análise”. Levaria a entender crítica e compreensivamente esse popular de massa da televisão brasileira. Não se entrará aqui na discussão sobre esses conceitos nem se dará espaço para um tratamento da expressão “popular de massa”, usada livremente neste momento. Não é o foco deste texto voltado para indicar como Maria Immacolata Vassallo de Lopes por meio de suas pesquisas, atuações na política acadêmica e nas instâncias de avaliação da área da Comunicação, agiu como intelectual, não mais o intelectual universal dono da verdade, mas a intelectual pontual fornecendo instrumentos para a compreensão de um mundo, de uma visão de mundo, de um mundo da visão da imagem no Brasil.

Uma imagem se dá a todos, mas exige intérpretes e interpretação. Mais do que tudo, demanda os “instrumentos de análise” adequados.

Futuro como presente

Intelectual é quem faz das ideias um instrumento de compreensão e mudança do mundo. Maria Immacolata Vassallo de Lopes, uspiana, como ela mesma costuma dizer, de formação, mas também de coração e mente, tem atuado em diferentes espaços da vida acadêmica sempre com a mesma inspiração: fazer ver. Essa operação metodológica, epistemológica, teórica e prática requer um programa de intervenção no cotidiano. Um programa aberto, complexo, capaz de se autocorrigir e renovar. A ciência só pode ser humana se souber se autoanalisar e se estiver permanentemente à escuta.

Sobressai em Immacolata a sua expansividade italiana, a sua coragem de comprometer-se sempre que necessário, as suas falas diante de silêncios que constroem ou chocam, a sua verve ácida em meio à aridez dos compromissos tácitos de ocasião. Vê-la em atuação é testemunhar a força intelectual da razão e da paixão. Com ela, como defende Edgar Morin, o sujeito e sua subjetividade, como singularidade desse sujeito, não são jogados para baixo do tapete do laboratório. Ao contrário, encontram o seu lugar sem que o rigor seja perdido. Difícil tarefa que une curiosidade científica e sabedoria existencial, ousadia e prudência. Em certos artigos acadêmicos é permitido confessar admiração por alguém. Maria Immacolata Vassallo de Lopes é uma mulher e intelectual pesquisadora admirável.

Referências

Foucault, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro, 2011.

Lévy, Bernard-Henri. **Les aventures de la liberté**: une histoire subjective des intellectuels. Paris: Grasset, 1991.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 46-57, dez./fev. 2000-2001.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Maria Immacolata Vassallo de Lopes: os sentidos do popular. Entrevista a Clóvis Teixeira Filho. **Revista Uninter de Comunicação**, Curitiba, v. 8, n. 15, p. 151-158, 2020. doi: <https://doi.org/10.21882/ruc.v8i15.848>

Morin, Edgar. **Só um instante**. Porto Alegre: Sulina, 2025.

Immacolata, para além do Lattes

José Luiz Braga

O que nos situa e identifica, aos pesquisadores em Comunicação, é naturalmente captado e relacionado no Lattes – nosso identificador, que diz (e não diz) quem somos. É claro que referir alguém implica lembrar suas realizações. Na área acadêmica, formação, cursos, publicações, linhas reflexivas, marcas de autoria. Immacolata: o Obitel, a Coordenação do PPG, a presidência da Intercom, as áreas de epistemologia e metodologias de pesquisa, a revista *MATRIZES*.

Mas se falamos um pouco mais sobre qualquer desses registros, começa a surgir alguma coisa para além das simples caracterizações de enfoque e quantitativas (o Lattes é também um quantificador). Uma singularização começa a se desenhar. Por exemplo: a criação e a direção da revista *MATRIZES* é um singularizador – um marco muito especial para a área da Comunicação. O perfil que foi dado ao periódico por Immacolata reúne dois aspectos que percebo como centrais para nosso campo de conhecimento: junto com uma não especialização temática, um decidido foco em *pensar comunicação*. Ora, esse é exatamente o perfil de Immacolata. Considero, hoje, a comunicação como o trabalho da diversidade da espécie humana – em seu processo de articular singularidades (e não de obter consenso) – e percebo bem como a *MATRIZES* carrega e estimula essa visão de nosso campo de estudos; e como a revista expressa e disponibiliza o perfil de sua criadora.

É nessa linha de reflexão que podemos perceber que o Lattes diz e não diz quem somos. Diz, porque conserva o rastro identificador do que vamos fazendo; mas não diz, porque aquietta os modos como isso se exerce e circula, como produz ondas de variação na realidade observada. É preciso então lembrar, reativar, pelo processo mesmo da comunicação, o sentido e a substância da contribuição.

É isso que pede trazer depoimentos como os que aqui são reunidos.

* * *

Conheço Immacolata desde sempre. Isso significa: desde antes da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), que

nos fez a todos da pós-graduação em Comunicação nos conhecermos. Conhecemos agora nossos programas, uns dos outros, sabemos que a área vem crescendo desde os anos 90. No início, uns poucos – a UFRJ, a ECA/USP, a PUC-SP, a Metodista; os da UnB, os da Bahia, a Estadual de Campinas; a Federal de Minas, então começando.

A área foi crescendo a ponto de que, hoje, não conhecemos mais ninguém. Mas mesmo sem conhecer todos os nomes e faces, sabemos uns dos outros, e na lista Compós nos reconhecemos. E lá está Immacolata com sua presença singular – quem não a conhece?

Pois nos conhecemos antes da Compós. Não lembro as circunstâncias – algum evento da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), da Associação Ibero-Americana de Investigadores de Comunicação (Ibercom) talvez. Mas sei que essa participação em alguma atividade foi precedida pela impressão que circulava (um pouquinho assustadora?) – uma pesquisadora polêmica que defendia posições com argumentos e uma crítica às vezes contundentes.

Mas não creio ter tido ocasião de nenhum embate argumentativo deste tipo com a colega. Muito diversamente, tivemos, em diferentes trabalhos, um diálogo inteligente e fácil. Uma dessas ocasiões foi a elaboração, a pedido da então diretoria da Compós, de uma proposta para revisão da estrutura e subdivisões da área da Comunicação no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Trabalhamos em conjunto, Immacolata, Étienne Samain e eu. Sei que fizemos uma proposta melhor do que a estrutura então adotada na agência de fomento. Mas o CNPq desistiu de acolher as propostas para revisão que solicitara a diferentes áreas.

Outra ocasião foi a de trabalharmos juntos na representação no Comitê de Área (CA) de Artes e Comunicação do CNPq. A Comunicação participava então com dois nomes. Immacolata, como se poderia prever, coordenou o CA. Pois foi uma experiência excelente para mim – um espaço de reflexão conjunta, de ponderação nas decisões. De escuta mútua.

Estivemos em trabalho conjunto, também, nas comissões de avaliação dos Programas de Pós-graduação (PPGs) de Comunicação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em mais de uma avaliação. As

comissões eram organizadas pelo/a representante da área, buscando uma diversificação regional e algum conhecimento das lógicas e padrões previstos para os PPGs pela agência. Nossa colega é certamente uma pessoa exigente, quando se fala em competência profissional, e exerceu essa severidade no trabalho de avaliação. O que se via em sua atividade eram atitudes de muita coerência. Paralelamente, observava os aspectos de uma realidade diversificada, das experiências em desenvolvimento nos programas vários, construindo uma percepção abrangente da realidade da área.

Sei que nessa ocasião direcionou o que apreendeu nas percepções desenvolvidas nas atividades CAPES para qualificar seu próprio programa, que então coordenava. Respeito muito profissionais que, competentes e tendo atingido um nível de reconhecimento dessa competência, não estacionam – desenvolvem uma aprendizagem contextual que alimenta sua potencialidade de contribuição para a área em que trabalham. Também nesse aspecto Immacolata é uma pessoa admirável.

Outra atividade conjunta, sempre lembrada por mim, foi a organização do Livro *Compós 2010 (Pesquisa Empírica em Comunicação)*, Editora Paulus, Immacolata, Luiz Claudio Martino e eu. O tema, proposto pela Diretoria da Compós, era de grande interesse para nós três, e no estudo das contribuições divergimos, convergimos e aprendemos. Uma grande satisfação de trabalho conjunto.

Não tendo participado diretamente de nenhum de seus processos principais (Obitel, Intercom, por exemplo) é singular, por contraste, a frequência com que nos encontramos em nossas atividades – isso mostra a presença diversificada de Immacolata em nossa área de conhecimento.

* * *

Um depoimento sobre a relevância de Immacolata para o campo da comunicação deve assinalar o valor de sua contribuição para uma área de conhecimento em construção da qual todos os pesquisadores e entidades que aí se envolvem são pioneiros e precursores. Estamos, todos, construindo um campo que se evidencia a cada momento como necessário para a espécie humana, para uma compreensão efetiva da sociedade, para o enfrentamento praxiológico de um mundo cuja complexidade crescente nos desafia.

É nesse âmbito de desafios e de contribuições e dúvidas plurais que se deve aquilatar o papel da professora, pesquisadora e ativista acadêmica Maria Immacolata, pelas atividades que a singularizam.

Embora partidária e defensora de determinadas linhas investigativas, mantém um diálogo continuado com o que se produz no campo da comunicação – difundindo, propondo revisões, fazendo objeções e – paralelamente – incorporando em seu acervo pessoal os ângulos inovadores, a abertura para novas questões e para as composições entre linhas diversas – mas também sabendo evidenciar as contradições.

Nessa apreensão do que se produz na área, duas atividades da colega se apoiam mutuamente em relevância e produtividade:

- em sua publicação, a produção de reflexões sobre as questões que despontam, particularmente no que se refere à produção brasileira, sabendo perceber o que se mostra significativo ou merecedor de aprofundamento;
- no estímulo constante ao debate, ao encontro dos demais pesquisadores, na apresentação e no diálogo sobre as diferentes perspectivas.

Isso nos leva à percepção de seu modo principal de presença e participação nestas atividades. A disponibilidade para argumentar, para defender aguerridamente suas perspectivas e tomadas de posição faz perceber sua incursão em um modo, relativamente raro entre nós, que é o exercício decidido da crítica e da objeção.

Conhecer Immacolata nos faz sublinhar o valor que têm os debates e as objeções para estimular um pensamento superador dos limites no trabalho analítico interpretativo. Com essa visada, devemos reconhecer essa contribuição de Immacolata: rara representante do pensamento analítico especificado sobre o de que discorda, sobre insuficiências que restringem o alcance da percepção. Immacolata sempre assumiu, destemida como a conhecemos, seu papel no exercício do sistema crítico, disponível para oferecer suas contribuições, pelo que devemos ser gratos.

Continua, Immacolata.



Immacolata, Congresso da IAMCR, Cidade do México, México, 2009. Fonte: acervo pessoal Raúl Fuentes Navarro.



Immacolata, junto com outros pesquisadores, entre eles Raúl Fuentes Navarro (centro), Efendy Maldonado (à direita) e Roseli Figaro (agachada, de camisa branca), no Congresso da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC), San José, Costa Rica, 2018. Fonte: acervo pessoal Raúl Fuentes Navarro.



Immacolata, ao lado de Jesús Martín-Barbero, em mesa com outros pesquisadores, no Congresso da IAMCR, Cidade do México, México, 2009. Fonte: acervo pessoal Raúl Fuentes Navarro.



Immacolata, Congresso INTERCOM, 1997, em Santos-SP. Fonte: acervo Intercom

PARTE II

PARTE



O ofício investigativo

De “narrativa sobre a nação” a “narrativa da nação”: a consolidação dos estudos de telenovela no Brasil

Clarice Greco
Lucas Martins Nêia

Este capítulo se volta à centralidade assumida pela telenovela brasileira na produção intelectual de Maria Immacolata Vassallo de Lopes a partir do final da década de 1990. A trajetória aqui apresentada evidencia a atuação decisiva da pesquisadora na constituição e consolidação do campo de estudos da ficção televisiva.

As telenovelas são as principais responsáveis pela especificidade da TV brasileira; eis a prerrogativa que Immacolata carregou e ainda carrega em seus estudos sobre o formato. Tais estudos enxergam essas ficções como fundamentais para a criação de um modelo de televisão nacional caracterizado não só por uma alta capacidade de produção, mas também por uma apropriação particular do melodrama (Lopes, 2003, 2004, 2009). Isso ocorre porque, além de uma peça-chave no processo de *integração sentimental* da nação – algo comum a muitos países latino-americanos, como afirmam Martín-Barbero e Rey (1999) –, a telenovela no Brasil despontou como agente de um forte processo de identificação popular, dado o seu poder de reelaboração e ressemantização de histórias, representações, imaginários e sentidos de pertencimento.

Fiel a seus princípios teóricos, Immacolata sempre os aplicou na prática e foi taxativa no que diz respeito aos projetos de mestrado ou doutorado de novos orientandos: eles deveriam contemplar produções brasileiras. Sua determinação avançou continuamente rumo ao desenvolvimento de um pensamento nacional e, por conseguinte, latino-americano, que contribuísse com as *epistemologias do Sul* (Santos; Meneses, 2009), muito antes de o termo “decolonial” se tornar palavra-chave frequente nas pesquisas da região.

Ainda que se dedique à investigação de obras brasileiras, a reflexão de Immacolata ultrapassa o ambiente televisivo nacional. A autora, afinal, procura compreender as *mediações culturais*, isto é, as redes de significados que o conteúdo ficcional gera e expressa, contribuindo para a construção de um repertório comum compartilhado. Em outras palavras, a ficção televisiva, para ela, “não deve ser pensada numa história específica, numa particular produção de gênero, mas antes no inteiro *corpus* e fluxo das narrativas por onde assume a função de preservar, construir e reconstruir um ‘senso comum’ da vida cotidiana” (Lopes, 2004, p. 131).

Immacolata vê esse repertório nas bases da conformação de uma *comunidade nacional imaginada*. A noção de comunidade imaginada, cunhada por Anderson (1983) para descrever a emergência dos Estados-nações da Europa, associa o surgimento da imprensa escrita de massa e das línguas nacionais à consolidação do sentimento de pertencimento dos sujeitos a uma comunidade pátria. Para Lopes (2003, 2004, 2009), um processo similar ocorre quando uma telenovela galvaniza o país: ela atualiza o potencial dessas narrativas de sintetizar o imaginário da nação, fazendo dos telespectadores participantes dessa *nação imaginada*.

Assim, Immacolata faz uso da ideia de comunidade imaginada para indicar as representações do Brasil engendradas pelas telenovelas, demonstrando como essas produções atuam na mobilização e reatualização de sentidos da identidade nacional. Isso explica não só a preferência do público pelo formato, mas o fato de as ficções campeãs de audiência terem argumentos e/ou roteiros originalmente brasileiros, como atestam os anuários elaborados pelo Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel) (Lopes; Greco, 2017).

Vivendo com a telenovela, um ponto de virada

A importância da ficção televisiva para a economia da TV, tanto pelo impacto de suas funções como por seus significados culturais, foi dimensionada mormente pelos estudos de recepção – que, no Brasil, se dedicaram à análise da experiência e da competência produtiva dos telespectadores. Autores como Martín-Barbero (1998, 2011), Buonanno (1999) e a própria Immacolata defendem, em suas obras, a necessidade de se analisar as operações

de apropriação, ou seja, processos que ativam a competência cultural das pessoas na socialização da experiência criativa e no reconhecimento de aspectos que as aproximam ou as distanciam.

Foi por essa linha que Maria Immacolata Vassallo de Lopes, juntamente com Sílvia Helena Simões Borelli e Vera da Rocha Resende, enveredou para realizar a investigação que se tornaria uma das principais obras de recepção no Brasil: o livro *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade* (Lopes; Borelli; Resende, 2002). Voltado às formas como famílias residentes na cidade de São Paulo apreenderam a telenovela *A Indomada* (Globo, 1997), escrita por Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares e dirigida por Marcos Paulo, o estudo fez parte do Projeto Integrado “Ficção e realidade: a telenovela no Brasil, o Brasil na telenovela”, conhecido como “Projetão”, iniciativa desenvolvida no final dos anos 1990 por pesquisadoras que formavam o então Núcleo de Pesquisa de Telenovela (NPTN) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Esse trabalho ocupa um lugar paradigmático na jornada acadêmica de Immacolata não só por se configurar como sua primeira grande pesquisa direcionada à telenovela brasileira, mas por representar o desdobramento de um *continuum* lógico de investigações de recepção, vertente à qual a autora vinha se dedicando no decorrer da década em questão. Desde sua inauguração, o NPTN buscava retirar a telenovela, um dos principais produtos culturais do país, do papel de “gata borralheira do *campus*” para elevá-la a “Cinderela acadêmica”, nos termos utilizados por Marques de Melo (2000), um dos responsáveis por viabilizar institucionalmente a criação daquele centro de pesquisa na ECA-USP.

A telenovela também desponta como um objeto coerente em meio a uma trajetória iniciada com trabalhos atinentes à comunicação popular: em sua dissertação de mestrado, *O rádio dos pobres: estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*, orientada por Nelly de Camargo e defendida na ECA-USP em 1983 – além de ter sido publicada em livro em 1988 –, Immacolata analisou a influência das atrações radiofônicas de Zé Bértio, Gil Gomes e Silvio Santos junto às classes menos favorecidas. Tratando especialmente do Programa Gil Gomes, a autora identifica nele efeitos de sentido produzidos a partir de uma estrutura narrativa claramente melodramática; ela, portanto, já tangenciava esse gênero, matriz cultural da telenovela,

como um dispositivo de comunicabilidade, reivindicando que o popular fosse o cerne das reflexões no âmbito da Comunicação, como reiteradamente advogou Martín-Barbero (1998, 2011). Ademais, nas considerações finais do trabalho, Immacolata já sublinhava que “as condições de recepção têm a maior importância, pois só em relação a elas é que o discurso pode realizar sua eficácia simbólica e ser efetivamente incorporado às práticas sociais de determinada população” (Lopes, 1988, p. 188).

Ora, o estudo coletivo que deu origem ao livro *Vivendo com a telenovela* se destaca justamente por sua exploração metodológica, delineada com o intuito de analisar e interpretar a recepção de uma mesma ficção televisiva sob a perspectiva de diferentes estratos da população. A robustez dessa investigação empírica se dá pela reunião e combinação de diversas técnicas: (1) observação etnográfica, com fichas de descrição das casas e da rotina de cada família; (2) questionário do consumo e das práticas familiares, visando à construção de um mapa do consumo doméstico que apresentasse detalhes da moradia, dos membros da família e dos hábitos de assistência; (3) entrevistas gerais e entrevistas temáticas – estas últimas focalizadas em tópicos que espelhavam as mediações estruturantes da pesquisa¹; (4) histórias de vida, contadas por cada um dos familiares; (5) história de vida cultural, dispondo-se a compreender como cada membro das famílias havia se relacionado com os vários meios culturais; e (6) grupo de discussão da telenovela reeditada, ancorada na reexibição de cenas marcantes para debate² (Lopes;

1 As entrevistas temáticas foram: *entrevistas do cotidiano*, abordando práticas e sentidos cotidianos presentes na vida das famílias e na narrativa da telenovela; *entrevistas da subjetividade*, interessadas no modo como os pesquisados transitavam entre suas realidades e a “realidade da telenovela”; *entrevistas do gênero ficcional*, que buscavam desvelar interpretações acerca dos personagens da telenovela e de suas tramas, de modo a encontrar marcas do reconhecimento da matriz popular na telenovela; *entrevistas de videotécnica*, voltadas à compreensão de como os sujeitos entendiam a linguagem audiovisual; e *entrevistas de produção*, realizadas com profissionais da Rede Globo e direcionadas a questões como a competitividade industrial do produto telenovela, níveis e fases de decisões artísticas e as rotinas produtivas (Lopes; Borelli; Resende, 2002).

2 Durante a exibição de *A Indomada*, os membros das famílias participantes comentavam com os pesquisadores sobre algumas cenas marcantes; estes, com base em tais relatos, reeditaram a telenovela para cada família, deixando apenas as sequências selecionadas por seus integrantes. Assim, depois que a trama saiu do ar, os membros de cada célula familiar foram convidados a assistir juntos às cenas escolhidas e a debatê-las. As discussões, realizadas no contexto doméstico das quatro famílias, acabaram gerando grandes conflitos, especialmente entre pais e filhos que defendiam opiniões diferentes.

Borelli; Resende, 2002). Nessa combinação de métodos, a pesquisa se torna também pioneira na implementação de uma pesquisa que integra as instâncias da produção, do texto e da recepção, pedra angular na proposta do(s) mapa(s) de Martín-Barbero.

Apesar de ser citada como uma das principais pesquisas sobre telenovela no Brasil, o objeto desse estudo era menos a teleficção *A Indomada* em si e mais a profundidade e as camadas da espectralidade. A equipe envolvida no projeto, ao adentrar as casas e o cotidiano de quatro famílias de diferentes classes, mergulhou em uma exploração metodológica na qual pesquisador e objeto se mesclaram e se intercalaram profundamente. Immacolata ainda hoje comenta a respeito das amizades e dos laços criados durante esse processo, que exigiu uma enorme autorreflexividade da parte dos investigadores.

Mais do que uma leitura obrigatória para futuros estudiosos do campo – trata-se, afinal, da segunda produção mais citada de Immacolata, de acordo com as métricas do Google Scholar –, *Vivendo com a telenovela* evidenciou a conexão dos brasileiros com essas obras e a imbricação dos elementos ficcionais nas mediações culturais. O estudo demonstrou que a telenovela é, de fato, um *fórum cultural* (Newcomb, 1999) cujo território de produção, circulação e recepção de sentido permite que as pessoas sintetizem experiências públicas e privadas, expressem divergências e convergências em relação às ações de personagens e aos desdobramentos da narrativa; enfim, se relacionem.

Telenovela como narrativa da nação e recurso comunicativo

Os anos 2000 marcam a sedimentação da telenovela como o principal objeto dos estudos de Immacolata. Em 2001, por conta de seu estágio pós-doutoral na Itália, a pesquisadora teve a oportunidade de realizar fecundos intercâmbios tanto com o Observatório da Ficção Televisiva Europeia (Eurofiction), fundado e dirigido por Milly Buonanno, quanto com o braço italiano dessa rede de pesquisa, o *Osservatorio sulla Fiction Italiana*, naquele momento coordenado por Buonanno junto a seu marido, Giovanni Bechelloni. Nesse mesmo período, ela dá início a investigações que se propõem a estudar os vínculos entre nações e narrações televisivas no contexto brasileiro, base-

ando-se em autores como Appadurai (1990) e Bhabha (1990), além dos já citados Anderson (1983), Martín-Barbero (1998), Buonanno (1999) e Newcomb (1999).

Surge, então, uma das reflexões fundamentais da obra da autora: a concepção da telenovela como uma *narrativa sobre a nação* (Lopes, 2003). Estamos falando, afinal, de narrativas cujas convenções os brasileiros passaram a dominar à medida que o hábito de assistir a essas produções diariamente, em determinados horários, se consolidou ao longo da segunda metade do século XX como um ritual partilhado por múltiplos segmentos da população. Tais ficções serviram – e ainda servem – como referências para a definição de *tipos ideais* (no sentido weberiano) de família brasileira, mulher brasileira, homem brasileiro, corrupção brasileira, violência brasileira etc. Voltamos, portanto, à noção de comunidade imaginada (Anderson, 1983) abarcada na introdução deste texto.

O primeiro trabalho de Immacolata considerado paradigmático nesta seara, em termos de impacto, foi publicado em 2003, em português³, na revista *Comunicação & Educação*, da USP: trata-se do artigo “Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação”. Nesse texto, Immacolata ensaia sua primeira periodização da telenovela brasileira, distinguindo uma fase *fantasiosa*, característica das primeiras décadas do gênero, de uma etapa *realista*, engendrada no final dos anos 1960 com a exibição de *Beto Rockefeller* (Tupi, 1968).

Tais reflexões seriam aprofundadas no decorrer da década de 2000 e culminariam em outro artigo emblemático da pesquisadora, publicado em 2009 pela revista *MATRIZES*, também da USP: “Telenovela como recurso comunicativo”. Nele, Immacolata delineia de vez a periodização esboçada anteriormente, dividindo a história da telenovela brasileira em três fases: *sentimental* (1951 a 1968), marcada por enredos fortemente melodramáticos; *realista* (1968 a 1990), na qual as narrativas passam a investir em um constructo de um Brasil que se moderniza; e *naturalista* (1990 em diante – pelo menos até a data de publicação daquele texto), caracterizada pela encenação de fatos ou temas sociais e políticos que remetem explicitamente à vida da

3 Aqui, sublinhamos o idioma porque a autora já havia tratado do tema anteriormente no capítulo de um livro editado em italiano e em um artigo em espanhol para um periódico peruano.

nação. O trabalho consolida⁴, ainda, uma mudança lexical que pode parecer pequena, mas representa um aprofundamento conceitual importante: a autora passa a pensar a telenovela não mais como uma *narrativa sobre a nação*, e sim como *narrativa da nação*, entendendo que a preposição “de” abrange melhor a dialética existente entre o tempo vivido e o tempo narrado, responsável por tipificar a ficção televisiva no Brasil “como uma experiência comunicativa, cultural, estética e social” (Lopes, 2009, p. 29).

Outra notável contribuição desse último artigo é justamente a defesa da tese que lhe dá título: a de que a telenovela é um *recurso comunicativo*. De certa forma, tal ideia se vincula intimamente à noção de merchandising social, ações socioeducativas que, inseridas na diegese das teleficções, vinculam-se às próprias raízes modernas do melodrama por se dotarem de uma dimensão pedagógica (Nicolosi, 2009). Esse recurso caracteriza a fase naturalista da telenovela brasileira: se, no período realista, as tramas abarcavam ações pedagógicas implícitas, a fricção entre ficção e realidade presente nas tramas dos anos 1990 e 2000 dá margem a campanhas sociais que passam a repercutir concretamente na realidade, promovendo valores e princípios éticos e universais, difundindo conhecimentos e estimulando mudanças de atitude dos telespectadores diante de assuntos de interesse público – pausando, assim, um pensamento crítico por parte da recepção.

Abordar a telenovela como recurso comunicativo é identificá-la como narrativa na qual se conjugam ações pedagógicas tanto implícitas quanto deliberadas que passam a institucionalizar-se em políticas de comunicação e cultura no país. Em outros termos, é reconhecer a telenovela como componente de políticas de comunicação/cultura que perseguem o desenvolvimento da cidadania e dos direitos humanos na sociedade. (Lopes, 2009, p. 32)

Não podemos traçar um panorama das publicações de Immacolata nos anos 2000 sem mencionar a coletânea *Telenovela: internacionalização e in-*

4. Utilizamos, neste excerto, a ideia de consolidação porque a expressão “narrativa da nação” já havia figurado em outros textos de Immacolata. Todavia, como frisamos no início dessa seção, pensamos em termos de uma influência longitudinal; neste caso, o artigo “Telenovela como recurso comunicativo” se destaca por ser a terceira produção mais citada da autora – seguida, justamente, pelo texto “Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação” –, segundo os índices do Google Scholar.

terculturalidade (Lopes, 2004), primeira publicação do NPTN após o incêndio que destruiu todo o acervo físico do núcleo, ocorrido em 2001. Derivado do seminário A Internacionalização da Telenovela no Cenário Globalizado, realizado em 2002, o livro reúne textos de acadêmicos como Jesús Martín-Barbero, Ismail Xavier, Joseph Straubhaar, Isabel Ferin, Maria Lourdes Motter (outra veterana do NPTN), Thomas Tufte, Milly Buonanno, Antonio La Pastina e Nora Mazziotti, além de um ensaio da própria Immacolata – “Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização” – e de depoimentos de profissionais ligados à produção televisiva, como Geraldo Casé, pioneiro da TV alocado, naquele momento, na Divisão Internacional da Globo, e Yves Dumont, roteirista encarregado pela mesma emissora da adaptação da telenovela *Vale Tudo* (1988) para o canal hispano-estadunidense Telemundo, na primeira parceria formal do conglomerado de mídia brasileiro visando à realização de uma produção exclusiva para o mercado de língua espanhola. *Telenovela: internacionalização e interculturalidade* se dedica a pensar os fluxos de desterritorialização e reterritorialização da ficção televisiva naquele começo do século XXI – questões que mobilizariam maior interesse do circuito acadêmico na década de 2010, com a emergência das plataformas de *streaming* como produtoras de conteúdo.

A constituição de um campo de estudos e o legado para além das publicações: redes de pesquisa e orientações

Immacolata foi responsável pela manutenção e mesmo idealização de conhecidas redes de pesquisa acerca da ficção televisiva. Longe de esgotar tal assunto – que, inclusive, será aprofundado em outros capítulos da presente coletânea –, nosso intuito aqui é demonstrar como os estudos de telenovela e da teleficção se desdobraram em múltiplas dimensões a partir de iniciativas e esforços capitaneados pela pesquisadora.

Em 2005, Immacolata assume a gestão do Núcleo de Pesquisa de Telenovela (NPTN) da ECA-USP e o rebatiza como Centro de Estudos de Telenovela (CETVN). No mesmo ano, é apresentado, em Bogotá, o documento fundador do Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel), rede inspirada no Eurofiction e fortemente calcada no pensamento de Martín-Barbero referente à importância cultural das telenovelas na América Latina. Essas influências são constantemente citadas por Immacolata em eventos ou con-

versas informais. Certa vez, durante um dos seminários internacionais do Obitel, alguém associou a presença dos 12 países que então integravam a rede ao conjunto dos 12 apóstolos, ao que Immacolata completou: “cujo padroeiro é Jesus!”, arrancando risadas da plateia.

É possível dizer, a propósito, que o termo *ficção televisiva* se populariza nas literaturas portuguesa e espanhola por meio da atuação do Obitel. Formado por diversos países da América Latina, além de Portugal e Espanha, o Observatório traz em seu Anuário compilações de dados quantitativos e qualitativos, além de prospectar temáticas de importante repercussão a cada ano. Conceitos teóricos como *qualidade na ficção televisiva* (2011), *transnacionalização* (2012), *memória social* (2013) e *relações de gênero* (2015) já serviram de tema às pesquisas dos países componentes do Obitel. Em determinados momentos, os debates perpassaram os avanços tecnológicos, abordando a transmidiação (2010, 2014) – tópico que acabou se configurando como um diferencial da rede – e as ficções em tempos de vídeo sob demanda (VoD, na sigla em inglês) e de distribuição da televisão pela internet (2018, 2019). Outras pautas constantes foram os mercados e novos modelos de produção (2007, 2023), “velhos” e “novos” modos de narrar (2009, 2016, 2020, 2022), bem como intersecções entre tais polos (2008, 2024), além de uma edição comemorativa pela primeira década de atividade da rede (2017) e de outra voltada às transformações socioculturais instauradas por ocasião da pandemia (2021).

É importante observar o *continuum* de investigações perscrutado pelo Obitel: a consolidação de um protocolo metodológico apto a acompanhar reconfigurações culturais, comunicacionais, tecnológicas e políticas (Lopes; Lemos, 2019) sustenta, há vinte anos, esse estudo comparativo intercultural da ficção televisiva ibero-americana – e abriu caminho, por exemplo, para o desenvolvimento de estudos pioneiros no âmbito da recepção transmídia. Tal feito é natural para uma metodóloga que, conforme ela já havia demonstrado ao liderar a pesquisa que originou o livro *Vivendo com a telenovela*, é capaz de se render às tramas das telenovelas e se dispor a *vê-las com* os outros (Martín-Barbero, 2011) sem abdicar, contudo, de um arcabouço metodológico *rigoroso* (porém não *rígido*, para utilizarmos termos caros a Immacolata com relação à forma como devemos conduzir uma pesquisa científica).

Naturalmente, essa empreitada também renderia frutos nacionais. Em

2007, mesmo ano em que assumiu a coordenação do Grupo de Pesquisa Ficção Seriada⁵ da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) – cargo no qual permaneceu até 2010 –, Immacolata fundou a Rede Obitel Brasil de Pesquisadores da Ficção Televisiva, reunindo grupos de pesquisa de diversas universidades do país. O Obitel Brasil se destaca pelas publicações bienais sobre teleficção, sempre encetando ou fomentando discussões relevantes para o tempo em que estas se instauram. Entre os temas trabalhados pela rede, cujo primeiro livro data de 2009 e abarca múltiplas perspectivas, estão: narrativas transmídia (2011, 2013), estudos de fãs (2015, 2017), a construção de mundos (2019) e a criatividade e inovação na ficção televisiva nacional (2021, 2023). Podemos notar, inclusive, a retroalimentação entre Obitel e Obitel Brasil em debates que, por muitas vezes, se interseccionaram, comprovando a ideia de *continuum* mencionada previamente.

Seguindo esse raciocínio, Immacolata faz questão, desde meados dos anos 2000, que seus orientandos cujos projetos giram em torno da ficção televisiva participem do CETVN. Suas orientações, como costuma dizer, são semanais e realizadas em grupo, pois é justamente nas reuniões da equipe que surgem “epifanias”, sugestões e direcionamentos para as investigações em andamento. De lá para cá, as dissertações e teses orientadas por ela propuseram um vasto número de problemáticas e abordagens teóricas, comprovando o caráter multidimensional da telenovela e dos demais formatos teleficcionais na condição de objetos: Claudia de Almeida Mogadouro e Silvia Terezinha Torreglossa de Jesus observaram a telenovela em contextos educativos; Oriana Monarca White, Barbara Giulia Teresa Laura Bechelloni e Catarina Duff Burnay interseccionaram ficção televisiva e interculturalidade; Alejandra Pia Nicolosi e Alexandre Tadeu dos Santos refletiram acerca das imbricações entre narrativas teleficcionais e dispositivos pedagógicos e documentarizantes; Denise de Oliveira Freire, Neide Maria de Arruda, Claudia Pontes Freire, Tissiana Nogueira Pereira e Andreza Patricia Almeida dos Santos se voltaram às reconfigurações da recepção das telenovelas com o advento do digital; Ligia Prezina Lemos, Mariana Marques de Lima Pinheiro e João Alfredo Alineri Ramos mapearam mudanças no âmbito da autoria, da crítica e das estratégias de gestão das ficções de longa serialidade nesse

5 Inaugurado em 1993 como o Grupo de Trabalho de Telenovela, atualmente esse grupo de pesquisa (GP) da Intercom leva o nome de Ficção Televisiva Seriada.

mesmo contexto; Daniela Afonso Ortega e Lucas Martins Néia procuraram analisar as telenovelas sob uma perspectiva histórica; Leonardo de Sá Fernandes realizou um estudo de caso narratológico do fenômeno *Avenida Brasil* (Globo, 2012); e, por fim, Clarice Greco cursou seu mestrado e doutorado com *Immacolata*, abarcando, no primeiro, a qualidade na ficção televisiva (questão alçada a tema de um dos anuários *Obitel*) e, no segundo, o conceito de *cult* na teledramaturgia brasileira.⁶

Clarice Greco realizou, ainda, seu estágio pós-doutoral no CETVN, ampliando seu escopo de atuação no que diz respeito aos estudos de fãs – tópico tangenciado em sua tese. Outras pesquisadoras de pós-doutorado supervisionadas por *Immacolata* e com projetos no campo da teleficção foram: Catarina Duff Burnay, em mais uma intersecção referente aos ambientes televisivos brasileiro e português; Fernanda Castilho Santana, tratando de questões de gênero; Larissa Leda Rocha, explorando a vilania na ficção televisiva nacional; e, mais recentemente, Gêsa Karla Maia Cavalcanti, com um projeto direcionado aos achados do *Obitel*.

Isso demonstra a importância de *Immacolata* não somente como uma prolífica autora, mas como *formadora* de novos investigadores dedicados a um objeto que, como revela o atual ecossistema midiático, está em constante mutação; objeto esse que, até agora, permanece na centralidade do audiovisual brasileiro, mas tende a se entrelaçar cada vez mais com o digital, necessitando de estudiosos que, ao encará-lo, possam antever tendências e captar toda a sua complexidade. Aqueles que hoje estão sob a orientação de *Immacolata*, estimulados pela persistência e obstinação que a caracterizam como professora e pesquisadora, certamente já estão atentos a esses movimentos.

Afeto e ofício acadêmico – fronteiras eclipsadas

6 Até a publicação desta coletânea, cinco desses trabalhos haviam sido transformados em livros: *Afinal, o que é docudrama? Um estudo do gênero a partir da telenovela brasileira* (Annablume, 2013), de Alexandre Tadeu dos Santos; *Qualidade na TV: telenovela, crítica e público* (Atlas, 2013) e *Virou cult! Telenovela, nostalgia e fãs* (Alumínio e Jogo de Palavras, 2019), ambos de Clarice Greco; *Método de monitoramento de mídias sociais: epistemologia e técnicas* (NEA, 2017), de Claudia Pontes Freire; e *Como a ficção televisiva moldou um país: uma história cultural da telenovela brasileira (1963 a 2020)* (Estação das Letras e Cores, 2023), de Lucas Martins Néia.

Dotada de um olhar visionário, Immacolata não restringiu seu diálogo com a telenovela à academia, embora tenha se pautado continuamente pelos princípios das boas práticas científicas. Durante mais de dez anos, o CETVN e o Obitel trabalharam em parceria com a Globo e a Kantar Ibope Media. A longa associação entre universidade, emissora televisiva e agência de pesquisa de mídia se sobressaiu como uma iniciativa pioneira nos domínios da Comunicação. Na firme intenção de criar pontes com o mercado e com a sociedade, a Rede Obitel realizou e permanece articulando eventos em que investigadores dos mais variados níveis de formação têm a oportunidade de ouvir e debater com produtores de TV, roteiristas, pesquisadores da Kantar Ibope Media e membros de outras entidades ligadas a televisão, como a Associação Brasileira de TVs por Assinatura (ABTA).

Noveleira assumida, Immacolata pode ser considerada uma verdadeira *aca-fã*, conceito de Jenkins (2011) que ela, Clarice Greco e outros membros do CETVN ajudaram a popularizar no Brasil (Lopes et al., 2017). Exatamente por nutrir um vínculo afetivo com seu objeto – e ser, claro, uma referência no que concerne ao engendramento de reflexões epistemológicas no âmago da Comunicação – é que seus escritos referentes à telenovela se dotam de uma profunda autorreflexividade: são postulados elaborados por uma pesquisadora ciente do poderio simbólico dessas produções no cenário nacional, bem como da necessidade de um aparato teórico-metodológico rigoroso para que um objeto historicamente marginalizado conquiste reconhecimento e legitimidade acadêmica. Immacolata, desta maneira, assumiu, ao longo de sua trajetória, o papel de articuladora e avalizadora institucional do campo da ficção televisiva.

Por conta disso, ela também se tornou uma referência para além dos muros da universidade. Alguns episódios que exemplificam esse reconhecimento: em 2015, o Obitel foi convidado a participar da MIP Cancun, evento internacional focado no mercado televisivo da América Latina e dos Estados Unidos de língua hispânica. Em julho de 2023, Immacolata integrou a mesa de lançamento do livro *A telenovela e o futuro da televisão brasileira* (Cobogó, 2023), de Rosane Svartmann, autora de *Vai na Fé* (Globo, 2023) e *Dona de Mim* (Globo, 2025), junto a Walcyr Carrasco – responsável por tramas como *Chocolate com Pimenta* (Globo, 2003), *Alma Gêmea* (Globo, 2005), *Amor à Vida* (Globo, 2013), *Verdades Secretas* (Globo, 2015) e *Eta Mundo Bom!* (Globo, 2016). E, mais recentemente, em abril de 2025, ela coministrou a aula inaugural do

Departamento de Comunicação da PUC-Rio ao lado de Ricardo Linhares, um dos autores de *A Indomada*.

Immacolata continua a perseguir a ficção televisiva onde quer que esta esteja. Seus últimos escritos apontam para a ideia de uma “TransTV”, ou TV transformada/TV em transição, com vistas a oferecer uma possível e renovada agenda acerca dos desafios enfrentados pela televisão a partir da emergência de novas plataformas de *streaming* e dos novos usos das redes sociais digitais (Lopes, 2024). As relações da teleficção com a sociedade permanecem no centro de suas reflexões, especialmente por meio de um projeto que investiga o elo entre telenovela e cidadania. Nesse limiar teórico e prático entre narrativas ficcionais e a realidade, Immacolata é detentora de um imensurável legado, buscando constantemente o equilíbrio entre um pensamento conceitual, as institucionalidades do mundo acadêmico e o diálogo com a indústria televisiva. Tudo isso sem jamais perder o brilho nos olhos ao falar da telenovela, seu objeto de estudo e de afeto.

Referências

Anderson, Benedict. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. London: Verso, 1983.

Appadurai, Arjun. Disjuncture and difference in the global cultural economy. In: Featherstone, Mike (Ed.). **Global culture**: nationalism, globalization and modernity. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 1990. p. 295–310.

Bhabha, Homi K. (Ed.). **Nation and narration**. London; New York: Routledge, 1990.

Buonanno, Milly. **El drama televisivo**: identidad y contenidos sociales. Barcelona: Gedisa, 1999.

Jenkins, Henry. Acafandom and beyond: week two, part one (Henry Jenkins, Erica Rand, and Karen Hellekson). **Pop Junctions**, 2011. Disponível em: https://henryjenkins.org/blog/2011/06/acafandom_and_beyond_week_two.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **O rádio dos pobres**: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo: Loyola, 1988.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 26, p. 17-34, jan./abr. 2003.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempos de globalização. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Telenovela**: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004. p. 121-137.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 21-47, ago./dez. 2009.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. A televisão, hoje: TransTV – a televisão como ecossistema digital-narrativo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 33., 2024, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2024.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Borelli, Silvia Helena Simões; Resende, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Greco, Clarice. Brasil: rumo à produção e recepção 360°. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Orozco Gómez, Guillermo (Coords.). **Uma década de ficção televisiva na Ibero-América**: análise de dez anos do Obitel (2007-2016). Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 93-123.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Greco, Clarice; Castilho, Fernanda; Lemos, Ligia Prezias; Pereira, Tissiana Nogueira; Lima, Mariana Marques de; Nêia, Lucas Martins; Ortega, Daniela. Sujeito acadêmico e seu objeto de afeto: *aca-fãs* de ficção televisiva no Brasil. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira II**: práticas de fãs no ambiente da cultura participativa. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 367-404.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Lemos, Ligia Prezias. Uma cartografia do Obitel. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUCRS, 2019.

Marques de Melo, José. Telenovela: de gata borralheira a Cinderela midiática. **Famecos**, Porto Alegre, n. 12, p. 23-43, jun. 2000.

Martín-Barbero, Jesús. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998.

Martín-Barbero, Jesús. Los inesperados efectos de un escalofrío epistemológico. **Fotocopiotea**, Cali, n. 24, 2011.

Martín-Barbero, Jesús; Rey, Germán. **Los ejercicios del ver**: hegemonía audiovisual y ficción televisiva. Barcelona: Gedisa, 1999.

Newcomb, Horace. **La televisione, da forum a biblioteca**. Milano: Sansoni, 1999.

Nicolosi, Alejandra Pía. **Merchandising social na telenovela brasileira**: um diálogo possível entre ficção e realidade em *Páginas da Vida*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

Estudos de recepção da telenovela em Portugal: o papel de Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Isabel Ferin
Fernanda Castilho

Introdução

Em 1992, em Portugal, a televisão pública deixou de deter o monopólio das transmissões televisivas. Naquele mesmo ano, completaram-se 15 anos de exibição diária de telenovelas brasileiras no horário nobre. Apesar da expressiva presença desse conteúdo na programação e no cotidiano dos telespectadores, a temática das telenovelas, em suas múltiplas dimensões, era amplamente negligenciada pela academia, por grande parte dos intelectuais e pelos críticos culturais. Predominava a percepção de que se tratava de um produto cultural menor, sendo por vezes interpretado como uma forma de colonização simbólica do ex-colonizador pelo ex-colonizado (Coelho, 1986).

Embora, em Portugal, tivessem sido feitas tentativas de produção de ficção seriada, o *prime-time* do canal público RTP, de 1977¹ a 1992, foi dominado pela produção brasileira da TV Globo. A entrada, no mercado, de dois operadores privados, SIC – Sociedade Independente de Comunicação, em 1992 – e TVI – nascida em 1993, como um projeto da Igreja Católica Portuguesa, posteriormente vendida e designada Televisão Independente – veio instaurar a concorrência e conferir uma nova dinâmica: a produção e exibição de ficção seriada.

De 1992 até ao início do milênio, foram muitas as alterações na programação, nas tecnologias de produção e nas formas de recepção dos conteúdos televisivos, mas o produto de ficção seriada televisiva, sobretudo a advinda da Globo, continuou a dominar o *prime-time* e a ser o formato privilegiado na guerra das audiências.

¹ Ano de exibição da primeira telenovela da Rede Globo em Portugal *Gabriela*.

Este panorama mediático, em conjugação com o início, em Portugal, de muitas licenciaturas e mestrados em Comunicação, atraiu professores(as)/investigadores(as), com formações diversificadas e potenciou o desenvolvimento desta área científica. Surgiram os primeiros grupos de pesquisa, em várias instituições, e foi possível iniciar os estudos de recepção da telenovela, por meio de financiamento de um projeto (1999-2002), apoiado pela FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia)². Nestes primeiros passos, a experiência, o entusiasmo e o apoio científico e metodológico da ECA/USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), por meio das professoras e colegas Maria Aparecida Baccega e Maria Immacolata Vassallo de Lopes, foram essenciais e determinantes.

Os estudos, em Portugal, congregaram três referências teórico-empíricas, que são distintas, mas complementares. A primeira delas, predominantemente do norte global, ancorou-se nas mulheres investigadoras que se debruçaram sobre esta temática e considerou as *soap operas* um produto direcionado para as mulheres. Entre estas investigadoras, e seus trabalhos, salientamos Dorothy Hobson (1982), Michèle Mattelart (1982), Ien Ang (1982), Christine Geraghty (1991), Dannielle Blumenthal (1997) e Charlotte Brunsdon (1981, 1986 e 2000). Uma segunda referência, quase simultânea, procurou discutir formatos e produção – *soap opera*, *culebrón*, telenovela ou novela – buscando identidades e especificidades geográficas e nacionais, bem como observando a circulação, e aceitação destes produtos, em espaços culturais distintos. Nesta linha, evocam-se as pesquisas de Cantor (1979), López-Pumajero (1987), Straubhaar (1983), Martín-Barbero (1992), Tufte (1993, 2000), Orozco Gómez (1996), Verón e outros (1997) e O'Donnell (1999). Por fim, uma referência não menos determinante, a inspiração latino-americana, por meio das inter-relações com as leituras realizadas nas universidades brasileiras, centradas, à época, na ECA. Tendo como teóricos fundadores Néstor Canclini (1990; 1995) e Jesús Martín-Barbero (1987), os conceitos, princípios e metodologias, enunciados e sistematizados, constituíram um aparato científico, para o campo da Comunicação, que promoveu os estudos de recepção no Brasil. Este percurso culminou, em 2002, na obra editada pela Summus, *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*, coordenada pelas professoras Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Silvia Helena Simões Borelli e Vera da Rocha Resende.

2 FCT-PIHM/COM/15120/1999 “Imagens do feminino e masculino na telenovela brasileira”.

Audiências e recepção

A preocupação com os efeitos das mensagens massificadas remonta aos estudos clássicos sobre opinião, que despontaram nos finais do século XIX, com a expansão da imprensa entre a burguesia europeia. O interesse por esta temática estendeu-se, seguidamente, às implicações e efeitos das indústrias culturais na cultura, na sociedade e nos indivíduos, nos primórdios do século XX. Neste contexto, tanto os autores da Escola de Frankfurt, maioritariamente na Europa, como os integrantes da *Communication Research*, nos Estados Unidos, debruçaram-se sobre o papel das mensagens e as suas formas de recepção. As reflexões e os estudos empíricos realizados adquiriram significativa pertinência histórica e científica, num período de grande expansão da rádio, do cinema, da imprensa, da propaganda e da publicidade, em contextos de guerra e antagonismos políticos que envolveram as duas guerras mundiais.

No pós-segunda guerra mundial, a emergência dos Estudos Culturais, como campo interdisciplinar de investigação, com objetivo de analisar, por meio de métodos e metodologias múltiplas, as interações, discursos, práticas e produções de sentidos, veio trazer uma dinâmica aos estudos de audiências e recepção. Stuart Hall, nomeadamente em *Encoding and Decoding Television Discourse* (1973) inspirou, de forma muito relevante, e em diversas geografias, os trabalhos empíricos realizados sobre a televisão em muitas academias e grupos de pesquisa. No texto, anteriormente citado, o autor apresentou um modelo de análise para o processo de codificação e descodificação das mensagens, negando, simultaneamente, a “neutralidade” deste processo e a participação passiva das audiências na recepção. Em Portugal, a sua influência fez-se sentir nos estudos de audiência e recepção, principalmente por via da apropriação latino-americana.

A influência brasileira/latino-americana começa a ganhar força em meados da década de noventa, a partir de um núcleo de investigadoras sediadas na Universidade Católica, com relações diretas com as colegas da ECA, que integravam o então Núcleo de Pesquisa de Telenovela (NPTN), posteriormente Centro de Estudos de Telenovela (CETVN). Esta colaboração envolveu a participação no recém-criado projeto Eurofiction (1996), coordenado pela Professora Milly Buonanno, da Universidade de Roma La Sapienza, por convite da Professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes. A cooperação num

projeto europeu, que promoveu congressos e conferências múltiplas, abriu perspectivas de parcerias e permitiu a integração em grupos de pesquisa internacionais. Em simultâneo, a fundação da LUSOCOM (Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, 1997) e da SOPCOM (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 1998), bem como a participação nos congressos da INTERCOM e da IBERCOM, multiplicaram as oportunidades de apresentação das pesquisas e das parcerias entre ibero-americanos. A colaboração, com o Brasil, na área dos estudos de audiências e recepção, consolidou-se com a fundação e participação de pesquisadoras portuguesas no Obitel Internacional (2005) e com a presença, continuada, em reuniões técnicas, seminários, conferências e palestras não só no âmbito do Obitel (Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva), mas também no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA.

A aproximação entre os dois pólos de pesquisa deveu-se, não só a relações pessoais e a objetivos comuns, mas também, a leituras partilhadas de autores latino-americanos como Néstor García Canclini e Martín-Barbero, que propunham instigantes reflexões sobre o papel transformador dos meios de comunicação e das indústrias culturais nas sociedades e culturas latino-americanas. Num período de grandes transformações na sociedade portuguesa, que advinham do fim do império colonial (1975) e das mudanças que antecederam a entrada na União Europeia (1986), bem como da liberalização e da desregulamentação dos media, as reflexões dos citados teóricos latino-americanos ganharam pertinência no contexto português.

Sem abandonar as perspectivas europeias, nomeadamente francesas e anglo-saxônicas, sobre o papel dos meios de comunicação nas sociedades, a visão latino-americana contribuiu para entender as teatralizações imaginárias do social, como o papel das mediações na reconfiguração de sentidos culturais, em contextos societais em acelerada transformação. As reflexões produzidas por Canclini (1990; 1995) acerca do hibridismo cultural, advindas da interpenetração entre manifestações populares e a cultura massiva, bem como a defesa de um consumo político, promovido pelos meios de comunicação, nomeadamente pela televisão, fundamentaram protocolos de inquéritos e abordagens etnográficas em estudos de recepção, realizados nos finais dos anos noventa e primeira metade do milénio. A Martín-Barbero (1999) estes trabalhos foram buscar a reflexão aprofundada sobre o papel das mulheres e dos/das mediadores/as na criação de novas sociabilidades e

identidades, aquando da reinterpretação, assimilação e apropriação de conteúdos mediáticos.

Convém referir que estes contributos latino-americanos adquirem relevância num momento em que Portugal vivencia, dada a necessidade de mão de obra para grandes construções, um fluxo de migrações, nomeadamente do Brasil e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop), a que se juntaram pessoas advindas de países da ex-União Soviética. É, também, um período em que se efetuam realojamentos em torno das grandes cidades, com grande impacto nas comunidades mais vulneráveis, como as ciganas, afrodescendentes e nacionais vindos das regiões do interior desfavorecido. O fim da ditadura e o início do regime democrático, associado à entrada de Portugal na UE, conferiu às mulheres visibilidade e protagonismo social e cultural, expresso nas reivindicações políticas e na luta por direitos cívicos e trabalhistas. Por outro lado, este período corresponde a uma tensão entre os valores e simbologias herdadas da ditadura salazarista e a aquisição, por uma classe média mais educada e em ascensão, de padrões cosmopolitas e europeus. A identificação destes contextos, e a semelhança com muitos aspetos sociais das cidades latino-americanas, contribuíram para a pertinência da incorporação das teorias, princípios e metodologias dos estudos de recepção de raiz latino-americana. Em simultâneo, este processo permitiu que os estudos empíricos incidissem sobre mulheres da classe média portuguesa, mas também sobre as comunidades migrantes e de etnia cigana (cf. Cunha, 2006).

As pesquisas realizadas, fundamentadas nas linhagens teóricas descritas, envolveram métodos quantitativos, qualitativos e mistos. A opção metodológica, incidiu tanto na análise, levantamento e registo das mensagens e dos conteúdos veiculados, constituindo os estudos quantitativos sobre as audiências; como em aspectos qualitativos, fundamentados na elaboração de protocolos promotores de observações etnográficas de recepção, entendida esta, como um ato individual, ou coletivo, de produção de sentido e manifestação de um texto cultural (Policarpo, 2004).

Estudos sobre a telenovela em Portugal: os primórdios

Após a Revolução dos Cravos (1975), em plena consolidação da democra-

cia em Portugal, foi exibida na RTP1 – canal público com monopólio televisivo – a telenovela *Gabriela* (1977), produzida pela TV Globo (Cunha, 1983, 2003). A partir deste ano, as telenovelas brasileiras mantiveram presença constante e dominante nas grades televisivas até ao início do milénio.

O impacto da exibição diária deste conteúdo mediu-se, ao longo de duas décadas, por índices de *share* e *rating*, apurados por empresas, nomeadamente a Marktest/MediaMonitor, bem como por abordagens em críticas televisivas e crónicas nos jornais e semanários. Enquanto os primeiros demonstravam a adesão da população portuguesa ao produto telenovela, as críticas e crónicas jornalísticas tendiam, com raras exceções, a apontar a influência perniciosa daqueles conteúdos, não só nos usos e costumes, como no português falado em Portugal. O arranque do Projeto Orbitel³ trouxe uma perspectiva mais aprofundada aos estudos sobre a audiência, no sentido de envolver uma grade de análise onde se parametrizava não só as variações de *share* de cada obra de ficção, como as empresas produtoras; os títulos; os conteúdos e as inovações técnicas e performativas introduzidas em cada ano.

Os primeiros estudos académicos, sobre a ficção seriada televisiva, surgiram na década de oitenta e início de noventa (Moreira, 1991, 1994; Viégas, 1987), numa perspectiva da recepção, de influência anglo-saxónica e feminista. Os autores, que realizaram trabalhos empíricos, alertavam para três impactos primordiais: a) o “abrasileiramento” do português falado em Portugal; b) novos comportamentos e princípios morais, sobretudo no que toca às mulheres; c) apresentação de elites que não correspondiam às portuguesas. Outros trabalhos se seguiram sobre a televisão, a ficção seriada e as formas de apropriação pelos públicos, num panorama mediático pautado pela concorrência entre os recém-criados operadores privados e a televisão pública (Souza, 1997; Traquina, 1997). No final da década de noventa surgiram, também, trabalhos como a dissertação de mestrado, posteriormente publicada em livro, de Jorge Paixão da Costa (2002), que procuraram inventariar títulos, conteúdos, tendências e produtoras das telenovelas brasileiras exibidas em Portugal.

3 A primeira equipa era constituída pelas pesquisadoras Isabel Ferin Cunha (UC), Catarina Duff Burnay (UCP), Fernanda Castilho Santana (UC) e Cláudia Dias (UCP).

A Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS), posteriormente Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), promoveu em 1995, um Colóquio internacional sobre a violência nos médias, onde as telenovelas brasileiras mereceram um lugar destacado na exposição da professora de psicologia da USP, Nancy Cardia (1995).

O objetivo dessas pesquisas centrou-se na exibição das telenovelas, na predominância do formato nas grades de programação, assim como nos efeitos na sociedade e na cultura portuguesa. A metodologia utilizada foi de cariz ensaístico e impressionista, recorrendo a percepções individuais e coletivas expressas em artigos críticos, e de opinião, nos jornais de referência, mas também em revistas direcionadas para mulheres (Cintra-Torres, 1998; Cunha e Cintra-Torres, 2006).

Nos finais dos anos noventa e início do milênio, com o impulso do *Projeto Eurofiction*, em conjugação com o Observatório da Comunicação (OBERCOM), em Portugal, começam a surgir, de forma mais sistemática, publicações em congressos e revistas científicas, bem como dissertações de mestrado focadas naquelas temáticas (Policarpo, 2001; Cunha et al. 2002; Cunha, 2001, 2002, 2004; Burnay, 2004).

As metodologias experimentadas colhem orientação quer em princípios desenvolvidos nos trabalhos do NPTN, do CETVN ou do Obitel e nos manuais brasileiros sobre pesquisa em Comunicação, quer nas propostas apresentadas em manuais internacionais especializados em pesquisa em Comunicação. Convém referir que uma vertente dos estudos de recepção, em Portugal, se debruçou sobre grupos mais frágeis de mulheres: idosas; ciganas; migrantes brasileiras e do Leste da Europa (Silva, 2006; Valdigem, 2006a, 2006b). As metodologias utilizadas focaram-se em protocolos, adaptados ou inspirados quer nos utilizados pelo Eurofiction, quer na pesquisa *Vivendo com a Telenovela*, quer ainda nas realizadas pelas autoras anglo-saxônicas. Os trabalhos mencionados então desenvolvidos, procuraram, primeiramente, justificar a seleção das(os) entrevistadas(os) e o porquê da escolha da obra de ficção seriada a analisar. Seguidamente, traçaram o perfil das(os) entrevistadas(os) e os contextos e cenários que circundavam a entrevista e as trajetórias de vida de cada uma(um) das(os) participantes. As formas de consumo dos meios, sobretudo dos conteúdos televisivos, especialmente, das novelas brasileiras, constituíram um outro item do protocolo, a que se

juntou o levantamento das apropriações – usos, costumes, comportamentos, emoções, imaginários – nos relatos de cada entrevistada(o).

Vivendo com a telenovela em Portugal: entre *Sinhozinho*, *Jade* e *Nazaré*

Embora os protocolos metodológicos das pesquisas do Obitel direcionassem as investigações para abordagens mais quantitativas, sobretudo ao analisar os dados com base nos índices de audiência, observa-se nas pesquisas de recepção das teses e dissertações (mais longevas) uma perspectiva mais qualitativa, que tenta dar conta dos aspectos subjetivos do processo de assistência da telenovela no contexto social e familiar, na linha de *Vivendo com a Telenovela*. Novamente, a importância da obra organizada por Lopes, Borelli e Resende, ao indicar uma metodologia de caráter interdisciplinar que tinha como premissa analítica quatro lugares de mediação, a partir de Martín-Barbero (o cotidiano familiar, a subjetividade, o gênero ficcional e a videotécnica), munuiu as pesquisadoras de possibilidades investigativas. No entanto, realizar pesquisas a respeito de um produto cultural considerado menor pela população escolarizada possui entraves importantes que vão invariavelmente impactar nos resultados. A investigação realizada por Catarina Burnay (2005) aponta claros preconceitos quanto à apreciação das telenovelas pelos portugueses quando inquiridos a respeito de suas preferências televisivas, pois assumir o gosto pela telenovela significava participar do senso comum em seus consumos televisivos “inconscientes” e desprovidos de valor.

A partir da ótica antropológica, Ondina Fachel Leal (1986) já havia dito, no início da década de 1980, no Brasil, que no grupo de classe popular a telenovela é celebrada como moderna, culta, importante e, ao contrário, no grupo de classe dominante a telenovela é desdenhada como produto popular, não erudito. Dualidade posteriormente problematizada nos estudos do campo da Comunicação, especialmente pelo CETVN da ECA/USP. Já os estudos portugueses de recepção da telenovela acabaram por trabalhar esta discussão de forma mais tardia.

Se o público da região de Lisboa, embora consumisse ficção televisiva seriada, não se sentiu à vontade nas pesquisas de Burnay para assumir tal

preferência, em outros espaços geográficos de menor densidade populacional e sobretudo junto às classes mais populares do país, outras pesquisadoras vão encontrar entrevistadas(os) disponíveis a conversar sobre a telenovela em tom confidente. É o caso da pesquisa realizada na pequena Vila Pouca do Campo, por Josefina Tranquilin Silva (2007), orientada por Silvia Borelli, da PUC-SP. A etnografia revela negociações ao nível dos afetos, sonhos e desejos das mulheres da vila, a partir das cenas da novela *Senhora do Destino* (Globo, 2004). O cotidiano daquelas mulheres constituía componente fundamental para suas apropriações da história, das personagens e do erotismo, tema principal da pesquisa. Assim, Tranquilin, brasileira em estágio sanduíche de doutorado, ao utilizar diferentes táticas de pesquisa etnográfica, adentra o cotidiano de mulheres portuguesas das classes populares, identificando a ação de mecanismos de projeção e identificação, construção de repertórios compartilhados, depoimentos que falam de amor e, de forma muito fragmentada, sobre o erotismo que, culturalmente, deve ser mantido em segredo.

Outro estudo com características semelhantes e que, assim como os citados acima, vai mencionar a utilização do modelo de *Vivendo com a Telenovela*, foi realizado na região da Bairrada, também na zona centro de Portugal. Os resultados da pesquisa (Castilho, 2009) apontaram que as famílias pertencentes ao mesmo grupo social, com trajetórias familiares semelhantes, tendem a possuir os mesmos hábitos de consumo de telenovela. Em contrapartida, indivíduos das mesmas famílias tendem a se apropriar de maneira diferente conforme gênero e faixa etária. As mulheres da agro-indústria geralmente possuem rotinas de trabalho diferentes dos homens, normalmente lotados nas funções de escritório das fábricas da região, o que impacta nas rotinas de lazer, pois enquanto elas trabalham por turnos, eles cumprem a jornada laboral de 8h às 17h. A assistência feminina às telenovelas é fragmentada face à masculina, sobretudo pela dupla ou tripla jornada de afazeres domésticos destinados às mulheres numa sociedade patriarcal. Assim, os maridos assistem continuamente e despreocupadamente às histórias de ficção e narram às suas esposas os trechos perdidos, ou mesmo gravam episódios para que elas assistam depois. Eles assistem para se distrair e não veem problema nisso, enquanto elas sentem a conhecida, também citada nos estudos anglo-saxônicos, culpa feminina por ter momentos de lazer em frente à televisão em vez de dedicar mais tempo à casa ou aos filhos. De qualquer modo, a pesquisa aponta que a memória da telenovela brasileira

permanece no imaginário português, sobretudo na fala dos entrevistados ao evocar com afeto personagens como Sinhozinho Malta (Roque Santeiro, Globo, 1985), na atuação premiada de Lima Duarte.

São investigações de caráter empírico cuja singularidade e complexidade, especialmente no que se refere ao acesso aos sujeitos de pesquisa e o tratamento dos dados qualitativos, foram superadas graças às reflexões epistemológicas e construção cuidadosa do trabalho de campo, a partir das mediações de Martín-Barbero. Nesse processo, destacou-se o papel fundamental da professora Maria Immacolata, em colaboração com suas colegas e os projetos conjuntos.

Também de referir é a pesquisa etnográfica de audiência realizada por Verónica Policarpo (2001), na qual as apropriações da telenovela *Terra Nostra* (Globo, 1999) foram analisadas a partir de uma perspectiva de gênero articulada à variável trajetória familiar (entendida como o percurso da vida familiar, incluindo conjugalidade, divórcio, filhos, etc.). Ao comentarem as representações femininas nas telenovelas, as mulheres portuguesas entrevistadas projetavam suas próprias vivências e identidades, revelando um processo de autointerpretação mediado pela ficção. Policarpo identificou que mulheres com situações conjugais distintas percebem a telenovela de maneiras diversas, refletindo suas diferentes representações da família, dos papéis de gênero e do amor romântico. E a telenovela surge como catalisadora dessas discussões e interpretações sobre suas próprias histórias de vida.

A recepção de telenovela brasileira *O Clone* (Globo, 2001) e suas memórias junto aos membros da comunidade islâmica em Lisboa (muçulmanos sunitas, de origem indo-moçambicana) foi o recorte de pesquisa de Catarina Valdigem (2005), na qual identificou formas de (re)construção das identidades, associadas aos usos da ficção, bem como a televisão como fonte mediadora de processos de hibridação cultural. Por um lado, Valdigem identificou interesse geral pelos temas tratados na telenovela, sobretudo em termos religiosos (uso compartilhado do Islão), por outro o processo de diferenciação tornou-se evidente a partir de um conjunto de valores e práticas culturais como músicas, danças e costumes muito diferentes entre os vivenciados pela amostra de entrevistados e os retratados na telenovela.

Uma contribuição para parte da história cultural da telenovela brasileira

pode-se observar no trabalho de Elaine Javorski Souza (2015), no qual apresenta uma panóplia de personagens portugueses, identificando estereótipos e desconstruções ao longo de quatro décadas na TV brasileira. Os grupos focais com imigrantes portugueses no Brasil confirmaram o sentimento de conflito constante, com estigmas de inferioridade sendo atribuídos ora aos brasileiros, ora aos portugueses, mudando conforme o contato com outras sociedades ou entre si. O estudo evidencia o papel da telenovela na construção de imaginários e fica clara a mudança de paradigma da representação estereotipada dos portugueses nas telenovelas, presente até os anos 2000, e a alteração dessa imagem com a inclusão de personagens portugueses cosmopolitas e, inclusive, a incorporação dos atores lusos ao *star system* de produção brasileiro.

Em 2010, Raquel Carriço, doutoranda brasileira na Universidade Nova de Lisboa e orientada pelo Professor Rui Cádima, defende uma tese de doutoramento com o título “A experiência da audiência das telenovelas em Portugal”, onde pesquisa quarenta e nove receptores de telenovelas brasileiras/portuguesas. Segundo os resultados obtidos, a autora revela três grupos de motivos para as escolhas da audiência: a) gerenciamento do humor; b) hábito e c) aprendizagem/Integração social. Os entrevistados que afirmam assistir às telenovelas portuguesas valorizam o uso dos seus conteúdos para integração social e aprendizagem/aconselhamento. Por outro lado, os que destacam o interesse das telenovelas brasileiras salientam o gerenciamento de humor, a criatividade dos comportamentos e a originalidade das temáticas.

Os demais estudos sobre telenovelas realizados durante o período aqui referido dão conta de outras dimensões analíticas, algumas descritivas, destacando os meandros de produção e o crescimento da indústria portuguesa de ficção televisiva. Os dados quantitativos de audiências também são base para outros estudos, com destaque para as metodologias e técnicas de pesquisa utilizadas pelo Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel), desde o início, em 2005, coordenado de forma geral pela professora Maria Immacolata, com colegas de outros países. Em Portugal, o eixo Lisboa-Coimbra teve grande relevância em termos de disseminação dos estudos de telenovela, pela coordenação (desde 2005) de Isabel Ferin Cunha e, posteriormente, Catarina Burnay (na atual coordenação geral colegiada do Obitel Internacional).

Breves considerações

Este capítulo teve como proposta referir momentos importantes da investigação a respeito das telenovelas em Portugal, sobretudo a partir dos estudos de recepção e do papel das relações estabelecidas entre a Professora Immacolata e colegas de Portugal. Neste sentido, podemos dizer que a institucionalização realizada por meio da criação de associações de pesquisa e de projetos internacionais financiados entre os dois países tornou-se uma das razões fundamentais para a realização dos estudos relatados neste trabalho.

Como objeto empírico, as telenovelas conquistaram um espaço importante durante o período de tempo analisado e, por meio de projetos como o Obitel, possuem uma trajetória a ser percorrida, considerando aspectos como a distribuição de ficção televisiva por diferentes plataformas. Caminho reflexivo e empírico que, de alguma forma, começou a ser trilhado por alguns trabalhos voltados a pensar a transmidiação (e a recepção transmídia), a visualização da TV online, os novos pontos de acesso e as alterações no mercado produtivo português (Castilho, 2014).

No entanto, a análise da recepção de abordagem qualitativa, tradicional na América Latina, ainda carece de reflexão e amadurecimento em Portugal e na Espanha (Clua et al., 2010). A preocupação com o potencial educativo dos meios de comunicação constituiu-se como campo de investigação em Portugal, mas seguiram tradições teórico-empíricas distintas das pesquisas sobre telenovela.

Observa-se que os estudos qualitativos de recepção não estão muito aprofundados em Portugal. Uma das justificativas para este fato deve-se à desvalorização acadêmica desta metodologia de pesquisa. Por outro lado, autores latino-americanos de grande relevância, como Martín-Barbero poderiam ter maior penetração na academia portuguesa (Cunha; Castilho, 2018).

De qualquer forma, salienta-se o papel da Professora Immacolata, em conjunto com o Professor Marques de Melo, no apoio à criação da Lusocom (Federação Lusófona de Ciências da Comunicação) e da Sopcom (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação). Estando a professora na coordenação da Intercom, organizou, em parceria com a Universidade Lusófona

de Lisboa, em 1977, o I Encontro Luso-Brasileiro de Ciências da Comunicação. O interesse e o número de participantes brasileiros que este evento trouxe a Portugal, bem como o entusiasmo e os modelos de organização apresentados pelos Professores Immacolata e Marques de Melo, impulsionaram a criação das associações citadas. Regista-se que, em Portugal, o número de doutorandos e pesquisadores era muito escasso, pois as Universidades tinham criado licenciaturas em Ciências da Comunicação apenas nos finais da década de oitenta, início de noventa. Grande número de professores destas licenciaturas tinha habilitações em áreas como a filosofia, linguística ou história e buscavam estruturar a identidade da área. A aproximação, neste primeiro encontro, com os/as colegas brasileiros/as imprimiu uma nova dinâmica aos estudos e à pesquisa em comunicação nas universidades portuguesas, para além das associações criadas.

Referências

Ang, Ien. **Watching Dallas: soap opera and the melodramatic imagination.** Londres: Routledge, 1985.

Blumenthal, Dannielle. **Women's soap opera viewing as feminist praxis: a gender context perspective.** Nova Iorque: Bloomsbury, 1997.

Brunsdon, Charlotte. Crossroads: notes on soap opera. **Screen**, v. 22, n. 4, p. 32-37, 1981.

Brunsdon, Charlotte. **Films for women.** Londres: British Film Institute, 1986.

Brunsdon, Charlotte. **The feminist, the housewife, and the soap opera.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

Burnay, Catarina. **Ficção nacional: a emergência de um “novo” paradigma televisivo.** 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação e Indústrias Culturais) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

Burnay, Catarina. A telenovela e o público: uma relação escondida. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 6, p. 95-110, 2005.

Cantor, Muriel G. The politics of popular drama. **Communication Research**, v. 6, n. 4, p. 387-406, 1979.

Canclini, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1990.

Canclini, Néstor García. **Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización**. Cidade do México: Grijalbo, 1995.

Cardia, Nancy das Graças. A violência na novela brasileira. In: Colóquio Inter-nacional: A violência nos meios de comunicação social, 1995, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Alta Autoridade para a Comunicação Social, 1995. p. 201-237.

Castilho Santana, Fernanda. **Telenovela e recepção: um estudo com famílias da “classe trabalhadora” portuguesa**. 2009. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, Universidade de Coimbra, Portugal.

Castilho Santana, Fernanda. **Teletube: novo passeio pelos bosques da ficção televisiva**. 2014. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. Universidade de Coimbra, Portugal.

Cintra-Torres, Eduardo. **Ler televisão: o exercício da crítica contra os lugares-comuns**. Oeiras: Celta, 1998.

Clua, Anna; Escosteguy, Ana Carolina; Jacks, Nilda. Estudios de recepción en Iberoamérica: situando contextos de investigación. **ZER: Revista de Estudios de Comunicación**, v. 15, n. 28, p. 85-101, 2010.

Coelho, Eduardo Prado. E no calor dessa magia. **Semanário Expresso**, Lisboa, 22 nov. 1986.

Costa, Jorge Paixão da. **Telenovela: um modo de produção**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2002.

Cunha, Isabel Ferin. De como Portugal descobriu o Brasil: ou da novela da TV Globo em Portugal. **Revista Arte**, São Paulo, v. 2, 1983.

Cunha, Isabel Ferin. Eurofiction, television fiction in Portugal. In: **XIII Giornata Fiorentina della Comunicazione**, 2001, Florença, 13-15 jun.

Cunha, Isabel Ferin. A telenovela brasileira em Portugal: indicadores de aceitação e mudança. In: **I Encontro Internacional de Telenovelas**, 2002, São Paulo.

Cunha, Isabel Ferin. Portuguese soap opera. In: **XIV Giornata Fiorentina della Comunicazione**, 2002, Florença, 21-26 jun.

Cunha, Isabel Ferin; Cádima, Francisco Rui; Burnay, Catarina D.; Gameiro, Leonor; Fernandes, Marta. Domestic soap operas overtake Brazilian imports: Portuguese TV fiction in 2001. In: Buonanno, Milly (ed.). **Hipercampo**. Fondazione Toscana di Comunicazione e Media, 2002. p. 127-144.

Cunha, Isabel Ferin. A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal. **Cadernos Pagú**, Campinas, v. 21, p. 39-73, 2003.

Cunha, Isabel Ferin (org.). **A televisão das mulheres: ensaios sobre a recepção**. Lisboa: BonD, 2006.

Cunha, Isabel Ferin; Castilho, Fernanda. A ausência de Jesús Martín-Barbero nos estudos de Comunicação em Portugal. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 79-98, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p79-98>

Cunha, Isabel Ferin; Cintra-Torres, Eduardo. Television in Portuguese daily life. In: Barker, Anthony (ed.). **Television, aesthetics and reality**. Cambridge: Cambridge Scholar Papers, 2006.

Ferreira, Raquel C. **A Experiência da Audiência das Telenovelas em Portugal**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Geraghty, Christine. **Women and soap opera: a study of prime time soaps**. Cambridge: Polity Press, 1991.

Hall, Stuart. **Encoding and decoding in the television discourse**. Birmingham: University of Birmingham, 1973.

Hobson, Dorothy. **Crossroads: the drama of a soap opera**. Londres: Methuen Publishing, 1982.

Leal, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Vozes, 1986.

López-Pumarejo, Tomás. **Aproximación a la telenovela: Dallas, Dynasty, Falcon Crest**. Madri: Cátedra, 1987.

Martín-Barbero, Jesús. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

Martín-Barbero, Jesús. **Televisión y melodrama: géneros y lecturas de la televisión en Colombia**. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

Mattelart, Michèle. **Mujeres e industrias culturales**. Barcelona: Anagrama, 1982.

Moreira, João Paulo. Telenovelas: a propósito da cultura de massas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 4/5, p. 47-85, 1980.

Moreira, João Paulo. Telenovela: um desfile de modelos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 33, p. 253-263, 1991.

Moreira, João Paulo. Serões nos trópicos: para uma abordagem etnográfica da telenovela. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 39, p. 59-88, 1994.

O'Donnell, Hugh. **Good times, bad times: soap operas and society in Western Europe**. Leicester: University Press, 1999.

Orozco Gómez, Guillermo. **Televisión y audiencias: un enfoque qualitativo**. Madri: Ediciones de la Torre, 1996.

Policarpo, Verónica Melo. **Telenovela brasileira: apropriação, gênero e trajetória familiar**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra, Portugal.

Policarpo, Verónica Melo. As mulheres e a telenovela: um estudo sobre a recepção de *Terra Nostra*. **Agoranet**, n. 3, 2004. Disponível em: <https://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/03.html>. Acesso em 12 de jun de 2025.

Silva, Josefina Tranquilin. O tecer das emoções femininas em Vila Pouca do Campo: a telenovela *Senhora do Destino*. In: Cunha, Isabel Ferin (org.). **A televisão das mulheres**: ensaios sobre a recepção. Lisboa: BonD, 2006. p. 109-130.

Silva, Josefina Tranquilin. **O erótico em *Senhora do Destino***: recepção de telenovela em Vila Pouca do Campo, Portugal. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Sousa, Helena. Crossing the Atlantic: Globo's wager in Portugal. **Anais International Association for Mass Communication Research (IAMCR)**, Oaxaca, México, 2-7 jul. 1997. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237349753_Crossing_the_Atlantic_Globo's_Wager_in_Portugal#-fullTextFileContent. Acesso em: 6 maio 2025.

Souza, Elaine Javorski. **Os portugueses na telenovela brasileira**: identidade, representação e memória. 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de Coimbra, Portugal.

Straubhaar, Joseph. O declínio da influência americana na televisão brasileira. **Comunicação e Sociedade**, n. 9, p. 61-77, 1983.

Traquina, Nelson. **Big show media**: viagem pelo mundo audiovisual português. Lisboa: Ed. Notícias, 1997.

Tufte, Thomas. Everyday life, women and telenovelas in Brazil. In: Fadul, Anamaria (Ed.). **Serial Fiction in TV**: the Latin American telenovelas. São Paulo: University of São Paulo, 1993. p. 77-101

Tufte, Thomas. **Living with the Rubbish Queen**: telenovelas, culture and modernity in Brazil. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

Valdigem, Catarina. **A televisão como fonte mediadora de processos de hibridação cultural**: estudo de recepção da telenovela brasileira 'O Clone'. 2005.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

Valdigem, Catarina. Televisão e memória: história de mulheres idosas. In: Cunha, Isabel. Ferin (org.). **A televisão das mulheres: ensaios sobre a recepção**. Lisboa: BonD, 2006. p. 73-107.

Valdigem, Catarina. Usos dos media e identidade: brasileiras num salão de beleza. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 8, p. 55-78, 2006.

Verón, Eliseo; Chauvel, Lucrecia Escudero (orgs.). **Telenovela: ficción popular y mutaciones culturales**. Barcelona: Gedisa, 1997.

Viegas, José Manuel Leite. Telenovelas: do modelo de recepção à diversidade de reconhecimento. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 2, p. 13-44, 1987.

Contribuições metodológicas à pesquisa de recepção: a experiência e os aprendizados do projeto “Recepção de Telenovela: uma exploração metodológica”

Jiani Adriana Bonin

Maria Immacolata Vassallo de Lopes, em sua trajetória de pesquisadora e professora no campo da comunicação, tem contribuído significativamente para o fortalecimento da pesquisa em múltiplas dimensões. Entre seus importantes aportes, temos aqueles relacionados ao âmbito metodológico das investigações com foco na recepção midiática.

A pesquisa resultante da execução do projeto “Recepção de telenovela: uma exploração metodológica”¹, proposta e coordenada por Maria Immacolata entre os anos de 1996 e 1998, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) é, a meu ver, uma destas contribuições relevantes. Trabalhando com a perspectiva teórica das mediações, o projeto tinha como proposta central explorar uma estratégia multimetodológica, a fim de contribuir para promover avanços nas investigações relativas ao processo de recepção midiática. A pesquisa empírica objetivava investigar o processo e as práticas de recepção da telenovela *A Indomada* por quatro famílias da cidade de São Paulo (uma família de favela, uma de periferia, uma de classe média e uma de classe média alta) a partir das mediações cotidiano familiar, subjetividade, gênero e videotécnica.²

Essa investigação tem para mim um significado especial, dado que fui

1 O projeto “Recepção de telenovela: uma exploração metodológica era parte das atividades do Núcleo de Pesquisa de Telenovela”, vinculado a um projeto maior coordenado por Maria Aparecida Baccega, intitulado *A telenovela no Brasil, o Brasil na telenovela*, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP.

2 Os resultados dessa pesquisa foram publicados no livro *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*, de autoria de Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Sílvia Helena Simões Borelli e Vera da Rocha Resende, que foi publicado pela Summus Editorial em 2002.

integrante da equipe que trabalhou nela durante o período em que fiz doutorado na ECA-USP, sob a orientação de Maria Immacolata.³ Assim, pude experienciar sua realização e dimensionar suas significativas contribuições teórico-metodológicas. A participação naquele projeto representou para mim um verdadeiro laboratório de aprendizagem, que marcaria profundamente minha trajetória como pesquisadora de problemáticas do campo da recepção.

Em face da significação dessa experiência, proponho neste texto re-construí-la, buscando fazer ver contribuições que legou à pesquisa de recepção e aprendizados que trouxe àqueles que, como eu, foram partícipes de sua realização.

Para trabalhar esse desafio, situo inicialmente, na sequência deste texto, concepções metodológicas que fundamentaram o projeto e detalho os processos de sua construção, focalizando os âmbitos teórico e metodológico. Na sequência, trato dos processos de realização da pesquisa empírica. Por fim, realizo um balanço das contribuições e dos aprendizados que a experiência trouxe para o campo da pesquisa e para a formação dos participantes.

A metodologia e a construção de perspectivas teóricas para entender a recepção

Antes de fazer parte do projeto “Recepção de telenovela”, logo no primeiro ano de doutorado, cursei a disciplina Pesquisa em Comunicação, ministrada por Immacolata no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP. Assim, pude desfrutar de suas classes, que encarnavam muito das propostas apresentadas em seu livro *Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico* (Lopes, 1990). Ali, eu e outros estudantes aprendemos a crucialidade da metodologia como dimensão que, inscrita na construção de todo o processo investigativo, configura o objeto e responde pelo tipo de conhecimento que se produz, por suas limitações e por seu alcance. Compreendemos também a necessidade de intervencionalidade profunda da metodologia com as dimensões epistemológica, teórica e téc-

3 Sob a orientação de Maria Immacolata Vassallo de Lopes, desenvolvi a tese intitulada *Identidade étnica, cotidiano familiar e telenovela* (Bonin, 2001). O desenvolvimento da pesquisa de tese foi fortemente beneficiado pelas experiências e pelos aprendizados no projeto “Recepção de telenovela”.

nica, que deveriam ser trabalhadas em atravessamento vivo na prática da pesquisa.

Essa complexidade multidimensional, e seu necessário entretecimento no processo investigativo, seria logo vivida na realização do projeto “Recepção de telenovela”. Ela pôde ser experimentada, entre outros modos, no exercício de articulação orgânica do problema-objeto com os demais componentes da pesquisa; no cuidado com a construção teórica e com o seu atravessamento em todo o processo investigativo; no trabalho constante da reflexão epistemológica sobre as decisões e opções em todos os níveis da pesquisa; e na assunção da dimensão técnica e operativa como lugar de um fazer reflexivo em intervinculação com os construtos teóricos e com as demandas do campo empírico, como veremos em mais detalhes no decorrer deste texto.

A proposta que Immacolata formulara no projeto “Recepção de telenovela” trazia como um dos seus alicerces epistemológicos a crítica à compartimentação das disciplinas e o reconhecimento de suas insuficiências para dar conta de problemáticas complexas. Investigar a recepção da telenovela demandava, portanto, outra postura epistemológica, capaz de fazer convergir conhecimentos disciplinares para seu entendimento.

No plano teórico, o projeto assumia como estratégica a contribuição da teoria latino-americana das mediações, proposta por Jesús Martín-Barbero (1987), que rompia com abordagens redutoras da comunicação, situando a recepção como perspectiva integradora do processo comunicacional e como lugar privilegiado de produção de sentidos dentro desse processo. A perspectiva das mediações vertebrava aquela proposta em construção, trazendo o entendimento de que o processo de recepção era configurado por múltiplas mediações.

Compromissada em contribuir para o avanço das pesquisas em recepção no campo comunicacional, Immacolata entendia que um dos grandes desafios daquele momento era concretizar teórico-metodologicamente a perspectiva das mediações em projetos de pesquisa empírica. No plano teórico, isso exigiria delimitar mediações relevantes para estudar a telenovela no contexto brasileiro e construir problematizações teóricas férteis para dar conta dessas mediações. Para isso, era preciso dialogar com teorias produ-

zidas em outros campos disciplinares, trabalhando arranjos teóricos produtivos de caráter transdisciplinar.

Para concretizar o desenho da pesquisa, a proposta era investigar quatro mediações no processo de recepção: *o cotidiano familiar*, âmbito em que se realizam os usos, apropriações e práticas relacionados com a telenovela em vinculação com as culturas e dinâmicas familiares; a *subjetividade*, demarcadora do lugar do sujeito no processo de produção de sentidos; o *gênero ficcional*, enquanto estratégia de comunicação e de reconhecimento cultural; e a *videotécnica*, relativa ao modo de produção televisivo e aos dispositivos técnicos próprios da teledramaturgia (Lopes; Borelli; Resende, 2002).

Para fortalecer a perspectiva transdisciplinar na construção das mediações a serem trabalhadas e dar conta da execução do projeto, Immacolata constituiu uma equipe de trabalho que contava com a participação de pesquisadoras de outros campos de saber: Silvia Helena Simões Borelli, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que desenvolvia estudos sobre o gênero na antropologia; e Vera da Rocha Resende, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), que trabalhava com a subjetividade na psicologia. Além disso, a equipe contava com doutorandos, mestrandos e estudantes de iniciação científica tanto da comunicação como de outras áreas, entre os quais eu me encontrava, orientados pelas professoras pesquisadoras do projeto.⁴

Como atividade para o primeiro ano de realização do projeto, Immacolata propôs que o grupo se dedicasse ao trabalho de construção teórica das mediações. Ali vivenciamos a importância de uma *práxis* fundamental, a *pesquisa teórica*, que envolve atividades sistemáticas de estudo, desconstrução, reconstrução, problematização e apropriação de propostas teóricas selecionadas para investigação. Ela foi trabalhada coletivamente no grupo a partir de um conjunto de textos selecionados por sua relevância para alicerçar a construção teórica das mediações, advindos de diferentes campos de saber. Todos foram convidados a colaborar no processo, trazendo pro-

4 Os demais participantes do projeto eram: Efendy Maldonado, Jiani Adriana Bonin, Maria Isabel Orofino Schaeffer, Richard Romancini, Dulce Teixeira de Oliveira Neta, Luciana Pareja Norbiato, Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, Marcelo Rodrigo Mingoti Muller, Mauro Enrique Fusco, Rosana Miyashiro Fahl e Ruth Fialho Dias.

blematizações para as sessões conjuntas de trabalho, que eram apreciadas e discutidas no coletivo. Essa *práxis* foi fundamental para a construção teórica das mediações de modo aprofundado e renovador.

Como participantes desse processo, pudemos entender que as construções teóricas – e metodológicas – precisavam se alimentar do que já havia sido produzido, transcendendo fronteiras disciplinares. O desafio seria trabalhar com essas proposições produzindo reconfigurações e rearranjos em atravessamentos convergentes para dar conta das demandas concretas do objeto em investigação.

Vivenciar esse exercício coletivo de pesquisa teórica foi uma experiência muito rica. Os participantes traziam olhares diversos e aportavam angulações diferenciadas para pensar os conceitos, o que permitiu qualificar a problematização teórica das mediações. Para os estudantes, experimentar esse exercício possibilitou aprender a construir perspectivas teóricas em diálogos convergentes e tensionais com as propostas estudadas e a trabalhar com a teoria com rigor e engenhosidade.

A construção da investigação empírica: pesquisa metodológica, criação e articulação de métodos

O projeto “Recepção de telenovela”, como mencionado anteriormente, objetivava arquitetar e explorar uma estratégia multimetodológica para investigar o processo de recepção de telenovela que correspondesse à abordagem multidisciplinar das mediações. Com essa proposta, Immacolata marcava a importância da exploração, da experimentação e da invenção de métodos para fortalecer a pesquisa em comunicação. Demonstrava também a necessidade de criar construções metodológicas complexas, produzidas em atravessamentos, conjunções e reformulações de métodos para dar conta devidamente dos objetos comunicacionais.

Para efetivar esse desafio, Immacolata entendia ser necessário investigar métodos existentes a fim de entender suas possibilidades e de avaliar sua fertilidade para compor o arranjo metodológico da pesquisa. Ela argumentava que métodos e técnicas configuram o objeto do conhecimento, são teorias em ato e assim deveriam ser assumidos na investiga-

ção.⁵ Logo, aqueles considerados potencialmente produtivos para serem trabalhados precisariam ser estudados em suas fundamentações, refletidos e analisados em termos do que fazem aos objetos, do que permitem, do que obstaculizam.

Essa necessidade levou a pesquisadora a propor, no âmbito do projeto, uma fase de *pesquisa metodológica*, entendida como investigação dos métodos em suas fundamentações epistêmicas, teóricas e técnicas. Ela foi efetivada a partir do trabalho com um conjunto de textos de fundamentação dos métodos *etnografia*, *história de vida*, *grupo de discussão*, *entrevistas* e *questionário*, dos campos da antropologia, da história, da sociologia e da psicologia – assim como de apropriações realizadas em pesquisas da comunicação.⁶

Os resultados dessa fase foram cruciais para produzir o arranjo multimetodológico proposto e para subsidiar redesenhos e redefinições de métodos necessários à investigação. Atividades de operacionalização das compreensões teóricas sobre as mediações, aliadas a requerimentos das dimensões empíricas da pesquisa, foram alimentando também a construção efetiva desses métodos.

O processo resultou num arranjo multimetodológico pensado a partir das mediações que incluía: *questionário do consumo*, para investigar aspectos do consumo cultural, midiático e de telenovela na família; *história de vida cultural*, para entender as configurações do consumo cultural e midiático na trajetória de vida das famílias e de seus membros; *observação etnográfica*, para estudar o cotidiano familiar e a assistência da telenovela; *entrevistas do cotidiano, da subjetividade, do gênero e da videotécnica*, para aprofundar a compreensão destas mediações na produção de sentidos para a telenovela; *história de vida*, para entender o lugar dos sujeitos na trajetória familiar, aspectos da subjetividade e sua vinculação com a recepção; *telenovela reedi-*

5 Em texto que reflete sobre a construção metodológica do projeto “Recepção de telenovela”, Immacolata reforça esta postura – “Sabemos que os dados colhidos são uma construção do investigador que os constrói com instrumentos teóricos e conceituais tanto quanto através dos instrumentos técnicos que escolhe. A conformação técnica dos dados é uma questão epistemológica dentro da pesquisa e ela foi tratada como tal” (Lopes, 2012, p. 12) – dialogando, entre outros autores, com Bourdieu (1999).

6 Para maiores informações sobre esse processo, consultar Lopes, Borelli e Resende (2002).

tada, construto resultante da seleção de cenas marcantes para as famílias e seus membros, para a compreensão das mediações gênero e videotécnica e sua atuação na produção de sentidos dos sujeitos; *grupo de discussão familiar*, para explorar sentidos produzidos pelas famílias para a telenovela reeditada. É importante dizer que os métodos atuavam em convergência e complementaridade, de modo a produzir conjuntamente dados sobre as distintas mediações e explorar angulações distintas de dados relevantes para a investigação.⁷

Esse processo de construção conjunta e artesanal⁸ do arranjo metodológico trouxe ensinamentos relevantes. Aprendemos que para dar conta da complexidade de mediações envolvidas nos processos de recepção, necessitamos trabalhar construções metodológicas engenhosas, produzidas em atravessamentos, conjunções e reformulações de métodos de modo inventivo; que a pesquisa metodológica é uma *práxis* fundamental para dominar métodos existentes e realizar recriações e reformulações necessárias à investigação; que as problematizações teóricas precisam se fazer presentes nos métodos a partir de sua operacionalização em dimensões pesquisáveis empiricamente, para garantir a conjunção das dimensões teórica e metodológica; que devemos levar em conta necessidades postas pela dimensão empírica da pesquisa na construção dos métodos, como particularidades do produto telenovela e especificidades dos sujeitos participantes vinculadas às suas culturas, temporalidades, linguagens, saberes, entre outros aspectos.

A pesquisa de campo como construção complexa e reflexiva

A telenovela escolhida para a pesquisa, *A Indomada*, escrita por Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares e veiculada pela Rede Globo no horário nobre, estava no ar no período da pesquisa. Um critério de escolha era justamente que estivesse sendo exibida, pois um importante direcionamento metodológico era a necessidade de assisti-la com as pessoas. A seleção considerou também a maior audiência que a telenovela do horário nobre da Rede Globo

7 Maiores detalhes sobre esse arranjo metodológico podem ser visualizados no livro *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficionalidade* (Lopes; Borelli; Resende, 2002).

8 O artesanal é aqui pensado na perspectiva de Mills (1975), que concebe a prática da pesquisa como artesanato intelectual, ofício cuidadosamente realizado pelo pesquisador e que lhe permite ter o domínio de todo o processo de construção da investigação.

alcançava nesse período.

O trabalho de campo realizado com as famílias foi instigante e desafiador. Estendeu-se por oito meses (maio a dezembro de 1997), enquanto a telenovela foi exibida. Durante o período, ela foi sistematicamente gravada para análise posterior. Além disso, foi efetuada uma seleção de matérias sobre a telenovela veiculadas em mídias diversas para servir como material complementar à pesquisa.

A escolha das famílias com as quais pesquisamos contou com a ajuda de pessoas que tinham conhecimento de núcleos familiares que possuíam o perfil requerido pela investigação (uma família de favela, uma de periferia, uma de classe média e uma de classe média alta). A mediação destas pessoas foi importante também para nos aproximarmos das famílias e trabalhar sua participação no estudo.

Para concretizar a pesquisa de campo, foi necessário pensar a organização da equipe de maneira a gerar uma estruturação favorável ao trabalho com as famílias e à sua execução. Refletindo coletivamente, definimos que cada família seria acompanhada sistematicamente por uma dupla de participantes do projeto (entre doutorandos, mestrandos e bolsistas de iniciação científica). Immacolata também participaria em visitas às famílias acompanhando os pesquisadores que trabalhavam sistematicamente com cada uma delas. A escolha das duplas foi estrategicamente pensada pelo grupo. Consideramos a necessidade de ter, na coordenação dos trabalhos da dupla, pós-graduandos, que atuariam junto a bolsistas de iniciação científica. Além disso, ter homens e mulheres em cada dupla seria produtivo para trabalhar as relações com os diferentes membros das famílias.

Antes de adentrarmos efetivamente no campo, realizamos sessões de caráter formativo para preparação dos pesquisadores. Discutimos questões vinculadas às relações entre investigadores e participantes da pesquisa, à construção de vínculos com as famílias e seus membros, à ética e ao posicionamento dos sujeitos. As reflexões sobre as relações dos pesquisadores com os sujeitos participantes da pesquisa nos fizeram entender que elas precisariam ser fundadas numa perspectiva de respeito, cooperação e diálogo, a fim de trabalharmos em colaboração efetiva e construtiva com eles. Refletimos também sobre a condução dos métodos e procedimentos investigativos, so-

bre as formas de registro dos dados e sobre o necessário exercício constante da reflexão epistemológica durante todo o processo.

O contato inicial com as famílias foi cuidadoso; envolveu a apresentação dos pesquisadores e esclarecimentos sobre a pesquisa, seus objetivos e processos, para que as famílias tivessem clareza da proposta, na perspectiva de construir com elas um pacto de confiança para a realização dos trabalhos investigativos.

É importante dizer, em relação ao processo de coleta de dados, que a aplicação dos métodos foi pensada na sua distribuição temporal, seja pelo tipo de informações e de envolvimento que requeriam dos participantes, seja por suas exigências em termos do amadurecimento das relações. A condução dos métodos foi pensada também em função da experiência e do preparo dos componentes das duplas para realizá-la.

Iniciamos o trabalho de campo pela observação da assistência à tele-novela porque entendíamos que essa atividade, sendo central para a pesquisa, seria também interessante para promover o cultivo das relações com as famílias. Essa observação foi realizada sistematicamente durante todo o período em que a novela esteve no ar. No decorrer do tempo, as observações foram se ampliando a outros momentos das rotinas familiares, à medida que as famílias foram demonstrando maior abertura e confiança.

As observações foram sistematicamente registradas em relatórios de observação e também através de fotografias. Os demais métodos e procedimentos foram sendo trabalhados no decorrer dos oito meses, em ordem de crescente complexidade e profundidade das informações requeridas.

Todos os encontros relativos à coleta de dados foram negociados com as famílias em função da disponibilidade e das possibilidades de participação de seus membros. Tivemos também o cuidado de ir manejando os roteiros dos métodos com flexibilidade e adaptação à linguagem dos participantes, o que foi facilitado pela convivência com as famílias ao longo do tempo.

Durante o período da coleta de dados, foram realizados encontros sistêmicos do grupo que realizou o projeto, para discutir o andamento da pesquisa. Eles foram essenciais para coletivizarmos os processos de tra-

balho no campo e para refletirmos sobre as dificuldades encontradas. Ali, exercitávamos a reflexão dos processos investigativos, buscando reconhecer os obstáculos epistemológicos⁹ para tentar contorná-los.

Fazer parte da pesquisa de campo, realizando a coleta de dados com a família de periferia, foi para mim uma experiência transformadora. Entre tantos aprendizados, experimentei ali os desafios de construir relações com sujeitos socioculturalmente diversos e entendi a necessidade de trabalharmos na pesquisa a construção de vínculos e de um espaço de cooperação e de tradução intercultural e interepistêmica. Vivenciando intensamente a experiência com esta família, pude me dar conta dos múltiplos saberes, competências e artes de fazer¹⁰ de seus membros e também aprender com eles.

O trabalho de campo com as famílias gerou uma riqueza de dados empíricos que exigiu esforços de organização e de sistematização, antes de realizarmos propriamente sua análise. Para ajudar a organizar os múltiplos registros desse trabalho (transcrição das entrevistas, relatórios de observação etnográfica) a partir das mediações, experimentamos utilizar um programa computacional, o Winmax.¹¹

Aportes e ensinamentos da exploração multimetodológica para a pesquisa de recepção

Como se pôde ver, o trabalho com o projeto “Recepção de telenovela” permitiu vivenciar e aprender a operar com uma das contribuições basilares de Immacolata à pesquisa em comunicação: o necessário entretecimento das dimensões epistemológica, teórica, metódica e técnica durante todo o pro-

9 Obstáculos epistemológicos, na perspectiva bachelardiana, é tudo aquilo que dificulta a caminhada de construção do conhecimento, promovendo lentidões, desvios e paradas no processo, e que advém de várias dimensões: internas e externas ao pesquisador (Bachelard, 1977, 1996).

10 Artes de fazer na perspectiva de Certeau (1994), como as múltiplas formas de resistência e subversão inscritas no cotidiano das pessoas comuns.

11 *Software* auxiliar de pesquisa qualitativa que permite marcar partes de texto e vinculá-las a categorias previamente definidas para depois exportar e imprimir as partes reunidas em cada categoria. No uso que realizamos no projeto, ele permitiu que demarcássemos as partes correspondentes a cada mediação em todos os textos resultantes da pesquisa empírica, reunindo-as para posterior leitura, organização e análise dessas mediações.

cesso de realização da pesquisa. A dimensão epistemológica foi experimentada enquanto razão reflexiva, atuante e encarnada nos processos e práticas da pesquisa, permitindo interrogá-las sistematicamente e assim, adensar nossas construções, reconhecer obstáculos epistemológicos e trabalhar para contorná-los.

A experiência do projeto mostrou que a multidimensionalidade do processo de recepção exige esforços vigorosos de construção teórica dos pesquisadores. O aproveitamento de contribuições relevantes, de campos diversos, demonstrou ser uma chave epistêmica fundamental para aprofundar e renovar nossas construções teóricas. Para isso, a pesquisa teórica se mostrou uma *práxis* importante, ao promover o mergulho aprofundado nas propostas em estudo, sua desconstrução, reconstrução, problematização e apropriação renovadora para dar conta do objeto investigado.

O trabalho com métodos multidisciplinares também demonstrou ser uma perspectiva epistêmica fértil para promover avanços e renovações metodológicas para a pesquisa de recepção. Aprendemos que assumir esta perspectiva exige que investiguemos os fundamentos desses métodos, realizando pesquisa metodológica, e que trabalhemos para reformulá-los e articulá-los em arranjos que possam dar conta devidamente de nossos objetos comunicacionais.

A experimentação metodológica com o conjunto de métodos de observação demonstrou grande fertilidade para investigar as mediações em perspectiva complexa e multifocal. A exploração revelou que cada método apresentou potências distintas para aprofundar e angular as dimensões definidas para serem observadas. Demonstrou também que a complementaridade e a convergência de métodos é uma estratégia fundamental para a pesquisa que assume o desafio de investigar a recepção em perspectiva complexa e atenta a múltiplas mediações envolvidas no processo.

É preciso reforçar, ainda, que, para os estudantes de doutorado, mestrado e graduação, participar efetivamente do projeto vivenciando a pesquisa em todas as dimensões de sua construção numa ambiência grupal significou fazer parte de uma experiência formativa muito rica. Assim, o exercício coletivo de investigar e de construir teorias e métodos, de trabalhar a reflexão epistemológica dos percursos, das práticas, das ações e operações no coletivo

demonstrou a potência do trabalho em grupo tanto para a construção da pesquisa quanto para a formação qualificada de pesquisadores.

Esses e tantos outros aprendizados seguiram conosco, que participamos dessa aventura investigativa com Immacolata. Eles alimentaram nossa trajetória e foram fermento para nosso trabalho ao longo dos anos. No meu caso, esses ensinamentos reverberaram constantemente no percurso de diferentes investigações que realizei ao longo desses anos focalizando a recepção midiática, nas atividades de grupo de pesquisa Processocom¹² e na docência no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), no qual atuo desde 2003.

Essa reverberação representa a continuidade do legado de Immacolata tanto em minha caminhada como na daqueles a quem formei. Por isso, registro aqui meu profundo agradecimento à esta mestra que me ensinou, entre tantas outras coisas, que a pesquisa é um grande e belo desafio, uma engenhosa aventura, um modo de existência, uma maneira de nos posicionarmos no mundo e de contribuírmos para a sua transformação.

Referências

Bachelard, Gaston. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Bachelard, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Bonin, Jiani Adriana. **Identidade étnica, cotidiano familiar e telenovela**. 2001. 410 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

Bourdieu, Pierre et al. **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

12 O Grupo de Pesquisa Processocom – Epistemologia, Miatização, Mediações e Recepção, fundado em 2002, é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. É coordenado por Efendy Maldonado, Jiani Bonin e Nísia Martins do Rosário. Para mais informações consultar: <https://www.processocom.org>.

Certeau, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Uma metodologia para a pesquisa de telenovela**. Texto da conferência proferida na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão em 21 de maio de 2012.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Borelli, Silvia Helena Simões; Resende, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

Martín-Barbero, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

Mills, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Internationalizing Brazilian media and communication research

Thomas Tufte

With this brief reflection, I wish Maria Immacolata a very happy birthday!

Immacolata has so much to celebrate on this occasion, as has Brazilian and international media and communication research. Her lifelong commitment to media and communication research is evidenced in so many ways, but from where I see it, from Northern Europe, two issues stand out: Immacolata has championed telenovela research and she has done so much to internationalize Brazilian research, building bridges and circulating knowledge about Brazilian media and communication research in so many ways.

I first met Immacolata in the early 1990s, when we both coincided in telenovela research. In 1996, when I joined University of Copenhagen, I invited Immacolata to Denmark to share her research with a Danish research community, and that same year, she and I co-organized the 1st Colloquium Brazil-Denmark in Communication Sciences. This was held in Londrina, Paraná, during the 19th Intercom Congress and later resulted in an edited collection of Brazilian and Danish scholars sharing their insights and approaches to contemporary issues in communication research (Lopes, 1997). She was later engaged in many other of the colloquia organized around the yearly Intercom Conferences, not least the Brazil-Italy colloquia. These bi-national colloquia became significant kick-starters in building relationships and sharing knowledge between research communities not very known to each other. Immacolata's tireless work was very significant. I know that many of my Danish colleagues had their first non-English publications in Brazilian books and journals, thanks to the space Immacolata carved out.

Her work on strengthening collaborations and developing internationally grounded research projects I have seen primarily in her collaborations

around telenovelas, and around TV fiction more broadly. Her capacity to organize events, bring scholars together, kick off debates, facilitate collaborations, and grow a field of research was and remains a strong example to subsequent generations of scholars.

My latest collaboration with Immacolata has been around an issue of *MATRIZES* in 2021 (Vol 15, no 3, 2021). This was an issue dedicated to reflections about Paulo Freire. As the editor-in-chief of *MATRIZES*, she was the person I contacted to propose the idea to her, and she reacted so enthusiastically and quickly. Soon after we were far into developing the issue, along with co-editors Ana Suzina and Adilson Citelli. It is so characteristic of Immacolata, that she enjoys collaborations, her passion about research, her social skills, her enthusiastic attitude, and her strong character, have all been virtues that have blended into the many prolific and significant research projects she has engaged in and led over the years. International media and communication scholarship have a lot to thank Immacolata about – opening up the rich and enormous field of Brazilian scholarship to the world. Thank you so much for all your contributions – and I truly hope there will be other collaborations awaiting, just round the corner!

Abram alas! Ela vai renovar o campo de estudos da telenovela no Brasil

Maria Carmen Jacob de Souza

Um dos traços mais marcantes da professora e pesquisadora Maria Immacolata Vassallo de Lopes é sua energia criativa que movimenta organizações, projetos e pessoas em um ritmo estonteante. Essa é a marca mais presente em minha lembrança, principalmente, desde que acompanho mais de perto as ações da rede de pesquisadores do Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva (Obitel Brasil), criada em 2007. Por isso, junto ao convite para elaborar um texto que a homenageasse em seus 80 anos, vem essa certeza de que ela representa um senso de juventude e paixão que desafia, inventa e renova nosso campo de estudos, nossas referências e oportunidades.

Se homenagear é um ato de rememorar, valorizar e agradecer, esta ocasião incita o ato de vasculhar as memórias buscando os encontros que tive com Lopes durante minha trajetória como investigadora de telenovelas. Nesse ensejo, aflorou em um piscar de olhos a clareza quanto à importância de Lopes nos estudos de telenovelas, que se tornou uma referência inestimável nesse campo e um norte para os caminhos que tracei nessa área. Não tenho dúvidas de que os esforços de Lopes colaboraram fortemente para que a telenovela deixasse a posição de desvalia nos anos 1990 e assumisse a de franco reconhecimento de sua magnitude na formação social brasileira nos anos recentes.

O interesse pelo estudo das telenovelas surge em minha história nos primeiros anos da década de 1990. Desde então, a ficção seriada nacional mais consumida, até hoje, no país, tem feito parte da minha agenda de pesquisa. Nesse percurso, um dos marcos de aproximação com Lopes foi o ingresso no curso de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA) com a criação em 2001 do A-tevé: análise da teleficção, grupo de pesquisa que lidero desde então.

Nessa ocasião, já estava familiarizada com os efeitos multiplicadores dos eventos sobre telenovelas que Lopes promovia, com o senso de respeito e reconhecimento que lhe era devido. Enquanto escrevo, recordo-me do

dia do lançamento do livro *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade* (Summus, 2002). O evento contou com a presença de Jesús Martín-Barbero, mentor da matriz analítica da metodologia que orientou a investigação relatada na publicação. Esse evento representou, dentre outros que promoveu, a importância de Lopes nos ritos de sedimentação da abordagem de Martín-Barbero no campo de estudos sobre as telenovelas no Brasil.

A passagem de leitora e admiradora para pesquisadora colaboradora me remeteu a criação, em 2007, da Rede Brasileira de Pesquisadores da Ficção Televisiva, inspirada nos resultados do Obitel Ibero-americano, um dos frutos das ações de Lopes na coordenação do Centro de Estudos da Telenovela na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP, 2005). E, nesse caso, quero frisar a habilidade de Lopes de nos enredar nos projetos que anima. O convite para participar dos eventos da rede do Obitel Ibero-americano foi essencial para compreender os impactos deste projeto nos estudos sobre a ficção televisiva, em especial, das telenovelas. Percepção que sustentou a força motriz para que um conjunto de pesquisadores se engajasse na proposta de formação da primeira rede de pesquisadores sobre a ficção televisiva no Brasil, o Obitel Brasil.

A nossa equipe, denominada Obitel Bahia, teve o prazer de compor a Rede desde os seus primeiros passos, assumindo o desafio de inventar coletivamente a dinâmica de trabalho que garantiu o respeito às especialidades dos grupos participantes e as condições adequadas para explorar novos horizontes de pesquisa. Temas inovadores e desafiantes foram forjados: das ações de transmediação passamos às práticas dos fãs da ficção televisiva brasileira, à inovação em tempos de Covid-19 e, recentemente, às telenovelas como recurso de promoção da cidadania. As reuniões técnicas coordenadas por Lopes foram um celeiro que promoveu embates criativos e a descoberta de um frutífero e rigoroso modo de gerir a investigação coletiva que aglutina várias instituições.

Essas experiências permitiram que os grupos integrantes do Obitel Brasil aperfeiçoassem as práticas coletivas de investigação. No meu caso, ampliou a minha capacidade de gestão de equipes de pesquisa, pois tivemos em muitas ocasiões mais de dez integrantes (de alunos de iniciação científica a doutores egressos). Assim como foi uma situação exemplar de exercício das rotinas “da cozinha” da pesquisa para os discentes que dela fizeram parte.

Muitos deles redefiniram ou descobriram suas questões de pesquisa no calor dessas experiências do Obitel Brasil, deixando excelentes resultados nos trabalhos de conclusão de graduação, nas dissertações e teses de doutorado. Movimento semelhante ocorreu em minha produção intelectual, que se enriqueceu e se diversificou.

Aqui é imprescindível destacar o esforço de Lopes em estabelecer um regime de colaboração com a Globo Universidade, demonstrando com o passar dos anos que a relação com as corporações de mídia pode e deve ser acionada para ampliar o escopo de conhecimento no campo científico segundo os princípios de autonomia que o animam.

A intensa digitalização da vida social, as transformações causadas nas corporações de mídia, a epidemia da Covid-19, dentre outras mudanças, afetaram a Rede Obitel Brasil. Os processos de renovação das fontes de financiamento, a reinvenção da gestão coletiva em ambiente online e a intensa renovação das equipes têm sido os desafios mais recentes. Este cenário não esmoreceu a verve empreendedora de Lopes, incansável líder que em 2022 levou a equipe a ser contemplada no concorrido edital Pró-Humanidades do CNPq com o projeto “A ficção televisiva brasileira como recurso de promoção da cidadania”.

Hoje, 18 anos depois, o Obitel Brasil reúne um conjunto de pesquisadores que representam o melhor da produção científica nessa área, reunindo instituições de diversas regiões do país. Se hoje a Rede faz parte de nossas rotinas de trabalho, é porque foi fruto dessa energia avassaladora da dedicada professora Immacolata Vassallo de Lopes, que manteve a coordenação geral desde a sua origem. Posso afirmar que não é nada fácil acompanhá-la. O que tenho certeza é o quanto me sinto honrada e agradecida por ter estado nesse movimento liderado por Lopes. Avante!

Memories of Immacolata

Joseph D. Straubhaar

My earliest memories of Immacolata are of her, along with José Marques de Melo, as an amazing font of information about the patterns of research of and theory about media in Brazil and Latin America. I was fascinated with the differences between how Latin American and Anglo/US research approached the issues I was interested in. Talking with her early on at USP, INTERCOM and ALAIC was always extremely interesting and useful.

As she focused on telenovelas, her work got even more interesting to me. In my own research, telenovelas, shows de auditório, and music and comedy shows showed an originality that both reflected a powerful industry and a vibrant connection with Brazilian popular culture. When I first got to Brazil in 1976, I was surprised that this area wasn't the focus of that much work yet. I think work by Immacolata, Anamaria Fadul, Muniz Sodré, Martín-Barbero and some others began to change that over time.

The range of her work is impressive. It goes from genre analysis, to media industry studies, and reception studies. I had come to think all those elements were necessary and it was great to see someone working through them over time in depth with skill and insight. I was really delighted to see her and Guillermo Orozco take that a major step further with the OBITEL group on comparative television drama. Their annual conferences and reports are an amazing resource for those of us doing comparative and international or global work.

Seeing her at a number of meetings, including those listed above plus LUSOCOM, the U.S.-Brazilian Colloquium on communication studies, and Milly's Buonnano's research meetings and seminars on television, over the years and talking to her regularly at USP, when I was in São Paulo, it has been a great pleasure to become friends as well as colleagues, which I have treasured over the years.

ENTREVISTA

Maria Immacolata Vassallo de Lopes:
Telenovela, a narrativa brasileira



Miguel Socorro

Mariluce Moura

Edição 155
jun 2009Articulação
Comunicação

Demorou até que a telenovela fosse reconhecida como objeto legítimo e fascinante de estudos acadêmicos no Brasil. De forma mais consistente, foi só na década de 1990 que na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) formou-se um grupo de pesquisa disposto a estudar profundamente esse gênero melodramático, agora tão brasileiro, sob múltiplos aspectos e pontos de vista.

Immacolata, em reportagem de Mariluce Moura na Revista Pesquisa Fapesp, edição 155 (2009). Fonte: imagem reproduzida do site da revista.



Immacolata no Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação, Intercom, Belo Horizonte, Brasil, 2003. Fonte: acervo Intercom.



Immacolata, Congresso da Intercom, Santos, Brasil, 1997. Fonte: acervo Intercom.



Coordenadores do Obitel Internacional, Seminário Obitel, São Paulo, Brasil, 2014.
Fonte: Acervo pessoal Clarice Greco.

PARTE III

PARTE



O ofício pedagógico

A mestra de gerações: esboço de estudo sobre um legado pedagógico

Richard Romancini

Sentia um prazer enorme em lecionar para os primeiros anos do então Ciclo Básico da ECA. Era sempre desafiadora a inquietação dos alunos, a questão permanente de teoria *versus* prática, as discussões interessadas sobre as diferentes teorias e metodologias. Até hoje encontro com ex-alunos que me lembram daquelas aulas (Lopes, 2006, p. 11).

No mundo da criação, muitas vezes, quando se diz que alguém “não precisa de adjetivos” acontece que o próprio nome dessa pessoa se tornou um adjetivo: felliniano, bourdieusiano, barberiano etc. Tantas vezes ouvi que alguma ideia ou forma de expressão parecia “da Immacolata”, que me parece claro que isso ocorre aqui, num sinal de autoridade e reconhecimento.

A explicação desse fato, no campo científico, é multidimensional, e passa pelas contribuições intelectuais e pela capacidade de liderança desses indivíduos. No caso de nossa homenageada há, porém, um aspecto que avalio como também importante, mas pouco discutido: sua excelente, diria mesmo admirável, prática docente. Isso se relaciona com o que é possível chamar de “legado pedagógico”, entendido como um conjunto de processos de influência, nem sempre fáceis de serem mapeados ou percebidos, que compreende a transmissão e a imitação intergeracionais de conhecimentos e práticas docentes, bem como, em termos mais gerais, com um “estilo” de ensino.

Em *Meu Tio da América* (1980), Alain Resnais desenvolve, com recursos da linguagem cinematográfica, a ideia de que todos nós, de maneira mais ou menos inconsciente, imitamos aqueles pelos quais temos admiração. Por outro lado, conceitos como os de “influência”, “apropriação” e “intertextualidade”, nos estudos literários, e termos correntes no ambiente acadêmico e na sociologia da ciência como “discípulo”, “continuador” ou “herdeiro” estão na mesma perspectiva. Nesse caso, porém, são fenômenos menos elusivos do que os processos relacionados às histórias de vida que o filme apresenta. Eles se materializam de diferentes modos: os textos prévios e os su-

postamente derivados, na literatura, ou os dados sociológicos e os aspectos das trajetórias intelectuais e do desenvolvimentos de noções e conceitos que ligam diferentes pesquisadores, no terreno científico.

A forma de influência exercida por docentes em relação a seus alunos/pares, arriscaria dizer, situa-se entre esses dois polos: momentos evidentes, inclusive de autorreflexão, e outros de pura assimilação mais ou menos inconscientes. Ao pensar sobre a elaboração de um problema de pesquisa ou sobre como avaliar um trabalho científico, muitas vezes, tive em mente a indagação: “o que Immacolata diria ou faria?”. A obra de Resnais intercala pequenos trechos de filmes dos atores que cada um dos três protagonistas tinham afirmado serem os seus favoritos na juventude – Jean Gabin, Danielle Darrieux e Jean Marais – em cenas que indicam semelhanças gestuais e de comportamentos. Como geralmente não vemos o nosso rosto, mas vemos o dos outros, posso notar que já reencontrei expressões faciais e verbais “immacolatianas” em muitos colegas.

A comparação entre professores e atores, comum na literatura pedagógica (e.g., Lowman, 1994), bem lembra que o docente é um *performer*; no entanto, não se desenvolveu até hoje uma linguagem audiovisual que registre com perfeição, perpetuando as qualidades específicas da atuação docente. Desse modo, a analogia faz mais sentido com a evanescente interpretação teatral. Grande parte do “estilo” de um docente resta somente na memória dos estudantes-espectadores que constroem significados sobre as entonações, pausas, silêncios, gestos e movimentos corporais efetuados no palco privilegiado do ensino: a sala de aula.

Ao mesmo tempo, embora abertos ao improviso como os atores, os professores são também dramaturgos que dão forma aos temas disciplinares que interpretam. Alguns *criam* esses conteúdos. O âmbito educativo tende a privilegiar os movimentos de reprodução dos conhecimentos consolidados, cuja expansão e criação ocorre, principalmente, no contexto da investigação científica (Lopes, 2000-2001). Mais ampla e duradoura, assim, é a contribuição pedagógica daqueles que, como Immacolata, pesquisaram e escreveram obras que foram adotadas em bibliografias de cursos de graduação e pós-graduação há décadas. Nesse sentido, o termo “professor-referência”, também comum nos estudos da educação, encontra um sentido literal. No entanto, muitas pessoas publicam obras, mas nem todas são adotadas em currículos. Por defi-

nição, docentes dedicam-se ao ensino, ministram aulas e realizam atividades correlatas, mas nem todos são vistos por estudantes e colegas como “exemplares”, “modelares”, “carismáticos” ou “inspiradores” e, portanto, tendo desenvolvido uma prática docente “ótima” ou mais “efetiva”.

O que faz com que ela tenha atingido esse nível de excelência em suas práticas docentes é, portanto, uma indagação relevante, cuja resposta pode aclarar o sentido de seu “legado pedagógico”. Para explorar essa questão, uma possibilidade seria adotar uma abordagem memorialística, recapitulando momentos que me marcaram como agente do campo comunicacional, a partir de seus ensinamentos, obtidos na convivência como aluno e orientando. No entanto, ainda que válida, essa forma contornaria um dos tópicos centrais de sua instrução: o valor da pesquisa empírica, a abertura para o conhecimento do real, sempre, porém, enquadrado pela reflexão teórica que permite dar mais rigor às nossas elaborações. Trata-se de uma busca, nunca concluída e sempre aberta ao debate, pela cientificidade.

Assim, na sequência, o texto expõe discussões sobre a principal questão conceitual abordada: o que é ou o que caracteriza a docência exemplar, isto é, capaz de constituir um legado, mobilizado e reinterpretado pelos que se dedicam ao ensino na área de conhecimento? Em seguida, confronto uma síntese dessa discussão com avaliações de pessoas que foram orientadas, avaliadas em bancas de trabalhos acadêmicos ou supervisionadas por Immacolata em seus estudos pós-graduados sobre as possíveis marcas de influência exercidas por ela e que se concretizam, em maior ou menor grau, em suas trajetórias docentes.

Exemplaridade e efetividade do ensino

Preocupado em definir o que caracteriza os professores universitários exemplares, Lowman (1996, 2004) desenvolveu um modelo, a partir da literatura sobre o assunto e investigações próprias, que defende que há duas dimensões centrais: as capacidades de produzir estímulo intelectual e de construir relacionamento interpessoal positivo com os alunos. A primeira se expressa em um sólido domínio da arena dramática da sala de aula, a partir de recursos expressivos de fala e gestuais que fazem com que sua instrução seja percebida como envolvente e intelectualmente estimulante. “Os docen-

tes com alto nível nessa dimensão também demonstravam alta criatividade e uma perspectiva intelectual integradora quando apresentavam conteúdo ou elaboravam tarefas” (Lowman, 1996, p. 35, tradução nossa).

Já a segunda dimensão, do relacionamento interpessoal, envolve as atitudes positivas dos docentes em relação aos alunos como pessoas – por meio do tratamento pelos nomes ou pela demonstração de apreço, em interações antes, durante, depois ou fora da sala de aula. Além disso, está relacionada à tendência de usar métodos democráticos em vez de autocráticos para gerir o trabalho pedagógico, com o docente enfatizando o desejo dos alunos de aprender, em vez de utilizar estratégias punitivas para incitá-los a realizar trabalhos. Os resultados de Goldstein e Benassi (2006), embora com o uso de termos diferentes, são consistentes com esse modelo, assim como o trabalho de Miranda, Casa Nova e Cornacchione Júnior (2012), que procurou entender os “saberes” mobilizados por “professores-referência” na avaliação de estudantes brasileiros de contabilidade, com a diferença de que o domínio do conteúdo, os saberes experienciais e o conhecimento didático tiveram mais relevância do que as características pessoais do professor.

Lowman (1996, 2004) nota que as habilidades em gerar estímulo e em estabelecer relacionamento são relativamente independentes, e que a excelência em uma delas pode gerar ensino efetivo com alguns estudantes e em certos tipos de classes. Disso resulta uma tipologia que compreende os perfis de professor “Totalmente exemplar” (excelente nas duas dimensões), “Palestrante exemplar” (excelente quanto ao estímulo intelectual, mas com nível moderado de diálogo interpessoal), “Autoridade intelectual” (também excelente no primeiro quesito, mas com nível de qualidade em relações mais baixo ainda), entre outros (Lowman, 2004, p. 52).

Perspectiva investigativa similar encontra-se nos estudos que buscam definir o desempenho de um “ensino eficaz”, de qualidade. Esses trabalhos têm utilizado diferentes fontes, principalmente avaliações estudantis, inclusive de alunos que já são professores experientes (Miron; Mevorach, 2014), e de outros docentes ou membros de equipes de apoio pedagógico (Williams; Nixon; Hennessy; Mahon; Adams, 2016), bem como abordagens metodológicas diversas (qualitativas, quantitativas e mistas), como notam Bledsoe, Richardson e Kalle (2021). Apesar disso, de acordo com a revisão de Hativa (2014), há alguns consensos nos resultados, com quatro carac-

terísticas sendo recorrentemente apontadas: 1) organização; 2) clareza; 3) envolvimento/entusiasmo/interesse/expressão e 4) relacionamento. Outros três componentes também são citados em muitos trabalhos: 1) interação/questionamento e discussão; 2) exames/notas/avaliação do aluno; carga de trabalho/dificuldade; e 3) aprendizado ou resultado percebido pelo aluno e impacto da instrução.

Tabela 1. Temas associados à excelência no ensino e suas características

Tema	Características da docência	Freq. (%)
Sucesso estudantil	Preocupa-se com o sucesso do aluno ou apoia o seu aprendizado. Esse tema não inclui o fato da docência evidenciar entusiasmo pelo ensino.	48,3
Acima da média	É empenhada ou vai além das expectativas	36,9
Pedagogia	Incorpora atividades que ampliam o conhecimento; planejamento do curso; intencionalidade pedagógica ou o comportamento específico de ensino.	35,2
Envolvimento	Envolve os alunos nas atividades de aprendizagem, é divertida ou não é entediante. Cria uma atmosfera envolvente, um ambiente de aprendizado positivo ou uma atmosfera propícia ao aprendizado.	34,7
Cuidado	Preocupa-se com o aluno como pessoa, trata os estudantes como adultos, respeitando-os.	26,1
Acessibilidade	É acessível aos alunos, acolhedora, aberta ou faz com que os alunos se sintam confortáveis em relação à aula ou ao aprendizado.	17,6
Entusiasmo	Expressa entusiasmo, paixão ou gosto pelo ensino.	17,6
Modelo	Tem papel de mentora, serve como modelo de profissionalismo ou é identificada com excelência profissional.	17
Desafio	Desafia o estudante a aprender	9,1
Expertise	Evidencia amplo conhecimento do conteúdo	7,4

Fonte: Bledsoe et al. (2021).

A pesquisa de Bledsoe et al. (2021) fez uma análise de conteúdo das justificativas escritas por estudantes, em uma universidade nos Estados Unidos, ao indicarem docentes para um prêmio. Os textos deveriam descrever atos específicos relacionados à excelência no ensino. A análise identificou dez temas (vide Tabela 1, com descrições e frequência de ocorrências), relacionados com a conexão socioemocional. São indicados comportamentos relevantes para a aprendizagem e características de docentes, geralmente já percebidos por estudos prévios como os mostrados. Porém, dois temas, ainda não destacados pela literatura, emergiram: o papel do docente como um modelo e como alguém cujos esforços superam as expectativas.

As discussões têm destacado ainda a relação entre os aspectos valorizados pelos estudantes e os diferentes contextos, entre eles, os disciplinares. Assim, nas ciências sociais e humanidades, a qualidade dos relacionamentos e os métodos de quem ensina têm sido vistos como mais importantes, em comparação com outros campos, pelos alunos (Alhija, 2017). Já para os estudantes de medicina, as características de personalidade – como o humor ou a vestimenta – têm menos peso do que o desempenho docente, que se associa a aspectos como o conhecimento sobre o assunto e boas habilidades comunicativas (Al-Mohaimed e Khan, 2014). A pesquisa de Bledsoe et al. (2021) também observa diferenças quanto a esse aspecto, com os estudantes de graduação apontando mais o tema “Envolvimento”, do que os de nível mais avançado. Isso está em linha com os achados de Derounian (2017) que, ao pesquisar o que seria um “ensino inspirador” para estudantes de graduação em ciências sociais, indica que o aspecto mais importante é a dimensão motivacional, seguida pelas relacionadas com o encorajamento e com a percepção de que o docente tem entusiasmo pelo que ensina.

A interpretação sobre as diferenças valorativas em relação às características do professor exemplar, conforme os contextos, está diretamente relacionada à diversidade de imagens do que é um bom professor. O que é considerado “bom” é cultural e moralmente heterogêneo, como nota Sockett (2008). Nesse sentido, os quatro modelos típicos, identificados pelo autor mencionado, relacionados à docência, ao caráter do professor e à percepção do que faz um bom professor têm sido usados em investigações. Os modelos são os seguintes: a) *acadêmico-profissional* – enfatiza o domínio do conhecimento disciplinar, a responsabilidade moral de manter o rigor intelectual e o alto padrão acadêmico, b) *cuidador-profissional* – preocupa-se com a di-

menção afetiva do ensino e com o papel docente na formação do ser humano, valorizando o cuidado, a empatia e o suporte emocional, c) *reflexivo e adaptativo* – destaca a reflexão crítica sobre a prática e a adaptação ao contexto de atuação, e d) *profissional de agente moral* – ênfase na responsabilidade ética e social do docente, guiado por princípios de justiça, equidade e bem comum.

O estudo de Miron e Mevorach (2014), com avaliações de professores experientes que regressam aos estudos universitários, encontrou três desse modelos, sendo o mais frequente o de cuidador-profissional, identificado com o “relacionamento pessoal”, seguido pelo reflexivo-adaptativo, relacionado à competência em “métodos de instrução” e, por fim, o acadêmico-profissional, que se associa ao domínio do “conhecimento da área”.

É válido notar, também, que os próprios docentes possuem preferências e modelos, assim, é bastante sugestiva a conclusão do estudo de Goldstein e Benassi (2006), mostrando que as avaliações de alunos investigados sobre seus professores foram mais altas quando alunos e professores concordaram (o que nem sempre ocorre) em suas percepções sobre as características de docentes excelentes. Essa concordância, provavelmente, se estende a compreensões sobre os objetivos e os fins da ação educativa.

Métodos

As informações sobre os orientandos de mestrado e de doutorado, e as supervisões de pós-doutorado de Maria Immacolata foram coletadas de seu currículo Lattes, assim como as suas participações em bancas dos níveis de pós-graduação mencionados – presumiu-se, nesse caso, que o convite para contribuir na avaliação do trabalho acadêmico representa um nível de afinidade com a professora capaz de indicar interesse por seu pensamento. Com isso, foram compostas duas amostras não sobrepostas, de modo que as pessoas orientadas por Immacolata e que ela obviamente participou da banca foram contadas apenas no grupo de “orientandos e supervisionados”, por outro lado, alguém orientado em mais de um nível de formação representou só uma unidade. Foram então enviados 75 e-mails de convites para o preenchimento de um formulário digital, intitulado “Pesquisa sobre influência docente”, com quatro questões, duas fechadas e duas abertas, sobre a eventual influência de Immacolata em práticas docentes dos informantes.

As perguntas fechadas – “A partir de sua relação com Immacolata como ex-orientando/a-aluno/a ou pela participação dela na banca de seu trabalho de mestrado/doutorado, você diria que houve influência dela em sua prática docente?” e “A partir de sua relação com obra publicada (livros, artigos etc.) de Immacolata, você diria que houve influência dela em sua prática docente?” – tinham ambas como alternativas de resposta: “Sim, muita influência”, “Sim, uma influência moderada”, “Sim, pouca influência”, “Não houve influência” e “Não sei avaliar”. As perguntas abertas solicitaram esclarecimentos sobre as respostas das questões fechadas, a partir do informe sobre “aspectos, contextos, eventos e situações que julgue relevantes para qualificar sua avaliação”. As questões possuem certa sobreposição, por estarem preocupadas com o âmbito comum da influência da professora, por isso, alguns responderam com mais detalhe uma pergunta aberta e informaram que a resposta já estava dada na outra.

O grupo de orientandos/supervisionados atuais ou que já passaram por essa formação somou 36 pessoas e o outro, 39 – sendo, no todo, de 54 (72%) mulheres e de 21 (28%) homens. O instrumento aceitou respostas entre os dias 10 e 15 de junho de 2025 e foi respondido por 27 pessoas, 17 do grupo de orientandos (não incluindo o autor do texto) e 10 das pessoas que tiveram Immacolata em sua banca. A distribuição por gênero foi um pouco diferente, entre os que responderam: 18 (66,7%) mulheres e 9 (33,3%) homens.

O e-mail de convite à participação na pesquisa esclareceu o contexto para o qual os dados seriam coletados – a produção de um capítulo para livro sobre os 80 anos da professora –, informando o link para o formulário. O instrumento era precedido por um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que notava que as respostas seriam anonimizadas, para garantir a confidencialidade dos informantes. Com efeito, a seguir, os trechos de observações dos participantes são referenciados como RNúmero-O ou B, com as letras remetendo aos orientados/supervisionados (O) ou nos quais Immacolata estava na banca (B).

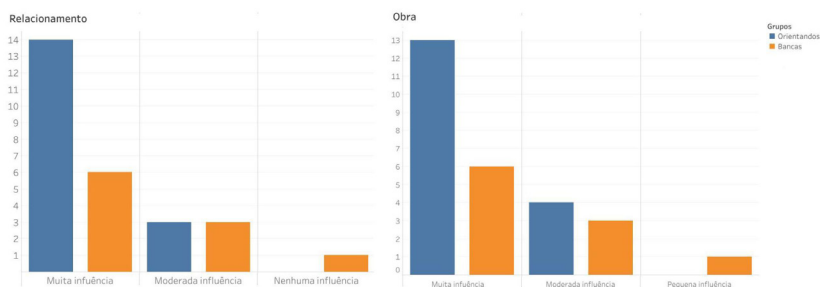
Gostaria de agradecer a gentileza dos que colaboraram com este trabalho, respondendo ao formulário, no tempo relativamente curto em que coletei os dados.

Resultados

Embora a análise não se volte diretamente aos orientandos de Immacolata, às suas trajetórias acadêmicas ou às temáticas de seus trabalhos (o que pode ser tema de outros estudos), é interessante notar que os dois primeiros mestrados¹ e o primeiro doutorado² defendidos com a orientação dela estão relacionados a temáticas e especialidades que a tornaram conhecida: a recepção, a telenovela, a cultura popular e a reflexão metodológica. Há ainda preocupações interdisciplinares, como aponta o doutorado com interface com a área de saúde. Desse ponto de vista, é possível ressaltar a coerência da trajetória acadêmica da professora.

Sobre a influência na prática pedagógica, a Figura 1, com gráficos dos dados das perguntas fechadas, mostra que os respondentes a percebem, de maneira geral. Apenas uma resposta, na dimensão ligada ao aprendizado a partir do relacionamento com Immacolata, recebeu o atributo “Nenhuma influência”. São os orientandos, em formação ou já formados, porém, que mais destacam o caráter significativo da influência, com ampla maioria de 14 e 13 deles atribuindo a categoria “Muita influência” ao relacionamento e à obra da orientadora, respectivamente.

Figura 1. Avaliações sobre a influência em termos de relacionamento e obra



1 “Pesquisa do popular na comunicação: uma análise metodológica”, de Ana Carolina Damboriarena, Escosteguy, e “ Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso Três Barras”, de Veneza Mayora Ronsini, defendidos em 1993.

2 “Discurso teórico-metodológico em pesquisas de comunicação em enfermagem”, de José Maximiliano Henriquez Sandoval, de 1994.

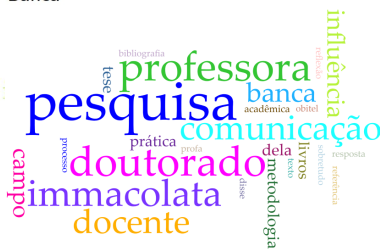
As nuvens de palavras da Figura 2 indicam um universo lexical, que destaca as palavras “pesquisa”, “comunicação” e o nome da professora, parrecido nas respostas de ambos os grupos. Porém, os termos “doutorado” e “banca” possuem peso significativo sobretudo entre aqueles em que ela esteve na avaliação do trabalho acadêmico do informante.

Figura 2. Nuvens de palavras com os termos mais comuns nas respostas abertas

Orientandos



Banca



É fácil categorizar e organizar as respostas em termos das dimensões de “estímulo intelectual” e “relacionamento pessoal” (Lowman, 1996, 2004). Assim, o estímulo é produzido por um docência que se reconhece como exemplar, comprometida, “acima da média” e capaz de transmitir “entusiasmo” e gerar “envolvimento”, para usar as categorias de Bledsoe et al. (2021). Isso transparece em depoimentos como:

Em relação à prática docente, creio que a maior influência que ela exerceu diz respeito a uma condução apaixonada dos encontros, que, quando mediados por ela, eram sempre campos de intercâmbio transversais entre os conteúdos específicos e a atualidade (R3-O).

Trago em minhas lembranças a paixão e a obstinação da Profa. Immacolata em sala de aula – achava instigante vê-la fascinada pelos prolegômenos epistemológicos, teóricos e metodológicos da Comunicação quando discorria sobre eles, especialmente no que diz respeito a autores como Octavio Ianni e Jesús Martín-Barbero, referências fulcrais para sua formação e suas obras (R11-O).

Além do conteúdo específico da disciplina (metodologia no

curso doutorado), sua paixão pela pesquisa me motivou a me aprofundar nas questões metodológicas. Também posso falar sobre a influência que teve em relação à formatação de atividades de ensino da pesquisa (R5-B).

O domínio sobre o conteúdo (ou “expertise”), expressividade docente e a capacidade de desenvolver atividades didáticas significativas (ideias relacionadas à “pedagogia” ou competência em “métodos de instrução”) também são aspectos lembrados:

Do ponto de vista teórico a Immacolata nos oferece um repertório maravilhoso. Ela cobre, como ela mesma propõe, do epistemológico ao nível técnico (R7-O).

Tive o privilégio de acompanhar de perto a didática da Professora. Uma vez que veio da Escola Sociológica, era muito importante para a Profa. Immacolata transmitir o contexto histórico e social que acompanhavam as Teorias da Comunicação [...]. Outra coisa fundamental era o saber que a Professora dominava. Por isso, as aulas, apesar de serem acompanhadas de slides, conteúdo didático disponível no xerox ou on-line, tinham como principal ponto de apoio verdadeiramente o discurso da Profa. Immacolata, que era maravilhoso! Professora mesmo, que dominava a retórica do discurso didático e que não precisava de apoio algum. Com seu salto alto, seu rosto forte, e sua baixa estatura, ela virava uma personalidade ao expor o conhecimento com tal domínio, que prendia a atenção dos alunos e as aulas, muitas vezes, se estendiam para além do horário determinado para acabar. É esse domínio e esse discurso ao ensinar que mais me chama atenção e que me serviu de exemplo na prática docente (R8-O).

A influência da professora Immacolata em minha prática docente deve-se não tanto a sua participação na minha banca de doutorado, mas a suas aulas de teoria do método, cujo trabalho final, me lembro bem, depois de quase vinte anos, consistiu na análise (em grupo) de uma tese de doutorado a partir do modelo metodológico que ela elaborou e apresentou em seu livro *Pesquisa em Comunicação*. Cheguei a adaptar esse método de avaliação em disciplinas de graduação voltadas à elaboração de projetos de pesquisa (R4-B).

Immacolata me mostrou, do seu jeito, do jeito certo, ao longo das aulas e com tudo o mais – a bibliografia recomendada, os exercícios propostos, os debates proporcionados – a

importância da leitura atenta, da ampliação do conhecimento, do exercício da reflexão (e da reflexividade!), do respeito aos clássicos e da abertura ao novo; de não misturar a crítica constante à produção acadêmica com o descarte imediato do que, por ser muito novo, pode parecer errado ou ruim; do diálogo, do debate, do enfrentamento, com afeto, respeito e firmeza; de se perseguir o que é certo, apesar de tudo e de qualquer coisa; de jamais deixar de acreditar no poder transformador da pesquisa; de nunca desistir de buscar as brechas (R9-B).

O pioneirismo e a inovação de algumas das práticas da docente são também elementos de estímulo para algumas pessoas:

No campo da Comunicação, em especial, sua experiência e seu pioneirismo contribuíram decisivamente para que eu compreendesse a importância da articulação entre teoria e prática. Atuando também no mercado, reconheço ainda mais o valor dessa postura, pois sua abertura para o diálogo com o setor profissional e sua atenção às tendências contemporâneas sempre demonstraram que é possível produzir conhecimento acadêmico comprometido e em constante sintonia com as transformações do campo. [...] Sua abordagem pioneira sobre o gênero televisivo como expressão cultural e fórum de debate social ampliou minha compreensão sobre os produtos midiáticos e sua relevância no cotidiano do país (R12-O).

A professora Immacolata é um exemplo em diversas instâncias: nos estudos da telenovela, na pesquisa metodológica e, sobretudo, como pesquisadora que abriu caminhos, foi pioneira e se mantém ativa e curiosa (R10-B).

Me encantei por sua constante busca por atualizações e seus interesses em novas perspectivas teóricas e metodológicas para desenvolver seu ofício acadêmico. Nesse sentido, a professora Immacolata é uma docente conectada ao tempo presente, a objetos teóricos e empíricos característicos do contemporâneo, atenta a movimentos sociais e novas epistemologias, pensando-as a partir de uma abordagem que contempla a construção do conhecimento de forma ampla, e a suas historicidades e complexidades (R15-O).

No ano de 1990, participei de um curso ministrado pela Immacolata, na Universidade Federal de Santa Maria, ocasião

em que ela estava lançando a primeira edição do seu tradicional livro de metodologia. Fiquei muito empolgada com o que assisti e com o debate ocorrido (R17-O).

A obra da docente é frequentemente citada como fonte ou estímulo para a montagem de cursos, atividades didáticas e indicações para as pessoas que os respondentes orientam:

Na pós-graduação ministrei disciplina de metodologia e o livro da Immacolata e ter cursado seu curso, foi fundamental (R2-O).

Criei uma disciplina chamada “Prática da pesquisa em estudos culturais” onde também atribuo meu interesse ao início da minha formação no mestrado, na ECA/USP, sob supervisão da M. I. Nessa disciplina, inclusive, recuperei a prática da “desconstrução” de pesquisa. [...] o livro *Formulação de um modelo metodológico* fez parte do programa (R6-O).

Uso textos da Immacolata em sala de aula até hoje, em especial o livro *Pesquisa em Comunicação* e textos sobre telenovela (R9-O).

As produções metodológicas de Immacolata sempre estiveram presentes no trabalho de docência, de orientação e de pesquisa, sejam aquelas voltadas ao âmbito da metodologia, ou às relativas à recepção midiática (R16-O).

Dentre artigos ou livros organizados pela professora Immacolata que influenciaram minha prática docente, destaco *Epistemologia da Comunicação* (cito de memória) e, principalmente, *Pesquisa em Comunicação*, que indico desde então como bibliografia em disciplinas e orientações de graduação, mestrado e doutorado, em especial sua estruturação da pesquisa científica em nível epistemológico, teórico, metódico e técnico (R5-B).

Já as aprendizagens relacionadas à dimensão do “relacionamento” estão associadas muitas vezes a situações ligadas não ao contexto da sala de aula, mas ao convívio em interações acadêmicas, projetos de investigação e outros momentos de trabalho coletivo:

A sua liderança de pesquisa deverá ser a principal influência,

pois foi com ela que aprendi a real importância das redes de pesquisa, dos congressos internacionais, de ver a pesquisa sob a ótica latino-americana... Já tinha noção por estudar fora, mas ela me ensinou a ver a pesquisa como uma grande gestão de conhecimento, de pessoas que se unem para pensar juntas algo globalxlocal e também a importância de ter fomento para os projetos (R1-O).

Suas atitudes e seu *modus operandi* com seus orientandos também serviram de aprendizado para mim, ajudando-me até hoje a refletir acerca da melhor forma de conduzir um processo de orientação (R11-O).

Um aspecto que marcou minha trajetória foi o modo como ela conduziu as discussões teóricas, sobretudo no contexto do Obitel, instigando o diálogo interdisciplinar, mesmo em contextos desafiadores (R13-O).

Considero que o convívio ao longo dos anos do doutorado, somado à vivência em sala de aula com Immacolata, inevitavelmente interferiram no modo como passei a entender a prática docente e as dinâmicas de sala de aula. Foi um período de muito aprendizado (R14-O).

Com ela também aprendi a importância do trabalho coletivo, na organização de livros. Sem mencionar os anos compartilhados no Obitel, período de aprendizagem, compartilhamento, organização (R5-B).

Ela também me inspira pela forma como se insere e atua na gestão da Rede Obitel Brasil há tantos anos, sempre antecipando discussões, atenta ao novo, mas, ao mesmo tempo, mantendo uma coerência teórica como poucos pesquisadores conseguem (R10-B).

Em termos dos relacionamentos, algumas falas evidenciam ainda a tensão relacionada às dificuldades advindas de expectativas elevadas e do consequente rigor necessário para atingir o “sucesso estudantil”, que pode ser colocado como um “desafio” para discentes e orientandos:

É difícil trabalhar com a Immacolata, pois ela busca o nível de excelência, claro! E essa busca incessante quase obstinada reflete no aspecto relacional junto à equipe. Eu sempre a considereei uma pesquisadora completa, gigante!

Maravilhosa! Eu guardo uma alegria enorme e imensa gratidão por ter trabalhado com a Immacolata. A gente pegava pesado, mas... valeu demais! Os resultados se tornaram clássicos. Uma maravilha. Só posso agradecer! (R7-O)

Immacolata não é apenas uma orientadora, ela é uma escola. Por um lado, ela é extremamente rigorosa, em um nível às vezes brutal(rs). Por outro, ela não apenas orienta as pesquisas; ela passa uma compreensão do campo da comunicação com uma intensidade que eu nunca vi em trajetórias de outros colegas. Os orientandos da Immacolata não saem apenas com uma dissertação ou tese. Eles saem com bagagem teórica, pensamento sociológico, raciocínio empírico, vivência real de pesquisa e uma noção de campo que poucos recém doutores terão (R9-O).

Relembrando suas relações com seu orientador de doutorado na França, Pierre Bourdieu, Sergio Miceli refere-se a ele como o “patrão” (Singer, 2001). Em algum momento descobri (e espero não estar sendo indiscreto ao revelar isso) que alguns dos orientandos de Immacolata a chamavam, entre si, de “a chefe”. Essas narrativas explicitam a assimetria estrutural dos relacionamentos entre professores e alunos/orientandos, bem como os diferentes papéis de cada um. Isso independe do caráter ou personalidade mais ou menos democráticos de quem está no polo dominante. Com base na experiência, diria, porém, que Immacolata é uma professora e orientadora sincera e direta em suas observações – mas focada nos pontos frágeis dos projetos e trabalhos, preocupada em tirar o melhor de cada um e aberta ao debate.

Por outro lado, ela sabe também reconhecer méritos de colegas e estudantes, de modo bastante generoso:

Meu orientador sugeriu que convidássemos a professora. Achei ousado, mas se meu orientador estava dizendo que sim, quem seria eu para contestar. No dia da banca, ela começou com uma frase que me marcou demais, ela disse que para eu responder ao meu problema de pesquisa eu deveria refazer tudo. Eu gelei! Mas depois ela foi construindo uma análise e um raciocínio sobre meu processo de pesquisa e dizendo que o mérito do trabalho era justamente a busca, a inquietude e a proposta de tensionar metodologias e epistemologias da área. Ela elogiou muito meu texto, disse que teve imenso prazer na leitura, enfim, depois do susto inicial, a fala dela

na banca se tornou um dos momentos mais incríveis da minha trajetória acadêmica. Inesquecíveis, inclusive (R3-B).

Ela esteve na minha banca de doutorado e não consegui não chorar quando percebi que ela tinha lido aquelas páginas todas, quase que pelo avesso, entendendo coisas no texto que eu mesmo talvez já tivesse deixado de enxergar (R10-B).

A ideia de que a docente é uma “inspiração” ou “modelo”, enfim, surgiu em vários momentos:

A Professora Immacolata tornou-se, para mim, um modelo de rigor científico e dedicação à pesquisa. (R3-O)

Minha atuação no programa de pós foi marcadamente influenciada pela formação primeira no estudo de Metodologia da Pesquisa com a Profa. Immacolata. Não só na condução da disciplina, mas igualmente em artigos que publiquei, nos grupos de pesquisa em que atuei e nas minhas orientações no mestrado e doutorado (R4-O).

Ela impactou toda minha trajetória na pesquisa de recepção e consumo como professora e orientadora no mestrado. Aprendi a incorporar outras áreas de conhecimento como a Comunicação, a me tornar pesquisadora da telenovela e depois me dedicar a outros objetos (R10-O).

Fiz seu curso de metodologia onde testou o modelo de análise de teses e dissertações tema de sua tese de doutorado, que virou livro. Esse curso foi decisivo em minhas atividades docentes, de orientação e de pesquisa (R7-B).

A professora Immacolata é uma docente, mulher, pesquisadora e líder muito inspiradora. Embora eu não exerça atualmente a função de docente, ainda a tenho como uma fonte de inspiração (R1-B).

É pouco dizer que Immacolata teve influência na minha prática docente. Ela é, efetivamente, uma referência central na minha formação, na minha prática docente, na minha atuação como pesquisador e, dá para dizer, na minha forma de pensar o mundo, por meio da comunicação. [...] Não digo isso para me valorizar, mas por orgulho, por deferência e por ser inevitável: há um pouco de Immacolata em cada aula que dou, em cada

texto que escrevo, em cada projeto de pesquisa que oriento ou desenvolvo (R9-B).

Discussão

Este trabalho possui claras limitações que, a bem da homenagem a uma metodóloga, devem ser expostas: a simplicidade da coleta e da análise de dados e, mais que isso, os possíveis vieses relacionados com o desenho de pesquisa. Em particular, os vieses de seleção e de autosseleção, no último caso, pois é possível que os indivíduos mais favoráveis à homenagem tenham respondido em maior proporção do que os menos. O informe sobre o contexto do estudo, na mensagem de convite, também pode ter dado direcionamento aos respondentes.

Isso limita, mas não invalida os resultados. Em outras palavras, embora em circunstâncias diferentes e com outros métodos o trabalho pudesse chegar a respostas diversas, os comentários obtidos são bastante convergentes sobre o impacto positivo de Immacolata em várias trajetórias de pesquisadores formados por ela. Além disso, indicam pontos claramente relacionados ao que a literatura tem discutido sobre as dimensões da “docência exemplar”.

Ao mesmo tempo, talvez a principal contribuição do trabalho – junto com a própria homenagem – seja sugerir uma linha de estudos em nossa área que, salvo melhor juízo, é inexistente: sobre os estilos docentes e o papel da comunicação neles. Para tanto, a partir deste “esboço” de pesquisa, é possível pensar sobre o uso de abordagens, ao gosto de Immacolata, multimetodológicas, combinando observações de aulas, grupos de discussão e entrevistas em profundidade com alunos, orientandos e com os próprios docentes, por exemplo. Investigações desse tipo podem aprofundar casos individuais ou se dirigirem a diferentes coortes, com preocupações comparadas e quanto às alterações nas formas de ensino ao longo do tempo, inclusive na trajetória de um único docente.

Comenta-se sobre a “juventude” dos estudos de Comunicação, em tom com frequência negativo. Porém, esse fato nos dá a oportunidade de percebermos, quase desde o início, como se dá o desenvolvimento da prática pedagógica em nosso campo. É possível pressupor que existem

alterações decorrentes de uma série de circunstâncias, como as mudanças nos perfis estudantis (na pós e graduação) e mudanças em expectativas de aprendizagem, proliferação de tecnologias digitais usadas como recursos didáticos (ambientes de aprendizagem e internet, por exemplo) ou para a comunicação em sentido mais geral. Em particular, isso poderia ser analisado em casos de docências percebidas como modelares e influentes. Um pequeno exemplo pode ser dado, a partir de alguns comentários comparativos entre Maria Immacolata e outro professor-referência: o saudoso José Marques de Melo.

No início dos anos 2000 tive a oportunidade de cursar uma disciplina de pós-graduação ministrada por JMM. E as diferenças entre o estilo docente dele e de MIVL, em minha memória, são evidentes: o professor assumia a postura do catedrático, que “ditava” a aula, sentado, praticamente durante todo o encontro. Sua voz potente e pausada, expressava um discurso muito bem articulado, mas, de maneira parecida com Immacolata, aberto à discussão dos assuntos cotidianos em meio ao conteúdo disciplinar, servindo para ilustrar pontos e desconstruir o clima da sala de aula. Ele utiliza apresentações digitais, operadas por assistentes, no entanto, o peso maior da atenção estava em sua presença: voz, olhares e gestos com as mãos, capazes de prender a atenção dos estudantes.

Mais energética, Immacolata fica de pé praticamente em toda a duração de suas aulas e parece fazer um uso mais significativo de recursos didáticos instrucionais, desde antes da introdução de computadores em salas de aula. Os mais experientes devem lembrar o cuidado com que ela usava o retroprojetor para que as transparências dos gráficos que representam seu Modelo Metodológico fossem mostradas aos alunos, favorecendo a exposição e a discussão.

Em suma, já se percebem alterações – aqui apenas esboçadas e feitas a partir de uma observação não sistemática –, cujo entendimento mais rigoroso poderia servir para pensarmos no quanto elas estão ligadas a modelos de compreensão sobre o sentido da ação pedagógica ou outros fatores. Além disso, e talvez mais importante, poderiam ser úteis para recuperarmos e divulgarmos mais amplamente lições desses mestres sobre as práticas de ensino, a partir de suas estratégias pedagógicas exitosas.

Considerações finais

Outra lição que aprendi com minha ex-orientadora foi sobre a importância do título nos trabalhos acadêmicos. Uma sugestão dada por ela é a da redação de um “título de fantasia” que preceda a descrição sintética do estudo, como “O rádio dos pobres” ou “Vivendo com a telenovela” exemplificam. Neste trabalho, o título tem subjacente uma ideia central muito significativa na trajetória de Immacolata como pesquisadora, liderança da área e, como procurei mostrar, professora-referência: o sonho e o projeto que vivemos todos de *construção do campo da comunicação no Brasil*.

Muito obrigado, mestra!

Referências

Alhija, Fadia Nasser-Abu. Teaching in higher education: good teaching through students' lens. **Studies in Educational Evaluation**, v. 54, p. 4-12, 2017. doi: <https://doi.org/10.1016/j.stueduc.2016.10.006>

Al-Mohaimeed, Abdulrahman A.; Khan, Nauman Z. Perceptions of Saudi medical students on the qualities of effective teachers. **Saudi Med J**, v. 35, n. 2, p. 183-188, 2014.

Bledsoe, Robert S.; Richardson, Deborah South; Kalle, Ashley. Student perceptions of great teaching: a qualitative analysis. **Journal of the Scholarship of Teaching and Learning**, v. 21, n. 3, p. 21-32, 2021. doi: <https://doi.org/10.14434/josotl.v21i3.30661>

Cotterill, Stewart T. Inspiring and motivating learners in higher education: the staff perspective. **Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education**, v. 17, p. 5-13, 2015. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2015.07.003>

Derounian, James G. Mr. Inspirational teaching in higher education: what does it look, sound and feel like? **International Journal for the Scholarship of Teaching and Learning**, v. 11, n. 1, Artigo 9, 2017. doi: <https://doi.org/10.20429/ijsothl.2017.110109>

Goldstein, Gary S.; Benassi, Victor A. Students' and instructors' beliefs about excellent lecturers and discussion leaders. **Research in Higher Education**, v. 47, p. 685-707, 2006. doi: <https://doi.org/10.1007/s11162-006-9011-x>

Hativa, N. (2014). **Student ratings of instruction: a practical approach to designing, operating and reporting**. Oron.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. O campo da comunicação: reflexões sobre o seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 46-57, 2000-2001. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.voi48p46-57>

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Memorial**. [Memorial submetido para concurso de professor titular]. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://memorias.eca.usp.br/sites/default/files/memoriais/M408%20MARIA%20IMMACOLATA%20VASSALLO%20DE%20LOPES%2C%202006.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Lowman, Joseph. Professors as performers and motivators. **College Teaching**, v. 42, n. 4, p. 137-141, 1994. doi: <https://doi.org/10.1080/87567555.1994.9926844>

Lowman, Joseph. Characteristics of exemplary teachers. **New directions for Teaching and Learning**, v. 65, p. 33-40, 1996. doi: <https://doi.org/10.1002/tl.37219966508>

Lowman, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.

Miranda, Gilberto José; Casa Nova, Silvia Pereira de Castro; Cornacchione Júnior, Edgard Bruno. Os saberes dos professores – referências no ensino de contabilidade. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 23, n. 59, p. 142-153, 2012. doi: <https://doi.org/10.1590/S1519-70772012000200006>

Miron, Mordechai; Mevorach, Miriam. The “good professor” as perceived by experienced teachers who are graduate students. **Journal of Education and Training Studies**, v. 2, n. 3, p. 82-87, 2014. doi: <https://doi.org/10.11114/jets.v2i3.411>

Resnais, Alain. **Meu tio da América**. Direção: Alain Resnais. França: Les Films du Losange, 1980. Filme.

Singer, André. Miceli revela os bastidores da intelligentsia nacional. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 9 de junho de 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0906200119.htm>. Acesso em 15 jun. 2025.

Sockett, Hugh. The moral and epistemic purposes of teacher education. In: Cochran-Smith, M.; Feiman-Nemser, S.; McIntyre, D.J.; Demers, K.E. (Eds.). **Handbook of research on teacher education. Enduring questions in changing contexts**. 3. ed. Nova Iorque/Londres: Routledge, 2008. p. 45-65.

Williams, Louise; Nixon, Sarah; Hennessy, Claire; Mahon, Elizabeth; Adams, Gill. Inspiring to inspire: developing teaching in higher education. **Cogent Education**, v. 3, n. 1, 2016. doi: <https://doi.org/10.1080/2331186X.2016.1154259>

As travessias na pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP: o protagonismo de Maria Immacolata

Roseli Fígaro

Maria Cristina Palma Mungiolli

A carreira de uma docente na Universidade Pública comporta em primeiro lugar o compromisso com o ensino público. Como instituição republicana, a universidade tem na autonomia o fundamento da ação dos profissionais no cumprimento da missão científica e social que lhes cabe. Esse compromisso está calcado no tripé: ensino, pesquisa e extensão, sendo que esses três eixos se relacionam intrinsecamente com a gestão universitária. É na gestão universitária que o espírito da coisa pública se manifesta de forma mais evidente. Essa relevância não está restrita à noção de *accountability* e transparência no uso dos recursos. Alcança sobretudo as práticas cotidianas que garantem as condições para a produção científica e o ensino de qualidade. As instâncias de gestão universitária – da posição de dirigente reitor/a, do Conselho Universitário às comissões e às funções de coordenação – de fato operam e materializam o espírito democrático da universidade pública e gratuita, empenhada na excelência do ensino, da pesquisa e da extensão.

Maria Immacolata Vassallo de Lopes, professora titular do departamento de comunicações e artes da Escola de Comunicações e Artes da USP, desempenhou a função de gestora do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação no melhor estilo do espírito republicano, preocupada com a excelência da produção científica e da formação de pós-graduandos.

O Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), criado em 8 de janeiro de 1972, foi pioneiro na área no Brasil. Em agosto de 1980 deu início ao doutorado e desde então, nessa trajetória de mais de 50 anos, formou lideranças que ajudaram a desenvolver a pós-graduação em Comunicação no Brasil. Maria Immacolata credenciou-se no PPGCOM em 1988, desde então orienta mestre e doutores, além de atuar na pesquisa em ficção televisiva no Brasil e na América Latina. Sua forte inclinação

para a pesquisa trouxe para a Comunicação as preocupações com a inovação metodológica, escapando da sociologia positivista, ao propor a necessidade da reflexão epistemológica própria ao campo da comunicação, essa ciência nova, essa interdisciplina ou essa indisciplinada, cujo foco é problematizar as relações de comunicação na complexidade das tramas contemporâneas de culturas, tecnologias, mudanças e permanências.

A formulação de suas propostas de abordagem do objeto comunicacional estão, entre outros, no livro *Pesquisa em Comunicação*¹, no qual a autora apresenta não apenas uma metodologia de investigação mas também coloca em marcha um frutífero diálogo com as tradições dos campos do saber que se imbricam na Comunicação. Objeto multiforme e dinâmico que necessita de abordagens próprias e relativas aos problemas concretos que orientam a pesquisa. Essa preocupação metodológica orientou também seu protagonismo na formulação de grupos (Centro de Estudos de Telenovela - CETVN) e observatórios de pesquisa (Observatório Iberoamericano de Ficção Televisiva - OBITEL, em suas seções internacional e nacional), que transcendem os limites da ECA-USP, de São Paulo e do Brasil, para mobilizar pesquisadores de diferentes continentes em torno do eixo da telenovela e/ou da ficção seriada televisiva. Nesse sentido, no que diz respeito à sua atuação internacional, cabe destacar a capacidade da Profa. Immacolata de articular e de gerir grandes projetos de pesquisa envolvendo grupos de pesquisadores em diversos países ibero-americanos. O OBITEL, criado em 2005 pela Profa. Immacolata, apoia-se em um rigoroso protocolo metodológico comum que não apenas registra o que acontece ao longo do ano no cenário televisivo de cada País, mas também busca identificar estratégias e movimentos que possam indicar desenvolvimentos futuros. Anualmente, os resultados das pesquisas levadas a cabo por equipes em mais de uma dezena de países são publicadas em edições bilíngues. Nacionalmente, destacamos a rede de pesquisa OBITEL-Brasil. A seção brasileira do Observatório, por sua vez, congrega uma dezena de equipes de pesquisa lideradas por pesquisadores filiados a diversos Programas de Pós-Graduação brasileiros. Além dos aspectos referentes à consolidação do objeto de pesquisa telenovela, tais redes promovem o diálogo entre pesquisadores seniores e jovens de diversas universidades do Brasil, contribuindo de forma importante para a formação de quadros no campo da Comunicação.

1 LOPES, M. I. V. de, *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2005 (5a. edição).



Grupo Obitel-Brasil 2010 – ECA/USP. Foto acervo pessoal Maria Cristina Palma Munglioli.



Immacolata no seminário de comemorações dos 20 anos do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho. Evento de confraternização que reuniu o sociólogo e professor da Unicamp Ricardo Antunes, a professora da área de Análise do Discurso do LAEL-PUC-SP, Maria Cecília Souza-e-Silva, além de inúmeros pesquisadores do CPCT, muitos deles ex-alunos de Maria Immacolata.

Dessa forma, além de formar, até o momento, 20 doutores e 13 mestres, supervisionar inúmeros pós-doutorados, a Profa. Immacolata formou redes de pesquisas e pesquisadores que se articularam para estudar produtos comunicacionais e a cultura popular das majorias, sintetizados no produto cultural da ficção televisiva. Para além da ficção televisiva, Maria Immacolata formou grupo de pesquisa e coordenou projetos na área de metodologia da pesquisa em comunicação, com pesquisa sobre egressos da área e o desenvolvimento de teoria, sobretudo, analisando e divulgando a obra de Jesús Martín-Barbero. Como uma entusiasta da pesquisa, esteve presente no nascimento de muitos grupos de pesquisa pelo Brasil. É muito pertinente registrar a presença e o apoio dado ao Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho - CPCT-ECA-USP, inclusive contribuindo com a formação de inúmeros mestres e doutores.

A trajetória consagrada de ensino, pesquisa e extensão levou-a naturalmente para o âmbito da gestão da pós-graduação. Em janeiro de 2001, assume a função de coordenadora do Programa em Ciências da Comunicação da USP e dá início a um conjunto de discussões orientadas pelos novos parâmetros da pós-graduação instituídos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O PPGCOM-USP aglutinava, à época, em torno de cem pesquisadores, com perfis diversos e objetos de pesquisa também os mais diversificados. As diretrizes da CAPES vinham no contexto da incorporação de gestão baseada em métricas e metas de avaliação. Pode-se dizer um espírito do tempo, marcado pelas lógicas de mensuração, exigidas pelos organismos internacionais que acabam por orientar as políticas públicas em diferentes áreas. Nesse afã de renovação, a Profa. Maria Immacolata enfrentou o desafio de fazer a travessia com o PPGCOM, garantindo que os princípios da formação e da pesquisa de excelência se mantivessem norteando a passagem para uma outra estrutura organizativa do Programa. Em 2006, foram aprovadas pela comunidade de pesquisadores orientadores e pelas instâncias da USP a nova estrutura do PPGCOM. O programa de Ciências da Comunicação se reestruturou em três áreas: Teoria e Pesquisa em Comunicação, Estudos dos Meios e da Produção Mediática e Interfaces Sociais da Comunicação; cada uma das áreas abriu as respectivas linhas de pesquisa. Essa organização trouxe novos ares ao Programa, garantindo-lhe maior coesão e coerência conforme os perfis dos orientadores e seus respectivos pós-graduandos. A maestria dessa construção coube à coletividade, mas, sem dúvida, liderada por Maria Immacolata. Estamos falando de um pro-

grama que concentrava até final dos anos de 1990, 48% dos pós-graduados na área no Brasil. Estamos falando de professores pesquisadores fundadores de suas linhas de pesquisa, lideranças incontestas em seus respectivos afazeres, autores de obras referenciadas e conhecidas nacionalmente e estamos falando também de uma mudança geracional e de concepção institucional do papel da pós-graduação na formação de novas lideranças. Os desafios superados pela coordenação do PPGCOM, com Maria Immacolata à frente, garantiu a melhor avaliação da CAPES com a nota cinco. Ela coordenou o PPGCOM até 2012, momento em que as novas gerações assumem a responsabilidade de continuar trabalhando pelo aperfeiçoamento da pós-graduação. A estrutura do Programa montada em 2006 permaneceu até 2019, quando outra atualização foi implementada. Assim, o Programa de Ciências da Comunicação organiza-se em uma única área – Ciências da Comunicação – e três linhas de pesquisa: Comunicação, Redes e Linguagens: objetos teóricos e empíricos; Processos Comunicacionais: tecnologias, produção e consumos; Comunicação: interfaces e institucionalidades.

Outro marco importante na trajetória da Profa. Immacolata, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP, diz respeito à sua participação na criação da revista do programa. Desde sua criação, no segundo semestre de 2007, a Profa. Immacolata dirige a *Revista MATRIZES*. A revista, editada em português e inglês, tem como objetivo publicar produção científica cujo objeto de estudo é a comunicação. O periódico aberto acolhe trabalhos teóricos, experiências de análise e formulações conceituais sobre processos comunicativos, meios, mediações e emergências das interações na sociedade contemporânea. A revista acolhe trabalhos maduros, inovadores, que busquem ampliar o estado da arte das temáticas estudadas e que, por isso, possam ter impacto no campo de conhecimento. *MATRIZES* tem se destacado no campo da comunicação no Brasil por meio da publicação de dossiês e artigos que colocam em debate questões contemporâneas da comunicação privilegiando enfoques inter e transdisciplinares. Desde o quadriênio 2017-2020 da plataforma Qualis Periódicos, a revista é classificada na faixa A1, refletindo a excelência de suas publicações no cenário brasileiro e internacional da Comunicação.

Por fim, gostaríamos de reiterar a importância da contribuição da Profa. Maria Immacolata Vassallo de Lopes para a formação de inúmeros pesquisadores que atuam em diversos programas de pós-graduação no Brasil e no

exterior, bem como sua imensa contribuição para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, onde atua há quase 40 anos como professora e onde tem papel fundamental para a estruturação e consolidação desse programa pioneiro no cenário brasileiro da Comunicação. Em nome do PPGCOM, agradecemos à coordenadora e colega de docência. Tudo o que podemos dizer é: Muito Obrigada.

Carta de uma orientanda

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy

Sinto-me muito honrada por fazer parte das orientações da Immacolata. Porém, a motivação para escrever esta carta que compõe um livro-homenagem aos seus 80 anos de vida, de docência, de pesquisa e, porque não de atividade política, não é somente para agradecer. A intenção é recuperar alguns dos aprendizados da relação que estabelecemos, principalmente, no período entre 1988-1993 e 1995-2000 quando fui orientanda de mestrado e doutorado, registrando o legado de uma mestra¹.

A escolha do formato carta se deve em especial à opção de escrever, simples e diretamente, para compartilhar uma experiência particular atravessada pelos afetos vividos e pelas oportunidades de aperfeiçoamento no processo de minha formação. Afetos e afinidades intelectuais que se constituíram em encontros inesperados e casuais, mas que fizeram a diferença na minha trajetória. Em especial, o encontro com a Immacolata, na disciplina de metodologia da pesquisa, cursada em 1989, e o aceite para ser minha orientadora, concretizando uma mudança de rumo e, também, de supervisão no Mestrado.

A carta vai me permitir revelar um pouco da admiração que sinto pela professora/intelectual, fundindo-a com minha experiência pessoal, interesses e afinidades teóricas. O propósito é não sacrificar o que há de particular no aprendizado, registrando que o processo de orientação, assim como a vivência propriamente da prática da pesquisa, nos modifica e compõe a construção paulatina de uma identidade profissional.

Antes de seguir, preciso registrar que o título desta carta evoca o livro de Débora Diniz, *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa* (2012). Porém, inverte a posição, tentando partilhar como pensa a orientanda, ou melhor, como essa vivenciou a relação de supervisão e suas repercussões na prática da pesquisa e da docência. Para isso, recorro à memória, como ensina

¹ Retomo aqui o artigo “As atrações em uma trajetória intelectual: a força das mestras” (Escosteguy, 2022) onde iniciei uma autorreflexão sobre meu itinerário intelectual.

Ecléa Bosi. Isto é, ao trabalho da memória quando “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (1994, p. 55).

Impossível dar conta neste espaço de tudo o que aprendi em quase uma década de relação formal orientanda-orientadora. Caracterizo desse modo parte de nosso relacionamento porque muitas vezes, seja contigo ou com colegas, brinco que continuo orientanda da Immacolata! Diante dessa incompletude, faço escolhas e recortes, parando para refletir sobre algumas das decisões tomadas ao longo de um percurso de aprendizados que reverberam na minha trajetória intelectual até hoje. Atendendo aos interesses do presente, trago à superfície dois temas centrais que derivam do seu programa de estudo e ecoam, de modo indelével, no meu itinerário: questões sobre metodologia, em especial a prática da reflexividade, e a problemática a respeito do popular.

Início exatamente pela atitude de parar e refletir. Ela é uma marca-chave do aprendizado que provém das suas aulas na Escola de Comunicações e Artes (ECA). Algo com extensa repercussão no dia a dia do exercício da pesquisa e da orientação que, inclusive, extrapola o meu caso de orientanda. Noto a presença dessa atitude em colegas e amigas da época de estudante de pós-graduação – por exemplo, no empenho da Nilda na reconstituição da história da produção acadêmica brasileira dos estudos de recepção e consumo, concretizada na coleção Meios e Audiências, e na sua dedicação às metodologias qualitativas nas atividades de ensino no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS).

Também observo que essa atitude, atualmente, é uma prática relativamente corrente nas disciplinas de metodologia de outros programas de pós-graduação em comunicação (por exemplo, no Póscom da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM) que, com certeza, é devedora da larga circulação da obra *Pesquisa em Comunicação - Formulação de um modelo metodológico* (Lopes, 1990). Para mim, esse foi um livro de manuseio constante, seja no período do mestrado, seja quando passei a lecionar a disciplina de Metodologia da Pesquisa, na pós-graduação em Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), entre 1994 até 2000. E, hoje, continuo indicando-o como referência essencial à orientandas e orientandos.

Compreendida como “pedra angular da epistemologia, a reflexividade tem sido, desde sempre, entendida como crítica da ciência, ciência da ciência, ou metadiscurso científico” e seu exercício “é indispensável para criar a atitude consciente e crítica por parte do pesquisador quanto às operações metodológicas que realiza ao longo da investigação” (Lopes, 2010, p. 29). Se há 15 anos Immacolata identificava “o descaso pelas questões epistemológicas nas pesquisas empíricas de Comunicação, fruto da deficiente formação em pesquisa e da herança de uma razão instrumentalizada de ciência” (idem), talvez as novas gerações, parte delas sob influência direta e indireta das suas lições de aula, estejam mais voltadas para o cultivo dessa disposição intelectual, atenuando tal lacuna no campo.

No meu caso particular, situo a origem do interesse pela reflexividade, ainda no mestrado, período de descoberta da metodologia como âmbito crucial de reflexão, crítica e treinamento. O primeiro contato com as premissas de um modelo metodológico para a pesquisa empírica ocorreu ao longo de suas aulas. Também, com os princípios da desconstrução da pesquisa, balizas fundamentais da *prática metodológica* (Lopes, 2010). Tudo isso foi magistralmente explicado por ela, com muita paixão e tenacidade, nas disciplinas ministradas na ECA. Foi aí que aprendi e desenvolvi o gosto pela metodologia ao ponto de alterar e reconstruir minha proposta original de mestrado.

Atraída pelo ponto de vista partilhado nas longas e cativantes exposições em sala de aula, decidi usar o modelo metodológico na composição de novo projeto de dissertação, utilizando-o como chave analítica para exame interno de investigações concluídas. O tema central no novo rumo foi, por conseguinte, a própria investigação. E, desse modo, configurou-se como uma pesquisa sobre a pesquisa, intitulada *A pesquisa do popular na comunicação: uma análise metodológica* (1993). Essa atração e afinidade com seu programa de pesquisa é explícita na dissertação, mas também têm fortes repercussões no meu doutorado, alcançando a atualidade.

Ao retomar partes de “As atrações em uma trajetória intelectual: a força das mestras” (Escosteguy, 2022) e de “Memórias afetivo-acadêmicas e rastos conceituais de um caminho andado pelos estudos culturais” (Escosteguy, 2023) para a preparação desta carta, percebo a ligação inextricável com a autorreflexão sobre as atrações, as decisões e as escolhas assumidas ao longo de uma formação intelectual e profissional. Na construção dessas duas

produções, mais uma vez, segui a mestra. Depois de consultar alguns relatos memorialísticos, decidi tomar como modelo o texto autorreflexivo, “Um percurso epistemológico para a pesquisa empírica de comunicação” (Lopes, 2016), guiando-me por “um esforço deliberado de reflexividade, uma tentativa de autoanálise tentando relacionar vida e empreendimento intelectual e de firmar os princípios que nortearam certa coerência no pensamento e na ação, um pulso sobre o afeto e a razão” (p. 185).

Talvez, de modo renovado, associe hoje a prática da reflexividade às críticas e metodologias feministas, mas fundamentalmente meu aprendizado ocorreu pela mão da Immacolata. De certo modo, também, vejo repercussões de sua orientação no projeto de pesquisa em andamento “Comunicação e estudos culturais feministas: genealogias e trajetórias” (CNPq 310430/2021-6), identificadas no propósito de implementar uma leitura genealógica, entendida como uma atitude metodológica que busca reconsiderar fontes e conceitos, bem como reconstituir trajetórias intelectuais.

Portanto, do mestrado até o presente é evidente a marca que ela imprimiu nas minhas preocupações referentes a questões de metodologia. Aqui destaquei a temática da reflexividade, porém, sem desatender o domínio da construção e desconstrução de pesquisas, outra das suas valiosas contribuições, largamente incorporada na pesquisa brasileira em comunicação.

O segundo tema onde seus ensinamentos calaram fundo diz respeito ao interesse pelo popular. Ainda que ao ingressar no mestrado na ECA, em 1989, já estivesse motivada para o exame de práticas de comunicação popular e alternativa, a reestruturação da minha proposta teve como ponto de partida dois estudos de sua autoria: “O popular nas pesquisas de Comunicação”, de 1989², e o mapeamento da produção científica em Comunicação, dentro do projeto “Análise comparativa dos sistemas de comunicação no Brasil e no México”, promovido pela Intercom, e apresentado no II Colóquio Brasil-México de Pesquisa em Comunicação, realizado em julho de 1990³. Do ponto de vista da orientanda, esse é o início de uma parceria intelectual.

2 Artigo publicado na Revista **INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação**, v. 12, n. 61, p. 146-150, 1989. Atualmente, não está disponível no acervo de arquivos da referida publicação.

3 O paper mimeografado foi disponibilizado na época do Mestrado, pela própria autora.

Recentemente, tomei conhecimento que a atração pelo popular emerge vinculado à sua própria história de vida:

O popular estava em mim pela condição de imigrante. Nasci na Itália e o deslocamento cultural para outro país possibilita novas visões. As pessoas saíam de lá nos anos 1960 por falta de condições. Eu venho de classe popular, essas são minhas raízes. (...) Então essa questão do popular está em mim até hoje (Lopes, 2020, p. 240).

Enlace que robustece a coerência manifesta no relato autorreflexivo, sobretudo, entre vida e empreendimento intelectual (Lopes, 2016, p. 185).

Porém, foi principalmente a aproximação aos estudos sobre o popular via Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini que conduziu teoricamente meu trabalho. Autores que conheci devido à sua inclusão nos programas das suas disciplinas onde eram lidos em espanhol e em cópias xerocadas. Creio que não é exagero afirmar que a circulação desses autores no Brasil e, especialmente na Comunicação, deve e muito a esse impulsionamento.

Lembro ainda que a leitura desses referenciais gerou muita inquietação e incerteza em relação aos rumos da dissertação que precisava ser concluída. Entretanto, foi justamente essa desacomodação teórica que também encorajou meu retorno à ECA, em 1994, com a apresentação da candidatura para o doutoramento, sob sua supervisão. Esse vínculo teórico tem suas consequências até os dias de hoje, mobilizado agora para o estudo de um novo interesse temático – as plataformas e os algoritmos.

Como exemplo da reverberação dos ensinamentos daquela época na atualidade, destaco o resgate da noção de popular, proposta por Jesús Martín-Barbero (1987), em especial referida como um espaço de práticas na vida cotidiana. Nesse entendimento passam a estar incluídos novos registros e expressões simbólicas, bem como sensibilidades cotidianas que, em outros discernimentos e épocas, foram desprezados. Essa postura inclusiva, de reconhecimento de sujeitos e subjetividades populares, tem forte direcionamento político, dando ênfase ao acionamento de formas de negociação e apropriação. Tal abordagem tensiona visões de caráter determinista, centradas no peso das regulações sociotécnicas, das materialidades e dos ordenamentos do mercado, predominantes nos estudos do espaço digital.

Portanto, viabiliza um horizonte analítico diferenciado de perspectivas contemporâneas para análise das culturas e tecnologias digitais de comunicação (Escosteguy; Carrijo, 2025).

Por último, mas não menos importante, correlato à aderência ao pensamento barberiano, “hegemônico” (Lopes, 2020, p. 242) na orientação epistemológica e teórica da mestra Immacolata, faz todo o sentido sua autodefinição (idem): “eu acho que sou, cada vez mais latino-americana com um pé na pós-modernidade. Em que sentido na pós-modernidade? No sentido de estar aberta para o mundo.” Aberta para o diálogo entre distintas tradições e autores, porém interessada na nossa realidade social e na produção de conhecimento nativo.

Essa postura me recorda um dos primeiros textos, em português, de Martín-Barbero (1984, p. 25): “a dependência não consiste em assumir teorias produzidas ‘fora’, dependente é a concepção mesma de ciência, trabalho científico e sua função na sociedade”. Não tenho certeza se a discussão desse texto ocorreu nas aulas da Immacolata, mas creio que sim! Admito que aqui as histórias podem se embaralhar. Essa pode não ser a verdadeira, mas é a minha história e a que posso contar. Para mim, seu posicionamento e disposição crítica em relação à dependência teórica e aos modismos na pesquisa em comunicação, bem como sua persistente validação de autorias latino-americanas, transformam-na em um dos pilares do reconhecimento do pensamento comunicacional propriamente latino-americano.

Enfim, o contato com uma bibliografia latino-americana disponibilizada, em um primeiro momento, nas suas aulas, possibilitou a construção de um entendimento sobre a investigação cultural latino-americana que destaca suas particularidades e diferenças, heterogeneidades culturais, pluralidades étnicas e diversidades político-econômicas, porém sua abordagem analítica não pode ser arquetizada de modo isolado do restante do pensamento social.

Meu relato soa laudatório mas são inequívocos os ensinamentos adquiridos ao longo do convívio contigo. Meu itinerário intelectual deve – e muito – aos encontros fortuitos, à sala de aula, às conversações nas sessões de orientação. A opção pelo registro dessas contribuições, principalmente, decorrentes da atividade docente, da interlocução no espaço da sala de aula,

nos congressos e em atividades acadêmicas compartilhadas, bem como de orientações rigorosas e algumas vezes ásperas, porém, sempre abertas à escuta de posições divergentes, decorre da quase-ausência de reconhecimento de um âmbito de produção de conhecimento predominantemente oral. A inexistência de documentos desses modos específicos de geração de conhecimentos contribui para o apagamento da particularidade dessas práticas. Daí a importância de destacá-las, vinculando-as a trajetórias individuais de formação.

Os modos próprios de pensar e fazer pesquisa, disseminados oralmente e compartilhados ao longo das longas jornadas de ensino e orientação, geralmente subestimados, necessitam compor a história intelectual de um campo. Sobretudo, aqueles de mestras que construíram um legado intelectual, político e afetivo fundamental para o desenvolvimento do campo da Comunicação.

Muito obrigada, Immacolata, por todo o aprendizado!

Referências

Assis, Francisco de. Maria Immacolata Vassallo de Lopes. In: Morais, Osvaldo J. de; Aragão, Iury Parente; Laurindo, Roseméri; Vaz, Tyciane Cronemberger Viana (Orgs.). **Fortuna crítica da Intercom**. Baluartes. vol. 6. São Paulo: Intercom, 2014. p. 271-289.

Bosi, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Diniz, Debora. **Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa**. Brasília: Letras Livres, 2012.

Escosteguy, Ana Carolina D. **Pesquisa do popular na comunicação: uma análise metodológica**. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

Escosteguy, Ana Carolina D. As atrações em uma trajetória intelectual: a força das mestras. **MATRIZES**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 27-38, 2022.

Escosteguy, Ana Carolina D. Memórias afetivo-acadêmicas e rastros conceituais no caminho andado pelos estudos culturais. In: Rodríguez, Clemencia; Marroquín Parducci, Amparo; Rincón, Omar (Eds). **Mujeres de la comunicación 2** (América Latina y el Caribe). Bogotá: Fundación Friedrich Ebert, 2023. p. 173-187.

Escosteguy, Ana Carolina; Carrijo, Ana Júlia. Pensar “latinoamericanamente” los algoritmos y las plataformas: las contribuciones de Jesús Martín-Barbero. **Palabra Clave**, v. 28, n. 2, e2828, 2025. doi: <https://doi.org/10.5294/pacla.2025.28.2.8>

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. In: Braga, José Luiz; Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Martino, Luiz Claudio (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 29-49.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Um percurso epistemológico para a pesquisa empírica de comunicação. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA/USP, 2016. p. 185-208.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Os sentidos do popular (entrevista de Clóvis Teixeira Filho). In: Rodríguez, Clemencia; Magallanes Blanco, C.; Marroquín Parducci, Amparo; Rincón, Omar (Eds). **Mujeres de la Comunicación**. Bogotá: Fundación Friedrich Ebert, 2020. p. 239-248.

Martín-Barbero, Jesús. Desafios à pesquisa em comunicação na América Latina. **Boletim INTERCOM**, Ano VII, n. 49/50, 1984, p. 23-35, 1984.

Martín-Barbero, Jesús. **De los medios a las mediaciones** - Comunicación, cultura y hegemonia. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

Lembranças do campo metodológico

Christa Berger

Na década de 1980 o professor Marques de Melo propôs um projeto de pesquisa para comparar a comunicação no Brasil e no México. Eu havia estudado no México, recém ingressava na Universidade como professora e fui convidada a participar. O projeto previa subprojetos temáticos sob a responsabilidade de um pesquisador brasileiro e um mexicano. A questão metodológica era importante, pela ausência de tradição em pesquisa comparativa ou comparada na nossa área.

A professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes integrava o grupo, seu par era o professor Raúl Fuentes e o subtema deles era a Epistemologia da Comunicação. No encontro de formalização do projeto fiz meu ingresso acadêmico na área. E ficou visível o desejo e a necessidade de realizar um doutorado. Ingressei na Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) como orientanda da professora Immacolata e logo passei a ter o livro *Pesquisa em Comunicação – Formulação de um modelo metodológico* (1990) como referência para entender o mercado cultural no Brasil, seu braço nacional e transnacional; conhecer a pesquisa desenvolvida na Universidade; compreender a problemática metodológica para a prática da pesquisa e, por fim, aprender um modelo para construir uma tese em comunicação.

No curso da professora Immacolata, disciplina obrigatória aos ingressantes na pós da ECA, seu livro conduzia a prática de desconstrução de teses e dissertações para, na sequência, orientar a construção do nosso projeto. Seu modelo metodológico visto em ação, na observação de como uma tese tinha sido construída passando por fases e instâncias para, então, aplicar o método de trabalho no projeto de nossas teses.

Esta experiência sustentou a feitura da minha tese, conduziu meu trabalho como orientadora, e guiou a leitura de dissertações e teses quando convidada a fazer parte de bancas.

Esse livro formou gerações de pesquisadores, mudou de capa, de editora, teve muitas edições e em eventos e congressos fomos convidados pela pro-

fessora Immacolata a refletir sobre a importância da área da Comunicação, valorizando as questões teórico-metodológicas, para postular um campo de estudo autônomo.

Esse campo de interesse teórico-metodológico foi se desdobrando e um segmento da Comunicação conquistou sua atenção nos últimos anos: a televisão e a telenovela. Talvez já tenha vislumbrado esse interesse na primeira parte do livro *Pesquisa em Comunicação* quando discorre sobre o mercado cultural no Brasil.

No *Dicionário da Comunicação*, organizado por escolas, teorias e autores, Maria Immacolata Vassallo de Lopes foi uma das organizadoras e publicou dois verbetes: “Epistemologia da Comunicação”, com Richard Roman-cini, e sobre “Jesús Martín-Barbero”, com Maria Isabel Rodrigues Orofino. Immacolata e Martín-Barbero tantas vezes juntos para pensar o campo, as mediações, a cultura na América Latina enfatizando, sempre, o cuidado teórico-metodológico. A participação na produção do dicionário, bem como os verbetes escolhidos por ela, expressa sua existência acadêmica. Da comunicação como ciência, da comunicação como cultura, da comunicação como mediação.

A consolidação da área da Comunicação como um campo de estudo deve muito ao esforço da professora Maria Immacolata de articular epistemologia, teoria e metodologia em textos, falas, orientações, convites para publicações conjuntas e por levar o pensamento comunicacional brasileiro para fora do Brasil.

Uma caminhada empolgante

Cláudia Peixoto de Moura

Em 1990, participei de um curso de curta duração na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ministrado pela professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Na ocasião, ela estava lançando a primeira edição do livro *Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico*, editado pela Loyola. Recebi um autógrafo marcando a data. A questão metodológica sempre foi um tema de meu interesse. Passei a adotar a obra nas disciplinas que eu lecionava no Curso de Comunicação Social, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O livro também me acompanhou quando participei da equipe de criação e implantação do Pós-Graduação em Comunicação, nível *stricto sensu*, na universidade.

Realizei o doutorado na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA-USP), período em que fui aluna da Immacolata. Adorava as aulas. Era um misto de exposição de conteúdos e discussões aprofundadas sobre diversos aspectos metodológicos. A turma era enorme, o que possibilitava um debate acirrado, muitas vezes, devido a perspectivas variadas. Réplicas e tréplicas faziam parte das saudosas tardes acadêmicas. Pesquisas eram apresentadas, sempre com base naquela obra tão especial para mim. O modelo metodológico foi descortinado e abordado de diferentes formas. Foi uma experiência rica, que ainda lembro com detalhes.

O livro que tenho, todo riscado, também foi amplamente discutido na disciplina que eu ministrava no Programa de Pós-Graduação da PUCRS. Eu indicava as suas outras edições, mas sempre levava para a sala de aula aquele volume de 1990, com a dedicatória. Era o maior sucesso aquela obra passando de mão em mão, recebendo muitos comentários. Teses e dissertações possuem o livro da Immacolata como referência principal de metodologia. Além disso, os alunos demonstravam interesse pela produção científica do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel), quando se discutia o processo metodológico e as possibilidades de construção de um bom projeto de pesquisa.

A feliz experiência na USP fez com que eu voltasse a São Paulo para realizar um Pós-doutorado com a Immacolata. Novamente, o período foi gratificante. A minha atividade central foi a elaboração de um e-book com o foco nas questões metodológicas. Foi uma coletânea composta por 13 textos de diversos autores de referência, vinculados a Programas de Pós-Graduação bem conceituados na área da Comunicação, além do estudo que eu estava realizando a respeito das fontes direcionadas a aspectos metodológicos. O livro digital foi organizado por nós duas, sendo que alguns textos são citados até hoje.

A minha relação com a Immacolata e sua produção ultrapassa três décadas. O meu breve registro resgata o livro de 1990, a minha condição de sua aluna de doutorado e a situação de orientanda de pós-doutorado. Porém, a relação igualmente se estabeleceu em termos institucionais, pois fui Diretora Cultural em sua gestão como Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom (1995-1997) e, atualmente, sou vice-coordenadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN/USP), dirigido pela Immacolata. Foram muitos anos de aprendizado e parceria. Finalizo o meu depoimento afirmando que foi uma caminhada empolgante, inspirada na minha eterna professora de metodologia.

Narradora de uma nação de pesquisadores

*João Alfredo Alineri Ramos
Marcel Antonio Verrumo
Renata Pinheiro Loyola*

Escrever estas linhas em celebração à professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes é refletir sobre a trajetória de uma das intelectuais que ocupam um lugar central no campo da Comunicação no Brasil, uma figura indissociável da história da Escola de Comunicações e Artes na Universidade de São Paulo, referência em docência, pesquisa e vida acadêmica. É, também, abordar uma profissional que, nos últimos anos, nos orientou na escrita de artigos, nos guiou em nossa formação acadêmica e intelectual, nos questionou sobre escolhas teórico-metodológicas em nossas investigações.

Desde 2022, Immacolata foi (no caso de João Alfredo, agora mestre) e ainda é (para os doutorandos Marcel e Renata) nossa orientadora. Nesse tempo, foi uma interlocutora que acompanhou diversos momentos de nossa jornada. Semanalmente, às sextas-feiras, de janeiro a dezembro, ligou a câmera do seu computador e coordenou o Centro de Estudos de Telenovelas (CETVN), que reúne pesquisadores de diferentes locais do Brasil, além de seus orientandos. No espaço por vezes distante do ambiente digital, ela se conectou pouco a pouco com cada um de nós, vivendo capítulos com histórias felizes e outras desafiadoras. Tal qual em uma telenovela, objeto ao qual se dedica há décadas, protagonizou narrativas que se tornaram essenciais em nossa jornada.

Encontramos no CETVN um espaço fértil para o diálogo, o aprofundamento e a valorização de um gênero fundamental na vida cultural brasileira, a telenovela. Mais do que uma líder, a professora Immacolata é uma articuladora generosa, capaz de reunir pesquisadores de diferentes instituições e gerações, sempre com o objetivo de pensar coletivamente os rumos da comunicação.

A valorização da ficção televisiva ocupa lugar central em sua trajetória. Em mais de três décadas, a intelectual defende que as narrativas de televisão, particularmente as telenovelas, são espelhos e motores da vida social do Brasil, atravessadas por sentidos que necessitam ser compreendidos a partir de

suas complexidades. Foi com esse olhar que ela formou gerações de pesquisadoras e pesquisadores capazes de tratar esses produtos culturais não apenas como fenômenos efêmeros, mas como expressões significativas do imaginário coletivo. Ao insistir na legitimidade desses objetos, contribuiu para a consolidação de um campo de estudos que hoje é reconhecido internacionalmente, sem jamais perder de vista a importância de se pensar a televisão brasileira a partir de suas especificidades culturais, históricas e institucionais.

Sua defesa intransigente da pesquisa em rede e coletiva é, talvez, uma de suas maiores marcas. Para ela, a academia se fortalece quando é feita a partir de diálogo, de parcerias e trocas genuínas. É com essa visão que construiu pontes, forjou laços e alimentou comunidades acadêmicas sustentadas pelo respeito mútuo, pela ética e pelo desejo compartilhado de construir conhecimento comprometido com a sociedade.

Como professora da pós-graduação, sua atuação ultrapassa os limites da sala de aula: é inspiração cotidiana para gerações de estudantes e docentes que encontram em sua prática pedagógica um exemplo de dedicação, escuta e compromisso com o ensino público e de qualidade. Sua influência formadora se faz presente na forma como ensina, mas também na maneira como valoriza e estimula o pensamento crítico e a autonomia intelectual.

Sua contribuição ao campo da Comunicação é vasta e profunda. Como uma das principais estudiosas do país, ajudou a consolidar saberes teóricos e metodológicos que hoje sustentam o pensamento acadêmico sobre a pesquisa em epistemologia, ficção seriada e telenovelas no Brasil. Sua produção ilumina caminhos e inspira reflexões que marcam tanto os estudos da televisão quanto as transformações mais amplas da cultura e da sociedade.

Sua trajetória é também marcada por um rigor metodológico que se reflete na maneira como pensa e conduz a pesquisa acadêmica. Para ela, o método não é uma etapa acessória, mas a própria espinha dorsal do pensamento científico. Ao longo de sua atuação, imprimiu um modo de pesquisar que combina consistência teórica, clareza conceitual e atenção minuciosa aos contextos empíricos. Essa postura é especialmente visível em sua orientação de teses e dissertações, nas quais insiste na importância da coerência entre objeto, problema e abordagem, sempre com uma escuta atenta ao percurso singular de cada pesquisador. Sua contribuição está, assim, não apenas nos temas que

propõe, mas na forma como ensina a pesquisar com seriedade, profundidade e compromisso ético.

Outro traço que distingue sua atuação é a abertura constante ao diálogo com o mercado de comunicação, entendido como parte integrante dos processos culturais e sociais que a academia busca compreender. Sem ceder a dicotomias entre teoria e prática, sua história mostra que é possível articular produção de conhecimento com escuta atenta às dinâmicas profissionais e institucionais do campo. Ao reconhecer a relevância dos saberes construídos na experiência cotidiana de quem atua na comunicação, contribui para uma formação mais crítica e contextualizada, que prepara pesquisadores e pesquisadoras capazes de transitar entre os mundos acadêmico e profissional com discernimento, responsabilidade e sensibilidade social.

Na telenovela vivenciada por Immacolata, a dramaturgia é calcada no coletivo, nas histórias tecidas a partir do afeto, nos roteiros escritos e reescritos inúmeras vezes. No centro da sua trama, em diálogo com o núcleo da universidade e das ruas, do nacional e do estrangeiro, do erudito e do popular, Immacolata segue forjando uma personagem complexa e com diversas camadas, nem mocinha nem vilã, mas real e que, diante dos desafios que enfrenta há décadas, constrói novos sentidos sobre o Brasil ao seu redor e continua formando uma nação de pesquisadores.

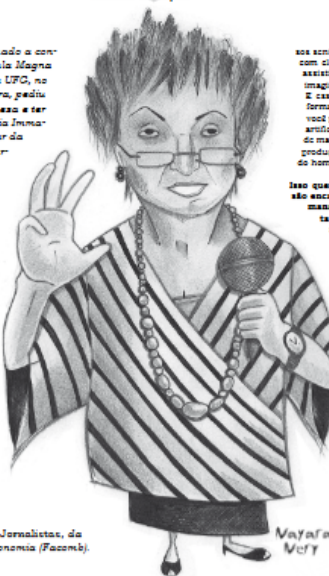


Immacolata, Raúl Fuentes Navarro e Margarida Kunsch, Congresso da ALAIC, San José, Costa Rica, 2018. Fonte: acervo pessoal Raúl Fuentes Navarro.



Immacolata, em mesa do I Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação, durante o Congresso da Intercom, Campinas, São Paulo, 1987. Fonte: acervo Intercom.

Ela é sorridente e diz ter se acostumado a conversar gesticulando. Ao iniciar a Aula Magna do mestrado em Comunicação da UFG, no dia 19 de abril, uma segunda-feira, pediu para desligar o microfone sobre a mesa e ter mais liberdade em suas expressões. Maria Immacolata Vasallo de Lopes, professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), leva essa aparente inquietude para o trabalho, ao falar sem constrangimentos sobre política, cultura e novas tecnologias. Para ela, é possível que a pesquisa em comunicação tenha "múltiplas abordagens", assim como as possibilidades que temos no dia-a-dia de usar a linguagem. Uma delas seria enxergar a comunicação como proposta de intervenção social. Outra, interpretar o que querem dizer os processos comunicativos e as tecnologias no cotidiano, sem fatalismos ou entusiasmos extremos. Graduada em Ciências Sociais, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela USP e pós-doutora pela Universidade de Florença, Immacolata acumula experiência em pesquisas sobre o campo e a metodologia da comunicação, recepção e ficção televisiva. Durante sua palestra, destacou um desafio aos jovens pesquisadores: considerar as tensões que se configuram na sociedade. Ao final do evento, ela conversou com o *Jornal UFG* e com o webjornal *Jovens Jornalistas*, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Faacomb).



O desafio de encarar o futuro por meio das mídias

Patrícia da Veiga
Klaine Gonzaga

O que é pensar o ser humano, as suas relações com outros seres humanos, com a natureza, com a sociedade, a partir da comunicação?

Se os meios de comunicação não tiveram a importância que tiveram e têm, de montar a maneira de viver da sociedade contemporânea, nossos estudos não

existiriam. Por causa dessa importância, alguns falam da centralidade dos meios e dos processos comunicativos. A comunicação, por meio da mídia, do rádio, do jornal, da internet e da virtualidade, atravessa o modo de as pessoas pensarem e atuarem em sociedade. Vale lembrar que todas as questões que tratam das mídias digitais, essa nova geração, por exemplo, e a maneira como elas interagem com

a máquina, com o meio, têm a ver com uma mudança de percepção. Temos até um novo tipo de inteligência. Antigamente se aprendia tudo muito mais tarde, hoje em dia a velocidade com que as pessoas lidam com o conhecimento e com as máquinas surpreende. Desde os anos 60 o canadense Marshall McLuhan diz que os meios de comunicação são controlados do corpo do homem e que nós desenvolvemos nos-

so sentidos de acordo com a forma de interação com eles. Ler jornal é uma coisa, ouvir rádio e assistir à televisão é outra. Enxergar vídeos, imaginar e um tipo de dispositivo diferentes. E essas novas tecnologias trabalham de uma forma mais acostumada ainda a cognição, se você pensar nas possibilidades da inteligência artificial, de fusão entre humanos e máquinas, de mandar no próprio corpo, de interferir na reprodução, enfim, se pensar na "sobrecarga" do homem.

Isso quer dizer que as tecnologias e as mídias são encaradas como um suporte das ações humanas mais cotidianas. A senhora acredita em uma cultura pós-humana, em que não há mais um limite tão preciso entre máquinas e pessoas?

Não se trata de acreditar. Pós-humano é documento? Essa pós-humano não é outra coisa do humano. Isso é encarado dessa forma por causa da interação do humano com a máquina. A tecnologia chegou ao ponto de poder interferir diretamente no corpo. Já pensou os transistores um dispositivo tal dentro do corpo que não precisasse mais do cérebro humano para funcionar? Imagine o cérebro com esse tipo de dispositivo? Dizer que há uma substituição da natureza do homem não é dizer futurologia?

Durante a sua palestra, foi muito mencionada a possibilidade de atuar comunicação para intervir socialmente. Podemos lembrar nomes latino-americanos, como Juan Díaz Bordaberry, Mario Kaplin, Mario Cristiani Mata, Jesus Martín-Barbero etc. que se assumiram como militantes, fazendo pesquisa a partir da prática social. Como isso se configura?

Existiu cada vez mais latino-americano, nesse sentido.

Pesquisa de intervenção é outra maneira de dizer que se tem compromisso com o meio, com a sociedade onde se vive. É o ponto inicial do pesquisador. Ele deve estudar, se dedicar e dar o melhor de si, das suas capacidades, para um objeto, para um problema que é demandado pela sociedade. Essa é uma maneira de a pesquisa em comunicação dar respostas a problemas da sociedade. Não, no Brasil, essa perspectiva é um pouco distante, por causa do engajamento político das jovens, da visão política dos jovens, que é diferente dos outros países do continente. Jesus Martín-Barbero fala, de maneira muito apropriada, que a pesquisa em comunicação já respondeu muito mais a uma agenda de país. Quando falamos de agenda de país, falamos daquilo que mais nos choca, do que é mais urgente, importante e significativo.

A senhora poderia destacar um grupo de pesquisa, algum pensador brasileiro, ou alguma rede ou região que tenha essa preocupação mais aprofundada e poderia servir de exemplo?

Em todo lugar se tem vinculado as questões de comunicação popular, alternativa, estudos de recepção, estudos de comunicação política ou sobre jovens e cultura. Entendo que poderíamos trabalhar mais essas questões da cultura jovem e o que ela quer dizer. Pode ser que se esteja fazendo política hoje de uma forma que não se está vendo. A grande transformação do tempo atrás dessa relação às mídias do presente, por exemplo. Mas o agora? É o grupo de agora? O Nipho ou até mesmo o estranho?

Confesso que tenho dúvidas em
www.pesquisadigital.org

Caricatura de Immacolata, de Natália Nery, no Jornal da UFG, 2010. Fonte: imagem reproduzida da internet.

PARTE IV

PARTE

O ofício da pesquisa em rede

Cultivando heranças e deixando legados: a dedicação à Intercom

Francisco de Assis

Tessituras da ciência

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos
(Melo Neto, 2008, p. 219).

Nos versos de *Tecendo a manhã*, João Cabral de Melo Neto nos fala poeticamente sobre a colaboração que viabiliza grandes feitos. Daquilo que não se faz individualmente. Seu sentido condiz com o papel das associações científicas, porque comunidades, “expressão do que há de comum”, da soma de forças, são lugares “da conjugação de objetivos práticos, mas também da partilha de afetos e de identidade cultural” (Oliveira, 2017, p. 245). Estimuladoras do progresso da ciência e da institucionalização de suas áreas, preparam terreno para o intercâmbio das ideias e tornam-se referência para os pesquisadores, especialmente por reforçar certas linhas de atuação, constitutivas de modos próprios do fazer científico que cada campo vai estabelecendo.

Maria Immacolata Vassallo de Lopes esteve, ao longo da travessia, atenta ao que essas agremiações proporcionam. Integrou, liderou, estimulou várias delas. A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), fundada em 1977, ocupa lugar central nessa história, não apenas por dela ter sido presidente, nos anos 1990, mas principalmente porque a entidade se lhe constituiu uma janela aberta ao horizonte latino-americano.

no, no qual tem sido cultivada uma tradição de pesquisa peculiar. “Quero me identificar como uma dessas pessoas que foi introduzida ao pensamento latino-americano de comunicação pela Intercom, fazendo, acredito, uma combinação original com a formação clássica que tive em sociologia”, afirmou ela, no memorial apresentado ao concurso para professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) (Lopes, 2006, p. 16).

Foi por intermédio da Intercom, portanto, que Maria Immacolata passou a ser vista – e a se ver, de certo – como “uma ‘latino-americanista’ com um pé na (pós) modernidade que trabalha de maneira interdisciplinar a comunicação”. E não seria por menos: foram os esforços coletivos capitaneados por aquela sigla que fizeram a teoria formulada na América Latina – leia-se: sobretudo na Hispano-América – integrar a agenda da pesquisa comunicacional brasileira. Nos anos 1980, “havia forte resistência” à introdução dos autores latino-americanos na bibliografia adotada no país, algo que, “com denodo e aplicação, o trabalho pioneiro de diretores da Intercom conseguiu quebrar. A ponto de, hoje, um autor como Jesús Martín-Barbero ser seguramente um dos mais citados pelos pesquisadores brasileiros” (Lopes, 2006, p. 15-16).

A articulação da ciência promovida pela associação evidenciou a qualidade do que se produzia (e se produz) na América Latina. Também valorizou o intercâmbio no amplo terreno da Ibero-América, identificando traços comuns tornados objeto de estudo e perspectivas de análise. E, enfim, projetou o Brasil no cenário internacional da pesquisa em comunicação. Tudo isso se reflete nos feitos de Maria Immacolata, sobre os quais os pares já discorreram em outras páginas deste livro. A nós, cabe, nos limites do que alcançamos, rememorar um pouco de sua dedicação à Intercom, de modo a fazer ver que sua trajetória com ela se entrelaça.

Primeiras incursões

Parafraseando Melo Neto, ousamos dizer: para que uma entidade científica se vá tecendo, é preciso que várias mãos a mobilizem. Neste caso, os associados. Mas o desafio vai além de contabilizá-los. Como os galos do alvorecer, um carece de outro, de mais outro e de tantos que, juntos, desempe-

nhem variados papéis. Bem adverte Madalena Oliveira (2017, p. 238): “apesar da relevância reconhecida pelos cientistas em geral ao facto de se pertencer a uma associação, o grau de comprometimento dos associados é, não raras vezes, pouco expressivo”, faltando a muitos “o sentido de militância e de envolvimento político que caracteriza outras organizações coletivas como os partidos políticos ou os sindicatos”. Associar-se é apenas um passo, que pode ou não levar a incursos fecundos.

Há um visível comprometimento de Maria Immacolata com a Intercom, da qual se tornou sócia em 1983. Em seu âmbito, não tardou para que a jovem pesquisadora – ainda aluna de doutorado¹ – começasse a realizar ações que geraram frutos colhidos até hoje. A primeira delas foi a coordenação, em parceria com José Marques de Melo, do I Encontro Ibero-Americano de Pesquisadores da Comunicação, em 1986², como parte das atividades do evento anual da Intercom. Aquele encontro se desdobrou em um congresso autônomo – o Congresso Ibero-Americano de Comunicação (Ibercom) – que posteriormente, em 1998, deu origem à Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação (Assibercom)³.

Marques de Melo, que lançou tantos de nós às veredas das associações científicas, foi o principal incentivador dessa incursão. Nas reminiscências deixadas por ele, encontramos:

Também tivemos oportunidade de cruzar caminhos na Intercom, de cujos congressos ela [Immacolata] participava assiduamente, sempre acompanhada pelo marido, João Aloísio Lopes, mais tarde admitido como docente da ECA. Concitei-os a colaborar comigo em dois projetos que propusera à diretoria da Intercom e pretendia emplacar no congresso de 1986, celebrado no *campus* da USP. João Aloísio ficou responsável pelo Encontro Latino-Americano de Revistas de Comunicação, embrião de uma rede internacional hoje pilotada pela Felafacs (Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social), e Maria Immacolata

1 Sua tese, *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*, foi defendida em 20 de junho de 1988.

2 Realizado em São Paulo, durante o IX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

3 Embora a decisão de fundar a Assibercom tenha sido tomada em 1998, sua constituição legal se deu dois anos depois, em 2000. Maria Immacolata a presidiu em duas gestões: 2012–2015 e 2015–2019.

cuidou do Encontro Ibero-Americano de Pesquisadores da Comunicação, que se desdobrou posteriormente no Ibercom (Marques de Melo, 2010, p. 35-36).

Sequencialmente ao início do que foi chamado de “Movimento Ibercom”, Maria Immacolata coordenou o I, o II e o III Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação, realizados em 1987, 1988 e 1990⁴, também durante os congressos da Intercom (Moura, 2016, p. 15-16). A série foi dedicada ao tema de sua tese doutoral, uma questão já norteadora de suas produções e que assim se manteve, sendo não raramente recordada como um marco das reflexões sobre o *modus scientifica* do campo (Wottrich; Rosário, 2022, p. 26).

- Esse protagonismo logo a levou a compor diretorias. Além da presidência, exercida entre 1995 e 1997, sobre a qual discorreremos no tópico seguinte, ela ocupou os seguintes cargos:
- Primeira Secretária (gestão 1987-1989, sob a presidência de Margarida K. Kunsch);
- Diretora Científica (gestão 1989-1991, sob a presidência de Manuel Carlos Chaparro);
- Diretora Científica (gestão 1991-1993, também sob a presidência de Margarida K. Kunsch);
- Membro do Conselho Consultivo – Representantes Regionais (gestão 1993-1995, sob a presidência de Adolpho Queiroz);
- Diretora Científica (gestão 1999-2002, sob a presidência de Cicilia M. K. Peruzzo);
- Diretora de Relações Internacionais (gestão 2002-2005, sob a presidência de Sonia Virgínia Moreira).
- Membro do Conselho Curador (cargo vitalício), na qualidade de ex-presidente.

Na diretoria científica, em 1990, teve a oportunidade de criar os gru-

⁴ Realizados, respectivamente, em Campinas, durante o X Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; em Viçosa, durante o XI Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; e no Rio de Janeiro, durante o XIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação.

pos de trabalho (GTs)⁵ como estruturas fixas da associação, os quais foram efetivamente iniciados no ano seguinte, durante o XIV Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, em Porto Alegre. Tratava-se de pensar a organização da produção científica apresentada nos congressos não mais em sessões de comunicações livres, mas, de fato, em “instâncias mais duradouras” destinadas a “acolher, selecionar e avaliar os trabalhos propostos pelos sócios” (Processo..., 2000, p. 204). E isso se deu a partir de um mapeamento de áreas e temáticas potencialmente exploradas pelos estudos à época.

A iniciativa deu início ao processo de “maioridade institucional da Intercom”, como ela própria considerou:

A meu ver, essa maioridade começou a ser traçada em 1990 quando, na gestão do Prof. Manuel Chaparro e com seu total e irrestrito apoio, criei a estrutura dos GTs [...]. Foi um longo e frutífero aprendizado de ir delineando as áreas mais expressivas dos estudos comunicacionais do país e propiciando aos seus coordenadores condições de exercer um trabalho, ao mesmo tempo, inovador e agregador aos pesquisadores dessas áreas. Os GTs tornaram-se um marco na história da Intercom, o seu núcleo vital e o ponto central dos seus congressos anuais. [...] Não tenho dúvidas do importante papel que os GTs da Intercom passaram a ter no avanço da pesquisa de Comunicação no Brasil, tanto em termos quantitativos como e principalmente qualitativos (Lopes, 2002, p. 107).

Algo que chama a atenção quando revisitamos a atuação de Maria Immacolata junto ao corpo diretivo da Intercom é o fato de que suas ações não foram burocráticas, mas fundamentadas no princípio da necessária institucionalização do campo, sem a qual este não subsiste. Além disso, esse trabalho – seu primeiro grande esforço no sentido institucional – a “fez crescer também intelectualmente, através da prática que se fazia” (Lopes, 2015, p. 13). A lucidez dessa inclinação só poderia gerar resultados que atendessem ao coletivo; ao mesmo tempo, imprimiram em sua trajetória uma expertise que iria se multiplicar em outras iniciativas – caso, por exemplo, das divisões temáticas que ela implantou na Assibercom, em 2013.

5 Em 2000, os GTs deram lugar a Núcleos de Pesquisa (NPs), os quais, por sua vez, em 2009, foram substituídos por Grupos de Pesquisa (GPs), forma vigente até hoje.

Nos tempos da presidência

Como antecipamos, Maria Immacolata presidiu a Intercom de 1995 a 1997. Sua diretoria tomou posse em Aracaju, durante o XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS), de 6 a 10 de setembro de 1995. A chapa eleita era assim constituída:

- Presidente: Maria Immacolata Vassallo de Lopes (USP)
- Vice-presidente: César Ricardo Siqueira Bolaño (UFS)
- Primeiro Tesoureiro: Fernando Ferreira de Almeida (Unimep)
- Segunda Tesoureira: Fátima Feliciano (OESP)
- Primeira Secretária: Fabíola Imaculada de Oliveira (Inpe)⁶
- Segunda Secretária: Maria de Fátima da Silva (Unitau)
- Diretora Científica: Sandra Lúcia A. de Assis Reimão (Umesp)⁷
- Diretora Cultural: Cláudia Peixoto de Moura (PUCRS)
- Diretor Editorial: José Benedito Pinho (UFV)
- Diretora de Documentação: Dinah Aguiar Población (USP)
- Diretora de Relações Internacionais: Margarida K. Kunsch (USP)

O congresso de número 18 indicava que a associação chegava aos 18 anos. Tempo da maioridade, como visto há pouco. Assumir sua presidência nessa fase significava também corresponder às responsabilidades do novo estágio.

Considerando as experiências precedentes, sua gestão priorizou o fortalecimento dos GTs, que cresceram exponencialmente, chegando a 27, quan-

6 No decorrer da gestão, em 1996, os cargos de primeira e segunda secretária foram invertidos, a pedido Fabíola Imaculada de Oliveira, que passou para a segunda secretária, enquanto Maria de Fátima da Silva assumiu a primeira.

7 Outra mudança ocorrida em 1996 foi na diretoria científica. Sandra Reimão foi substituída por Ada de Freitas Dencker (Unip).

do do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Santos, em 1997. Esse número indica 12 grupos a mais que os 15 implantados em 1991.

Em vista de os objetivos que fundamentaram a instituição dos GTs terem sido (a) “fortalecer as áreas de conhecimento específicas que integram o campo da comunicação” e (b) “estimular o diálogo interdisciplinar com outros campos do conhecimento”, eles foram distribuídos em dois núcleos: monotemáticos e multidisciplinares (Lopes, 1999, p. 109). Quando o trabalho da diretoria presidida por Maria Immacolata chegou ao fim, havia o seguinte organograma: **I. GTs Monotemáticos:** (1) Teoria da Comunicação; (2) Semiótica; (3) Cinema e Vídeo; (4) Rádio; (5) Televisão; (6) Produção Editorial; (7) Jornalismo; (8) Propaganda; (9) Relações Públicas; (10) Ensino de Comunicação. **II. GTs Multidisciplinares:** (11) Gêneros da Cultura de Massa; (12) Ficção Televisiva Seriada; (13) Imaginário Infantil; (14) Comunicação Organizacional; (15) Comunicações e Relações de Gênero; (16) Comunicação e Cultura Popular; (17) Comunicação e Recepção; (18) Comunicação e Educação; (19) Comunicação e Ciência; (20) História e Comunicação; (21) Políticas de Comunicação; (22) Economia das Comunicações; (23) Humor e Quadrinhos; (24) Comunicação e Religiosidade; (25) Comunicação e Etnia; (26) Comunicação Rural; (27) Esporte e Mídia.

Os documentos preservados pela secretaria executiva da Intercom demonstram ainda a dimensão qualitativa da valorização dos GTs – que a própria Maria Immacolata chamou de “coração” dos congressos (Lopes, 2002, p. 108). Logo na primeira reunião ordinária de sua diretoria, um dos temas levantados foi a necessidade de os coordenadores dos grupos desenvolverem uma síntese de suas respectivas áreas de pesquisa, com a finalidade de subsidiar discussões do congresso de 1997, que marcaria as duas décadas da entidade. Na ata, ficou registrado:

Ainda a presidente diz que, para o 20º Congresso da Intercom, em 1997, deverá ser realizado um mapeamento rigoroso da pesquisa em comunicação. Os coordenadores dos GTs deverão ser orientados no sentido de realizar um levantamento do estado da arte da pesquisa em cada área específica, para ser produzida uma memória dos GTs.⁸

8 Trecho extraído da ata da primeira reunião ordinária da diretoria da Intercom, biênio 1995-1997, realizada em 20 de setembro de 1995.

Houve, ademais, no período, a aprovação de um regimento normativo para orientar as atividades dos GTs. A organização processual era, de fato, sintoma da maioria da Intercom. Os grupos não apenas atingiram “a estrutura e o funcionamento dos congressos anuais” como “a própria vida da entidade” e, mesmo, a “dinâmica da produção científica da comunidade brasileira” formada nos limites do campo. Sua consolidação, em outros termos, foi vetor de uma renovação que se deu “no sentido de impulsionar o crescimento da produção de trabalhos científicos e principalmente no de fortalecer áreas e temas de pesquisa, na medida em que promoveu a reunião sistemática de pesquisadores em torno dessas áreas e temas” (Lopes, 1999, p. 109).

O biênio 1995-1997 também foi marcado pela atenção a eventos de outras duas naturezas: os simpósios regionais e os colóquios binacionais (ou simplesmente internacionais). Focar esses espaços de diálogo é típico de um projeto estribado na missão primeira das associações – já dito –, a de congregar pessoas unidas por um propósito. Ou, como Marques de Melo (2007, p. 20) gostava de dizer, a de buscar “unidade na diversidade”. Oliveira (2017, p. 237-238) vai mesmo nos dizer que se trata de uma atualização dos modos de partilhar conhecimento, a qual, em certo sentido, introduz um caráter democrático às práticas da intelectualidade:

Defender a ciência e promover a divulgação científica são então [...] duas missões a que modernamente as sociedades científicas têm procurado dar resposta. Com este horizonte, as associações investem na constituição de grupos de trabalho delimitados por subáreas de conhecimento, que favorecem a realização de investigação cada vez mais específica e a aplicação de grandes províncias do saber a realidades emergentes. Por outro lado, é também da iniciativa destas associações que se viabiliza a realização de encontros e reuniões científicas tanto de âmbito regional e nacional como de âmbito internacional. Embora episódicos, os congressos – que hoje se realizam em grande número e diversidade de enfoques – funcionam como uma espécie de “feiras de ciência” patrocinadas, em boa medida, pelas associações científicas que buscam nestas iniciativas retomar, ao menos em parte, o espírito das primeiras assembleias de cientistas. Talvez mais democráticos hoje do que os fóruns do passado, estes eventos convidam à apresentação de trabalho inovador, de perspectivas originais

e de novas preocupações científicas. Funcionam, por outro lado, como uma espécie de “mercado de tendências”, onde se escrutinam entre pares metodologias e doutrinas teóricas. São, em última análise, a chave de reforço das próprias associações como entidades promotoras do encontro, do intercâmbio e da sustentação de redes de cooperação.

Os Simpósios da Pesquisa em Comunicação (SIPECs) haviam sido instituídos em 1988 – originalmente denominados Simpósios Regionais –, durante a primeira gestão liderada por Margarida Kunsch. Seu objetivo era mobilizar professores e estudantes das cinco macrorregiões brasileiras, incitando a um debate capaz de identificar as tendências da pesquisa em comunicação desenvolvida em cada recorte geográfico. Na presidência de Maria Immacolata, esses simpósios foram direcionados a preparar as discussões do evento nacional. Em 1997, foram elaborados balanços em todos eles, depois partilhados durante o congresso celebrado em Santos, que teve como tema “Vinte anos de ciências da comunicação no Brasil” (Lopes, 2002, p. 108-109). Posteriormente, em 2006 – na quarta e última presidência exercida por Marques de Melo –, os SIPECs, já tendo conquistado proporções maiores, passaram a ser denominados Congressos de Ciências da Comunicação da Região “X” (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), sendo cada um deles informalmente chamado de Intercom Regional.

Por sua vez, os colóquios binacionais – igualmente criados em 1988, com o I Colóquio Brasil-México de Ciências da Comunicação – são promovidos com a finalidade de “troca de experiências de pesquisa”, a partir da qual costumam ser estabelecidos “projetos integrados entre os participantes” (Lopes, 1999, p. 107-108). As discussões, registradas em *papers*, costumam ser publicadas em livros bilíngues ou em duas edições, correspondentes aos dois idiomas praticados no respectivo evento. Durante a gestão 1995-1997, duas novas parcerias se firmaram, com pesquisadores dinamarqueses e italianos, viabilizando o I Colóquio Brasil-Dinamarca, em 1996, e o I Colóquio Brasil-Itália, em 1997. Ambos estiveram inseridos na programação dos congressos nacionais da Intercom, em Londrina e em Santos, respectivamente.

Todo esse empenho reside nas dimensões da *práxis*, a que não separa reflexão de ação e, por isso mesmo, transforma a realidade. Uma síntese do que sumariamos está na seguinte afirmação:

O trabalho em que me empenhei, seja regional, através dos Simpósios de Pesquisa (os SIPECs), seja nacional, através do congresso anual, foi sempre no sentido de levar à autorreflexão sobre a pesquisa que estamos fazendo e quais os rumos que queremos para ela. Sem dúvida, isso teve grande repercussão, frutificou no fortalecimento da pesquisa e propiciou um alavancamento do debate internacional, além da abertura de foros no exterior aos pesquisadores brasileiros da Comunicação. Meu trabalho na Intercom teve uma participação estratégica nisso tudo (Lopes, 2006, p. 16).

A gestão de Maria Immacolata ainda foi assinalada por uma inovação na forma de realizar congressos, algo que se repetiria em anos seguintes: o estímulo à parceria interinstitucional. O XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação foi viabilizado por todos os cursos de comunicação de Santos⁹, “que reuniram seus esforços para fazer o maior congresso da história da entidade até então” (Lopes, 2002, p. 108). Com 2.700 participantes – 1.100 a mais que o do ano anterior (Siqueira, 1997) –, o evento foi um marco na trajetória da Intercom, não apenas pelo recorde de inscritos, mas por ter demonstrado que sua maioria havia sido devidamente iniciada.

Tessituras da vida

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão
(Melo Neto, 2008, p. 219).

A mais antiga associação científica do campo da comunicação ainda em funcionamento no Brasil se tornou um lugar de acolhida e de possibilidades – uma “tenda” onde todos podem entrar. Muito embora nosso relato tenha dado ênfase à participação de Maria Immacolata Vassallo de Lopes em ações

9 São os cursos da Universidade Católica de Santos (Unisantos), da Universidade Santa Cecília (Unisantia) e do Centro Universitário Monte Serrat. Dez anos depois, quando a Intercom completou 30 anos, a parceria se repetiu para a realização do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Challoub, 2008, p. 245).

de diretoria, a Intercom lhe oportunizou outras coisas, como a coordenação do NP Ficção Televisiva Seriada – na fase de transição para GP –, entre 2007 e 2010, ou mesmo, e talvez principalmente, as relações que sustentam a vida acadêmica. Ela tem consciência disso:

[...] minha relação com a Intercom extrapola a diversidade dos cargos que nela tenho ocupado. Vejo-me mais como uma permanente participante, a ela vinculada para além das gestões que se sucedem. Sinto-me por ela inspirada em meu trabalho de docente e de pesquisadora, na medida que a Intercom me passa o espírito de comunidade acadêmica, orgânica e aberta ao desafio que é trabalhar em e com a Comunicação neste país. Efetivamente plural, abriga a polêmica e a discussão que é a própria essência do trabalho intelectual. Inspira-me, enfim, a dar o melhor de mim para ela, nesta interação que há bastante tempo ocupa um lugar central na minha vida (Lopes, 2002, p. 109).

Do muito que se pode fazer no contexto das associações científicas, participar – tomar parte, compartilhar – de suas dinâmicas é, sem dúvida, o que há de mais valioso. Especialmente se isso se der da maneira aqui ilustrada: com respeito às heranças deixadas pelos que nos precederam e com ímpeto de agir para somar esforços aos empreendidos na coletividade. Esta é uma das lições que Maria Immacolata nos dá.

* * *

Meu primeiro contato com a Profa. Immacolata se deu da maneira mais comum nos círculos acadêmicos: por meio dos livros. *O rádio dos pobres* foi o primeiro deles, lido na graduação. Depois, *Pesquisa em comunicação*, bibliografia do *lato sensu*, foi responsável por me introduzir nas reflexões sobre epistemologia, auxiliando-me na confecção do projeto com o qual ingressei no *stricto sensu* da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Já aluno do mestrado, outros de seus textos (artigos, capítulos de coletâneas...) se somariam ao repertório. José Marques de Melo, meu orientador, numa disciplina voltada à história do pensamento comunicacional, propôs a nós, alunos, o estudo de autores brasileiros. Perspicaz, sugeriu-me elaborar o perfil da então coordenadora da pós-graduação da ECA-USP (naquele ano, 2008, os artigos versariam exclusivamente sobre pesquisadores paulistas). Foi perspicaz porque sabia que seria um aprendizado. O mergulho em sua trajetória

e a posterior interlocução, quando enviei a ela o resultado daquele esforço, me advertiram sobre vários aspectos da pesquisa no nosso campo, lição que trago ainda hoje para o meu cotidiano como professor-pesquisador. Deve vir daí minha obstinação pelo aprofundamento na metodologia, e certamente foi aquele trabalho de disciplina que me mostrou a riqueza da teorização do método (devo-lhe, sem dúvida, o incentivo à leitura ávida da coleção de Edgar Morin sobre esse tópico). Nossa relação, inegavelmente, é atravessada pela leitura.

O texto sobre seu pensamento, com as fragilidades próprias da lavra de um mestrando, rendeu-nos outras aproximações. Primeiro, sua publicação na coletânea *Valquírias midiáticas* (Assis, 2010), lançada numa agradável cerimônia na Cinemateca Brasileira; depois, a coordenação de uma seção especial da Coleção Fortuna Crítica da Intercom a ela dedicada (Assis, 2014); e, ainda, a organização de uma homenagem na série de simpósios denominada “A Intercom e a memória das ciências da comunicação no Brasil”, realizada em 2015, durante as atividades da II Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro, em São Bernardo do Campo. Mais que produção, essas ocasiões foram aprendizados. Se não fui seu aluno em sala, o fui nessas outras carteiras que a vida oferece.

Sinto-me feliz pela oportunidade de testemunhar seu percurso. E ao “cantar parabéns”, festejando seus 80 anos, desejo-lhe não apenas muitos anos mais, como também que o tempo da maturidade continue sendo propício ao exercício fervilhante da intelectualidade, algo que, coletivamente, tanto nos enriquece. Temos muito o que continuar aprendendo com suas ideias e com seu exemplo.

Referências

Assis, Francisco de. Maria Immacolata Vassallo de Lopes: na trilha epistemológica de Bourdieu. In: Marques de Melo, José; Assis, Francisco de. **Valquírias midiáticas**: saga de 7 amazonas, ícones da vanguarda brasileira no campo acadêmico da comunicação. São Paulo: Arte & Ciência, 2010. p. 155-189.

Assis, Francisco de. Travessias híbridas no campo da comunicação. In: Moraes, Osvando J. de et al. (Orgs.). **Fortuna crítica da Intercom**: baluartes. São

Paulo: Intercom, 2014. p. 311-329.

Challoub, Humberto. Intercom 2007, um valioso legado. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 245-246, jan./jun. 2008.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. A Intercom e as ciências da comunicação no Brasil. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Vinte anos de ciências da comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas**. Santos: Unisanta, 1999. p. 103-110.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. A Intercom na maioria. In: Peruzzo, Cicilia M. K.; Moreira, Sonia Virgínia (Orgs.). **Intercom 25 anos**. São Paulo: Intercom, 2002. p. 107-109.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Memória Intercom – Depoimentos**. Entrevista concedida a Ana Paula Goulart e Cláudio Ornellas. São Paulo, 7 ago. 2015. 35 p. Disponível em: <https://acortar.link/5M1xwI> Acesso em: 15 jun. 2025.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Memorial**. 181 f. Concurso Público (Cargo de Professor Titular) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2006.

Marques de Melo, José. Marcas registradas da Intercom: pluralismo, liberdade, solidariedade. 30 anos buscando a interação crítica com o mercado para alcançar a excelência acadêmica e servir à sociedade. **Organicom**, São Paulo, ano 4, n. 7, p. 13-29, 2. sem. 2007. 2007.

Marques de Melo, José. Valquírias midiáticas. In: Marques de Melo, José; Assis, Francisco de. **Valquírias midiáticas: saga de 7 amazonas, ícones da vanguarda brasileira no campo acadêmico da comunicação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2010. p. 19-41.

Melo Neto, João Cabral de. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

Moura, Cláudia Peixoto de. Metodologia da pesquisa em comunicação: estudo

bibliográfico em disciplinas de pós-graduação. In: Moura, Cláudia Peixoto de; Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 15-57.

Oliveira, Madalena. Associações científicas: da ideia de rede ao ideal de comunidade. In: Martins, Moisés de Lemos (Org.). **A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de ciências sociais e humanas: o caso das ciências da comunicação**. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2017. p. 231-246.

PROCESSO de atualização histórica da Intercom. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 203-2011, jul./dez. 2000.

Siqueira, Fausto. Intercom tem recorde de participantes. **Folha de S.Paulo**, 8 set. 1997. Disponível em: <https://acortar.link/aoqz1w> Acesso em: 15 jun. 2025.

Wottrich, Laura; Rosário, Nísia Martins do. A aventura de uma metapesquisa. In: Wottrich, Laura; Rosário, Nísia Martins do (Orgs.). **Experiências metodológicas na comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 25-32.

O legado da Rede OBITEL Brasil para o campo de estudos da ficção televisiva brasileira

*Ana Paula Goulart Ribeiro
Gabriela Borges
Rogério Ferraraz*

Introdução

O envolvimento de Maria Immacolata Vassallo de Lopes com o estudo da ficção televisiva é antigo. Institucionalmente, data de sua entrada no Núcleo de Pesquisa em Telenovela (NPTN), da Universidade de São Paulo. Ingressou no grupo – do qual faziam parte Ana Maria Fadul, Maria Aparecida Baccega, Solange Couceiro de Lima e Maria Lourdes Motter, entre outros pesquisadores – devido ao seu interesse pela pesquisa em recepção e pela questão da cultura popular, áreas com as quais trabalhava desde o início da sua trajetória acadêmica.

Immacolata assumiu a coordenação do Núcleo, que se tornou Centro de Estudos de Telenovela (CETVN). O grupo teve um papel importante na luta pela legitimação da teledramaturgia como objeto de estudo na academia brasileira, numa época em que ainda havia muita resistência elitista em relação à televisão e, em especial, à ficção televisiva. “O Brasil tem uma televisão robusta, importante, diversificada, um objeto que vale a pena ser trabalhado”, afirma Immacolata.¹

O engajamento com a pesquisa sobre telenovela levou Immacolata a criar o Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva, o OBITEL. O pós-doutorado que fez em 2001 na Itália, com Milly Buonanno, foi decisivo para que pudesse ter contato com diferentes metodologias de monitoramento e com os observatórios de audiovisual que começavam a surgir na Europa na-

¹ Entrevista realizada pelos autores do capítulo com Maria Immacolata Vassallo de Lopes no dia 07 de junho de 2025 por videoconferência, através da plataforma Zoom.

quele momento. De volta ao Brasil, se articulou com pesquisadores da América Latina, de Portugal e da Espanha. Começava, assim, um trabalho que já dura 20 anos.

OBITEL Brasil: surgimento da rede

A rede OBITEL Brasil nasceu como um desdobramento natural do Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva. O OBITEL foi fundado numa reunião durante um congresso na Universidade Javeriana, organizado por Omar Rincón em 2005, em Bogotá. No Brasil, para viabilizar o projeto, Immacolata firmou uma parceria com a Globo Universidade, área da TV Globo que cuidava da relação da emissora com o meio acadêmico. Essa parceria com a Globo se estendeu por vários anos e foi importante para possibilitar, mais tarde, o surgimento do OBITEL Brasil - Rede Brasileira de Pesquisadores de Ficção Televisiva. Immacolata recorda que sempre teve muito diálogo, inclusive com a participação de profissionais da emissora nos eventos da rede. Em 2006, aconteceu o primeiro seminário, organizado no Rio de Janeiro. Nessa ocasião, foi lançado o primeiro Anuário, editado pela Editora Globo. Immacolata explica:

“Em seu embrião, o OBITEL não era um projeto estritamente acadêmico. O OBITEL se propunha a fazer o monitoramento e a análise da ficção televisiva, com todo um protocolo metodológico. Trabalhamos sempre com muitos dados quantitativos. Mas por que eu digo que não era um projeto acadêmico? Porque as informações interessavam ao mercado profissional de comunicadores. Isso é uma coisa que vem da Europa, onde a pesquisa é muito bem recebida. Faz parte. Aqui, a gente queria ser lido tanto pelos colegas da academia quanto pelos profissionais do mercado. Mas a gente tinha que lutar com essa coisa. Eu sei que houve um certo estranhamento em relação à parceria com a Globo. Hoje, fala-se em economia criativa. Isso para dizer que o audiovisual dá lucro, que o audiovisual tem que entrar no PIB.”

Immacolata conta que, por parte da Globo, nunca sofreu nenhum

tipo de pressão ou sentiu qualquer desconforto por causa dos conteúdos e do tratamento crítico dado por pesquisadores da rede. “Foram anos de muita compreensão e de respeito”, afirma ela. É importante sublinhar que os livros publicados em parceria com a Globo não eram vendidos. O Globo Universidade comprava toda a edição e se responsabilizava pela distribuição gratuita dos exemplares.

Foi na reunião do Rio que se articulou a criação do OBITEL Brasil, uma rede que serviria como um braço nacional do OBITEL. Tendo como objetivo promover integração e troca com pesquisadores brasileiros que já tinham desenvolvido investigações na área, Immacolata convidou para participar do evento estudiosas da comunicação, como Anna Maria Ballogh, Maria Aparecida Baccega, Nilda Jacks, Veneza Ronsini, assim como de outras áreas, como Heloísa Buarque de Almeida, da antropologia, e Mônica Kornis, da história.

Diferente do observatório ibero-americano, em que as universidades faziam os monitoramentos anuais sobre o audiovisual em cada país, no Brasil havia os grupos de pesquisa e pessoas que estudavam o universo da ficção a partir de perspectivas teórico-metodológicas específicas. No começo, Immacolata ainda insistia para as pesquisas nacionais usarem os dados publicados do OBITEL Internacional, mas depois isso se diluiu, talvez pela própria natureza das pesquisas desenvolvidas. Immacolata comenta que, aqui, a forma de trabalhar teve que ser diferente. “Não era possível fazer os monitoramentos, porque os pesquisadores não iriam conseguir se dedicar a isso e possivelmente o trabalho seria descontinuado”, afirmou ela. Assim, optou-se por agregar o capital intelectual e científico de cada grupo e configurar temáticas bienais para serem apresentadas em um seminário e também por meio da publicação de um livro. E, logo, foram constituídos os dez grupos de pesquisa.

Formalmente, a rede foi constituída no dia 28 de novembro de 2007 durante encontro organizado pelo CETVN e pela Globo Universidade. Destaca-se por ter sido pioneira no Brasil e por realizar um trabalho coletivo, colaborativo e interdisciplinar, como salienta Immacolata logo na apresentação do primeiro livro do grupo (LOPES, 2009b).

Funcionamento da rede

A rede funciona a partir de procedimentos e um calendário com etapas muito bem estabelecidas. A partir de uma temática central, definida previamente, cada grupo escreve uma proposta de pesquisa para ser desenvolvida por dois anos. Os grupos são livres para abordar o tema, de acordo com suas perspectivas particulares. As propostas são, então, submetidas à rede e é feita uma leitura por pares. Na sequência, os coordenadores de cada grupo recebem o parecer crítico do trabalho apresentado e fazem as reformulações necessárias para a redação final do projeto. Depois da realização da pesquisa, cada grupo redige um texto com os resultados das suas investigações. Esses textos, esboços dos capítulos do livro da rede, são novamente submetidos ao grupo e uma nova leitura crítica é feita. Ao receber o parecer sobre o trabalho final, cada grupo faz as alterações que julgar pertinentes e, finalmente, encaminha o texto para publicação.

Ao final do biênio, é realizado um seminário para apresentação e discussão coletiva dos trabalhos desenvolvidos. Um ponto positivo é que o evento começa ou termina com uma reunião técnica, em que se faz um balanço avaliativo do que foi feito nos anos anteriores e se decide o tema do próximo biênio.

Immacolata destaca que é importante reconhecer que “Não existiria a OBITEL Brasil sem essa estrutura de trabalho, sem essa formatação e sem a dedicação dos participantes. Ninguém deixa de desenvolver suas pesquisas e entregar o seu capítulo. Então, é um trabalho coletivo que se renova a cada dois anos. Vamos sempre nos renovando”.

As temáticas abordadas

O primeiro livro da rede OBITEL Brasil teve uma temática abrangente, “Ficção Televisiva no Brasil: Temas e perspectivas” (2009), que englobava a investigação do audiovisual brasileiro com aportes particulares ou, pelo menos, vizinhos. Tinha o intuito de fazer um estado da arte e pensar nas possibilidades do desenvolvimento de pesquisas futuras sobre a ficção seriada no Brasil. O primeiro número da Coleção Teledramaturgia teve origem no I Encontro Nacional OBITEL – A pesquisa da ficção televisiva no Brasil

(São Paulo, novembro de 2007) e no IV Seminário Internacional do OBITEL (Rio de Janeiro, junho de 2008). Contou com a participação dos seguintes investigadores e seus grupos de pesquisa: Anna Maria Ballogh (USP/UNIP), Yvana Fechine (UFPE), Alexandre Figueroa (PUC-PE), Silvia Borelli (USP), Maria Lília Dias de Castro (Unisinos), Elizabeth Bastos Duarte (Unisinos), Maria Carmen Jacob (UFBA), Veneza Ronsini (UFSM), Nilda Jacks (UFRGS), Maria Aparecida Baccega (USP/ESPM), Tânia Hoff (ESPM), Maria Cristina Mungiolli (USP) e Márcia Perencin Tondato (ESPM).

A partir daí as pesquisas da rede e os livros já foram temáticos. Os biênios 2010-11 e 2012-13 foram dedicados aos estudos da ficção transmídia, com a publicação dos livros “Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais” (2011) e “Estratégias de Transmídiação na Ficção Televisiva Brasileira” (2013), que se tornaram referência para os estudos de televisão no país. Os grupos de pesquisa da USP, UFPE, UFBA, UFRGS, ESPM, UNIP, PUC-SP se firmaram com seus coordenadores e houve a incorporação da Maria Cristina Brandão de Faria (UFJF) em 2011 e João Massarolo (UFSCar) e Renato Pucci Jr. (UAM) em 2013.

Immacolata avalia que o OBITEL Brasil teve uma contribuição importante para aprofundar os estudos sobre a transmídiação no país. “Essa área da transmídia estava em construção, no que diz respeito às tecnologias e coisas assim”, afirma Immacolata, que completa: “A gente foi lá para descobrir, vamos dizer assim, quais as estratégias da produção para entrar nessa área.”, afirma ela.

Nos biênios seguintes a rede se concentrou nos estudos de fãs, um tema que se tornou um desdobramento natural e foi desenvolvido a partir das pistas das pesquisas anteriores. Foram assim produzidos os livros “Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira” (2015) e “Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira II: práticas de fãs no ambiente da cultura participativa” (2017). É de destacar que os resultados apresentados pelos grupos de pesquisa contribuíram com os estudos desenvolvidos na academia brasileira, uma vez que evidenciaram diversas perspectivas teóricas, metodológicas e analíticas sobre o tema. Em 2015, Ana Paula Goulart Ribeiro (UFRJ) e Igor Sacramento (Fiocruz) entraram na rede e Veneza Ronsini começou a liderar outro grupo vinculado à UFSM. Em 2017, Gabriela Borges passa a coordenar o grupo da UFJF.

Em 2019, foi publicado o livro “A construção de mundos na ficção televisiva brasileira”, que procurou entender a criação dos universos ficcionais no audiovisual contemporâneo e, especialmente, brasileiro. Immacolata nos confidenciou que gostaria que a rede voltasse a este tema no futuro, uma vez que se trata de um campo muito rico para a investigação. Ela acredita que ainda há outros aspectos a serem abordados e aprofundados. Nesse biênio, Maria Ignês Carlos Magno e Rogério Ferraraz começam a liderar o grupo da UAM e Marcia Perencin Tondato, o da ESPM.

Em 2021, o OBITEL Brasil refletiu sobre o contexto global e evidenciou as mudanças nos processos de produção, circulação e consumo no mercado brasileiro com a publicação do livro “Criação e inovação na ficção televisiva brasileira em tempos de pandemia de Covid-19” (2021). Os grupos se renovaram, com a saída da ESPM e a entrada da UFPR, liderada pela Valquíria Michela John. Lírian Sifuentes e Sandra Depexe passam a coordenar os grupos da UFRGS e UFSM, respectivamente.

No biênio seguinte, a rede, que já não contava com o apoio do Globo Universidade desde 2021, passou a receber financiamento do CNPq, o que trouxe novas oportunidades para o desenvolvimento das pesquisas.

As múltiplas perspectivas das pesquisas

Em 15 de dezembro de 2022, teve início o Projeto “A ficção televisiva brasileira como recurso de promoção da cidadania”, com o qual o OBITEL Brasil foi contemplado no Edital Pró-Humanidades do CNPq, na categoria de Projetos em Rede – Políticas públicas para o desenvolvimento. Com isso, a Rede busca renovar o olhar sobre a ficção televisiva brasileira, a partir do conceito de recurso comunicativo e da metodologia dos mapas de Martín-Barbero.

Para tanto, a pesquisa organiza-se em dois eixos: um interno, caracterizado por uma meta-investigação sobre o conhecimento produzido pelo OBITEL Brasil, ao longo de 15 anos de existência e de sete livros publicados. Tem a aplicação da cartografia como método para promover novos parâmetros de representação do conhecimento na forma de mapas cognitivos (MARTÍN-BARBERO, 2004), visando alcançar uma nova percepção das pesquisas da

Rede, conectada agora a temas escolhidos propositalmente, como gênero, raça, classe, sexualidade, meio ambiente, entre outros, o que permitirá a criação e atualização de uma plataforma multimídia (<https://www.OBI-TELbrasil.org/>); e um externo, que parte do conceito da própria Immacolata (LOPES, 2009a) que enxerga a telenovela brasileira como recurso comunicativo disponível para políticas públicas multissetoriais, como educação e cidadania, entendendo-a, portanto, como um exemplo de formato da mídia televisiva que pode servir como recurso para a construção e consolidação de novas formas de cidadania.

Foi escolhido o *remake* da telenovela *Pantanal* (TV Globo, 2022) para se fazer um estudo de caso em que convergem os dois eixos do Projeto. As 10 equipes que compõem o OBITEL Brasil produziram capítulos acerca do tema “A telenovela *Pantanal* como recurso comunicativo para a cidadania.” Como resultados, além dos dois livros, respectivamente sobre o processo de meta-investigação e sobre o estudo de caso, que deverão ser publicados ainda em 2025, e lançados no evento que ocorrerá na UFRJ em novembro deste ano, a Rede também pretende realizar seminários e workshops com agentes públicos e privados.

Na opinião de Immacolata, o projeto foi um divisor de águas para o OBITEL Brasil, porque permitiu que a rede fizesse um balanço de sua própria produção de forma sistemática e tivesse, assim, uma visão mais geral do trabalho que vem sendo desenvolvido nesses anos. A rede agrega diferentes perspectivas no estudo da teleficção seriada, com uma grande diversidade de abordagens e perspectivas teóricas e metodológicas.

É interessante perceber que cada grupo tem a sua marca: a USP estuda recepção e consumo; a UFPE se dedica a questões relacionadas aos processos produtivos sob uma perspectiva semiótica; a UFRJ/Fiocruz centra suas pesquisas nos processos culturais e históricos e nas relações com a memória; a UAM se debruça sobre a questão da narrativa e da estilística audiovisual; a UFJF sobre os processos de produção, circulação e consumo na sua relação com a literacia midiática; a UFRGS e a UFSM sobre os estudos de recepção e consumo; a UFBA sobre processos de produção e autoria; a UFSCar sobre processos de produção e circulação e a UFPR sobre produção e distribuição. Como afirma Immacolata, o “OBITEL Brasil, na verdade, congrega essas várias áreas de pesquisa da ficção seriada no país. É um

ponto de encontro”.

Além do balanço da produção da rede, por meio da meta-investigação, Immacolata pontua que o projeto teve outro grande mérito ao levantar uma questão central para a reflexão sobre a telenovela: sua relação com a promoção da cidadania. Como já firmou um diálogo próximo com o setor privado, especialmente por meio da parceria com a Globo, na sua opinião, o desafio, agora, seria se aproximar dos agentes públicos. Acredita que várias questões trabalhadas pelos pesquisadores do OBITEL poderiam ser úteis no processo de desenvolvimento de políticas públicas no Brasil.

Um legado para a comunicação

O OBITEL Brasil teve um papel importante na institucionalização dos estudos sobre ficção seriada no País. Foi fundamental para estimular pesquisas e fortalecer esse campo de investigação, lhe dando visibilidade e reconhecimento dentro da área da comunicação. A rede tem pautado temas relevantes e atuais, buscando sempre dialogar com o contexto contemporâneo e internacional, principalmente ibero-americano. Immacolata destaca que, durante os seus dezoito anos, a rede tem sempre estado “muito atenta, em constante atualização, acompanhando de perto as questões que emergem no campo da produção televisiva”.

Há um outro aspecto importante de se sublinhar, o OBITEL Brasil é também um espaço de diálogo e formação, já que, ao longo desses anos, incorporou em suas equipes vários estudantes em processo de elaboração de suas dissertações e teses. Inclusive, alguns recém-doutores constituíram seus próprios grupos de pesquisa, que foram posteriormente incorporados à rede. Um dado interessante é que, segundo levantamento feito pelo CETVN da USP, o número de trabalhos sobre telenovela, nos programas de pós-graduação em comunicação, tem aumentado significativamente nos últimos anos.

É, portanto, inegável a liderança de Immacolata para o desenvolvimento dos estudos de televisão no Brasil, especialmente da ficção seriada, o qual ela mesmo ressalta que tem sido possível ao longo destes quase vinte porque conta com a colaboração e o empenho de um grande grupo de pesquisadores espalhados por todo o Brasil.

Referências

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo.

MATRIZES, v. 3, n. 1, 2009a, p. 21-47.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Ficção televisiva no Brasil**: temas e perspectivas. Rio de Janeiro: Globo, 2009b.

Martín-Barbero, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Loyola, 2004.

O Centro de Estudos de Telenovela (CETVN)

Ligia Prezia Lemos

O Centro de Estudos de Telenovela (CETVN), inicialmente chamado de Núcleo de Pesquisa de Telenovela (NPTN), foi fundado em 8 de abril de 1992, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA, USP). Surgiu por iniciativa de José Marques de Melo, então Diretor da Escola, em apoio à Anamaria Fadul (coordenadora de 1992 a 1997), que começava a orientar trabalhos sobre o processo de produção de telenovela e ficção televisiva seriada. Os recursos iniciais para a montagem do NPTN foram doados pela Fundação Rockefeller, alocados através do projeto de pesquisa *Telenovela e Demografia*, realizado por uma equipe supervisionada pelos professores Marques de Melo e Anamaria Fadul. O objetivo principal do CETVN era impulsionar a legitimação da telenovela como objeto de estudo científico (Lemos, 2011). Naquele momento, foi uma ousadia ter um núcleo de pesquisa sobre telenovelas na USP, pois o tema era alvo de preconceito: produto popular, entretenimento alienante da cultura de massas, uma praga nacional, insignificante para a ciência. Mas, se pensarmos em legitimação, notamos que a organização cultural, e especificamente a cultura de massas, causa disputas e rupturas desde o pensar na autonomização do próprio campo da Comunicação:

O processo de autonomização científica do campo da Comunicação é correlato à crescente autonomização da organização cultural nas sociedades contemporâneas, ou seja, a constituição da cultura de massas e de seus principais agentes, os meios de comunicação de massa (MCM). A esfera cultural – como conjunto distinto de relações de produção, circulação e consumo de bens simbólicos – passa a reger-se por uma lógica própria, dentro do conjunto dos demais setores da sociedade. É nessa ordem histórica que surge o ensino da Comunicação nos chamados Cursos de Comunicação. Estes têm por objetivo a formação especializada de profissionais para o mercado cultural ao mesmo tempo que passam a concentrar a pesquisa acadêmica em Comunicação, o que vem a dar formas de legitimidade ao campo (Lopes, 2005, p. 14).

Os estudos sobre ficção televisiva se consolidaram progressivamente, inclusive com a participação na Intercom por meio do Núcleo de Ficção Televisiva, criado em 1993 (atualmente GP Ficção Televisiva Seriada). Assim, em 1994, já era nítido o crescimento das pesquisas nacionais sobre telenovela (anteriormente a telenovela brasileira era estudada como fenômeno cultural relevante apenas por acadêmicos estrangeiros) e, então, o NPTN passa a contar com subsídios da FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. A primeira iniciativa do NPTN foi a organização dos painéis *Cultural industries: Brazilian telenovela and television* e *Cultural industries: Latin American Telenovela and television*. Esses painéis reuniram pesquisas nacionais e estrangeiras sobre a telenovela brasileira e latino-americana na conferência da *International Association for Media and Communication Research (IAMCR)* em agosto de 1992, no Guarujá – e marcaram o início do trabalho sistemático de documentação do grupo, com a apresentação da *Bibliografia Anotada sobre a Telenovela Brasileira* (Marques de Melo, 1992).

Aos poucos estava sendo construído um novo objeto de estudo científico e, entre as primeiras publicações resultantes desses projetos de pesquisa destacamos: *Serial fiction in TV*, de Anamaria Fadul; *Memória da Telenovela Brasileira*, de Ismail Fernandes; *A Negação do Brasil: o negro na história da telenovela brasileira*, de Joel Zito de Araújo; *Ficção e Política: o Brasil nas minisséries*, de Narciso Lobo; *O Autor na Televisão*, de Lisandro Magalhães Nogueira; *A Memória da Telenovela: legitimação e gerenciamento*, de Maria Athaíde Malcher; e *Telenovela: internacionalização e interculturalidade*, um texto de Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Este deu origem ao livro seminal *Telenovela: internacionalização e interculturalidade*, lançado em 2004 e organizado por Immacolata. A obra tornou-se um marco ao consolidar a telenovela como objeto legítimo de investigação acadêmica e propor uma abordagem transnacional e intercultural para seu estudo. Reunindo pesquisadores de diferentes países, o livro analisa a circulação internacional das telenovelas e sua função na construção de identidades. A introdução da interculturalidade como chave analítica e o enfoque nas dinâmicas de troca cultural certamente contribuíram para a formulação do projeto do Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel), criado no ano seguinte sob coordenação de Immacolata, dentro do escopo do CETVN, conforme veremos a seguir.

De 1997 a 2000, Maria Aparecida Baccega se torna coordenadora do NPTN, participando e liderando as pesquisas do Projeto Integrado *Ficção e Realidade*:

a telenovela no Brasil, o Brasil na telenovela, conhecido como *Projetão* (Lemos, 2009). Ali, durante o período de 1995 a 1998, um grupo inserido no NPTN e constituído de dez pesquisadoras brasileiras, com reconhecimento e apoio financeiro de órgãos como Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, FAPESP e CNPq, intensifica as investigações e análises da telenovela no Brasil a partir de áreas de conhecimento distintas: *Dramaturgia da Telenovela*, coordenado por Renata Pallottini; *A Linguagem do Cinema na Telenovela*, coordenado por Mary Enice Ramalho de Mendonça; *A Recepção da Telenovela Brasileira: Uma exploração metodológica*, por Maria Immacolata Vassallo de Lopes; *Representação do Imaginário Infantil na Recepção de Textos Ficcionalis*, por Alice Vieira; *O Campo da Comunicação: os valores dos receptores de telenovelas*, por Maria Aparecida Baccega; *Telenovela e Sociedade no Brasil: a evolução das temáticas Sociodemográficas*, por Anamaria Fadul; *A Identidade da Personagem Negra na Telenovela Brasileira*, por Solange Martins Couceiro de Lima; *A Construção do Cotidiano na Telenovela*, por Maria Lourdes Motter; e *O Gancho na Telenovela. Análise Estética e Sociológica*, por Maria Cristina Castilho Costa (Baccega, 2000). Naquele espaço acadêmico em que, até então, só se via alienação, um esforço conjunto gerou resultados e publicações fundamentais para a pesquisa comunicacional brasileira, devido tanto a seu ineditismo quanto à coragem de suas integrantes. O nome de Immacolata também figurava ali, relacionando estudos de Recepção e Metodologia e, como me disse Baccega: “O projeto a cargo da Immacolata virou livro, o *Vivendo com a telenovela*, um trabalho maravilhoso (...) não só a Immacolata, mas a Sílvia Borelli e a Vera e os meninos que fizeram, a Jiani, o Efendy, e a Isabel Orofino (...)” (Baccega, 2009). Ora, a experiência anterior de Immacolata, com a recepção do rádio por classes populares (seu mestrado, *O Rádio dos Pobres*) foi precursora dos estudos de recepção e pavimentou seu interesse em produtos culturais populares, como a telenovela.

Nessa época, em 1999, durante o XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom, no Rio de Janeiro, o NPTN conquistou o Prêmio Luiz Beltrão de Ciência da Comunicação na Categoria Grupo Inovador. Este prêmio é destinado a núcleos de pesquisa que se destacam pela capacidade de inovar nos planos teóricos, metodológicos, tecnológicos ou pragmáticos, construindo ideias, gerando produtos ou modelos comunicacionais (Baccega, 2000). Todo esse processo de enfocar a telenovela e a ficção televisiva culminou, em 2000, na criação da linha de pesquisa Comunicação e Ficção Televisiva no PPGCOM da ECA-USP, um marco na legitimação da telenovela como objeto relevante de investigação acadêmica (Malcher, 2003).

A seguir, de 2000 a 2005, Solange Martins Couceiro de Lima assumiu a coordenação do NPTN, em liderança compartilhada com Maria Lourdes Motter e começaram a surgir, então, mais iniciativas para a estruturação de pesquisas, aglutinando outras ficções televisivas seriadas, como minisséries, séries, seriados, *soap operas* e sitcoms. Entretanto, em dois de outubro de 2001, o NPTN, que se encontrava instalado no prédio central da Escola de Comunicações e Artes “com infraestrutura razoável, vasta documentação histórica, devidamente organizada, e status de referência para os estudos de telenovelas no Brasil e no exterior, sofre um incêndio em que tudo, absolutamente tudo, foi perdido, e os pesquisadores e professores do núcleo tiveram de recomeçar da estaca zero” (Del Ré, 2004). Maria Athaíde Malcher, que atuou por um bom tempo no CETVN, conta que aquele espaço “acomodava preciosidades, entre elas, 2.500 boletins do Ibope, 500 revistas nacionais, 300 revistas internacionais, 2.500 artigos, tirados de jornais, suplementos de tevê arquivados desde 1993, um dossiê de todas as telenovelas, datadas desde 1965 e separadas por pastas, 400 roteiros de novelas, 1.500 sinopses, 900 capítulos de novelas, sem contar fotografias, fitas de vídeo, pôsteres e discos” (Malcher, 2003). Mesmo muitos anos depois, Immacolata, sempre focada na construção da institucionalidade dos estudos da ficção televisiva seriada no Brasil, ainda não conseguia falar desse incêndio sem que seus olhos se enchessem de lágrimas.

Após o incêndio que destruiu seu acervo, os pesquisadores do NPTN reagiram com a campanha *S.O.S. Telenovela – O que você guardou de lembrança pode ajudar nossa memória*, convocando o público a colaborar para reconstruir parte da memória perdida e manter o núcleo ativo. Immacolata liderou muitas das iniciativas para a reconstrução do acervo do NPTN em ações que tiveram como objetivo sustentar a continuidade do trabalho de pesquisa sobre ficção televisiva, que então já contava com um grande grupo de estudiosos de diferentes níveis acadêmicos e regiões, inclusive internacionais (Agência USP de Notícias, 2002).

Em 15 de maio de 2002, durante as comemorações de dez anos de existência, o NPTN inaugurou uma nova sede no prédio do Departamento de Música da ECA, USP, com doações de equipamentos feitas pela Rede Globo. O evento contou com a presença de autores renomados, como Lauro César Muniz, Maria Adelaide Amaral, Walter Negrão e Sílvio de Abreu, que participaram de uma mesa-redonda com pesquisadores sobre *A Telenovela na Universidade*. Ali, foi lançado o projeto *Nações e narrativas televisivas: o caso da telenovela brasileira no cenário internacional*, coordenado por Immacolata e que abordava ficção,

identidade e interculturalidade (Agência USP de Notícias, 2002).

A reinauguração também marcou a assinatura de um convênio entre a USP e a Rede Globo, que se comprometeu a apoiar pesquisas e eventos sobre teledramaturgia (JBCC, 2002). A emissora e os autores convidados doaram materiais como peças históricas, VTs e roteiros, que passaram a compor o novo acervo do Núcleo. Assim, mesmo diante da perda material, o NPTN renasceu, reafirmando sua missão de produzir conhecimento e memória crítica sobre a telenovela brasileira.

Immacolata é a coordenadora do CETVN desde 2005 e segurou com as unhas a incumbência de trazer das cinzas e deixar sua marca na nova fase do Centro de Estudos de Telenovela. Durante esse percurso, sua gestão envolveu aspectos de liderança acadêmica, desenvolvimento metodológico, expansão da pesquisa e superação de desafios. Sua formação interdisciplinar, com raízes na Sociologia, aliada a seu rigor metodológico foram decisivos. Seu doutorado, que resultou no livro *Pesquisa em Comunicação*, um clássico, propõe um modelo metodológico original para a pesquisa comunicacional, sendo amplamente utilizado e citado no Brasil e no exterior. Seu modelo, então, passa a concretizar a base metodológica das pesquisas do CETVN.

A mudança de nome, de NPTN para CETVN ocorreu por razões institucionais no início dos anos 2000, pois a USP redefiniu a natureza e o funcionamento de seus corpos estruturais, estabelecendo critérios formais à criação e manutenção dessas unidades: “O núcleo de pesquisa tem uma legislação específica, dentro da USP, que não é o nosso caso” (Baccega, 2009). Mas por que CETVN? A resposta é da própria Immacolata:

É importante ter TV no nome. Isso aí a gente discutiu muito. Então não podia ser mais Núcleo. Não podia ser N. Então o que podia ser? Trocar Núcleo por Grupo? Não. Nós somos muito mais do que grupo. Podia ser Laboratório, podia ser... Centro. Ok! Centro. Então... Centro do que? Centro de Pesquisa? Ia começar a ficar CPT... não. Então... Estudos. Centro de Estudos, o que ficou... Para ser Telenovela, tinha que ser TNV, TeleNoVela. Mas eu queria que marcasse TV, que era o estudo de uma coisa DE TELEVISÃO. E daí fica TVN. Era uma coisa que eu não queria perder. Não. No próprio logo, tem que estar ali, graficamente marcado, que lidamos com televisão, no caso, telenovela: CETVN (Lopes, 2009).

O CETVN, hoje, está localizado em uma grande sala no Bloco 22 do prédio destinado aos núcleos de pesquisa no complexo da Escola de Comunicações e Artes. Além de impulsionar a legitimação da telenovela como objeto de estudo científico, os objetivos do Centro são: promover e realizar pesquisas, cursos, seminários e outras atividades na área de ficção televisiva; manter algum acervo documental sobre telenovela e outros formatos de ficção televisiva, como material audiovisual, matérias de jornais e revistas especializadas (clipping), roteiros, sinopses, publicações particulares e trilhas sonoras; criar bases de dados de teses e dissertações sobre ficção televisiva, bem como de artigos científicos publicados em periódicos, livros e anais de congressos; organizar biblioteca especializada em ficção televisiva seriada, com livros, teses e periódicos de autores nacionais e internacionais; cooperar com a USP e outras instituições de ensino e pesquisa para divulgar os conhecimentos acumulados; contribuir para a formação de profissionais que trabalham com o gênero; oferecer acesso público às informações sobre o acervo e pesquisas desenvolvidas; estimular a cooperação e o intercâmbio de conhecimentos, bem como fomentar o desenvolvimento da pesquisa e da formação sobre produção, circulação e recepção da teleficção no espaço audiovisual ibero-americano, especialmente através do Obitel; ser um espaço para reflexão das questões relativas à produção de conhecimento no campo da Comunicação, discutindo fundamentos teóricos, metodológicos e técnicas de investigação, focando na epistemologia, correntes teóricas, paradigmas e tendências do campo da comunicação, e analisando o pensamento comunicacional contemporâneo além das perspectivas da interdisciplinaridade com a comunicação como objeto de estudo (Lemos, 2009; 2011; 2019, Mungiolli; Lemos, 2014).

Desde o início, o CETVN busca acolher e apoiar pesquisadores que porventura necessitem de materiais e fontes para suas investigações sobre ficção televisiva. Entretanto, sob a coordenação de Immacolata, o Centro busca não ser meramente acadêmico, mas também atua para que seus dados e anuários sejam utilizados por profissionais e em sala de aula, contribuindo para a formação e profissionalização do mercado audiovisual (Lopes et al., 2023). No CETVN, Immacolata estruturou uma agenda de pesquisa vigorosa, promovendo a análise crítica das telenovelas enquanto fenômenos culturais centrais na sociedade brasileira. Sua produção acadêmica, como vimos, contribuiu para superar os preconceitos iniciais da universidade, evidenciando a relevância da telenovela como narrativa audiovisual híbrida que mobili-

za temas sociais, articula repertórios simbólicos compartilhados e estimula formas de cidadania cultural (Lopes et al., 2023). Além de seu trabalho teórico e metodológico, Immacolata teve papel fundamental na criação, implantação e desenvolvimento de dois importantes e longevos projetos contínuos do CETVN, o Obitel e a Rede Obitel Brasil.

O Obitel, Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva, foi criado em 2005, em Bogotá, a partir de articulações entre pesquisadores ibero-americanos interessados na análise sistemática da ficção televisiva. A proposta foi fortemente influenciada pela pesquisa de pós-doutorado que Immacolata realizou em 2001 na Universidade de Florença, Itália, onde teve contato com a metodologia da rede Eurofiction (Ribeiro, 2007). Desde sua fundação, o Obitel foi co-coordenado por Immacolata, inicialmente com Lorenzo Vilches, posteriormente com Guillermo Orozco Gómez e depois com pesquisadores editores do *Anuário Obitel* que se revezavam anualmente. A rede reúne universidades de diferentes países da América Latina e da Península Ibérica (entre dez e doze países, a depender do período), com metodologia comum aplicada à análise da produção inédita anual de ficção televisiva. Entre os eixos principais de investigação se destacam o contexto audiovisual de cada país, a análise da produção anual, a recepção transmídia, o tema do ano.

No Brasil, o Obitel foi implantado como um dos principais projetos do CETVN, coordenado por Immacolata com a colaboração dos pesquisadores do Centro, desde bolsistas de Iniciação Científica, até pesquisadores de Pós-Doutorado. A equipe do CETVN trabalha no monitoramento anual da produção nacional de ficção televisiva, analisando a circulação e os sentidos – culturais e sociais – de telenovelas e outros formatos ficcionais em múltiplas plataformas. Os resultados das pesquisas dos países integrantes e seus dados comparativos, publicados nos *Anuário Obitel*, consolidaram-se como referência no campo da Comunicação. A metodologia da rede, constantemente aprimorada, ampliou, por exemplo, os dados da ficção televisiva brasileira na TV paga e incorporou o estudo da recepção transmidiática a partir de 2010. Ao longo de sua trajetória, o Obitel contou com o apoio institucional de diferentes entidades em períodos distintos, incluindo Globo Universidade, Ibope, Kantar Ibope Media, Globo, CNPq, Fapesp, bem como as Pró-Reitorias de Pesquisa e de Graduação da USP. Nesse contexto, a atuação de Immacolata foi decisiva tanto para a institucionalização das pesquisas sobre ficção televisiva quanto para sua inserção internacional, contribuindo

para o reconhecimento acadêmico e cultural da ficção televisiva seriada no Brasil e na Iberoamérica.

A Rede Obitel Brasil de Pesquisadores de Ficção Televisiva foi criada formalmente em 2007, durante um encontro promovido pelo CETVN em parceria com a Globo Universidade. Desde então, tornou-se o braço brasileiro do Obitel, reunindo grupos de pesquisa de aproximadamente dez universidades brasileiras (houve ligeira variação deste número desde o período de sua criação). A Rede se destaca pela abrangência geográfica, pelo trabalho colaborativo e pelo desenvolvimento de projetos bienais sobre temas comuns, voltados à análise crítica da cultura ficcional televisiva nacional. Os resultados dessas pesquisas, publicados nos livros da Coleção *Teledramaturgia*, reafirmam a liderança de Immacolata como determinante para consolidar o papel do CETVN como núcleo articulador da pesquisa sobre ficção televisiva no Brasil. A Rede Obitel Brasil promoveu o envolvimento de pesquisadores de diferentes níveis de formação, de diferentes localidades de nosso país, fortalecendo os vínculos entre pesquisa acadêmica e transformações do cenário midiático nacional.

Entre as contribuições teóricas mais expressivas de Immacolata, inseridas no contexto do CETVN per se – e também em termos amplos, que englobam todo o tempo e espaço do Obitel e da Rede Obitel Brasil – destacam-se os estudos sobre o papel das telenovelas na construção da identidade nacional, entendidas como “narrativas da nação”. Inspirada pelo conceito de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson, ela vê na narrativa ficcional televisiva um “valor estratégico na criação e consolidação de novas identidades culturais compartilhadas, configurando-se como uma narrativa sobre a nação” (Mungioli; Lemos, 2014, p. 339), afirmando que “a novela, enfim, parece ter conseguido permeabilizar o espaço público brasileiro à atualização e à problematização da identidade nacional em um período de profundas e aceleradas transformações globais” (Lopes, 2009b, p. 32).

Immacolata disseminou a ideia de que as telenovelas em particular, e a ficção televisiva seriada em geral, representam ferramentas de mediação cultural que operam a partir de comunidades imaginadas. Sua abordagem relaciona o “habitus do mundo narrado” com o “habitus vivido pela recepção”, refletindo sobre como essas narrativas contribuem para a reprodução de percepções sociais, aprendizado cultural e problematização de temas

como classe e gênero no Brasil. Para ela, a telenovela “cultural e historicamente mobiliza paixões, narra realidades próximas e distantes do receptor, constrói imaginários sobre o que é ser brasileiro – dentro do território nacional e nos países para os quais essas histórias são exportadas” (Lopes et al., 2023). Immacolata é categórica ao argumentar que a telenovela desempenha um papel central na constituição da identidade brasileira e na sua inserção no contexto globalizado. A ficção televisiva se torna um “palco” onde se observam “a complexidade e o movimento dialético entre as tendências ambivalentes de integração e fragmentação características da globalização” (Lopes, 2004b, p. 121). Em paralelo, propõe a telenovela como um “recurso comunicativo” poderoso que, “se bem aproveitado, pode gerar políticas públicas para a mulher, as minorias, o meio ambiente, a saúde, dentre outras” (Lopes et al., 2023, p. 111).

Ao defender a abordagem da telenovela como “narrativa da nação” e “recurso comunicativo” em suas publicações e na própria cultura intelectual dos pesquisadores do CETVN – consequentemente do Obitel e do Obitel Brasil – Immacolata posiciona a telenovela brasileira como o principal produto cultural da televisão de nosso país conferindo às telenovelas um estatuto de objeto de pesquisa fundamental para compreender as dinâmicas comunicacionais, sociais e simbólicas da cultura brasileira contemporânea.

Immacolata garantiu ao CETVN um destaque nacional e internacional como centro de referência nos estudos de ficção televisiva, defendendo a pesquisa brasileira e internacionalizada em coletivos, e incentivando as novas gerações a pesquisar os fenômenos comunicacionais emergentes, como o streaming e as novas metodologias. Conforme a nomeia Raquel Paiva (2014, p. 351), ela tem sido uma “metodóloga das utopias mínimas do cotidiano”, utilizando a telenovela como uma lente para entender a sociedade brasileira e suas questões sociais, filosóficas, éticas e políticas. Sua trajetória se funde à do CETVN exemplificando a superação do preconceito acadêmico contra o estudo de produtos culturais populares.

A paixão de Maria Immacolata Vassallo de Lopes pela telenovela e pelo popular, enraizada em sua própria história de vida como imigrante de classe popular, alimentou sua dedicação ao Centro de Estudos de Telenovela e a transformou em uma figura central na legitimação e no avanço dos estudos de ficção televisiva no Brasil.

Referências

Agência USP de Notícias. **Núcleo de Telenovelas da ECA inaugura novas instalações.** Divisão de Informação, Documentação e Serviços Online, São Paulo, n. 963/02, 15 maio 2002.

Baccega, Maria Aparecida. Núcleo de Pesquisa de Telenovela, ECA/USP. **Pensamento Comunicacional Latino-Americano - PCLA**, v. 1, n. 2, jan./fev./mar. 2000.

Baccega, Maria Aparecida. **Entrevista pessoal concedida a Ligia Prezia Lemos.** São Paulo, 25 jul. 2009.

Del Ré, Adriana. Núcleo de Telenovelas tenta voltar à atividade. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27 fev. 2004.

JBCC - Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação. **10 Anos do Núcleo de Telenovelas da ECA-USP.** São Paulo, Ano 4, n. 177, 27 maio 2002.

Lemos, Ligia Prezia. **CETVN - Centro de Estudos de Telenovela: Fale Conosco!** A Gestão da Comunicação on-line. Projeto de Intervenção. Especialização em Gestão da Comunicação. Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes, USP, 2009.

Lemos, Ligia Prezia. CETVN - Centro de Estudos de Telenovela: Fale Conosco! A Gestão da Comunicação on-line. **Comunicação & Educação**, Ano XVI, n. 1, jan/jun. 2011.

Lemos, Ligia Prezia. Centro de Estudos de Telenovela, CETVN, 25 anos de estudos acadêmicos sobre ficção televisiva. In: Davino, Glaucia (Org.). **Confabulações Imaginárias.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Corpo Texto. p. 372-386.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação.** São Paulo: Loyola, 2005.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Entrevista pessoal concedida a Ligia**

Prezia Lemos. São Paulo, 16 out. 2009.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 21-48, ago./dez. 2009b

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. **Telenovela**: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004a.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Telenovela**: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004b. p. 121-137.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Verrumo, Marcel Antonio; Silva, Lourdes Ana Pereira; Loyola, Renata Pinheiro. Maria Immacolata Vassallo de Lopes e os 30 anos do Centro de Estudos de Telenovela da USP: uma jornada narrada pela teleficção. **MATRIZES**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 103-112, jan./abr. 2023.

Malcher, Maria Ataíde. **A memória da telenovela**: legitimação e gerenciamento. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

Marques de Melo, José. Pesquisa em Comunicação: Projeção Brasileira no Panorama Internacional. **INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 216-219, jul-dez. 1992.

Mungioli, Maria Cristina Palma; Lemos, Ligia Prezia. Vencendo os desafios da construção de uma rede internacional de pesquisa. In: Moraes, Osvando J. de; Aragão, Iury Parente; Laurindo, Roseméri; Vaz, Tyciane Cronemberger Viana (Orgs.). **Fortuna crítica da Intercom**. Baluartes. vol. 6. São Paulo: Intercom, 2014. p. 337-347.

Paiva, Raquel. Uma metodóloga da utopia cotidiana. In: Moraes, Osvando J. de; Aragão, Iury Parente; Laurindo, Roseméri; Vaz, Tyciane Cronemberger Viana (Orgs.). **Fortuna crítica da Intercom**. Baluartes. vol. 6. São Paulo: Intercom, 2014. p. 348-352.

Ribeiro, Ana Paula Goulart. Entrevista - Pesquisando a telenovela no Brasil. **ECO- PÓS**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.162-167, jul.-dez. 2007.

A televisão em rede como fenômeno transnacional: o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva

Catarina Burnay

Immacolata Vassallo de Lopes. Investigadora, Professora, Mentora, Construtora de pontes entre saberes e entre pessoas, Criadora de redes de pesquisa que transformaram profundamente a forma como olhamos para certos objetos da cultura popular mediática no espaço Ibero-Americano. Itália viu-a nascer, mas foi no Brasil que desenvolveu uma carreira acadêmica de exceção, legitimando e consolidando a televisão como objeto de estudo nas Ciências da Comunicação, através do seu olhar crítico, interdisciplinar e sensível às realidades locais. Em tempos em que a Academia se demarcava epistemologicamente dos produtos mediáticos populares, ousou olhar com rigor e profundidade para a telenovela, resgatando a sua relevância estética e artística, mas também cultural e política. Se, nos anos 1990, pela mão e visão de José Marques de Melo, diretor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), deu os primeiros passos no estudo e na organização de um grupo de pesquisa sobre a telenovela, hoje, os trabalhos de Vassallo de Lopes são uma referência para quem, dentro e fora do Brasil, escolhe o formato televisivo como objeto e dimensão empírica. Entre múltiplas abordagens, assumir a ficção televisiva e, em especial, a telenovela como espaço onde se “narra a nação” é, talvez, uma das contribuições mais originais e mesmo fundadoras na área dos estudos das indústrias de media e entretenimento. Inspirada em autores como Jesús Martín-Barbero e Benedict Anderson, Vassallo de Lopes propôs que as telenovelas devem ser vistas como formas narrativas através das quais as sociedades se (re) apresentam, se interrogam e se reinventam. Longe de serem apenas formas de escapismo e fontes de lazer, elas operam como mecanismos simbólicos de construção da identidade nacional. Os seus trabalhos, e de muitos/as discípulos/as, investigam como é que as telenovelas constroem visões da nação através das escolhas de protagonistas, de ambientes, de temas centrais, de relações familiares, de representações de classe, de gênero ou de etnia. Esta perspectiva permite evidenciar tanto os elementos inclusos, mas também os silenciamentos estruturais das narrativas televisivas: a ausência de perso-

nagens negras, a invisibilidade das periferias ou mesmo o apagamento das culturas indígenas. Ao propor que a televisão “narra a nação”, Vassallo de Lopes sugere um olhar analítico e crítico, atento às contradições e disputas que essas narrativas comportam, pois, na verdade, a televisão não é um espelho das realidades, mas sim um campo de batalha simbólica, onde se negociam sentidos e onde se disputa o imaginário coletivo.

Mas esta empreitada científica não fica completa sem uma referência explícita à arte de criação e combinação de instrumentos metodológicos, permitindo a realização de análises profundas, sustentadas e robustas. Immacolata foi, em bom rigor, pioneira e visionária no desenvolvimento de propostas metodológicas que articulam a análise qualitativa e a quantitativa, aliando ao estudo das narrativas ficcionais a observação das práticas de produção, de circulação, de consumo e de recepção. Aliás, este último campo de análise, controverso para as Teorias da Comunicação mais clássicas, foi e continua a ser um dos seus preferidos, em especial através da aplicação da Teoria das Mediações (Martín-Barbero), permitindo, não só compreender o que os indivíduos veem e como veem, mas também os espaços que medeiam esse visionamento. Assim, os seus protocolos de pesquisa são sempre muito ricos, articulando a etnografia das audiências, roteiros de análise textual, classificação de personagens e de temáticas, instrumentos de mapeamento das grelhas de programação, compreensão das estruturas de poder das indústrias, medição de audiências, análise de interações sociais nas redes, e tantos outros métodos. Essa arquitetura metodológica permitiu captar a complexidade do fenómeno mediático, assim como acompanhar as transformações da indústria televisiva ao longo das últimas décadas.

Em 2001, durante uma estada investigativa em Itália, Immacolata contactou e conheceu de perto o trabalho do Observatório Euroficion, coordenado por Milly Buonanno. No seu regresso ao Brasil, não descansou enquanto não conseguiu implementar um observatório semelhante no espaço Ibero-Americano, aproveitando o trabalho já realizado no Centro de Estudos de Telenovela da ECA-USP que coordenava. Será, então, em 2005, num encontro em Bogotá convocado por Jesús Martín-Barbero, que Immacolata se sentiu compelida a pensar a televisão em rede como fenómeno transnacional, e que a ideia de compreender a dinâmica da telenovela em diferentes países ganhou voz. Nascia, assim, o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (OBITEL). Desde então, tornou-se uma rede colaborativa e

interdisciplinar, e foi desenvolvido um protocolo metodológico comum (afiado anualmente), replicável em contextos nacionais distintos, sem perder de vista as especificidades culturais de cada país. Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, EEUU, México, Portugal, Uruguai, Venezuela (ao longo dos anos, o número total de participantes foi oscilando) publicam, desde 2007, Anuários que mostram as realidades locais, mas também perspetivam a ficção televisiva de forma comparada, funcionando como um dos repositórios mais abrangentes sobre produção, circulação, recepção e formatos da ficção televisiva no espaço ibero-americano, e desempenhando um papel essencial na construção de uma cartografia crítica da ficção televisiva. Através dos Anuários, de pesquisas específicas (em alguns países, como no Brasil, foram criadas equipas locais para uma observação abrangente da produção nacional) e de Seminários Internacionais nos diversos países, foram analisadas questões como a *transnacionalização da ficção* (2012), a *memória social* (2013), as *estratégias de produção transmedia* (2014), as *relações de géneros* (2015), a *reinvenção de géneros e formatos* (2016), o *melodrama em tempos de streaming* (2020), as *produtoras independentes* (2023) ou as *representações de raça e interseccionalidade* (2025), entre tantos outros temas fundamentais. Tal como referido, o OBITEL permitiu não apenas compreender os conteúdos das telenovelas e de outros formatos ficcionais, mas também os sistemas industriais que os produzem, as políticas públicas que os regulam, as tendências de mercado que os orientam e moldam e as mudanças nas formas de consumo que os reconfiguram. Este olhar integrado transformou o OBITEL numa referência para académicos e profissionais do setor nos diversos países e fica claro que a sua força reside na capacidade de articular análises empíricas com dinâmicas produtivas locais e com os fluxos globais que perpassam o campo audiovisual.

A história do OBITEL cruza-se com a minha história pessoal. Conheci a ficção televisiva como objeto de estudo pela mão da Prof.^a Isabel Ferin Cunha e pela inspiração da Prof.^a Immacolata e, hoje, trabalho na fronteira com o setor audiovisual em Portugal e acredito que a transferência de conhecimento é uma obrigação da Academia. Como orientadora (de doutoramento e pós-doutoramento), a Prof.^a Immacolata foi exigente, generosa e visionária. Incentivou a formação de uma perspetiva crítica, a articulação constante entre teoria e a empiria, a publicação internacional e a ideia de rede de investigação. A sua orientação não era apenas metodológica, em especial, quando nos convidada a pensar a relevância social da nossa pesquisa, o lugar

da comunicação na produção de sentidos e a responsabilidade do pesquisador perante a complexidade do mundo contemporâneo. A Prof.^a Immacolata formou investigadores comprometidos, independentes e eticamente responsáveis, consolidando trajetórias acadêmicas dedicadas à análise da ficção, à produção de conhecimento internacionalizado e à compreensão das interseções entre mídia e cultura.

O OBITEL é, sem dúvida, um dos seus feitos mais visíveis e perenes, contudo, o seu legado ultrapassa a sua bibliografia, os seus projetos; ultrapassa fronteiras. Manifesta-se nas redes acadêmicas que ajudou a consolidar, na formação de dezenas de investigadores em diferentes países, no fortalecimento institucional dos estudos de televisão e de ficção, e na construção de protocolos metodológicos replicáveis internacionalmente. O seu trabalho, não só abriu caminhos, como construiu caminhos que continuam e continuarão a ser percorridos por novas gerações.

A Matriz

*Luciano Guimarães
Wagner Souza e Silva*

Mais do que representar um campo de estudos, um periódico científico contribui ativamente para sua configuração, estabelecendo agendas, valorizando vozes e redesenhando limites. *MATRIZES*, revista científica do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP), foi criada com esse propósito: consolidar-se como espaço de interlocução crítica, plural e transdisciplinar, em diálogo com os desafios crescentes da pesquisa em comunicação.

Há uma declarada pretensão de *MATRIZES* em se propor como uma referência editorial no campo da comunicação. No entanto, como sugere o seu título, não se trata exatamente de uma matriz única e fixa, e sim uma âncora a partir da qual se articulam múltiplas matrizes – uma plataforma de acesso e interlocução para pesquisadores de diferentes tradições teóricas, metodológicas e culturais que buscam compreender os fenômenos comunicacionais em suas inflexões sociais, políticas, estéticas e tecnológicas. Trata-se, portanto, de um lugar de passagem e de projeção, que opera menos pela estabilidade do modelo e mais pela abertura ao movimento do pensamento. Ao mesmo tempo, o título da revista também evoca uma matriz intelectual no sentido biográfico e institucional: a trajetória da professora **Maria Immacolata Vassallo de Lopes**, que desde a fundação da *MATRIZES*, em 2007, assumiu sua direção com rigor metodológico, compromisso institucional e uma visão estratégica sobre os rumos da área.

Reconhecida por sua atuação em temas como recepção, ficção televisiva e epistemologia da comunicação, Immacolata desempenhou um papel central na conformação do perfil editorial da revista, articulando densidade conceitual, pluralidade disciplinar e inserção internacional. Sua presença, mais do que administrativa, foi intelectualmente constitutiva do projeto, contribuindo não apenas para consolidar a publicação, mas também para impulsionar a constituição de um campo de pensamento no qual a revista se insere e opera.

Partindo desse duplo reconhecimento – o da revista como estrutura aberta e o da professora como figura estruturante –, propomos aqui um exercício de análise e memória editorial. Com base nos primeiros anos da *MATRIZES* e na forma como sua direção foi sendo modelada pela trajetória de sua idealizadora, buscamos compreender o que se institui quando se constrói uma matriz: não como modelo fechado, mas como dispositivo em permanente articulação com as forças vivas do pensamento e da pesquisa em comunicação.

A criação da revista *MATRIZES*, em 29 de novembro de 2007, marcou um ponto de inflexão na trajetória do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Pela primeira vez desde sua fundação, o PPGCOM – pioneiro na institucionalização da pesquisa em comunicação no Brasil – lançava um periódico próprio, concebido não apenas como vitrine acadêmica, mas como um espaço de articulação epistemológica, experimentação editorial e projeção internacional. A revista surgiu no contexto das comemorações dos 35 anos do Programa, em meio à “maior reforma de sua história”, como destacou à época Immacolata. Mais do que uma celebração simbólica, tratava-se da afirmação de um projeto de renovação crítica, institucional e científica.

MATRIZES foi estruturada para responder aos desafios contemporâneos da pesquisa em comunicação, oferecendo um espaço plural de circulação de ideias, metodologias e objetos. Desde o início, assumiu a missão de integrar diferentes tradições de pensamento e linguagens acadêmicas, promovendo a interlocução entre autores nacionais e internacionais, experientes e emergentes, de modo a refletir a complexidade e a heterogeneidade do campo. Com uma trajetória consolidada na área, Immacolata exerceu um papel integrador, coordenando o comitê editorial e mobilizando redes de colaboração nacional e internacional. A revista nasceu, assim, como extensão natural de sua liderança intelectual e institucional, refletindo sua capacidade de imaginar e estruturar um periódico que, desde o primeiro número, se impôs como referência no campo da comunicação. Se hoje a revista contabiliza 675 textos publicados, incluindo contribuições de 196 autores de artigos provenientes de 31 países e 418 autores brasileiros de diversas instituições, esse alcance expressivo deve-se, em grande parte, à atuação de Immacolata como uma das principais representantes da epistemologia da comunicação. Atenta à dinâmica das redes de pesquisa e às transformações nas diretrizes editoriais

acadêmicas, ela tem garantido que *MATRIZES* preserve, ao longo do tempo, sua identidade fundadora e vocação para o pensamento crítico e plural.

Figura 1: Capa das edições de *MATRIZES* até abril/2025.



A concepção editorial de *MATRIZES* articulava-se de modo coerente com o projeto institucional do PPGCOM no início dos anos 2000. Naquele momento, o programa ampliava significativamente sua inserção internacional, consolidava convênios de cooperação acadêmica e intensificava a presença em redes ibero-americanas de pesquisa. A revista surgiu, assim, como um desdobramento estratégico dessa agenda de internacionalização e de qualificação da produção científica. Desde o início, adotou práticas editoriais que a alinharam às exigências dos periódicos de excelência no cenário acadêmico, como a avaliação por pares em regime de duplo anonimato, a composição plural do conselho editorial e a atenção à inserção de jovens pesquisadores.

Esse alinhamento não foi casual: ele refletia a atuação de Immacolata como coordenadora do PPGCOM entre 2001 e 2012, período em que o programa passou por uma inflexão institucional relevante, marcada por expansão da produção discente, diversificação temática das pesquisas e reforço das políticas de internacionalização. A revista materializava, portanto, o esforço coletivo de consolidação do programa, ao mesmo tempo em que se beneficiava da liderança intelectual de sua diretora. Sob sua orientação, *MATRIZES* alcançou rapidamente reconhecimento no sistema de avaliação da CAPES, sendo classificada atualmente no estrato mais elevado, o Qualis A1 – uma conquista que

atestava seu impacto no campo e a solidez de seu projeto editorial.

O primeiro número de *MATRIZES* já revelava, em sua concepção e composição, a ambição de articular densidade teórica, atenção às práticas midiáticas e diálogo com temas emergentes. A estrutura da edição inaugural foi cuidadosamente organizada em seções complementares, que evidenciavam a concepção de revista como espaço multifacetado de pensamento. Sua arquitetura, desenhada com precisão conceitual, organizava-se em seções como “Dossiê”, “*Media Literacy*”, “Em Pauta” e “Resenhas”, que permitiam simultaneamente a ancoragem teórica, a abertura temática e o acolhimento a novas propostas analíticas. No “Dossiê”, concentraram-se formulações de base, assinadas por nomes que figuravam (e ainda figuram) entre os mais relevantes do pensamento comunicacional contemporâneo: Muniz Sodré, Jesús Martín-Barbero, Bernard Miège, Ciro Marcondes Filho, Lucia Santaella e Giovanni Bechelloni. Esse conjunto não apenas oferecia uma cartografia conceitual do campo, mas também estabelecia o tom da revista em termos de abrangência e complexidade teórica. A seção “*Media Literacy*”, por sua vez, voltava-se para as práticas, produtos e processos midiáticos em perspectiva crítica, com ênfase na televisão e nas mídias móveis – objetos que já sinalizavam os deslocamentos tecnológicos e culturais em curso. Em sintonia com o presente, a seção “Em Pauta” acolhia discussões sobre identidades midiáticas, cosmopolitismo, pesquisa bibliométrica e educação mediada por tecnologias, incluindo ainda uma homenagem a Jean Baudrillard. O número se completava com resenhas de obras de referência – Vilém Flusser, Boaventura de Sousa Santos e François Dosse. Por fim, a edição era encerrada com a lista de teses de doutorado e dissertações de mestrado defendidas naquele ano, no PPGCOM, reforçando o caráter institucional da publicação.

Em 2009, a revista começou a publicar a cada edição uma entrevista com relevantes pesquisadores da área da comunicação. Nas 34 entrevistas já publicadas, pesquisadores de 12 diferentes países já tiveram suas visões exploradas em conversas com membros do comitê editorial de *MATRIZES* ou pesquisadores convidados. As entrevistas de *MATRIZES* serviram para potencializar o diálogo da área de comunicação como desejo mais intenso de Immacolata. Ela mesma conduziu, em 2009, a entrevista com Jesús Martín-Barbero, que inaugurou a seção “Entrevista” e, trinta entrevistas depois, Immacolata foi a entrevistada, por ocasião do 30º aniversário do Centro de Estudos de Telenovela da USP.

Ressaltamos o diferencial de *MATRIZes* em apresentar-se como um periódico bilíngue desde seu início, o que expressa o compromisso com a internacionalização da pesquisa em comunicação, sem abrir mão da valorização da produção intelectual em português. A revista publicava artigos em versão impressa em português e disponibilizava traduções em inglês no meio digital (CD-ROM e depois website), ampliando seu alcance e inserindo autores brasileiros no circuito internacional, ao mesmo tempo em que mantinha a diversidade linguística ao acolher textos estrangeiros: os textos submetidos em inglês, francês, italiano ou espanhol eram mantidos em seus idiomas de origem. Assumindo definitivamente apenas a versão eletrônica a partir do volume 13, *MATRIZes* manteve essa mesma estratégia de visibilidade, como um gesto editorial que promove o diálogo entre diferentes tradições teóricas e reafirma a relevância do pensamento latino-americano no cenário global.

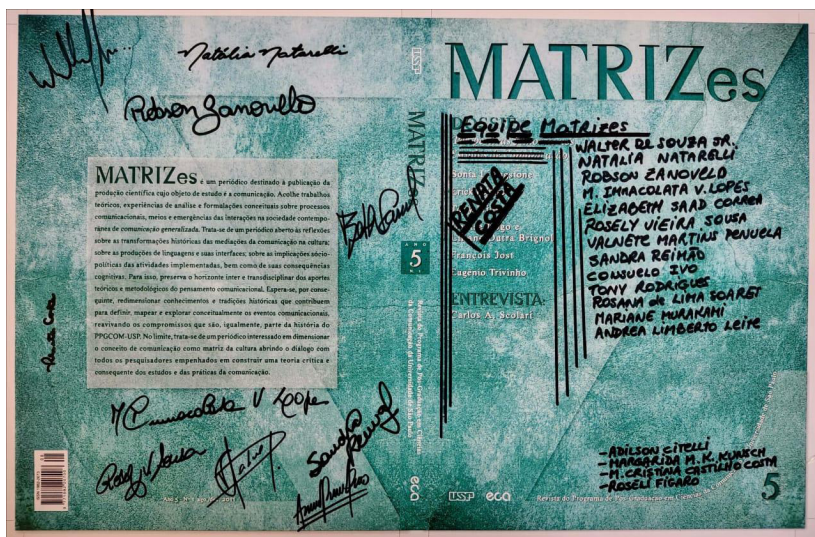
Em 2016, o décimo ano de *MATRIZes*, a revista passou de semestral a quadrimestral, sendo a terceira edição deste ano um número especial com o tributo a Stuart Hall. Em 2018, *MATRIZes* voltou a fazer uma edição especial em referência aos 30 anos da publicação do seminal livro de Jesús Martín-Barbero – *De los medios a las mediaciones* – antecipando uma prática que viria a ser constante a partir de 2020: uma edição especial no terceiro número de cada ano.

Desde seu primeiro número, *MATRIZes* afirmou-se não apenas pelo rigor acadêmico de seus conteúdos, mas também por uma concepção que traduzia, no plano da forma, o mesmo compromisso com a complexidade, a experimentação e a abertura ao novo que caracterizava sua linha editorial. Nesse aspecto, a visibilidade almejada é reforçada pelo projeto gráfico da revista, assinado por Tony Rodrigues, cuja rica e detalhada identidade visual permanece impactante mesmo após quase duas décadas de existência.

Embora a trajetória de *MATRIZes* coexista sinergicamente com a de Immacolata, muitas pessoas também participaram da mesma jornada. Desde sua criação, a revista contou com uma estrutura editorial dinâmica, que ao longo do tempo passou por reconfigurações importantes, sem jamais perder a coerência intelectual e institucional orientada por sua diretora, única a ocupar essa função até hoje. Nos três primeiros números da revista, em 2007 e 2008, a equipe editorial era composta por Irene Machado como editora científica e Rosana de Lima Soares como editora adjunta e Renata Costa como editora exe-

cutiva. Além dessa equipe central, havia uma coordenação editorial colegiada, formada por nomes de grande expressão no campo da comunicação: Adilson Citelli, Eduardo Morettin, Elizabeth Saad Corrêa, Margarida M. Krohling Kunsch, Maria Cristina Castilho Costa, Roseli Figaro e Rubens Machado Jr. A partir de 2009, a revista passou a contar com uma editoria científica formada por diferentes nomes, desvinculada da coordenação editorial e editoria executiva. Esta, a partir de 2015, passou também a integrar a editoria científica, refletindo um maior entrelaçamento entre as funções de gestão editorial e curadoria acadêmica. Uma integração que culminou, em 2018, com a extinção da equipe de coordenação editorial, o que permitiu consolidar a editoria científica como principal instância responsável pela curadoria da revista, cuja produção era conduzida pela editoria executiva. A mudança sinalizava a busca por maior agilidade e coerência no processo editorial.

Figura 2: Prova de uma das capas, assinada pela equipe editorial.



Ao longo da história da revista, além de Renata Costa nas primeiras edições (2007–2012), atuaram como editores executivos Luciana Fleury (2013), Daniela Osvald Ramos (2013), e Richard Romancini (2014 a 2021), este que permanece ainda integrante da atual editoria científica. A composição mais recente dessa editoria é composta ainda por outros pesquisadores e pesqui-

sadoras com ampla trajetória e reconhecimento na área: Ana Carolina Dam-boriarena Escosteguy, Isabel Ferin Cunha, Maria Cristina Palma Munglioli, Maria Ignes Carlos Magno, Raúl Fuentes Navarro, Roseli Figaro, Luciano Guimarães e Wagner Souza e Silva. Estes dois últimos, que assinam este texto, também exercem a função de editores executivos desde 2022, e atualmente são apoiados por duas assistentes editoriais, Ana Clara Gimenez e Blanca Capucho, graduandas do curso de Editoração da ECA. Toda essa evolução revela a vitalidade institucional de *MATRIZES*, capaz de renovar suas equipes sem perder a consistência de seu projeto editorial, o que reflete uma capacidade de se adaptar às exigências do campo acadêmico, consolidando um modelo de funcionamento colaborativo ao longo do tempo.

Uma evolução que, cabe assinalar, revela um aspecto notável da trajetória do periódico: desde sua concepção até as rotinas editoriais cotidianas, sua curadoria e produção esteve majoritariamente a cargo de mulheres. Trata-se de uma configuração que decorreu menos de uma política deliberada de paridade e mais como reflexo da força e da centralidade da liderança de Immacolata, cuja presença intelectual e institucional criou as condições para que outras mulheres ocupassem espaços de decisão na estrutura da revista. Muito antes da formalização de critérios de equidade de gênero em editais de fomento à publicação científica – como a exigência, atualmente presente nos editais da Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais da Universidade de São Paulo (ABCD), de que os comitês editoriais sejam compostos por pelo menos 30% de mulheres –, *MATRIZES* já operava para além do equilíbrio de gênero, dada a predominância feminina nas instâncias mais relevantes de sua produção. Ao longo de sua história, poucos homens integraram seus quadros editoriais, o que revela uma composição que expressa não apenas uma prática de reconhecimento, mas também uma política implícita de valorização da presença e da contribuição das mulheres na produção científica, o que reafirma a revista como espaço sensível às dinâmicas de transformação que atravessam o próprio campo acadêmico.

São aspectos que nos permitem compreender o legado de Immacolata como diretora da revista *MATRIZES*, que é totalmente articulado com a sua dedicação à consolidação da comunicação como campo científico, social e culturalmente relevante: uma atuação que equaciona institucionalidade, produção de conhecimento e responsabilidade pública. Ao propor uma revista comprometida com a pluralidade, com a análise crítica das mediações

e com o rigor acadêmico, ela ofereceu à comunidade científica latino-americana um espaço de excelência que contribuiu – e ainda contribui – para a ampliação das fronteiras epistemológicas da comunicação. Seu trabalho de editora é também um trabalho de mediação: entre gerações, entre regiões, entre linguagens, entre paradigmas.

Por fim, destaca-se sua influência na consolidação de uma cultura editorial universitária no Brasil, pautada por critérios éticos e metodológicos consistentes. *MATRIZES* se tornou, sob sua liderança, um exemplo de como uma revista acadêmica pode ser mais do que um repositório de artigos, configurando-se, também, como um agente ativo na constituição de uma comunidade científica crítica, engajada e comprometida com a transformação social por meio do pensamento.

Ao final deste percurso, permanece uma ambiguidade sugestiva quanto ao que, de fato, se constitui como a matriz aqui evocada. *MATRIZES*, como revista científica, consolidou-se como espaço de formulação crítica e de projeção internacional do pensamento comunicacional latino-americano. Maria Immacolata Vassallo de Lopes, por sua vez, é a figura intelectual e institucional que impulsionou e sustentou esse projeto com visão estratégica e compromisso formativo. Já a Escola de Comunicações e Artes e o PPGCOM-USP representam o solo fértil onde se desenhou, amadureceu e ganhou força esse conjunto de iniciativas. Mais do que estabelecer distinções, importa reconhecer a sobreposição entre revista, diretora e instituição como instâncias complementares de geração, organização e transformação do campo. Nessa confluência, o próprio conceito de “matriz” se intensifica: como origem que não se esgota, estrutura em movimento e força contínua de elaboração e renovação das investigações no campo da comunicação.

Tribute to Immacolata

Milly Buonanno

It is with great pleasure that I join in paying tribute to Immacolata Vassallo, adding my voice to the undoubtedly numerous chorus of those who know and esteem her, as a colleague and long-time friend who, I regret to say, is now separated from me by a great distance.

There is hardly any need to recall that Immacolata is a scholar of the highest calibre, with profound theoretical and methodological expertise in the field of communication and media studies, as her vast scientific output demonstrates. She is also a tireless innovator, always ready to launch new initiatives, whether journals, research projects or collaborative networks. However, it is not her well-known academic or scientific profile that I wish to refer to here, but two more personal aspects of our long-lasting relationship: our friendship and my gratitude.

We were introduced in Rome in 1997 by Robert White of the Gregorian University (to whom I will always be grateful), and I remember that from our very first meeting we found common ground in our fields and perspectives of study, not least in sharing an uncommon interest in the thought of Pierre Bourdieu. Since then, and for the next twenty years, our meetings have been very frequent, especially in Italy and Brazil, but also in other Latin American countries, the United States and Spain, participating in national and international conferences, bilateral talks and summer schools, but also, not infrequently – especially for me and my husband Giovanni Bechelloni – for the pleasure of staying in Brazil and spending time with Immacolata and her family, as on that unforgettable Christmas night in 2005.

Built and consolidated over time, our supportive friendship has been and still is a unique experience for me. I only realized this clearly very recently when, as often happens, a state of affairs that we had always taken for granted appeared to us in all its peculiarity. As part of a study by the Catholic University of Milan on first-generation Italian women sociologists, I was asked if I had ever “teamed up or networked” with other women in the same field of study. In fact, no, I have certainly collaborated or had professional relationships with colleagues, both Italian and foreign, but this has

never led to a true and lasting friendship as it did with Immacolata.

I consider it a privileged experience, which I link to the other aspect of my bond mentioned above: gratitude, or perhaps better, recognition of how important and decisive my encounter with Immacolata was in promoting a “conversion of gaze” – to quote Bourdieu, not by chance – in my way of studying television, especially narrative seriality.

Let me return to our first meeting. Immacolata had contacted me to invite me – along with other Italian colleagues – to the Intercom conference on communication studies in Brazil and Italy, which was to be held in Santos in September 1997, and for which we both later edited the proceedings. Participating in that conference was an unexpected and decisive turning point for me. Firstly, because, apart from my knowledge of the influential book *De los medios a la mediaciones* by Jesus Martin Barbero – whom I had the honor of meeting on that occasion – I was largely unaware of the rich and important intellectual output of Latin American communication scholars, who, on the contrary, seemed better informed about their Italian counterparts. The *parterre*, so to speak, of the participants was also more diverse; I remember meeting or reconnecting with Ellen Wartella, Armand Mattelart, Joe Straubhaar and others I can’t remember now in Santos, with whom we had long discussions and debates. Although I was accustomed to the climate of intellectual exchange between scholars that arises at international meetings, without necessarily leaving lasting traces, I felt that, together with my budding friendship with Immacolata, the conference offered me new perspectives for analyzing and interpreting “Comunicação no plural” (the title of the event) in television.

I especially owe the invitation to Santos, and my subsequent stay in São Paulo, which was also rich in encounters and intellectual exchanges – including my initial access to the important body of literature on telenovelas – what is known in anthropology as “the long tour”: *id est*, exploring elsewhere to better understand what is close to us, but not necessarily more transparent.

I trust that I have followed this path more or less adequately over time, but that is not what matters in my testimony, which is above all the expression of my affection and gratitude for a great scholar and a precious friend.

Feliz aniversário, minha querida amiga e colega!

El trabajo desde y sobre la Comunicación en América Latina

Guillermo Orozco Gómez

Hace ya muchos años que conozco a Ma. Immacolata como colega y amiga brasileña-latinoamericana de los estudios de comunicación, y hace 20 años como compañera del proyecto iberoamericano OBITEL: Observatorio Iberoamericano de la Ficción Televisiva, fundado por ella en 2005. Años que tengo muy presentes y considero que conforman la etapa más destacada, productiva y original de mi trabajo internacional, desde y sobre la comunicación en América Latina.

Immacolata, más enfocada en analizar la producción y contenidos de telenovelas, y yo, más interesado en observar y entender su recepción por parte de las audiencias iberoamericanas, logramos un equipo que nos permitió abarcar y comprender mejor los diferentes momentos de la producción, transmisión y recepción de ficción televisiva en América Latina, primero, y en España, Portugal y Estados Unidos (hispanoparlante) después.

En el editorial Gedisa, Immacolata junto con el colega español Lorenzo Vilches, coordinaron la publicación del libro: *Culturas y Mercados de la Ficción Televisiva en Iberoamérica* (2007), producto de varios coautores iberoamericanos, libro que circuló por todo el mundo luso-hispano, posicionando el estudio de la ficción televisiva, y en particular de las telenovelas latinoamericanas, como un objeto de análisis primordial para entender mejor los intercambios comunicativos, y por supuesto, el papel de la ficción televisiva en la formación de sus televidentes.

Como latinoamericanos sabemos el papel tan presencial, a veces tan avasallante, que las telenovelas han jugado, y siguen jugando en nuestras vidas. Y como ciudadanos del mundo sabemos el papel y efectos, no siempre deseables, que toda la ficción televisiva tiene en nuestro desarrollo como humanidad.

Immacolata, además de investigar, pensar, y publicar conocimiento sobre la ficción televisiva, ha marcado una línea de investigación única de un

objeto que en un inicio fue despreciado o poco apreciado como objeto de estudio, por investigadores de la comunicación mediática y sus audiencias.

A través de OBITEL se abrió y fortaleció un ámbito de la investigación de la comunicación, básico para entender no solo a los televidentes “adictos” a la telenovela, sino a todos los que interactuamos con las pantallas.

Por este gran proyecto internacional y por todo un trabajo intelectual y académico distintivo, creativo y provocador a la vez, sustentado científicamente pero lleno de creatividad, mi mayor reconocimiento a mi amiga, colega, y compañera de trabajo Ma. Immacolata.

Guerreiras de tantas jornadas

Margarida M. Krohling Kunsch

Falar sobre Immacolata, parceira de lutas e conquistas na área da Comunicação desde os anos 1980, é para mim motivo de satisfação e alegria. Desde então temos trilhado um caminho de convergência entre a convivência fraterna e amiga e a vida acadêmica. Muitas foram até hoje as parcerias e realizações conjuntas tanto nas entidades científicas como na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São várias frentes de atuação nas quais desenvolvemos atividades conjuntas, idealizamos novos projetos e parcerias que, posso dizer, deixaram legados e estão institucionalizadas.

Apaixonada pela pesquisa

Na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), minha convivência com Immacolata se deu de forma efetiva a partir de 1987, quando começamos a participar de gestões de diretorias executivas e, mais tarde, como ex-presidentes da entidade e integrando o Conselho Curador desde 2000. Atualmente, sou presidente do Conselho e Immacolata é a vice. E assim, um tempo vem sendo percorrido com muitas idas e vindas de participações de nós duas. Continuamos ligadas à entidade, na qual sempre acreditamos e à qual temos procurado dar sempre nossa melhor contribuição.

Uma iniciativa pioneira realizada por Immacolata, motivada por uma proposta de José Marques de Melo, foi o estudo “Quem é quem na pesquisa em Comunicação”, depois publicado em livro pela Intercom. Esse estudo exigiu da Immacolata empenho persistente para conseguir o retorno de formulários por parte dos pesquisadores da época (1985-1986). É algo que seria facilitado só depois, com a Plataforma Lattes do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, criada em 1999 pelo físico César Lattes.

No espaço do X Congresso da Intercom, realizado na Escola de Comu-

nações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em setembro de 1986, Immacolata, orientada por José Marques de Melo, organizou, como pré-evento, o I Ibercom – Encontro Ibero-americano de Comunicação. Considerado uma iniciativa histórica na ocasião, este evento foi um boom de partida para os demais encontros que ocorreram sucessivamente nos anos posteriores.

Quando assumi a presidência da Intercom (1987-1989), pude contar com a efetiva participação de Immacolata, junto com os demais integrantes da diretoria executiva. Fomos muito proativos, com novas ideias e novos projetos para a entidade, inclusive promovendo sua “nacionalização”. Neste sentido realizamos, pela primeira vez fora do Estado de São Paulo, o XI Congresso (1988), que ocorreu na Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa (MG).

Em 1989 ocorreu o XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, da Intercom, na cidade de Florianópolis, em conjunto com a Universidade Federal de Santa Catarina, quando foi debatido o papel que cabe às indústrias culturais no processo de integração da América Latina. Esse evento representou o de maior porte até então levado a efeito pela Intercom ao longo de sua história. Foi lá que, como presidente, nas palavras de abertura do congresso ousei dizer que “a Intercom é a SBPC da Comunicação”.

No espaço deste Congresso Intercom 1989 teve lugar, como pré-evento, o II IBERCOM, também coordenado por José Marques de Melo e Maria Immacolata, que fez um “balanço da pesquisa em comunicação na Iberoamérica” na década de 1980, tema de especial interesse de Immacolata, pesquisadora apaixonada, que coordenou, mais uma vez, esse evento. O número de 75 pesquisadores participantes de vários países da América Latina, Portugal e Espanha foi surpreendente. O evento foi marcado por um debate frutífero de valorização da pesquisa em comunicação no espaço ibero-americano para maior interlocução com países de outras regiões. Immacolata teve papel decisivo na organização desse segundo encontro Ibercom.

Neste mesmo espaço do XII Congresso, também ocorreu, em 8 setembro de 1989, a Assembleia Extraordinária de Reconstituição da Associação Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic), que estava

desativada havia alguns anos. Esta assembleia foi convocada por diversas entidades nacionais da América Latina, sob a liderança da Intercom, cujos trabalhos preparativos foram iniciados em 1988. Na ocasião, foi eleito José Marques de Melo como presidente. Posteriormente, com o desafio de reerguer efetivamente a entidade, tornando-a atuante, encontramos total apoio da ECA-USP. A entidade prosseguiu de forma ativa com as sucessivas diretorias, chegando aos dias de hoje com uma atuação robusta e consolidada em várias frentes de atuação – congressos, seminários internacionais, publicações, GTs, Escola de Verão etc. Realmente foi um momento histórico marcante para todos os envolvidos. Immacolata, vibrante como sempre, teve um papel fundamental na defesa da institucionalidade e na valorização de novos espaços coletivos da comunicação ibero-americana, sempre preocupada pelo diálogo com a América Latina e com Portugal e Espanha.

Assumindo mais uma vez a presidência da Intercom (1991-1993), pude contar com Immacolata como diretora de Relações Internacionais. Nessa gestão, demos continuidade a acordos de cooperação e parcerias com entidades similares e lideranças locais de pesquisadores de países como México, França, Portugal, Inglaterra, Espanha, Itália, Dinamarca, Estados Unidos, Argentina, entre outros. Essas iniciativas foram concretizadas por meio de colóquios bilaterais, com apresentação de resultados de estudos temáticos comparativos, sendo que muitos deles resultaram na publicação de livros. Foi uma experiência única e muito produtiva que, sob a liderança de Immacolata, levamos a efeito na Intercom e que prosseguiu em gestões seguintes.

De 1995 a 1997 Immacolata assumiu a presidência da Intercom, e fui convidada a assumir a diretoria de Relações Internacionais. Evidentemente, a principal meta da gestão de Immacolata era dar continuidade e fomentar ainda mais a cooperação internacional e os encontros bilaterais. Coube a mim coordenar a realização do IV Ibercom, que teve lugar novamente no Brasil, com a temática central “Diálogo transatlântico: o processo de globalização e a revitalização das identidades culturais nas megas regiões”. Foi um pré-evento do XX Congresso da Intercom (1997), realizado em parceria com a Universidade Católica de Santos, a Universidade Santa Cecília e a Associação Educacional do Litoral Santista, na cidade de Santos (SP). Esse congresso marcou a comemoração dos 20 anos da Intercom, que

foi criada em 1977, justamente na cidade de Santos. Immacolata, como presidente, liderou toda a organização à altura das conquistas que a entidade tinha atingido nessas duas décadas.

Esse congresso, um marco na história da Intercom, contou com ilustres conferencistas nacionais e internacionais como José Marques de Melo, Armand Matellart, Jesús Martín-Barbero e Michèle Matellart, entre outros. Foi um evento memorável, que resultou no livro organizado por Immacolata, *Vinte anos de ciências da comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas*, editado pela Intercom e pela Universidade Santa Cecília, em 1999. A obra trazia não só palestras apresentadas, mas também artigos resultantes de estudos das várias subáreas da Comunicação que Immacolata coordenou antes do congresso com pesquisadores de todo o país, como tentativa de reunir dados sobre o “estado da arte” das temáticas fundantes do campo comunicacional no Brasil.

Nos anos seguintes, em outras diretorias, Immacolata coordenou a formação dos chamados Grupos de Trabalho (GTs) Intercom, cujas sessões de forma mais sistematizada ocorreram no XXII Congresso da Intercom, realizado na Universidade Gama Filho, em 1999, no Rio de Janeiro (RJ). Immacolata foi sempre uma grande incentivadora e defensora da agregação de pesquisadores em grupos temáticos no âmbito das entidades científicas. E na Intercom, ao longo do tempo, ela tem integrado comissões de reativagem e atualização dos agora Grupos de Pesquisa (GPs) Intercom.

Atualmente, no Conselho Curador da Intercom, ela participa, junto com os demais membros, nas decisões da entidade em nível estratégico e estatutário. Nossa alegria é ver toda uma nova geração dando continuidade às sementes lançadas pelos seus fundadores e germinadas produtivamente pelas sucessivas diretorias, pelos associados e por toda uma comunidade ligada à Intercom.

Dialogando com a Ibero-América

Em novembro de 1998, foi fundada a Associação Ibero-Americana de Pesquisadores de Comunicação (Assibercom), na cidade do Porto, em Portugal, por ocasião da realização do V Ibercom. A criação dessa entidade veio insti-

tucionalizar os quatro encontros ibero-americanos que aconteceram antes no Brasil (1986, 1989, 1997) e em Barcelona, na Espanha (1993). Teve como objeto social promover o desenvolvimento de relações internacionais, com vistas ao estudo e à investigação nos domínios da Comunicação no espaço geográfico, cultural e linguístico ibero-americano, tendo como objetivo principal apoiar a comunidade científica especializada em pesquisa das Ciências da Comunicação e buscar o incremento e aperfeiçoamento de suas práticas.

Como já mencionado, Immacolata se envolveu efetivamente na coordenação dos primeiros encontros da Assibercom, no âmbito da Intercom. Aliás, ela destaca que começou a participar ativamente da Intercom na minha primeira gestão como presidente (1987-1989). Em 2011 por ocasião do XII Ibercom, realizado na Universidad Privada de Santa Cruz, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, Immacolata assumiu a presidência da Assibercom. Margarita Ledo, da Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, e eu fomos convidadas a ocupar o cargo de vice-presidentes. A partir de então, Immacolata liderou toda uma nova performance da entidade, buscando organizar o quadro associativo, atualizar o estatuto e aglutinar um elenco de pesquisadores em torno dos grupos temáticos, que funcionavam de forma muito reduzida. De discussões e trocas de ideias com a diretoria, surgiram as Divisões Temáticas Ibercom (DTIs), que ocupam até hoje um lugar central na entidade e que movem a efetiva participação dos pesquisadores nos congressos bianuais.

A criação das DTIs foi o ponto de partida para a transformação da Assibercom. Uma das primeiras preocupações de Immacolata foi identificar lideranças locais e regionais dos temas centrais das pesquisas em Comunicação na Iberoamérica e na América Latina, para que viessem a coordenar de forma representativa as DTIs. Todo este trabalho de articulação e normatização do funcionamento das DTIs culminou com sucesso total no XIII Congresso Ibercom (2013), realizado na Universidad de Santiago de Compostela, na Espanha. O mesmo sucesso foi alcançado em 2015, quando Immacolata coordenou o XIV Congresso Ibercom, que teve lugar na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, na ocasião em que assumi o mandato de diretora da Escola (2013-2016). Os congressos subsequentes, até 2023, prosseguiram com essa estrutura das DTIs, que tornaram a Assibercom uma entidade científica reconhecida internacionalmente, como espaço ibero-americano imprescindível na consolidação do campo das Ciências da Comunicação.

Na ECA-USP, uma guerreira

Immacolata vivenciou intensamente sua trajetória acadêmica na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como pesquisadora e professora nos cursos de graduação e pós-graduação. Pude acompanhar diretamente sua atuação como presidente da Comissão de Pós-Graduação e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) entre os anos 2000 e 2012.

Na Comissão de Pós-Graduação, Immacolata assumiu a hercúlea tarefa de promover uma grande reestruturação da pós-graduação da ECA, induzida, inclusive, pelas novas exigências da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação. Até então a pós-graduação estava estruturada em duas grandes áreas, Comunicação e Artes, que posteriormente se desdobrariam em vários programas, sendo três específicos das Artes, dois da Comunicação e um da Ciência da Informação.

No caso do PPGCOM, foi justamente no período 2001-2005 que ocorreu um amplo trabalho, liderado pela Immacolata, visando a uma revisão radical de uma situação acomodada de três décadas, face a uma certa estagnação e sem muitas novas exigências por parte do sistema de avaliação da Capes. Na época, cada docente do programa agia de forma individual, sem se preocupar com a pertinência de sua produção científica com as linhas de pesquisa (quando havia) e com as disciplinas que eram oferecidas. Imagine-se o que significava mexer com um contingente que passava de 100 professores.

Em todo esse processo, Immacolata foi uma guerreira, tendo enfrentado com coragem as resistências e conseguindo a reestruturação, juntamente com uma equipe de professores, como, dentre outros, Rosana Lima Soares, Elisabeth Saad, Mayra Gomes, Adilson Citelli, Rosely Fígaro, Ismail Xavier, e as funcionárias Ivete, Marcia, Rangel e Rosely. Membro integrante da Comissão e vice-coordenadora do PPGCOM, acompanhei de perto esse trabalho e posso testemunhar a dedicação e persistência de Immacolata. Destaque-se ainda outra característica da Immacolata: valorizar o trabalho coletivo. Neste sentido, foram promovidos vários debates com todo o corpo docente, inclusive com um colóquio de um dia inteiro em um espaço fora da ECA para que, em imersão, os professores pudessem colocar suas opiniões e encontrar o melhor encaminhamento.

Pude acompanhar muitas outras iniciativas da Immacolata, que não caberiam neste espaço, razão por que optei por um recorte de sua atuação em algumas das entidades e na pós-graduação da ECA. Sempre com rigor científico, ela desenvolveu, juntamente com equipes de professores e estudantes, um grande trabalho em todos os projetos com os quais se envolveu até hoje: a revista *MATRIZES*, o Centro de Estudos de Comunicação da ECA (Cecom), o Centro de Estudos de Telenovela (CETVN). Ela criou e mantém o Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel), espaço em que conseguiu formar uma rede atuante de pesquisadores de âmbito nacional e internacional. Tudo isto com o apoio institucional da ECA-USP.

Dar este depoimento sobre uma amiga de tantas jornadas, além de causar especial alegria, desperta lembranças construtivas de nossas batalhas conjuntas em prol do desenvolvimento e da consolidação do campo das Ciências da Comunicação.



Immacolata e outros ex-presidentes da Intercom na inauguração do Centro Cultural da entidade, São Paulo, Brasil, 2012. Fonte: acervo Intercom.



Mesa com Guillermo Orozco Gómez, Viridiana Bertolini, Immacolata, Cristina Mungioli e Eduardo Monteiro, com foto de José Marques de Melo ao fundo. Seminário Obitel Internacional, São Paulo, Brasil, 2014. Fonte: acervo pessoal Clarice Greco.



Immacolata (à esquerda) com demais integrantes da Diretoria da Intercom 1987-1989.
Fonte: acervo Intercom.



Immacolata, com Raúl Fuentes Navarro, Marita Mata e Jair Vega, Congresso da ALAIC, Buenos Aires, Argentina, 2022. Fonte: acervo pessoal Raúl Fuentes Navarro.



Sobre autoras e autores

A. Efendy Maldonado G.

Doutor pela USP, com pós-doutorado pela UAB (Espanha), é professor titular sênior do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos e do PPgEM-UFRN, é Catedrático Titular da Cátedra Michèle & Armand Mattelart do CIESPAL, e coordena a Rede Internacional AMLAT e o Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM. Atua em epistemologia e transmetodologia. Premiado pela CAPES, COMPÓS, INTERCOM e UNESCO.

Adilson Citelli

Professor sênior da ECA-USP, onde foi titular e coordenador do PPGCOM. Doutor em Literatura Brasileira e livre-docente em Comunicação e Educação. Pesquisador 1B do CNPq, lidera o grupo Mediações Educomunicativas. É autor de livros e artigos sobre linguagem, educomunicação e mídia.

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy

Professora visitante na UFRGS e bolsista de produtividade do CNPq. Doutora pela USP, com estágios em Birmingham e pós-doutorado pela Westminster (Reino Unido). Atuou na PUCRS e na UFSM, com destaque em estudos culturais e comunicação. Desenvolve pesquisas sobre teoria, métodos e mediações, com ênfase em autorias latino-americanas.

Ana Paula Goulart Ribeiro

Professora titular da UFRJ e doutora em Comunicação e Cultura. É autora de livros sobre televisão, jornalismo e memória. Coordena o grupo Mídia Memória e Temporalidades e integra redes como OBITEL, Rememora e ReLahm. Pesquisa mídia, nostalgia e história.

Catarina Duff Burnay

Pós-Doutora pela ECA-USP e Doutora em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidade Católica Portuguesa (UCP). Atualmente, é diretora da Faculdade de Ciências Humanas da UCP e é cocoor-

denadora geral do OBITEL. Pesquisa indústrias de media e entretenimento, IA e audiovisual, ficção televisiva e representações.

Christa Berger

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e pós-doutorado pela UAB-Barcelona. Foi bolsista de produtividade do CNPq. Professora aposentada da Fabico - UFRGS, lecionou na PUCRS e Unisinos. Autora de livros sobre jornalismo.

Clarice Greco

Professora do PPGCOM da UNIP, doutora e mestre pela ECA-USP, com pós-doutorado na mesma instituição. Atuou por dez anos na Rede OBITEL e é cofundadora da Rede FSN-Latina. Realizou estágio doutoral na Universidade de Nottingham (Reino Unido). Pesquisa televisão, fãs, cultura pop e narrativas transmídia.

Cláudia Peixoto de Moura

Doutora em Ciências da Comunicação pela USP, é pesquisadora nas áreas de Comunicação e Relações Públicas. Atuou por 37 anos na PUCRS e participa ativamente de entidades como INTERCOM, Abrapcorp, Alcar e Conferp. É vice-coordenadora do CETVN (ECA-USP) e do OBITEL Brasil.

Clotilde Perez

Professora titular da ECA-USP e doutora em Comunicação e Semiótica, com diversos pós-doutorados internacionais. Atua em Semiótica, Consumo e Publicidade, sendo líder do GESC3 e fundadora da Casa Semio. Foi presidente da ABP2 e é diretora da ECA-USP (2025-2028). Presidente da FELS - Federación latino-americana de Semiótica.

Fernanda Castilho

Doutora e mestre pela Universidade de Coimbra e pós-doutora pela ECA-USP. Professora na UFSCar e na Fatec Barueri. Líder do grupo POP.EDUCA, atua com ficção, transmídia, consumo digital, gênero e educação. Participou do CETVN e da rede OBITEL. Feminista e mãe de dois filhos.

Francisco de Assis

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Foi bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES), com estágio junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero (FCL). Recebeu o Prêmio Luiz Beltrão – Categoria Liderança Emergente, outorgado pela Intercom em 2022.

Francisco Rüdiger

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Filosofia da UFRGS e pesquisador do CNPq. Professor da Famescos/PUCRS entre 1986/2023. Vencedor do Prêmio Luiz Beltrão (2000, 2016).

Gabriela Borges

Doutora em Comunicação e Semiótica (2004) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Realizou estágios de pesquisa na Universidade Autônoma de Barcelona (1996) e na University of Dublin Trinity College (2000-2002). Atualmente é professora da Universidade do Algarve em Portugal e do PPG-COM da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atua na área dos estudos audiovisuais, da cultura digital e da literacia midiática.

Guillermo Orozco Gómez

Acadêmico mexicano, doutor em Educação por Harvard e referência em estudos de recepção e alfabetização midiática. Pesquisa o impacto da televisão na América Latina. É membro da Academia Mexicana de Ciências e do Sistema Nacional de Pesquisadores.

Isabel Ferin

Professora da Universidade de Coimbra, doutora pela USP e pós-doutora pelo CNRS. Foi docente na USP e na Universidade Católica de Lisboa. Coordenou projetos sobre mídia, imigração e comunicação política e o OBITEL Portugal. Atuou nas áreas de mídia e migrações, ficção televisiva, análise dos media e comunicação política. Atualmente integra o “Observatório do Populismo do século XXI”, no ICNOVA/Universidade Nova de Lisboa.

Jiani Adriana Bonin

Doutora em Ciências da Comunicação pela USP e pós-doutora pela Universidad Nacional de Córdoba. Professora da Unisinos e coordenadora do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM. Atua nos campos da recepção midiática, cidadania, identidades culturais e metodologias. Foi professora visitante na UAB e coordenou diversos projetos internacionais.

João Alfredo Alineri Ramos

Mestre em Ciências da Comunicação pela USP, com formação em Imagem e Som (UFSCar) e especialização em Produção Executiva e Gestão de Televisão. Atua como Supervisor de Programação da TV Globo em São Paulo, com foco em planejamento e estratégia televisiva.

Joseph D. Straubhaar

Professor Emérito (Amon G. Carter Centennial Professor of Communications) no Departamento de Jornalismo e Estudos de Mídia e Rádio-TV-Filme da Universidade do Texas em Austin. Foi diretor do Programa Latino e Latino-Americano de Estudos de Mídia da Faculdade de Comunicação (2012-2018) e diretor do Centro de Estudos Brasileiros (2002-2005). Seus principais interesses de ensino e pesquisa são mídia global e teoria cultural, mídia digital, produção e fluxo de televisão latino-americana e global.

José Luiz Braga

Professor Visitante na UFG e Emérito na Unisinos, onde atuou por mais de duas décadas. Doutor pela Université de Paris II e pesquisador PQ Sênior do CNPq. Foi também professor na UnB, UFPB e atuou na COMPÓS, que presidiu (1993-95). Atua em crítica midiática, epistemologia da comunicação e métodos de pesquisa em comunicação.

Juremir Machado da Silva

Doutor em Sociologia pela Paris V, com pós-doutorado com Edgar Morin, Michel Maffesoli e Jean Baudrillard. Professor titular da PUCRS, escritor, tradutor, radialista e colunista. Publicou 49 livros e recebeu diversos prêmios. Atua nas áreas de mídia, política, história e imaginação.

Ligia Prezia Lemos

Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, com pós-doutorado sobre a expansão da ficção televisiva brasileira na TV Paga e em plataformas de streaming. Foi pesquisadora e vice-coordenadora do CETVN e da Rede OBITEL de 2009 a 2021. Pesquisa ficção televisiva seriada (do Brasil e do leste e sudeste da Ásia) no GRUPA, UNIP e GELiDis, USP.

Lucas Martins Néia

Roteirista, dramaturgo, diretor e arte-educador. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professor do Centro Universitário Senac – Campus Santo Amaro. Autor do livro *Como a ficção televisiva moldou um país: uma história cultural da telenovela brasileira (1963 a 2020)* (Estação das Letras e Cores, 2023). Suas investigações abarcam temas como melodrama, história da mídia e teoria e prática do roteiro.

Luciano Guimarães

Professor da ECA-USP, com atuação em jornalismo visual, design editorial e teoria da cor. É livre-docente em Jornalismo Visual pela Unesp, autor de livros sobre cores na mídia e no jornalismo e editor-executivo da revista MATRIZES. É um dos coordenadores do grupo “Políticas da Imagem” e orienta pesquisas em visualidades midiáticas.

Marcel Antonio Verrumo

Doutorando em Ciências da Comunicação na USP, mestre e bacharel em Comunicação pela Unesp. Atua em pesquisa, docência e jornalismo, com experiência no Sesc São Paulo, Editora Abril e FAAP. Premiado no Prêmio Abril de Jornalismo (2016) e finalista do Prêmio Jabuti (2018). Pesquisa narrativas midiáticas, ficção televisiva e comunicação e cidadania.

Margarida Maria Krohling Kunsch

Professora emérita da ECA-USP, onde foi diretora e coordenou centros e revistas científicas. Doutora e livre-docente em Comunicação Organizacional, com vasta produção acadêmica. Atua em entidades nacionais e internacionais da área, como o CNPq e a ALAIC.

Maria Carmen Jacob de Souza

Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, é professora titular da Faculdade de Comunicação UFBA e do Póscom/UFBA. Líder do Grupo A-tevê: laboratório análise da teleficção. Integrante da Rede de Pesquisadores OBITEL Brasil. Pesquisa o campo da teledramaturgia, com ênfase na análise da poética e da autoria e estilo dos roteiristas da ficção seriada.

Maria Cristina Palma Mungiolli

Livre-docente e professora da ECA-USP, coordena o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Doutora em Comunicação e mestre em Educação pela USP. Pesquisa televisão, narrativa transmedia e educomunicação. Bolsista do CNPq e ex-chefe do Departamento de Comunicações e Artes da ECA.

Milly Buonanno

Professora na La Sapienza (Roma), fundadora do Observatório de Drama da TV Italiana e líder do GEMMA. Especialista em televisão, ficção, gênero e mídia. Autora de mais de 50 livros, com obras traduzidas em diversos idiomas. Coeditora do Sage Handbook of Television Studies.

Nilda Jacks

Professora titular da UFRGS, com doutorado em Ciências da Comunicação pela USP e pós-doutorado na Dinamarca e na Colômbia. Atua nas áreas de recepção, identidade cultural e teoria da comunicação. Tem longa trajetória na pesquisa em comunicação na América Latina.

Raúl Fuentes Navarro

Pesquisador emérito e referência nos estudos de comunicação na América Latina. Foi Professor Titular da Universidade de Guadalajara (1994–2018) e é Professor Emérito do ITESO. Membro da Academia Mexicana de Ciências e do Sistema Nacional de Pesquisadores do México.

Renata Pinheiro Loyola

Doutoranda em Ciências da Comunicação pela USP, mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG e graduada em Publicidade e Propaganda pela PUC-MG. Coordena e leciona no curso de Publicidade da UEMG, em Divinópolis. Atua como pesquisadora do CETVN (ECA/USP), com foco em telenovela, discurso e imaginário.

Richard Romancini

Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, onde é professor. Foi editor executivo da revista MATRIZES, no período de 2014 até 2021. Pesquisa educação, movimentos sociais e comunicação, história da mídia e metodologias em comunicação. Coordenador do Centro de Estudos do Campo da Comunicação (CECOM/ECA-USP).

Rogério Ferraraz

Doutor pela PUC-SP, é professor do PPGCOM da Univ. Anhembi Morumbi. Vice-líder do GP Inovações e rupturas na ficção televisiva, integrante do OBITEL Brasil, Líder do GP Estudos do horror e do insólito na Comunicação e editor executivo da Revista INSÓLITA. Foi Secretário-Geral da COMPÓS e integra o Conselho Deliberativo da SOCINE. Atualmente, pesquisa o fantástico em telenovelas brasileiras.

Roseli Fígaro

Professora titular da USP, é coordenadora do CPCT e do projeto FAPESP sobre datificação do trabalho de comunicadores. Foi presidenta da COMPÓS (2021–2023) e tem pesquisas voltadas à comunicação e trabalho. É bolsista CNPq, tem pós-doutorado na França e no CIESPAL, e diversos livros e artigos publicados sobre discurso, recepção e arranjos comunicacionais.

Thomas Tufte

Diretor associado de pesquisa na Universidade de Loughborough (Reino Unido), e pesquisador associado na Universidade de Joanesburgo. Atua em comunicação para mudança social, saúde, ativismo, estudos de audiência e ficção televisiva. Trabalhou em mais de 30 países e é membro da Academia Europaea.

Veneza Mayora Ronsini

Professora titular da UFRGS e docente no PPGCOM da UFSM. Doutora em Sociologia pela USP, com pós-doutorado na Inglaterra e nos EUA. Coordenadora do grupo Usos sociais da mídia e das mídias digitais. Atua nas áreas de recepção, consumo e identidades culturais.

Vera Veiga França

Doutora em Ciências Sociais pela Université Paris-Descartes, com pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Professora titular aposentada da UFMG, fundadora e pesquisadora do GRIS (Grupo de pesquisa em Imagem e Sociabilidade) desde 1994. Foi presidente da COMPÓS; atua na área de Teorias da Comunicação, interações midiáticas, acontecimentos e celebridades.

Wagner Souza e Silva

Livre-docente da ECA/USP, atua no Departamento de Jornalismo e no PPGCOM/USP. Pesquisa fotografia documental, fotojornalismo e redes sociais. Foi pesquisador visitante na Universidade Nova de Lisboa e é editor executivo da revista MATRIZES. É um dos coordenadores do grupo Políticas da Imagem na ECA/USP.

O*fícios de uma mestra* celebra os 80 anos da professora e pesquisadora Maria Immacolata Vassallo de Lopes, momento de festa e reflexão sobre os caminhos percorridos e as inspirações que ela traz para o futuro. A biografia da autora é reveladora de uma trajetória dedicada à pesquisa no campo da comunicação, em metodologia e ficção televisiva, ao ensino na graduação e na pós-graduação, às orientações de iniciação científica, mestrados e doutorados, supervisão de pós-doutorados, editoria de revista científica e tantas outras dimensões da sua atuação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, por mais de cinco décadas.

